



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA SIQUEIRA SANTOS

O PODER ALQUÍMICO DAS SENSações:
UM PANORAMA HISTÓRICO-FICCIONAL DA FILOSOFIA
MAGNÉTICA DE FRANZ ANTON MESMER

MARIA SIQUEIRA SANTOS

O PODER ALQUÍMICO DAS SENSações:
UM PANORAMA HISTÓRICO-FICCIONAL DA FILOSOFIA
MAGNÉTICA DE FRANZ ANTON MESMER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração Culturas, Religiosidades e Representações.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Ivano

Londrina
2011

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237p Santos, Maria Siqueira.
O poder alquímico das sensações: um panorama histórico-ficcional da filosofia magnética de Franz Anton Mesmer/ Maria Siqueira Santos. – Londrina, 2011.
146 f.: il.

Orientador: Rogério Ivano.
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2011.
Inclui bibliografia.

1. Magnetismo animal – Teses. 2. Cultura – História – Teses. 3. Literatura – Teses. 4. Mesmer, Franz Anton, 1734-1815 – Teses. 5. História social – Teses.
I. Ivano, Rogério. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1

MARIA SIQUEIRA SANTOS

O PODER ALQUÍMICO DAS SENSações:
UM PANORAMA HISTÓRICO-FICCIONAL DA FILOSOFIA MAGNÉTICA
DE FRANZ ANTON MESMER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração Culturas, Religiosidades e Representações.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Ivano
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. José Fernandes Weber
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Hélio Sochodolak
UNICENTRO – Guarapuava - PR

Londrina, 30 de setembro de 2011.

Ao Fábio
Pelas palavras não ditas, porém
vivas.

AGRADECIMENTOS

À minha família. Fiz-me com cada um deles, logo, estão todos em alguma medida comigo neste texto, nesta pesquisa, pelo bem ou pelo mal que nos fizemos, agradeço-os por sua existência. De meu pai agradeço, no sangue lusitano, a teimosia, de minha mãe, a perseverança. Ao meu irmão mais velho agradeço o exemplo, ao mais moço, o companheirismo. Às minhas irmãs postiças agradeço a amizade. À minha avó materna, a experiência trágica da vida. À minha avó paterna, a força. Agradeço a todos os meus familiares pela presença constante e criativa em minha vida.

Agradeço ao Fábio pelas longas discussões filosóficas, pelo incentivo, pela parceria de nossas vidas. Pelo amor.

Agradeço ao meu orientador, prof. Rogério Ivano, pela sua confiança em minhas convicções, pois mesmo sabendo de antemão que muitas delas não passavam de imagens ilusórias, de devaneios, deixou-me experimentá-las. Agradeço também ao Raul Seixas que, ainda que póstumo, trouxe a inspiração filosófico-musical de todo o trabalho, e aos membros da *Estação Raul*, pela radiante alegria. Ao prof. Gabriel Giannattasio, em especial, pela disposição em ouvir-me.

Agradeço aos meus amigos.

Agradeço aos profs. José Fernandes Weber e Hélio Sochodolak pela disposição em participar dessa experiência linguística.

**“[...] a diferença entre a técnica e a magia é
uma variável totalmente histórica”**
(Walter Benjamin, em *Pequena história da fotografia*)

SANTOS, Maria Siqueira. **O poder alquímico das sensações: um panorama histórico-ficcional da filosofia magnética de Franz Anton Mesmer**. 2011. 146 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

Essa dissertação se divide em dois grandes eixos temáticos costurados, porém, pela mesma linha: a linguagem. O primeiro deles – *O percurso da pesquisa* – é um relato estendido do percurso bibliográfico que trilhei em busca de uma fonte histórica capaz de responder à minha pergunta-guia: ‘O que fundamenta as diferenças entre a narrativa historiográfica e a ficcional?’ O trajeto, o leitor verá, foi longo e sinuoso, porém, possibilitou-me frutíferas experimentações com as palavras. O segundo eixo – *Prefácio, A história de Ferragus no Brasil, A iniciação de Ferragus e Ferragus se encontra com Mesmer* – gira em torno de uma possível história desse personagem balzaciano caso ele tivesse vivido em Paris no século XVIII. Por traz desse elemento ficcional, porém, desenrolam-se episódios históricos relativos à história da medicina, da alquimia e do magnetismo animal.

Palavras-chave: História cultural. Literatura. Magnetismo animal. Linguagem

SANTOS, Maria Siqueira. **The alchemic power of the sensations: a historical-fictional outlook over the magnetic philosophy of Franz Anton Mesmer**. 2011. 146 p. Dissertation (Master degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

This dissertation is divided in two large thematic axis that are, however, sewn with the same thread: language. The first one – *Route of the research* – is an extended report of my bibliographic trod path in search of a historical source able to answer my question-guide: “What underlies the differences between historiographical and fictional narratives?” The pathway, the reader will noticed, was long and sinuous, though enabled me to have fruitful experimentations with the words. The second axis – *Preface, The history of Ferragus in Brazil, The initiation of Ferragus* and *Ferragus meets Mesmer* – revolves around a possible history of this balzacian character if he had lived in Paris in the eighteenth century. Behind this fictional element, however, unfold historical episodes relating to the history of medicine, alchemy and animal magnetism.

Keywords: Cultural history. Literature. Animal magnetism. Language

SUMÁRIO

0	O PERCURSO DA PESQUISA	9
1	PREFÁCIO	34
2	A HISTÓRIA DE FERRAGUS NO BRASIL	39
3	A INICIAÇÃO DE FERRAGUS	69
4	FERRAGUS SE ENCONTRA COM MESMER	92
5	ENCERRAMENTO	128
	REFERÊNCIAS	138

0 O PERCURSO DA PESQUISA

Quando viajo de trem, gosto de observar a paisagem que vai passando. Ou seria melhor dizer que gosto de observar a paisagem que vai ficando, pois quem passa é o trem, sou eu, que ocupo um lugar em um de seus vagões, é o tempo. Tempo para observar a paisagem. Corre o trem, pairam os pensamentos. Conforme o trajeto é percorrido o ambiente muda e os elementos de minha observação se transformam: outros tipos de árvores, variados grupos de pássaros, rios de diversos tamanhos e profundidade, plantações, variação climática, do solo. Ao recepcionar com os meus sentidos toda essa diversidade do mundo que vai passando, percebo, também com os meus sentidos, que em mim algo se metamorfoseia e, assim como Teleco¹, o coelhinho de Murilo Rubião, encarno o mito grego de Proteu², com a diferença que de dentro do trem não posso prever o futuro. Nem mesmo consertar o passado.

A viagem como metáfora para descrever o percurso de uma pesquisa é bastante apropriada, pois tanto a primeira quanto a segunda apresentam três variantes constantes: o tempo, a distância e a vivência. Quando uma *pessoa* faz uma viagem, ela percorre um determinado *trajeto* durante um determinado *tempo*. Isso também acontece com uma pesquisa. Para começar o trabalho, o pesquisador³ escolhe o local de onde dará início a sua viagem, ou seja, elabora a sua questão primordial, seleciona seu ponto de partida. Assim ele faz, porém, diferentemente do viajante, sem sequer imaginar onde e quando chegará ao seu destino. Conforme trilha os caminhos da pesquisa, o historiador presencia também a transformação que vai se operando nos elementos da paisagem.

No caso de uma investigação historiográfica, os elementos da paisagem são metáforas para as fontes históricas. Cada livro, cada filme, cada imagem, enfim, cada objeto cultural que chega às mãos do pesquisador e passa por sua leitura interage com ele, modifica-o e, além disso, torna-se mais um elemento que forma o percurso da pesquisa, mais um estímulo na composição de sua vivência. Em cada caminho, uma árvore, em cada fonte, uma

¹ RUBIÃO, Murilo. *O coelhinho Teleco*. In: Costa, Flávio Moreira da (org.). **Os melhores contos fantásticos**. Trad. de Adriana Lisboa et al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 683-689.

² Proteu, deus marinho, o 'velho do mar'; filho dos titãs Tétis e de Oceano (alguns afirmam que seu pai foi Poseidon). Possuía o dom de adivinhação e, por isso, era procurado pelas pessoas que queriam saber a respeito do futuro. Para avaliar se essas pessoas estariam aptas a ouvir a resposta, Proteu metamorfoseava-se em monstruosos seres marinhos. Se o humano enfrentasse o perigo, Proteu lhe contava o futuro. Outra maneira de fazê-lo falar sobre o destino era prendê-lo enquanto dormia. Há notícias de que foi assim que Menelau, rei de Esparta, conseguiu fazê-lo revelar o resultado da guerra de Troia. Ver DUGNANI, Patrício e CRUZ, Lílian Ap. *Mitologia e pós-modernidade: Proteu, Argos e Narciso - Os mitos e seus reflexos na sociedade*. In: **Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas**. Vol. 1, ano 1, 2007. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/view/759/586>. Acessado em: 02/02/2011.

³ Essa metáfora pode ser utilizada para qualquer tipo de pesquisa, no entanto, nesse trabalho, o pesquisador em questão é alguém que transita no campo da historiografia e é comumente chamado de 'historiador'.

referência ao passado. A imagem que o viajante vê da janela do trem é fugidia, assim também é provisória a verdade linguística a respeito do passado a que chega o historiador. Se a viagem é uma metáfora para a pesquisa e os elementos da paisagem para as fontes, o trem é uma metáfora para a vida. O viajante está onde está o trem, portanto, ele só pode ver aquilo que passa, a cada momento, por sua janela. Ele não vê mais o que passou nem vê ainda o que virá. No entanto, pode lembrar-se do que viu e imaginar o que chegará. Assim também ocorre com o historiador que, inserido em seu tempo presente, não pode decifrar o passado nem prever o futuro. Entretanto, pode se ocupar das memórias do que já foi e vislumbrar, com sua imaginação histórica, tanto um (passado) quanto outro (futuro).

O historiador está onde está a vida, do presente não pode escapar. Basta-lhe, por isso, escancarar sua janela para o instante e, inspirado e guiado por uma experiência artística de vida, elaborar uma descrição autêntica sobre o passado a partir de sua imaginação histórica. Porque a verdade da história, disse sabiamente o greco-moderno Johann Goethe, não passa de uma “verdade subjetiva”. Por criar o mundo de acordo com sua própria ideia, o historiador-artista poderá “[...] representá-lo perfeita e completamente”, não precisará se ocupar em “[...] construir o seu mundo de tal forma que caibam todos os fragmentos que a história nos transmitiu [...]”, pois tal narrativa objetiva não passará de um heróico esforço de pesquisa, compilação, emenda e cola de acontecimentos⁴.

O fato é que, ao longo de minha pesquisa, conforme entrava em contato com as fontes históricas, ou melhor, com os discursos linguísticos que são essas fontes, envolvia-me tão profundamente com cada uma delas que fui metamorfoseando-me enquanto pesquisava. Partí como Teseu, levando um novelo para desenrolá-lo ao longo do caminho, então, virei Ariadne e segui as pistas deixadas pelo herói para, enfim, transformar-me em Minotauro. Meu fio condutor nesse labirinto das palavras escritas: a literatura.

Novas perguntas, outras relações, novas paisagens foram configurando-se em minha mente e instigavam-me a continuar pesquisando, lendo, expandindo o campo do meu conhecimento sobre assuntos diversos que poderiam ser incorporados em meu discurso historiográfico. Meu mestre deixava-me embriagar em meus devaneios, tal como o preceptor goetheano em **Wilhelm Meister**, que professava:

⁴ GOETHE, Johann Wolfgang von apud WERNET, Augustin. *Goethe e Luden: um diálogo sobre a história*. In: **Revista Ciência e Filosofia**, n. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980, p. 148-9.

Não é obrigação do educador de homens preservá-los do erro, mas sim orientar o errado; e mais, a sabedoria dos mestres está em deixar que o errado sorva de taças repletas de seu erro. Quem só saboreia parcamente seu erro, nele se mantém por muito tempo, alegra-se dele como de uma felicidade rara; mas quem o esgota por completo, deve reconhecê-lo como erro [...]⁵.

A partida

Essa viagem começou em fevereiro de 2009 quando fiz minha matrícula no curso de mestrado em História Social na Universidade Estadual de Londrina. Parti sem saber o destino da viagem e sem conhecer o trajeto. Apenas tinha em mente que o caminho se faria ao caminhar e, em mãos, o fio de Ariadne, que soltava aos poucos a fim de que mais tarde pudesse voltar e rever o percurso. Iniciei o trajeto da pesquisa levando comigo o romance **Nove noites** (2002), do jornalista e escritor brasileiro contemporâneo Bernardo Carvalho. Autor de cerca de uma dezena de livros, Carvalho ocupa uma posição de destaque na história da literatura brasileira de nosso tempo. Altamente premiado⁶, o autor, nesse livro, ficcionalizou a história de Buell Quain, pesquisador em antropologia da Universidade de Columbia, EUA, que veio ao Brasil em 1938 a fim de realizar pesquisas de campo em aldeias indígenas brasileiras e que, no ano seguinte, suicidou-se quando tentava retornar da aldeia Cabeceira Grossa, dos índios craôs, para a cidade de Carolina, no Maranhão. O livro interessou-me mais por conta de sua estrutura narrativa e do tratamento dado às fontes do que propriamente pelo tema historiografado, o recorte temático que a narrativa faz na história cultural brasileira, a saber: a história das expedições científicas nacionais e internacionais que adentraram o país na primeira metade do século XX em busca de fontes de pesquisa para estudos científicos diversos, desde a procura por minérios sedimentados em solo amazônico até a coleta e catalogação de material cultural produzido nas aldeias do país, como “[...] armas, instrumentos musicais, cerâmica e outros objetos que mostrassem a cultura dos habitantes da região”⁷.

Nesse trecho da viagem debrucei-me sobre questões referentes à chamada *metaficção historiográfica*, que, segundo a crítica literária canadense Linda Hutcheon, em seu

⁵ GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 470-1.

⁶ Além dos prêmios de literatura da Biblioteca Nacional e do Portugal Telecom que Bernardo Carvalho recebeu em 2003 com o livro *Nove noites*, o autor foi premiado com *Mongólia* (2003) e *O sol se põe em São Paulo* (2007).

⁷ GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil**. São Paulo: Hucitec/Anpoc, 1998, p. 94.

livro/manifesto **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**⁸, “[...] é uma maneira narrativa de dar sentido ao passado que deliberadamente embaça a fronteira entre literatura e historiografia”. **Nove noites** seria, portanto, uma metaficção historiográfica, uma espécie de relato de pesquisa em que o narrador conta as experiências que teve enquanto dedicava-se à investigação biográfica de Buell Quain. Além de reproduzir trechos das fontes históricas pesquisadas, como cartas, entrevistas, imagens, o autor incluiu no texto informações ficcionais e conferiu a elas o mesmo valor dado aos registros historiográficos. O mais interessante é que se por um lado Bernardo Carvalho procurou imprimir as informações dos documentos historiográficos nas vozes dos personagens ficcionais, por outro, ele ficcionalizou sua autobiografia, levando o leitor a fundir sua identidade com a do narrador.

No início da trama, o narrador conta que tomou conhecimento de Buell Quain por meio de um texto jornalístico escrito pela antropóloga brasileira Mariza Corrêa que então trabalhava na Universidade de Campinas e publicava vários trabalhos sobre pesquisadores estrangeiros no Brasil durante o Estado Novo. Ela também pesquisava a respeito do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, e havia traduzido uma carta enviada a Quain pela antropóloga norte-americana Margaret Mead da Universidade de Columbia⁹. O narrador explica como estabeleceu os primeiros contatos com Mariza, como foi conquistando sua confiança e convencendo-a de que ele desejava *apenas* escrever um romance.

[...] se de início [a professora] chegou a desconfiar do meu interesse por aquele homem, não perguntou as minhas verdadeiras intenções. ou, pelo menos, não insistiu em saber as minhas razões. Supôs que eu quisesse escrever um romance, que meu interesse fosse literário, e eu não a contrariei [...].

Os papéis estão espalhados em arquivos no Brasil e nos Estados Unidos. Fiz algumas viagens, alguns contatos, e aos poucos fui montando um quebra-cabeça e criando a imagem de quem eu procurava. Muita gente me ajudou. Nada dependeu de mim, mas de uma combinação de acasos e esforços que teve início no dia em que li, para o meu espanto, o artigo da antropóloga no jornal e, ao pronunciar aquele nome em voz alta, ouvi-o pela primeira vez na minha própria voz¹⁰.

⁸ HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

⁹ Essa tradução, que recebeu de Mariza o título *Treinar um assistente de pesquisa*, está disponível na internet no sítio eletrônico do periódico **Cadernos Pagu**, do Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a15.pdf>. Acessado em: 11/02/2010.

¹⁰ CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 12.

Pois logo no início do romance a confusão entre autor e narrador é instaurada. É fácil imaginar que foi Bernardo Carvalho quem entrou em contato com a professora Mariza a fim de obter informações a respeito de Quain e escrever um romance. Porém, no momento em que ele imprimiu a referencialidade histórica de seu texto ao falar sobre os meandros de sua pesquisa e de seu contato com a autora do artigo, introduziu a ficcionalidade na história afirmando que, diferentemente de seu interesse, o interesse do narrador não era apenas o de escrever um romance histórico, mas também o de desvendar uma questão biográfica, o mistério de um som, um mesmo som para dois nomes: Buell Quain/Bill Cohen, cuja semelhança sonora ele percebera “[...] ao pronunciar aquele nome em voz alta [...]”.

Por ser recorrente em vários romances do autor a estratégica narrativa de mesclar as identidades de autor e narrador, ela já foi comentada outras vezes por outros críticos literários. O diretor de cinema e crítico literário Daniel Augusto, em artigo intitulado **Um quiproqué metódico: os romances de Bernardo Carvalho**¹¹, apresentou uma crítica à obra de Carvalho, uma crítica que em alguma ocasião poderia ser considerada negativa, mas, em se pensando em alternativas de escrita da história, tornou-se positiva para meu argumento. Pois é justamente o estilo “metódico” de Carvalho que o aproxima do historiador. Daniel Augusto comentou a respeito da repetição ‘metódica’ nos livros de Carvalho dos personagens escritores, bem como da confusão calculada que ele produz entre essas duas vozes narrativas: o autor e o narrador.

Há muitas situações descritas nos romances de Bernardo Carvalho em que o confronto entre arte e realidade aparece. Encontramos desde um personagem escritor cuja obra oscila sem definir fronteiras entre o diário e o romance, até situações cômicas de personagens que apaixonam-se por um escritor e dão com os burros na água ao perceberem que confundiram autor com narrador. São situações pontuais que ganham ressonância se lembrarmos que - não só em "As iniciais", mas em grande parte de seus romances - muitos dos seus narradores são escritores, mesmo que frustrados, em busca de ordenar a própria experiência. Ou seja: vivem numa espécie de situação-limite para pensar a relação - ou a falta de relação - entre arte e realidade¹².

Às vezes, as fontes de Carvalho são literalmente citadas, porém, em determinadas ocasiões, as informações historiograficamente constituídas aparecem na voz de algum personagem ficcional. Pode-se dizer que elas são descontextualizadas, retiradas de sua

¹¹ AUGUSTO, Daniel. *Um quiproqué metódico: os romances de Bernardo Carvalho*. In: **Trópicos** (Revista Online). (Dossiê Nova Ficção). Disponível em:

<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2374,1.shl>. Acessado em: 28/02/2011.

¹² **Idem.**

historicidade. Se isso falseia a ‘verdade histórica’, também demonstra que o autor teve acesso a muitas informações ‘objetivas’ a respeito de Buell Quain, informações que qualquer historiador, disposto a realizar a pesquisa, poderia ter.

Mas, tal como o romancista, logo o historiador perceberia que nem todos os momentos da história de Quain, especialmente aqueles que tratam do tempo em que ele esteve entre os índios brasileiros e que é decisivo para o desvendamento da causa de sua morte, foram documentados. Carvalho, por escrever um texto ficcional, pôde tranquilamente lançar mão de sua imaginação histórica e supor o que poderia ter acontecido ao antropólogo. Para não perder a referencialidade histórica de seu texto, no entanto, ele não inventou documentos, apenas utilizou a voz ficcional do narrador. Uma vez que o narrador não deseja apenas escrever uma história, mas também entender o mistério que liga aqueles dois nomes, ele abandona a documentação e parte em viagem investigativa para os Estados Unidos, onde encontra pistas relevantes para o caso. Lá, esbarra com uma importante peça do seu quebra-cabeça. Porém, nem mesmo essa peça resolve o mistério que envolve a vida e a morte do antropólogo, e o leitor, assim como o narrador, são levados a tão somente imaginar o que poderia ter acontecido sem poder recompor o fato. Mantém-se para sempre o enigma da morte de Quain, mantém-se a impossibilidade de se saber sobre o passado, mantém-se a pergunta sem resposta: o que matou o antropólogo? Eis o limite dos fatos, eis o transbordamento da imaginação.

[...] a narrativa histórica não *reproduz* os eventos que descreve; ela nos diz a direção em que devemos pensar acerca dos acontecimentos e carrega o nosso pensamento sobre os eventos de valências emocionais diferentes. A narrativa histórica não *imagina* as coisas que indica: ela *traz à mente* imagens das coisas que indica, tal como o faz a metáfora¹³.

Esse “carregamento do pensamento”, feito pelas inúmeras fontes do passado que encontramos ao longo da vida, é o que alimenta nossa imaginação histórica e nos traz à mente vivas imagens de outras épocas, vivas imagens daquilo que não se viu. Um filme, um quadro, um livro, aos poucos um cenário fabuloso projeta-se no presente¹⁴.

¹³ WHITE, Hayden. *O texto histórico como artefato literário*. In: **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 107-8.

¹⁴ Apenas para ilustrar esse “trazer à mente”, citarei um pequeno trecho do texto de Orest Ranum na **História da vida privada**: “Nunca saberemos o que havia nas paredes do quarto dos Boucher, mas não é absurdo imaginar, sobre a lareira do escritório, um busto de Voltaire ou de um chinês – típico da Paris do século XVIII – e, no quarto, um crucifixo preso ao cortinado da cama.” RANUM, Orest. *Os refúgios da intimidade*. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 225.

Retornando ao debate referente à categoria “metaficção historiográfica”, gostaria de apresentar algumas questões colocadas por Hutcheon no livro anteriormente citado. Nesse trabalho, a autora pretendeu estabelecer uma poética para o fenômeno cultural do pós-modernismo que, segundo ela, seria “[...] uma estrutura conceitual flexível que poderia, ao mesmo tempo, constituir e conter a cultura pós-moderna e nossos discursos tanto a seu respeito como adjacentes a ela”¹⁵. Nota-se, com essa definição, que o projeto da autora é bastante amplo: ela procura uma categoria que, por ser aberta, dê conta de toda a estilística contemporânea, bem como dos discursos a respeito e adjacentes a ela. Mas, me pergunto, será que as formas pós-modernas de romance histórico, o que Hutcheon chamou de metaficção historiográfica, são mesmo universais hoje em dia?

No capítulo intitulado *Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado*, a autora diferenciou a metaficção historiográfica do romance histórico. Nesse trecho, ela afirmou que além da fábula, da estória heróica e do romance histórico, categorias ficcionais propostas por Umberto Eco, há uma quarta maneira de narrar o passado: a metaficção historiográfica¹⁶. Segundo Hutcheon, o autor de uma metaficção, ao intercalar em seu texto ficcional as “convenções paratextuais da historiografia”, chama a atenção do leitor justamente para o fato de que tanto historiadores quanto romancistas, ao produzirem um texto, criam sentidos para o passado. Disse ela:

[...] A metaficção historiográfica chama a atenção para esse fato com a utilização das *convenções paratextuais da historiografia* (especialmente as notas de rodapé) para inserir e também debilitar a autoridade e a objetividade das fontes e das explicações históricas. [...] a ficção pós-moderna não aspira a contar a verdade tanto quanto aspira a perguntar de quem é a verdade que se conta. Menos do que associar essa verdade a pretensões de legitimização empírica, ela contesta o fundamento de qualquer pretensão de possuir essa legitimização. Como pode o historiador (ou o romancista) verificar qualquer relato histórico por comparação com a realidade empírica do passado, a fim de testar a validade desse relato? Os fatos não são preexistentes, e sim construídos pelos tipos de perguntas que fazemos aos acontecimentos¹⁷.

Semelhante a crítica de Linda Hutcheon à pretensão de quem quer que escreva sobre o passado, seja historiador ou romancista, de comprovar empiricamente a realidade vivida por meio da apresentação de documentos históricos, criando, assim, a noção de “fato histórico”, é a leitura de Hayden White em seu ensaio intitulado **O fardo da história**:

¹⁵ HUTCHEON. *Op. cit.*, p. 11.

¹⁶ *Idem*, p. 150.

¹⁷ *Idem*, p. 162. (grifo meu)

[...] Muitos historiadores continuam a tratar os seus “fatos” como se fossem “dados” e se recusam a reconhecer, diferentemente da maioria dos cientistas, que os fatos, mais do que descobertos, são elaborados pelos tipos de pergunta que o pesquisador faz acerca dos fenômenos que tem diante de si¹⁸.

White, no entanto, introduziu um novo elemento em sua crítica: a afirmação de que os historiadores, diferentemente da maioria dos demais cientistas contemporâneos, não reconhecem a relatividade de seus dados, ao contrário, cismam em diferenciar seus ‘textos’ de seus ‘contextos’, utilizando como fundamento para tal diferenciação as noções de “fonte histórica” e “bibliografia”, onde os ‘fatos’ (texto) seriam dados pelas ‘fontes’, e os ‘dados’ (contexto), pela ‘bibliografia’.

Após trabalhar alguns meses com essas questões referentes à estilística de **Nove noites** e à categoria de metaficção historiográfica, encontrei-me em dificuldade de, por meio do discurso analítico, dar conta da poética de um texto literário. Resolvi, então, envolver-me mais profundamente com os textos analíticos, exatamente aqueles que costumam nomear os romances contemporâneos como metaficções historiográficas. Dediquei-me sobre alguns textos acadêmicos, sobre a crítica literária acadêmica que se dedica à ‘decodificação’ da literatura.

A primeira curva no percurso

Da janela do trem eu entrevia o momento presente.

Eis que chegamos ao 2º milênio da era cristã. Vivemos a era da informática¹⁹, da alta tecnologia, da claustrofobia terrestre, da colonização do espaço. O mundo ficou pequeno para os bilhões de seres humanos que continuamente devastam o espaço onde vivem. Afora algum *bug*²⁰ no caminho, o ano de 2000 começou tranquilo, mesmo que a passagem de um século para outro estimule a criação de misticismos, previsões, profecias escatológicas, o que é ainda mais forte quando tal passagem coincide com uma virada de milênio, como foi o caso. Ao longo de todo o século XX, artistas, escritores, diretores de filmes, religiosos, intelectuais criaram suas previsões para o ano 2000, imaginaram como seria a sociedade humana no período, quais as dificuldades que ela

¹⁸ WHITE, Hayden. *O fardo da história*. In: **Op. cit.**, p. 56.

¹⁹ Termo criado no ano de 1962.

²⁰ “*Bug do milênio*” foi a denominação dada a uma possível falha computacional que atingiria os programas de computadores na virada do ano 2000 e causaria, por exemplo, graves problemas nos sistemas bancários do mundo todo. Para maiores informações sobre o fenômeno, acesse a seguinte reportagem, publicada pela revista *Isto É*, em dezembro de 1999:

<http://www.terra.com.br/istoe/digital/bugdomilenio.htm>. Acessado em 31/07/2009.

encontraria para garantir sua sobrevivência e como lidaria com elas. Agora, enfim, chegamos ao futuro. Vivemos o lendário século XXI. A questão, entretanto, que novamente se faz é a seguinte: Quem somos nós? Que sociedade é essa, globalizada, envolta em contradições, marcada pela fragmentação e pela individualização?

A organização social humana contemporânea apresenta características que, se avaliadas em conjunto, a singularizam. Mas, o que nos faz únicos? O que nos diferencia de todas as outras sociedades humanas? Alguns, muito crentes de que são o topo da evolução humana, diriam: temos tecnologia, temos alta tecnologia, logo, somos os mais evoluídos. Contudo, já na década de 1970, o filósofo e antropólogo francês Pierre Clastres quebrou com a lógica dessa afirmação no artigo intitulado **A sociedade contra o Estado**, em que ele disse:

[...] Se entendermos por técnica o conjunto dos processos de que se munem os homens, não para assegurarem o domínio absoluto da natureza (isso só vale para o nosso mundo e seu insano projeto cartesiano cujas consequências ecológicas mal começamos a medir), mas para garantir um domínio do meio natural *adaptado e relativo às suas necessidades*, então não mais podemos falar em inferioridade técnica das sociedades primitivas: elas demonstram uma capacidade de satisfazer suas necessidades pelo menos igual àquela de que se orgulha a sociedade industrial e técnica²¹.

“[...] de nada serve opor o fuzil ao arco”, diz o filósofo, pois a conclusão a que se chegará é ilusória²². Alguém muito perspicaz poderia dizer: ‘O fuzil é mais potente, logo, serve mais às necessidades humanas’. Mas, o que é a necessidade humana senão um dado cultural? O fuzil serve mais àquela sociedade que opera em termos de genocídio, que tem ‘necessidade’ de assassinar um grande número de pessoas. Desse ponto de vista, não é a técnica o que nos singulariza, mas o uso que fazemos dela.

Imerso num ambiente fartamente documentado, o historiador do século XXI tem suas ações intermediadas pelo suporte digital, seja no momento de digitar um texto, fazer uma pesquisa na internet, enviar documentos acadêmicos, corresponder-se com seus pares. As possibilidades são muitas. Observando panoramicamente, arrisco-me, com cautela para não causar muito alvoroço, a dizer que a tecnologia atua sobre o fazer do historiador contemporâneo em grau bem mais elevado do que em um passado bastante recente. Sítios virtuais de ministérios públicos, universidades, museus, bibliotecas, arquivos públicos e privados, revistas científicas, grupos de pesquisa, jornais estão disponíveis na internet,

²¹ CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. In: **A sociedade contra o Estado**. Trad. Theo Santiago, São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 209.

²² **Idem**, p. 210.

possibilitando o contato rápido do pesquisador com os responsáveis pelos acervos ou, como acontece em alguns casos, permitindo o acesso direto do pesquisador às suas fontes de pesquisa. Textos científicos, documentos jurídicos, acervos imagéticos e bibliográficos podem ser acessados, com ou sem restrições, na rede.

O historiador do século XIX não supunha essa digitalização do homem. Era imprescindível para ele o deslocamento para bibliotecas e arquivos públicos ou privados, para sítios arqueológicos ou antropológicos distantes em busca das fontes de pesquisa. Isso não significa dizer que a pesquisa de campo atualmente seja desnecessária ou substituível, contudo, tornou-se *possível* realizar trabalhos acadêmicos sem que a locomoção física do pesquisador até sua fonte seja imprescindível, uma vez que muitas delas podem ser acessadas de qualquer computador ligado à rede.

Uma das consequências de tal disponibilidade documental, somada ao aumento do número de profissionais no mercado intelectual, foi a multiplicação de trabalhos científicos em todas as áreas do conhecimento. No caso da historiografia e de áreas vinculadas à criação de sentido para o passado, não foi diferente. No artigo intitulado **Historiografia e pós-modernismo**, o historiador holandês Frank Ankersmit comentou a respeito do fenômeno de produtividade historiográfica:

A questão crucial agora é que atitude tomar quanto a essa superprodução de literatura histórica que está se espalhando qual um câncer por todas as suas áreas. O desejo reacionário pelo comportado ambiente da história de cinquenta anos atrás é tão sem sentido quanto uma resignação desalentada. Temos de compreender que não há retorno. Já foi calculado que hoje em dia há mais historiadores debruçados sobre o passado do que a quantidade total de historiadores desde Heródoto até 1960²³.

Nesse mar de sinais digitais, a pergunta que se impõe primeiramente ao historiador do século XXI é a seguinte: uma sociedade permeada pela ‘infinitude’ da memória digital, como distinguir entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido? Que artigo vale a pena ser lido, qual texto deve ser apagado?

Percebendo que essa janela era ampla por demais, resolvi fechá-la até o ponto em que pudesse observar o campo apenas por uma pequena fresta. Enfim, resolvi pesquisar a recepção do discurso historiográfico contemporâneo nas teses dos alunos de diferentes modalidades dos cursos de doutorado em Letras. Ao analisar essas teses, procurei

²³ ANKERSMITH, F.R. *Historiografia e pós-modernismo*. In: **Revista Topoi**. Trad. Aline Lorena Tolosa, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, mar/2001, p. 115. Disponível em: <http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi2a4.pdf>. Acessado em 02/08/2009.

perceber como elas narram a história romanceada, de que maneira apropriam-se do discurso historiográfico para legitimar sua argumentação, se utilizam, e como, os conceitos de pós-modernidade e metaficção historiográfica e, por fim, a qual escola de pensamento historiográfico sua argumentação estaria filiada. Procurava conhecer a maneira como a historiografia dita “pós-moderna” é acessada pelos críticos literários acadêmicos, como ela se dá na prática discursiva acadêmica contemporânea.

A pesquisa foi realizada no banco de dados *online* da Capes²⁴, portanto, todos os trabalhos selecionados para análise tiveram por algum tempo um financiamento daquela Instituição²⁵. A pesquisa em bancos de dados digitais tem algumas peculiaridades. Para iniciá-la, é preciso fazer uso de palavras-chave. Lançadas na base de dados, essas palavras-guias apresentam um funcionamento rizomático, como sugeriu a professora Silvana Drumond Monteiro em seu artigo intitulado **Os mecanismos de busca: à guisa de uma tipologia das múltiplas sintaxes**. Nesse texto, a autora apresentou uma análise semiótica de tais mecanismos tendo por base o conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Felix Guattari. Segundo Monteiro, os princípios rizomáticos dos mecanismos de busca são: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, a-significância, cartografia e decalcomania²⁶. Além disso, ela trouxe informações a respeito do funcionamento desses mecanismos de busca, ou melhor, “da indexação para fornecer os resultados de busca”:

[...] a maioria dos mecanismos de busca inclui cada palavra do texto visível das páginas, outros extraem apenas o URL e as palavras que ocorrem com frequência, ou palavras e frases mais importantes contidas no título ou nos cabeçalhos e nas primeiras linhas, outros extraem os termos das *metatags*, etiquetas fornecidas para classificação do *site* por meio do campo “descrição” ou “palavras-chave”²⁷.

²⁴ Endereço do sítio virtual da Capes: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>. Acessado em 25/02/2010.

²⁵ O máximo de tempo de financiamento para a pesquisa da Capes é de 24 meses para mestrandos e 48 para doutorandos, sendo, contudo, impossível precisar o tempo exato que cada um dos alunos que tiveram suas teses selecionadas receberam de bolsa, pois esse tempo depende da política de distribuição de bolsas regulamentada pelas comissões de bolsa internas de cada curso de pós-graduação.

²⁶ **Conexão** faz referência à possibilidade de a palavra-chave conectar-se com sua fechadura de qualquer ponto do sistema; a **heterogeneidade** refere-se ao fato de a palavra-chave poder acessar linguagens diferentes: o resultado de uma pesquisa contempla tanto textos quanto imagens ou vídeos; “[...] a **multiplicidade** e as várias possibilidades de organização do conhecimento no ciberespaço ilustram que não há uma maneira correta que deva ser empregada e reproduzida pelos outros sistemas para tentar atingir a “universalidade”, ou seja, não há um modelo geral, uma sintaxe de indexação [...]”; os mecanismos de busca são **a-significantes**, quer dizer, não possuem um centro de significância que organize os assuntos hierarquicamente; as palavras-chave, ao serem utilizadas nas pesquisas, estabelecem uma espécie de mapa virtual e individual do pesquisador, uma **cartografia**; e, por fim, a estrutura rizomática dos mecanismos de busca se dá em forma de rede, o que a autora nomeou como **dcalcomania**. Ver MONTEIRO, Silvana Drumond. *Os mecanismos de busca: à guisa de uma tipologia das múltiplas sintaxes*. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2008, p. 101-103.

²⁷ **Idem**, p. 108.

Enfim, depois de lançar as palavras-chave no banco de dados, cheguei a resultados interessantes. Utilizando, por exemplo, a expressão “romance histórico”, encontrei, entre os anos de 1990 a 2008, 426 teses que levavam o termo no título, palavra-chave ou resumo. Dessas 426 teses, 350 foram defendidas em cursos de Letras e 25 em cursos de História. Impossível realizar sequer a leitura de tantas fontes. Refinei, então, a busca. Digitei outras palavras-chave²⁸ e cruzei as séries obtidas a fim de encontrar algum padrão de repetibilidade. Encontrei no mínimo um: a grande maioria das teses que tratam de literatura foi defendida nos cursos de Letras. Bem, é um pouco óbvia a comprovação dessa hipótese, pois se o historiador tem na literatura uma de suas tantas possibilidades de fonte histórica, para o crítico literário as possibilidades estão restritas aos textos literários, uma categoria muito ampla, concordo, mais que exclui muitos objetos culturais, como os artefatos arqueológicos, pinturas e fotografias.

Escolhi uma das teses selecionadas para começar minha leitura. Intitulada *A metaficção historiográfica no romance “Os cus de Judas”, de António Lobo Antunes*, a tese foi escolhida justamente em função do nome (metaficção historiográfica), mas, depois percebi que o fato de Lobo Antunes ser psiquiatra e português também contribuiu para a escolha. O escritor já foi assunto de dezoito teses de Letras financiadas pelas Capes e datadas de 1999 a 2008. Dessas dezoito, oito foram disponibilizadas na internet; dessas oito, apenas duas li por completo.

Fazendo uma análise panorâmica sobre esses oito trabalhos e outras tantas ‘produções científicas’ que li sobre a categoria de romance em questão e/ou sobre António Lobo Antunes, bem como sobre as discussões contemporâneas a respeito da teoria da história, percebi algumas peculiaridades na maneira como esses diferentes campos do conhecimento se relacionam com a arte literária. Chamou-me a atenção a tendência do crítico literário em reivindicar para o romance histórico (ou metaficção historiográfica) um lugar de verdade, ou seja, uma autoridade para construir uma versão verdadeira a respeito do passado, a vontade de dar voz aos excluídos da historiografia, ou mesmo fazer justiça às memórias esquecidas pelos historiadores²⁹. Acredito, particularmente, que o romance histórico possa dar conta de muita

²⁸ As demais palavras-chave utilizadas foram: “metaficção historiográfica”; “pós-modernidade”, “romance histórico pós-moderno” e “romance histórico contemporâneo”.

²⁹ Diz uma das autoras das teses pesquisadas que a partir do advento artístico da literatura “*as diferenças não podem ser mais reprimidas pela cultura oficial*” (p. 14-5); diz ainda que a literatura possibilita “*o registro das culturas até então rejeitadas justamente por não terem valor ou interesse para a cultura oficial*” (p. 15); encoraja o leitor a desprezar a historiografia, pois “*não é de interesse na sociedade portuguesa que a história da derrota na guerra de Angola seja de conhecimento público*” (p. 104); proclama que “*estamos diante de um romance pós-moderno cuja narrativa enfatiza a problematização dos acontecimentos históricos através da ficção e que permite que os ‘ex-cêntricos’ tenham voz, a mesma voz que lhes seria negada pela história*”

singularidade humana, mas acho curioso que esse impulso justiceiro e revolucionário parta do crítico literário. Afinal, justamente o que ele critica na historiografia é o que tão enfaticamente reivindica para a literatura: o poder de criar uma versão verdadeira e redentora para o passado. Por outro lado, tem-se contemporaneamente um movimento contrário no campo historiográfico. Há historiadores que reconhecem a fragilidade epistemológica da historiografia e admitem a impossibilidade da linguagem dar conta da experiência vivida. Talvez os desastres bélicos do século XX, o medo atômico e a ameaça da extinção humana tenham provocado um descrédito na objetividade do discurso historiográfico fazendo com que esses historiadores promovessem uma reorganização geral em torno do passado, revissem seus conceitos básicos, bem como a maneira de interpretá-los. Essa mudança de mentalidades foi apontada por Marc Bloch em sua **Apologia da história ou o ofício do historiador**, escrita entre os anos de 1942 e 1944, de quando foi capturado pelos nazistas até seu assassinato:

Ora, nossa atmosfera mental não é mais a mesma. A teoria cinética dos gases, a mecânica einsteiniana, a teoria dos quanta alteraram profundamente a noção que ainda ontem qualquer um formava sobre a ciência. Não a diminuíram. Mas a flexibilizaram. Com certeza, substituiriam, em muitos pontos, o infinitamente provável, o rigorosamente mensurável pela noção da eterna relatividade da medida³⁰.

Seria exatamente nessa interconexão dos caminhos da crítica, em busca do direito à verdade, com os da historiografia, receosa de seu estatuto de verdade, que a categoria de metaficção historiográfica, tal como nomeada por Linda Hutcheon, se estabeleceria. Tanto para o crítico quanto para o historiador que está em busca de alternativas estilísticas para suas narrativas, esse estilo narrativo apresentaria uma possibilidade de, mantendo a referencialidade histórica, criar um texto mais artístico.

Mas, eis que a literatura de António Lobo Antunes pareceu-me bem mais interessante que as explicações historiográficas e/ou estilísticas dos críticos de seus romances, pois, no geral, as teses ‘matam’ seus objetos ao tentar defini-los. Ali onde se fala da arte, a arte não está. O crítico acadêmico contemporâneo fala de expressões artísticas do homem, no entanto, seus textos são discursos que, mesmo não sendo, tendem ao científico³¹. E por quê?

oficial” (p. 139). Ver. SILVA, Haidê. **A metaficção historiográfica no romance “Os cus de Judas”**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-13022008-105213/pt-br.php>. Acessado em 09/02/2011.

³⁰ BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 49.

³¹ Crítico literário acadêmico é todo aquele que analisa textos literários, sejam estudiosos alocados em cursos de Letras, História, Antropologia, Psicologia, Ciências Sociais etc. O foco desse trabalho acabou recaindo sobre

Bem, mestrando ou doutorando, o crítico produz dissertação e tese, artigos para revistas especializadas, participa de congressos acadêmicos e escreve relatórios de pesquisa. O paradigma da ‘quantidade produtiva’ que assola o ambiente acadêmico, um paradigma industrial, traz também o crítico acadêmico para bem mais próximo, em sua prática, da historiografia dos fatos do que da ficção.

Novamente um desvio

Conforme analisava as teses selecionadas, envolvia-me cada vez mais com as narrativas de Lobo Antunes. Percebi que essa era mais uma curva no caminho de minha pesquisa, novamente estava eu às voltas com a literatura ficcional. *Manual dos inquisidores* (1996), *O esplendor de Portugal* (1997), *Exortação aos crocodilos* (1999), *Os cus de Judas* (1979) e *Memória de elefante* (1979). Foram esses os livros “antuneanos” que li durante esse trecho do percurso. Os três primeiros, escritos no final da década de 1990, foram classificados pela professora Maria Elisabeth Azevedo Bilange como a *trilogia do poder*³². Nesses três romances o assunto em pauta é a reorganização existencial das pessoas que receberam diretamente em suas vidas os efeitos do imperialismo colonial português. No entanto, foram os dois primeiros romances de Lobo Antunes, *Memória de elefante* e *Os cus de Judas* que mais me instigaram. Autobiográficos, escritos no final da década de 1970, momento em que o autor enfrentava turbulências existenciais profundas, esses romances são uma espécie de auto-análise. O personagem, tal como o autor, volta da guerra em Angola, separa-se de mulher e filhas e agora tenta reconfigurar-se no cenário cotidiano de Lisboa. A marca da guerra em sua memória o atormenta a ponto de lhe ser necessário escrever.

Desde o retorno ao seu país, em 1973, até o ano de 1985, Lobo Antunes trabalhou como psiquiatra no tradicional hospital Miguel Bombarda, antigo Rilhafoles, fundado em 1848. Nesse período, além de publicar seis de suas ficções³³, produziu ensaios e artigos científicos que foram publicados em revistas acadêmicas especializadas³⁴. Escritos em parceria com Maria Inês Dias (*Loucura e criação artística: Ângelo de Lima, poeta de Orpheu*, 1974) e Daniel Sampaio (*Lewis Carroll: a esquizofrenia esconjurada*, de 1978; *O psicótico*

trabalhos defendidos por pós-graduandos em Letras porque as teses lidas estavam todas alocadas nesse campo do conhecimento.

³² BILANGE, Elizabeth Maria Azevedo. **O áspero humor de Lobo Antunes**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Universidade de São Paulo, 2007, p. 13. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-13022008-104503/pt-br.php>. Acessado em: 10/02/2011.

³³ *Memória de elefante* e *Os cus de Judas* (1979); *Conhecimento do inferno* (1980); *Explicação dos pássaros* (1981); *Fado alexandrino* (1983) e *O auto dos danados* (1985).

³⁴ Ver BILANGE. **Op. cit.**, p. 12-3.

na família e na instituição: a propósito de dois casos clínicos, 1979; *D. Duarte ou a depressão no trono*, de 1980; *Violência e relação terapêutica: os Hitlers de bolso no poder*, 1981), esses trabalhos giram em torno de questões referentes ao desajuste indivíduo-sociedade: loucura e criação artística, loucura e instituição psiquiátrica, loucura e poder, violência e poder psiquiátrico. Foi nesse período que Lobo Antunes escreveu sua primeira trilogia ficcional, abrangendo os livros *Memória de elefante*, *Os cus de Judas* e *Conhecimento do inferno*. Nesses livros, Lobo Antunes abordou a temática da guerra, das relações entre homens e mulheres, do universo contraditório dos hospitais psiquiátricos em Portugal, considerado como um microcosmo representativo do país inteiro, especialmente de si mesmo. É como se todos os personagens, incluindo o próprio autor, figurassem pessoas em análise.

Escrito em 1976, época em que o escritor estava recém-separado de sua primeira mulher, *Memória de elefante* é narrado em terceira pessoa e tem como protagonista um psiquiatra, *alter ego* do autor. A narrativa abrange a temporalidade de um dia, do amanhecer ao amanhecer, e é focada na percepção do personagem sobre a situação atual de sua vida. Uma viagem pela mente, pelo pensamento em conflito de um jovem médico, ex-combatente em Angola, insatisfeito com seu papel familiar e social, desiludido com sua profissão, ultrajado pela pátria, submerso na solidão... e tentando intensamente reinventar-se e fazer fluir suas vontades.

[...] Meu amor, *falou dentro de si mesmo* apalpando a gravata, sei que isto não alivia nem ajuda mas de nós dois fui eu o que não soube lutar: e *vieram-lhe à memória* longas noites na praia desfeita dos lençóis, a sua língua desenhando devagar contornos de seios iluminados de uma rede de veias pela primeira luz da aurora, o poeta Robert Desnos a agonizar de tifo num campo de prisioneiros alemão murmurando *É a minha manhã mais matinal*, a voz de John Cage a repetir *Every something is an echo of nothing*, e a forma como o corpo dela se abria em concha para o receber, vibrando tal as folhas dos cumes dos pinheiros agitados por um vento invisível e tranquilo³⁵.

O trecho citado é um exemplo de como o autor lançou mão de lembranças e recordações de sua infância, adolescência, juventude e de sua vida adulta para compor o personagem-psiquiatra. Em meio a uma tumultuada manhã de trabalho, a lembrança de sua lua de mel toma-lhe o pensamento e se sobressai na narrativa. Lobo Antunes ficcionaliza sua memória. O texto, contudo, não é um simples relato memorialístico, ele carrega também um alto teor analítico, terapêutico, ainda que o autor seja crítico à psicanálise e revoltado com a prática psiquiátrica em que está inserido.

³⁵ ANTUNES, António Lobo. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 32. (grifos meus)

De ressaca, após uma noite mal dormida, o médico chega ao hospital e começa o atendimento na sala de consultas. Logo nota a presença de uma nova paciente “[...] zigzagueando de injeções, de camisa a flutuar em torno do corpo como o espectro de Charlotte Brontë vagando no escuro de uma casa antiga”³⁶. De acordo com o laudo do médico que a internou, seu diagnóstico é o de “esquizofrenia paranóide e tentativa de suicídio”³⁷. A mulher anda e fala pelos corredores do hospital e enche a sala com seu vocabulário chulo. O médico e a enfermeira observam,

O médico escreveu no bloco: cabrão³⁸, curtas, compridas, riscou um traço por baixo como se preparasse uma soma e acrescentou em maiúsculas Caralho. A enfermeira, que lhe espreitava sobre o ombro, recuou um passo: educação católica à prova de bala, supôs ele medindo-a. Educação católica à prova de bala e virgem por tradição familiar: a mãe devia estar rezando a Santa Maria Goretti enquanto a fazia³⁹.

O médico rascunha mais algumas palavras libidinosas no bloco de papel e entrega-o à enfermeira, indicando que o problema da paciente é sexual. Avisa-lhe, porém, que a lição não lhe foi ensinada por Freud, mas pela sua própria experiência de vida: “[...] Aprendi isto com a minha primeira mestra de labores, diga-se à puridade e de passagem que o melhor clitóris de Lisboa”⁴⁰. A enfermeira, contrariada, sai da sala. Diz que irá auxiliar outros médicos. A paciente, que continua falando suas frases sexuais desconexas, acaba por levar o psiquiatra às lembranças de sua infância e adolescência, aos momentos em que iniciou seu conhecimento dos prazeres e infortúnios que as mulheres lhe poderiam provocar.

Quando é que eu me fodi?, perguntou-se o psiquiatra enquanto a Charlotte Brontë prosseguia impassível o seu discurso sobre Lewis Carroll grandioso. Como quem enfia sem pensar a mão no bolso à procura da gorjeta de uma resposta mergulhou o braço na gaveta da infância [...]⁴¹.

Passando da infância à adolescência, o psiquiatra chega ao ponto crítico da teoria freudiana: a sexualidade. Observando pela janela o pátio e vendo um paciente em pleno gozo masturbatório, ouvindo a Charlotte Brontë repetir suas “conas da mãe”⁴² e seus

³⁶ **Idem**, 14.

³⁷ **Idem**, 14-5.

³⁸ Cabrão, no dicionário Priberam: 2. *Fig.* Marido que consente que a mulher seja adúltera.

³⁹ ANTUNES. **Op. cit.**, 2009, p. 15.

⁴⁰ **Idem**, p. 16.

⁴¹ **Idem**, p. 21.

⁴² Cona: do latim *cunnius*. Vulva; vagina.

“cabrões”, o médico relembra, de “lupa psicanalítica em punho”, sua primeira trepada em um prostíbulo lisboeta:

[...] preparava-se para explorar de *lupa psicanalítica em punho* as angustiosas vicissitudes de sua estreia sexual entre uma garrafa de permanganato e uma colcha duvidosa que conservava viva, junto da almofada, a pegada de yeti da sola do cliente anterior, demasiado apressado para se preocupar com o detalhe insignificante dos sapatos ou suficientemente púdico para manter as peúgas naquele altar de blenorragias a táximetro, quando a Charlotte Brontë o despertou para a realidade presente na manhã hospitalar [...]⁴³.

Depois de passar a manhã toda no hospital, almoçar com um amigo num conhecido restaurante, enfrentar a torturante cadeira do dentista após um período de congestionamento no trânsito de Lisboa, assistir, sem coragem para se aproximar, a saída da escola das filhas, o psiquiatra vai ao bar esperar a hora da sessão de terapia em grupo. Ao longo de todo esse percurso, lê-se as memórias em análise do psiquiatra. A infância tolhida, as implicâncias da mãe com seu jeito distraído, a lembrança do primeiro encontro com a ex-mulher, os dias de guerra em Angola... Por todo o percurso mental por que passa o médico, acompanham elementos da clínica psicanalítica, palavras-conceitos, técnicas de observação. Nas páginas seguintes, contudo, momento em que o psiquiatra se aproxima da sessão de terapia, a crítica à prática freudiana ganha contornos bem mais nítidos. Novamente o descompasso do médico com sua prática psicológica acontece em uma situação de auto-análise. No tempo presente de sua história, o personagem sente-se normatizado, anestesiado, castrado pela lógica analítica de resolução dos problemas da vida.

[...] Que porra de lavagem à cornadura é esta que saio daqui torcido como um velho com reumático, lumbago, ciática, bicos de papagaio e dor de dentes, alma de rafeiro a ganir a caminho de casa, e no entanto volto, volto pontualmente dia sim dia não para receber mais trolha ou uma indiferença total e nenhuma resposta às minhas angústias concretas, nenhuma ideia acerca de como sair deste poço ou pelo menos visionar um nada de ar livre lá em cima, nenhum gesto que me mostre a direcção de uma certa tranquilidade, de uma certa paz, de uma certa harmonia comigo: Freud da puta judia que te pariu vai levar no cu do teu Édipo. Abriu a porta do grupo e em vez de declarar Merda para todos disse Boa tarde e foi sentar-se, disciplinadamente, na única cadeira livre da sala⁴⁴.

⁴³ ANTUNES. **Op. cit.**, 2009, p. 23. (grifo meu)

Algumas palavras desse trecho não são conhecidas e/ou utilizadas no português brasileiro, por essa razão, ‘traduzi-las-ei’. O dicionário consultado chama-se Priberam e está disponível no seguinte endereço virtual: <http://www.priberam.pt/>.

Yeti: (palavra inglesa, do xerpa *yeh-teh*). Criatura lendária dos Himalaias, peluda e de formas humanas; o abominável homem das neves; **peúga**: (latim vulgar *peduca*, -ae, de *pes*, *pedis*, pé). Meia curta; coturno; **blenorragia**: gonorreia.

⁴⁴ ANTUNES. **Op. cit.**, 2009, p. 113.

Conforme o médico se coloca na pele do ‘doente’ é que ele vai percebendo uma possibilidade: a de as técnicas médicas de cura não serem suficientes para sanar, ou mesmo aliviar, o sofrimento. Ressalta, em sua crítica, o descontentamento com a manutenção da passividade de seu próprio corpo que, mesmo indo dia sim dia não ocupar uma cadeira na sala do terapeuta, sai de lá sempre como um velho com reumático e sem respostas concretas à suas angústias. Ele demora a perceber que as soluções para seus problemas não poderiam simplesmente ser prescritas pelo terapeuta qual um remédio milagroso, que a saída do poço sem fundo e sem ar não estava localizada na sala de análise, mas em seu próprio labirinto psíquico.

Essa insatisfação do psiquiatra com a terapia reflete-se em sua prática profissional e é expressa em vários momentos da narrativa. O psiquiatra passa a duvidar da saúde de médicos e enfermeiras, indagando-se sobre os motivos que levam essas pessoas a escolherem o Hospital Psiquiátrico como ambiente de trabalho. “[...] Quem entre aqui para dar pastilhas, tomar pastilhas ou visitar nazarenamente as vítimas das pastilhas é doente, sentenciou o psiquiatra no interior de si mesmo”⁴⁵. Em outro momento, fala a uma das enfermeiras:

Num asilo de malucos onde estão os malucos?, insistiu o médico. Porque nos arrastamos aqui, nós os que ainda possuímos licença de saída diária, se todas as semanas há um barco para a Austrália e existem boomerangs que não regressam ao ponto de partida?⁴⁶

Em meio à profunda crise existencial, cercado por todos os lados pela loucura e a depressão, o psiquiatra percebe que os diagnósticos médicos são arbitrários, que a psiquiatria é arbitrária. Questiona-se sobre a ética desse papel que ele desempenha: o de

[...] colaborar não colaborando com a [...] pavorosa máquina doente da Saúde Mental trituradora no ovo dos germenzinhas de liberdade que em nós nascem sob a forma canhestra de um protesto inquieto, pactuando mediante o meu silêncio, o ordenado que recebo, a carreira que me oferecem: como resistir de dentro, quase sem ajuda à inércia eficaz e mole da psiquiatria institucional, inventora da grande linha branca de separar a “normalidade” da “loucura” através de uma complexa e postiça rede de sintomas, da psiquiatria como grosseira alienação, como vingança dos castrados contra o pênis que não têm, como arma real da burguesia a que por nascença pertence e que se torna tão difícil renegar [...]”⁴⁷.

Lumbago: dor na região lombar; **rafeiro:** Diz-se de certa casta de cães para guardar o gado; no sentido figurado, é um indivíduo que acompanha sempre outro, como o cão acompanha o dono; bajulador. Disponível em: <http://www.priberam.pt/>. Acessado em: 07/03/2011.

⁴⁵ ANTUNES. *Op. cit.*, p. 15.

⁴⁶ *Idem*, p. 27.

⁴⁷ *Idem*, p. 39.

Esse movimento crítico de Lobo Antunes em relação à psiquiatria, enquanto prática profissional, e à psicanálise, enquanto terapêutica pessoal de cura, é que o aproxima da literatura. Percebendo a intransigência da psiquiatria-institucional em tratar a loucura e a impossibilidade das técnicas psicanalíticas, por si mesmas, em solucionar os distúrbios psíquicos, Lobo Antunes recorreu à escrita de si. Ainda que a linguagem não dê conta da multiplicidade de formas de existir que a existência é capaz de conter, ainda que ao trazer à consciência o inconsciente ela ateste sua impossibilidade, ela exerce um poder de transformação do mundo, é como o vetor paracélsico em busca do ponto de equilíbrio entre o micro e o macrocosmo.

Ainda que a equação psicanalítica seja produtora de um resultado ilusório por associar coisas diferentes, ela, assim como a literatura, opera no campo da linguagem. Pode, portanto, ser terapêutica, pode transformar estados de espírito, pode transmutar sentimentos. Contudo, a cura não é intrínseca à equação psicanalítica, não há garantias nem prazos para o desaparecimento dos sintomas neuróticos. Eu realmente não sei se Lobo Antunes desistiu da psicanálise enquanto filosofia ou mesmo prática, entretanto, a leitura de *Memória de elefante*, *Os cus de Judas* e *Conhecimento do inferno*, três romances autobiográficos, os três primeiros de uma longa produção literária, deixa ver uma mente em conflito profissional, íntimo, familiar, alguém que procura se reinventar escrevendo:

O amigo roçou a barba loira no ombro do médico: [...]

- Tens escrito, interrogou.

De mês a mês desfechava de súbito esta pergunta aterradora, porque para o psiquiatra o manuseio das palavras constituía uma espécie de vergonha secreta, obsessão eternamente adiada.

- Enquanto o não fizer posso sempre acreditar que se o fizer o faço bem [...]. Mas se começar um livro a sério e parir merda que desculpa me fica?⁴⁸

Eis a linguagem transformando o mundo de uma pessoa, ainda que nada no mundo “real” tenha sido mudado. A cura de sintomas neuróticos, ou pelo menos o alívio deles, reside, portanto, na imaginação, esta, por sua vez, se apresenta ao mundo por meio da linguagem. Eis a revolução psicológica de Freud... revolução que remonta, todavia, a alquimia de Giordano Bruno:

⁴⁸ *Idem*, p. 57.

No centro da filosofia de Giordano Bruno estão a ideia, as palavras, os símbolos e as coisas concretas, os objetos, as substâncias e os seres vivos. O mundo das palavras não é, para esta forma de pensar, descontínuo com o mundo das coisas; havendo comunicação entre um e outro, ter-se-á forçosamente de admitir a possibilidade de através das palavras se provocarem alterações no mundo físico⁴⁹.

A transição foi tensa. De psiquiatra a escritor de romances, Lobo Antunes foi do esvaziamento da linguagem analítica à criação da linguagem literária. De início, ele apostou na escrita como uma prática que lhe possibilitaria a significação das inquietações humanas, ainda que provisoriamente. Em *Memória de elefante* escreveu para fazer fluir seus múltiplos eus, seus sentimentos ambíguos, suas pulsões. Embora as palavras não conseguissem, como em um passe de mágica, fazer desaparecer o poço, a falta de ar ou as angústias. Conforme escrevia, a sensação de incompletude se mantinha. Lobo Antunes deu-se conta de que a palavra não podia falar daquilo que ele sentia, o impulso, o instinto. Por isso, resolveu “[...] travestir as coisas com palavras”⁵⁰. Sua frustração por não conseguir satisfazer seus impulsos por meio da linguagem transformou-se em disposição para brincar com o sentido que as palavras poderiam dar às suas vivências. Ele se pôs a jogar com as variantes da vida e, para isso, encarou o livro como uma possibilidade de partilhar de si consigo e com o leitor. Percebeu que as palavras vestem os sentimentos, cobrem-nos com máscaras, dão-lhes aparência. As palavras criam sentidos para os sentimentos, transmutam sensações e permitem, ao escritor, experimentar perspectivas diversas ao perder-se entre seus personagens.

O desenvolvimento da consciência e da linguagem, tal como afirmou Nietzsche, andam lado a lado porque ambas têm como finalidade a *comunicação*. Lobo Antunes precisava comunicar, tornar comum seus sentimentos, partilhar consigo mesmo e com o leitor sua vivência, saber o que lhe faltava, saber como se sentia, saber o que pensava. Habilidade com as palavras, criou para si um mundo novo, feito de linguagem, onde lhe foi possível ler e interpretar o mundo. O escritor não se entregou ao encanto objetivo das palavras, mas também não as evitou. Preferiu travesti-las, fantasiá-las e se abrir para a multiplicidade de sentidos que elas produzem. Ele usou a palavra, percebeu sua ficção e, por isso, se esbaldou. Criou uma imagem artística, provisória e ao mesmo tempo duradoura, porque compartilhada, de seu inconsciente consciente.

⁴⁹ TAVARES, Rui. *Introdução*. In: BRUNO, Giordano. **Tratado de magia**. Trad. Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008, p. 15.

⁵⁰ Referência à entrevista de Lobo Antunes concedida ao programa *Entrelinhas*, da TV Cultura, durante sua participação no Festival Literário de Parati (Flip), em 2009. Entrevistador: Manuel da Costa Pinto. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S5RH9wNyOFE>. Acessado em: 10/02/2011.

O encontro com o acaso e a emergência de um novo caminho

Mas eis que mais uma mudança se aproximava. Essa, no entanto, não foi fruto de uma curva no caminho, foi obra do acaso. Não havia sinais indicando a aproximação da encruzilhada, mas, de repente, eu estava lá, de cara com uma bifurcação. Era o dia vinte e dois de maio de 2010. Eu caminhava pelos corredores da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina quando topei com uma estante intitulada ‘Literatura Alemã’. Os livros que ali estavam chamaram minha atenção porque naquela altura eu estava envolvida com a leitura de Goethe, Novalis e Nietzsche. Corri os olhos pelas lombadas dos livros e encontrei, para minha surpresa, um texto do filósofo Peter Sloterdijk. Conhecia o autor de nome, pois ele havia sido citado nas aulas de filosofia, mas não imaginava que escrevia romances. Peguei o livro: **A árvore mágica**. O título não me esclareceu quanto ao assunto. Abri-o. Na página de rosto, o longo subtítulo: *O surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia*⁵¹. Fiquei intrigada com o subtítulo. Claro e explicativo, típico de textos acadêmicos, dá indícios da visão do autor a respeito da história da psicanálise. Decidi levar o livro. Eu realmente não sabia que essa não seria apenas uma curva no percurso, dessa vez, todo um novo caminho se abria em minha viagem.

Sloterdijk deu um passo de volta na história da psicanálise e trouxe à tona um diálogo filosófico a respeito da cura dos males da alma travado cerca de cem anos antes da viagem de Sigmund Freud à França (1885). A fim de abarcar a mentalidade intelectual europeia que gestou a psicanálise, guiado pelas sugestões de outros filósofos, incluindo aí o próprio Freud, Sloterdijk foi buscar nas referências literárias e filosóficas correntes nos círculos acadêmicos europeus no século XVIII, o surgimento da psicanálise. Em termos narrativos, sua estratégia foi bastante interessante: condensou e corporificou os ‘imagináveis encontros bibliográficos’ de Freud em Jan Van Leyden, o protagonista do romance, que, por conta disso, transita na trama da história no século XVIII, encontrando-se com importantes figurações filosóficas da época, como Condorcet, Jean-Paul Marat e Ferdinando Galliani. A maior parte da narrativa passa-se na França, embora o protagonista tenha iniciado e terminado seu percurso na Áustria, sua terra natal. Van Leyden é inserido no cenário da corte, encontra-se com membros da maçonaria, perambula pelas ruas de Paris, enfim, percorre espaços antes percorridos por Franz Anton Mesmer, encontra-se com um de seus mais ilustres discípulos, o

⁵¹ SLOTERDIJK, Peter. **A árvore mágica: o surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia**. Trad. Andrea J. H.; Fairman. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos; Casa-Maria Editorial, 1988.

marquês Armand de Puységur, o primeiro médico, ainda que amador, afirmam os historiadores, a observar os efeitos da hipnose, chamada por ele de *sonambulismo magnético*, em um de seus pacientes. Como o tempo das ideias ultrapassa o tempo da existência humana e, sendo Van Leyden a figuração de uma ideia, é ‘natural’ que sua existência ultrapasse o tempo de uma vida. Por isso, ele pode andar pelas ruas de Paris logo após a partida de Mesmer da cidade e transformar-se, ao final da narrativa, no próprio dr. Freud⁵².

Além desses elementos, Sloterdijk misturou aspectos biográficos de Freud com episódios vividos pelo protagonista. Silberstein, por exemplo, que na trama aparece como o amigo de Van Leyden cuja carta teria inspirado o narrador a escrever a história, é homônimo de um grande amigo da juventude de Freud, Eduard Silberstein. Depois que a família Freud mudou-se para Viena, as cartas entre os dois amigos se tornaram intensas. Eles conversavam principalmente em espanhol e tratavam de assuntos corriqueiros: de namoradas a viagens pelos campos germânicos, das dificuldades materiais aos livros de literatura. Filosofia também era um dos temas tratados, especialmente depois que Sigmund iniciou o curso de medicina e, logo no primeiro ano, resolveu dedicar-se ao estudo da filosofia e de questões referentes à história da humanidade. Em carta de 17 de julho de 1873, Freud declarou:

Com relação ao próximo e primeiro ano de estudos universitários, posso te dar a informação de que vou utilizá-lo, do princípio ao fim, puramente para os estudos humanísticos, que nada têm com a minha especialidade, mas que, para mim, não deverão ser infrutuosos. [...] Com vistas aos assinalados fins, frequentarei no primeiro ano a faculdade de filosofia. Assim, se alguém me perguntar / ou fizer a ti uma pergunta dirigida a mim / sobre o que quero ser, abstém de qualquer resposta determinada e replica, por exemplo: um sábio, um catedrático ou algo assim⁵³.

Outro exemplo da correspondência biográfica entre o protagonista da **Árvore mágica** e Freud é que ambos participaram, acompanhados por Silberstein, de uma sessão magnética. No romance, o assunto é trazido à tona justamente na carta do amigo, que

⁵² Apesar de ser uma abstração com nome de gente, Jan van Leyden teve pelo menos dois homônimos na história. O primeiro, holandês, viveu no século XVI e foi líder religioso anabatista que teve sua prisão decretada pelos juízes da Inquisição. Foi julgado, torturado e queimado devido à acusação de incitar, entre os seus seguidores, a poligamia (ver: ARMS, Kate. *Polygamy in Münster*. In: **Starr King School's Unitarian Universalist History class**. Disponível em: <http://www.sksm.edu/research/papers/polygamy.pdf>). O segundo homônimo viveu no século XVIII e, por incrível que pareça, não se chamava Jan van Leyden. É que, nesse caso, o nome recaiu sobre a invenção... a garrafa de Leyden, o primeiro aparato construído em laboratório que era capaz de captar e armazenar a eletricidade. Seu inventor, Pieter van Musschenbroek, realizou suas pesquisas na Universidade de Leyden, na Holanda, por isso, o nome.

⁵³ FREUD, Sigmund apud BOEHLICH, Walter (org.). **As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)**. Trad. Flávio Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 40.

comenta com Jan Van Leyden a respeito da ocasião, em maio de 1785, em que eles foram assistir a apresentação do magnetizador italiano Balsamo Scaferlatti, “discípulo de Swedenborg”, que se encontrava em Viena para mais uma de suas sessões magnéticas⁵⁴. A *séance* reuniu a nobre sociedade vienense e alguns ilustres burgueses em casa do falecido barão Von Rosenkotz. Cético, Silberstein relembra, Jan posicionava-se a margem do grupo e, como mero espectador, procurava observar o comportamento das damas da sociedade e analisar o semblante dos senhores presentes enquanto aguardava a entrada triunfal de Scaferlatti. De súbito, o conde surgiu no meio do salão. Jan sentiu uma energia diferente, o calor tomou conta do ambiente, os homens começaram a transpirar, as mulheres tornaram-se ofegantes e trêmulas, algumas deixaram escapar gritos dissonantes, outras desmaiaram. Mas Scaferlatti levantou o dedo indicador direito acima de sua cabeça e, com esse gesto, captou todos os olhares presentes⁵⁵. Fez-se silêncio, todos estavam magnetizados...

Em **Um estudo autobiográfico**, Freud relatou que na sua época de estudante assistiu, em Viena, a uma exibição pública apresentada pelo mesmeriano dinamarquês Carl Hansen. Naquela ocasião, afirmou, convenceu-se da eficácia da hipnose para a cura das doenças nervosas. Disse ele:

[...] Notara que um dos pacientes em quem se fizera a experiência se tornara mortalmente pálido no início da rigidez cataléptica, e assim havia permanecido enquanto aquela condição havia durado. Isso me convenceu firmemente da autenticidade dos fenômenos da hipnose⁵⁶.

⁵⁴ É interessante notar a relação entre o nome do magnetizador que figura no romance, Balsamo Scaferlatti, e o do famoso conde siciliano Alessandro di Cagliostro, que era conhecido, naquela época, na esfera ocultista, como Giuseppe Balsamo, e que foi para Viena se apresentar nos círculos da nobreza. Cf. ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud**. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930], p. 59.

⁵⁵ SLOTERDIJK. **Op. cit.**, p. 27-9.

⁵⁶ Esse texto, por ser uma espécie de testamento intelectual de Freud, é rico em informações a respeito de sua formação profissional. Nesse trecho em que fala de Hansen, dr. Freud estava a lembrar das técnicas de cura que dispunha no início de sua longa carreira psicanalítica: “*Meu arsenal terapêutico continha apenas duas armas, a eletroterapia e o hipnotismo [...]. Meu conhecimento de eletroterapia provinha do manual de W. Erb [1882], o qual proporcionava instruções detalhadas para o tratamento de todos os sintomas de doenças nervosas. Infelizmente, logo fui impelido a ver que seguir essas instruções não era absolutamente de qualquer valia e que o que eu tomara por um compêndio de observações exatas era meramente a construção de fantasia. Foi penosa a compreensão de que a obra do maior nome da neuropatologia alemã não tinha maior relação com a realidade do que um livro de sonhos ‘egípcio’ vendido em livrarias baratas, mas ajudou-me a livrar-me de outro fragmento de inocente fé na autoridade, da qual eu ainda não estava livre. Assim, pus de lado meu aparelho elétrico, mesmo antes de Moebius haver salvo a situação, explicando que os êxitos do tratamento elétrico em distúrbios nervosos (até onde havia algum) eram o efeito de sugestão por parte do médico. Com o hipnotismo o caso foi melhor.* Enquanto ainda estudante, assistira a uma exibição pública apresentada por Hansen o ‘magnetista’ e notara que um dos pacientes em quem se fizera a experiência se tornara mortalmente pálido no início da rigidez cataléptica, e assim havia permanecido enquanto aquela condição havia durado. Isso me convenceu firmemente da autenticidade dos fenômenos da hipnose. Apoio científico foi logo depois dado a esse ponto de vista por Heidenhain, mas não impediu os professores de psiquiatria de declararem por muito tempo que o hipnotismo era não somente fraudulento como também

Na trama da **árvore mágica**, portanto, Jan van Leyden é uma testemunha ocular dos fatos, ou seja, peça fundamental na historiografia. Ele estava lá quando as coisas aconteceram. Ele vivenciou episódios que posteriormente seriam vividos, conhecidos, lidos, aceitos ou negados por Sigmund Freud e toda uma geração de filósofos e historiadores.

[...] Para ser essencialmente uma boa testemunha, é fundamental encontrar-se no momento certo, no lugar certo – no exato instante em que os complexos fluxos dos acontecimentos da vida se tornam coesos e formam, por sua vez, uma imagem definida e também coesa. A ela cabe o privilégio de reconhecer linhas claras, de estar no lugar a partir do qual os confusos fluxos dos acontecimentos da vida pareçam formar uma imagem nítida. A ela também cabe o privilégio de reconhecer linhas claras, no mesmo lugar em que os protagonistas da ação se movimentam na barafunda de seus projetos. O privilégio de ser testemunha, no entanto, exige um preço diante do qual simples mortais se retraem instintivamente, como se o próprio testemunhar estivesse vinculado a perigosas exigências, nas quais o homem comum, em suas ânsias, quer se abster de intervir. A verdade é que a testemunha se coloca, em vida, numa posição que mais se assemelha àquela dos mortos. Isto lhe dá forças para encarar de frente verdades, diante das quais as não-testemunhas, impulsionadas por seu opaco instinto de conservação, se refugiam em compromissos e esperanças⁵⁷.

O encontro com **A árvore mágica** deu início a um novo caminho em meu percurso. Alterou-se a paisagem, das ruas de Lisboa na década de 1970, desloquei-me para os campos germânicos e, depois, para Paris e arredores. Voltei para o século XVIII. Não havia mais trem, a viagem, em sua maior parte, era realizada em diligências⁵⁸, mas, devido aos imprevistos que um tipo de viagem como essa está sujeita, alguns trechos foram feitos a pé.

Apropriei-me de um pequeno ambiente literário relativo às doenças nervosas e às técnicas médicas setecentistas de cura. Essas técnicas remontam a Antiguidade, foram reinterpretadas no período medieval, relidas e praticadas por médicos europeus do século XVIII e reformuladas no século XIX pelos mestres de Freud e, também, por ele mesmo. Cada época, no entanto, criou sua maneira própria de ler e trabalhar com tais ensinamentos iniciáticos. Meu percurso levou-me ao século XVIII, portanto, e às suas

perigoso, e de considerarem os hipnotizadores com desprezo. Em Paris vira o hipnotismo usado livremente como um método para produzir sintomas em pacientes, então removendo-os novamente. E agora nos chegava a notícia de que surgira uma escola em Nancy que fazia uso extenso e marcadamente bem-sucedido da sugestão, com ou sem hipnotismo, para fins terapêuticos. Ocorreu assim, como algo natural, que, nos primeiros anos de minha atividade como médico, meu principal instrumento de trabalho, afora os métodos psicoterapêuticos aleatórios e não sistemáticos, tenha sido a sugestão hipnótica.” FREUD, Sigmund. *Um estudo autobiográfico* [1924]. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **Um estudo autobiográfico; Inibições, sintomas e ansiedade; A questão da análise leiga e outros trabalhos**. Vol. 20. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. (grifos meus)

⁵⁷ SLOTERDIJK. *Op. cit.*, p. 18.

⁵⁸ Diligência: “[...] veículo confortável de construção moderna [...] puxado por quatro cavalos”. Cf. *Idem*, p. 58.

peculiaridades. Naquele momento a maneira ‘própria’ de lidar com os fenômenos relativos à saúde e à doença era a maneira ‘iluminista’, ou como diria Foucault, a maneira da episteme clássica⁵⁹. E Franz Anton Mesmer não escapou do feitiço da Razão⁶⁰.

Então li romances, epístolas, *mémoires*, obras filosóficas, tratados científicos. Muitas dessas sugestões de leitura vinham-me das variadas intertextualidades figuradas no romance de Sloterdijk: referências ao romance dialógico de Denis Diderot intitulado **O sobrinho de Rameau**, às memórias de **Teresa filósofa**, à peregrinação da princesa de **Golovin**, personagem da novela homônima de Jacob Wassermann. Pesquisei sobre os personagens históricos que percorrem o teatro mágico de Sloterdijk, como Galliani, Marat, *madame* de Polignac, Condorcet, Guillotin, Mesmer, Puységur e Freud. Perambulei pelas ruas de Paris com Jan van Leyden e com os personagens de Balzac. Conheci o Palais Royal: as editoras, as boticas, as casas de prostituição, os cafés e os teatros que por ali ficavam. Avistei o Louvre, passei pela Place Vendôme, cheguei às Tulherias. Soube das intrigas da corte, fui até Versalhes, participei de salões literários. Essa história, todavia, será assunto dos próximos capítulos.

⁵⁹ Cf. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁶⁰ Mesmer, segundo Henri Ellenberger, era um “filho do Iluminismo”. ELLENBERGER, Henri F., **The discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: BasicBooks, 1970, p. 53. Ver também: DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud**. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930].

1 **PREFÁCIO**

Essa história que vou contar começa agora. Do futuro do que aconteceu; aqui, de onde vemos o passado. Do alto da escalada cultural humana, da erosão da Terra, da sociedade sem futuro. O planeta ficou pequeno para os zilhões de humanos que constantemente sugam suas veias. O sonho de consumo ‘ocidentalista’ invadiu os modos de vida alheios. O modo de vida industrial solapa o planeta Terra, esse ínfimo astro que navega no horizonte sem fim, habitado por animais humanos que sonham com o infinito e, de sua enorme pequenez, almejam colonizar o universo. Vivemos a época da padronização cultural. Não falamos mais em nacionalismo, falamos em ‘planetismo’, sonhamos construir uma identidade global comum. Seremos todos conhecidos como terráqueos. “Queremos ir para Marte, lá seremos filho do rei e teremos água”.

Uns falam em fim dos tempos, outros, crêem em pós-modernidade; uns falam em decadência cultural, outros, exultam com as descobertas científicas da semana. Os jornais e revistas anunciam: a hipnose é ciência⁶¹. Que ironia! Ou estaria Franz Anton Mesmer vingado? Aquela vingança que profetizou Stefan Zweig: “[...] [Mesmer] será julgado pelas épocas futuras, não sendo bastante todas as comissões e todos os governos do mundo para lhe tirar o mérito”⁶².

Mas, alguém logo dirá: Mesmer já foi vingado! E isso aconteceu há cerca de 100 anos atrás, quando o dr. Bernheim apresentou o trabalho de Liébeault em Nancy, e, no mesmo ano, Jean-Martin Charcot, o famoso neurologista da Salpêtrière, relatou suas experimentações relativas ao hipnotismo à *Académie des Sciences*, em Paris.

[...] Charcot leu sobre suas descobertas para a *Académie des Sciences* no início de 1882. Foi, nas palavras de Janet, a *tour de force* a aceitação do hipnotismo pela mesma *Académie* que no século anterior havia condenado-o por três vezes sob o nome de magnetismo⁶³.

⁶¹ Referência à reportagem de capa da revista **Isto É**, de julho de 2008, que tem como título *O triunfo da hipnose*. O artigo-dossiê é assinado por Cilene Pereira e Mônica Tarantino. “Primeiro foi a acupuntura. Agora, é a vez de a hipnose ser finalmente reconhecida e adotada pela medicina. O método começa a figurar entre o arsenal de recursos oferecidos por instituições de renome no mundo todo.” Cf. PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. *A medicina aprova a hipnose*. In: **Isto É**. São Paulo: Abril, julho/2008. Disponível em:

http://www.istoe.com.br/reportagens/11418_A+MEDICINA+APROVA+A+HIPNOSE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage. Acessado em: 27/03/2011.

⁶² ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud**. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930], p. 79.

⁶³ Livre tradução de: “[...] Charcot read his findings to the *Académie des Sciences* at the beginning of 1882. It was, Janet said, a *tour de force* to have hypnotism accepted by the same *Académie* that had condemned it three times within the past century under the name of magnetism.” ELLENBERGER, Henri F., **The**

Ainda que a hipnose tenha sido reconhecida como uma técnica de tratamento psíquico cerca de cem anos depois de Mesmer, ela permaneceu por mais cerca de cento e tantos anos incubada, observada com reservas, resguardada. O próprio Freud, na volta dos cem primeiros anos, logo deixou de dar esse nome à sua prática, ainda que tenha mantido aspectos hipnoterapêuticos em sua clínica. Lembro-me que as pessoas costumavam confundir hipnose com regressão, vidas passadas, viagem para outras dimensões, espiritismo... Dos últimos anos para cá, todavia, a magia da hipnose, seu obscurantismo, anda em decadência. Cada vez mais ela se afasta do veredicto iluminista da Comissão Real de Medicina, em Paris, e adentra os pórticos da ciência.

Esta entrada definitiva da hipnose pela porta da frente da medicina não ocorreu por acaso. *O movimento está sustentado por uma gama de estudos comprovando sua eficácia nas mais variadas enfermidades*⁶⁴.

Pois o princípio científico da prova deseja continuar inabalável em seu pedestal a fim de conduzir a hipnose para o seio da ciência. Hoje a alta tecnologia médica permite aos cientistas “ver” o cérebro em ação durante um evento desse tipo. A hipnose entrou para o campo da “certeza”, da imagem, da visão.

[...] A explicação mais plausível obtida até agora é a de que a hipnose provoca modificações profundas no funcionamento do cérebro, alterações essas *documentadas por exames de imagem precisos e sofisticados. Os achados derrubam por terra, de vez, a associação equivocada da técnica com algo místico, esotérico.* Não é nada disso. Hoje, o conceito médico de hipnose é claro: *trata-se de um estado alterado de consciência induzido por profissionais capacitados.* Nesse estado, há mudanças nos padrões das ondas cerebrais e várias estruturas do órgão são ativadas com maior intensidade, em especial as relacionadas à memória e às emoções⁶⁵.

Então, eis que a hipnose tornou-se científica, uma “ferramenta”, um “recurso” do médico para promover a cura ou o alívio dos males, cuja história é a seguinte, de acordo com as autoras:

discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry. USA: BasicBooks, 1970, p. 90.

⁶⁴ Segundo as autoras do artigo citado acima, a hipnose tem sido utilizada para tratar, além do câncer, uma porção de outros transtornos físicos e/ou sintomas: “[...] *a dor crônica, o transtorno do pânico, asma, tensão pré-menstrual, enxaqueca, analgesia em procedimentos dentários, alergias, problemas digestivos de fundo nervoso, fobias e insônia.*” PEREIRA; TARANTINO. **Op. cit.** (grifo meu)

⁶⁵ **Idem**, ibidem. (grifo meu)

[...] Um dos primeiros registros de sua utilização é na Antiguidade, pelos egípcios. No entanto, *o olhar mais científico só começou no século XVIII, com pesquisas feitas pelo médico austríaco Franz Mesmer*. No século seguinte, o inglês James Braid definiu o transe como um “estado de sono do sistema nervoso”. Por isso, cunhou o termo hipnose, que vem do grego *Hypnos*, o deus do sono. Posteriormente, porém, Braid se arrependeu da criação ao verificar que hipnose e sono são coisas diferentes. No século XX, o austríaco Sigmund Freud, o criador da psicanálise, usou o recurso no tratamento da histeria, mas o abandonou. O resgate da técnica só veio anos depois, na Primeira Guerra Mundial, como opção de analgesia durante cirurgias realizadas nos campos de batalha⁶⁶.

Mesmer está aqui vingado! Tem um olhar *mais científico*, é quase um cientista. Um cientista frustrado, um filho bastardo do Iluminismo. Seus biógrafos costumam enfatizar o amargor que ele viveu depois que sua prática de cura foi publicamente desmoralizada, desacreditada, desautorizada pelos membros da Comissão Real de Medicina de Paris, nomeada por Luís XVI no ano de 1784. Contudo, Zweig, Darnton, Ellenberger e Sloterdijk são unânimes em afirmar a paridade teórica de Mesmer com o “espírito de sua época”. Até mesmo o historiador Robert Darnton, que dos quatro biógrafos em questão é o mais irônico no que diz respeito à cientificidade de Mesmer, também não negou sua filiação ao Iluminismo:

[...] o mesmerismo ajustava-se ao interesse pela ciência e “alta ciência” durante a década que precedeu a Revolução, e não parecia contradizer o espírito do Iluminismo. Uma lista mesmerista da época, com os autores cujas obras “têm alguma analogia com o mesmerismo”, arrolava: “Locke, Bacon, Bayle, Leibniz, Hume, Newton, Descartes, La Mettrie, Bonnet, Diderot, Maupertuis, Robinet, Helvétius, Condillac, Rousseau, Buffon, Marat, Bertholon”⁶⁷.

Em **A cura pelo espírito**, Zweig apresentou Mesmer como uma espécie de precursor-profeta da psicanálise. Comparando-o a Cristóvão Colombo em seu pioneirismo, afirmou:

É verdade que, sem que o suspeitasse, tinha encontrado alguma coisa infinitamente melhor do que um novo caminho; como Colombo, *deu um novo continente à ciência*, com infindáveis arquipélagos e terras virgens, que tardaria muito tempo para ser explorado: a psicoterapia. Porque todos estes domínios hoje abertos à psiquiatria – a hipnose, a sugestão e a psicanálise, assim como o espiritismo e a telepatia – têm a sua sede na terra nova que descobriu aquele trágico solitário, que ignorava ter penetrado numa região da ciência muito mais vasta do que a medicina⁶⁸.

⁶⁶ **Idem.**

⁶⁷ DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 42.

⁶⁸ ZWEIG. **Op. cit.**, p. 25.

Publicado em 1930, o texto de Zweig é entusiasta do magnetismo animal. Mesmer figura como um ‘profeta inocente’, inconsciente da importância de sua profecia, um desbravador do espírito humano que “deu um novo continente à ciência”. Na perspectiva de Zweig, portanto, Mesmer teria promovido, com suas *séances* magnéticas, as primeiras sessões de psicoterapia na história da ciência psicológica. Sendo a psicanálise⁶⁹, a sugestão⁷⁰ e a hipnose⁷¹ bebedoras dessas águas magnetizadas do austríaco setecentista. Para terminar, afirmou Zweig, o continente descoberto por Mesmer é até ainda mais vasto que a própria medicina: o inconsciente.

De fato, não foram poucos os autores que, anos mais tarde, expressaram algum tipo de reconhecimento ao *insight* de Mesmer. Gerd Bornheim em **Aspectos filosóficos do Romantismo**, por exemplo, mencionou a influência de Mesmer, entre outros ensaístas, na “ciência dos românticos”, inspirada tanto em Goethe quanto “no desenvolvimento da ciência da época”:

“Não só Goethe, mas o próprio desenvolvimento da ciência da época influenciou profundamente os românticos. A descoberta do oxigênio, por Priestley, por exemplo, veio abrir todo um mundo de novas esperanças. O oxigênio, princípio de combustão por um lado e, por outro, essencial a toda vida, passou a ser considerado como sendo o elemento básico que permitiria a união do inorgânico com o orgânico. Mas muito mais importantes foram as descobertas de Galvani e Volta. Os membros mortos de uma rã, quando colocados em contato com um aparelho elétrico, reagem como se dotados de vida. E a imaginação romântica viu nisso uma espécie de vitalização do mundo morto. Pretendiam estender esta ideia a todo o reino inorgânico, graças às experimentações magnéticas, com Mesmer em voga na época. Estas ideias tiveram um aprofunda repercussão na Alemanha e foram desenvolvidas sobretudo por Ritter, cientista romântico⁷².”

Fiz, então, uma singela pesquisa no banco de dados da *Folha online* e descobri que entre os anos de 2001 e 2011 o jornal publicou 109 reportagens que levam a palavra **hipnose**.

Nesses dez anos, a hipnose parece ter saído do limbo no que diz respeito à sua inclusão no campo médico. Selecionando as notícias jornalísticas que relatam pesquisas científicas realizadas por médicos e psicanalistas sobre a hipnose, percebe-se que, ao menos no âmbito do discurso jornalístico, a hipnose científica está em ascensão. Contudo, também os

⁶⁹ Freud.

⁷⁰ Bernheim.

⁷¹ Puységur.

⁷² Ritter e Werner, segundo o autor, são dois cientistas românticos que iniciaram Novalis no galvanismo e na mineralogia, respectivamente. BORNHEIM, Gerd A. *Aspectos filosóficos do Romantismo*. In: **Cadernos do Rio Grande**. Porto Alegre: Secretaria da Educação e Cultural, 1956, p. 68.

malvados parecem lançar mão das técnicas de hipnose: charlatães, estupradores, espertalhões, criminosos inescrupulosos. Mitologias e pesquisas científicas se embaralham nessa história jornalística da hipnose. Outro dado interessante é a expressiva quantidade de novelas (cerca de quatro a cinco, em dez anos) que tematizam o assunto. Lembrei-me de Mozart e de sua ópera *Così Fan Tutte*, onde o magnetismo animal é assunto principal.

Atualmente talvez Mesmer não tivesse dificuldades em provar sua teoria, talvez ela nem seja muito surpreendente para o momento, quando cientistas de vários países produzem e analisam imagens do cérebro tentando provar que a experiência religiosa, por exemplo, acontece em um ponto específico do cérebro: o sistema límbico e o lobo temporal. Grosseiramente falando, as pesquisas tentam encontrar o lugar de Deus no cérebro, ou também o lugar da transcendência, da filosofia... Não seria exatamente o cérebro o órgão da filosofia? A razão moraria toda no cérebro? Seria possível filosofar com outra parte do corpo que não o cérebro? Mesmo que fosse possível filosofar com outras partes do corpo, não seria o cérebro indispensável? O cérebro, essa materialidade, só se apresentou ao homem recentemente⁷³.

Agora eles acham que podem dizer “com precisão” o que acontece quando as pessoas vivenciam sensações místicas. O que seria isso que eles chamam de sensações místicas? A terapia seria uma sensação mística, o esporte, o tricot? Como padronizar as sensações místicas das pessoas para que tal pesquisa tenha veracidade científica? Na época de Mesmer o cérebro era uma floresta completamente selvagem, perigosa e densa. Se deixou de ser, não sei, acredito que não, mas, acredita-se que haja muito mais “certezas” sobre seu funcionamento. O fluído de Mesmer concentrou-se todo no cérebro; junto dele, a razão.

⁷³ Ver reportagens da edição especial da revista **Mente e cérebro**: “Fé, o lugar da divindade no cérebro”. **Revista Mente e cérebro**, n. 1. São Paulo: Ediouro Duetto Editorial, [s/d].

2 A HISTÓRIA DE FERRAGUS NO BRASIL

A transmissão de um legado alquímico

Seu nome era Ferragus, e, até aquele dia, era quase só isso que eu sabia dele. Embora fosse meu vizinho há muitos anos, eu jamais havia ouvido sua voz. Por anos acreditei que ele era mudo, até que um dia o porteiro me contou que ele falava, falava pouco, mas falava. *Ele fala em outra língua, senhor, ele fala um pouco, é... em francês.*

Francês, então. Fiquei intrigado, mas não falei mais nada com o porteiro que, todavia, me incluiu no rol de seus ouvintes. Eu realmente não sabia se ele tinha o costume de contar contos fabulosos para outras pessoas ou se o caso era somente comigo. Como eu nunca tive o costume de comentar com os demais sobre minha intimidade, também nunca fiquei sabendo das relações do porteiro com os moradores dos outros apartamentos. A mim, parecia que o homem era honesto, apenas possuidor de uma imaginação fabulosa que beirava as raias da insanidade e que se configurava como a perfeita matéria prima para minha pesquisa sobre a hipnose. De qualquer forma, ele deve ter notado meu interesse por seus causos, pois passou a frequentar semanalmente minha porta. Vinha-me contar as mais fantásticas histórias envolvendo o velho francês. No início, relutei em estabelecer essa relação, não queria maiores contatos com esse senhor, mas ele insistiu e, como as histórias eram boas, acabei cedendo. Eu gostava de ouvi-lo, suas histórias interessavam-me tal como a Carlo Ginzburg interessou os argumentos do moleiro Menocchio: a sabedoria contida nas histórias de um homem rude.

Da primeira vez que veio ao meu apartamento, o porteiro trouxe um pequeno e amarelado pedaço de papel onde estavam escritas duas palavras: Joseph-Marie. *Olhe, senhor, o homem sabe o francês. Ele escreveu nesse papel o jeito que fala meu nome na língua dele. Olha aí, Jo-se-se-p...pi..-fi Ma-ri-e.* Imediatamente meu sangue ferveu, fiquei muito irritado com esse serviçal que já havia dado com a língua nos dentes, isso sim. Dissimulado, pensei, há três semanas me disse que não tinha contato com o velho, agora me aparece com um papel escrito por ele! Procurei disfarçar meu rancor para elaborar melhor minha estratégia em relação a esse senhor e calmamente perguntei-lhe como isso tinha acontecido, por que o velho tinha escrito o nome dele em francês? *Foi ele que perguntou meu nome, eu respondi, ele pediu minha caneta e escreveu Joseph-Marie.* Estranho. O porteiro garantiu que não havia falado nada a meu respeito à Ferragus, que na realidade ele não tinha

mesmo falado com Ferragus. *O nome no papel*, ele disse, *é apenas uma coincidência*. Aceitei a resposta como verdade e não duvidei mais.

Já estava a me despedir desse senhor indiscreto quando ele disse, baixando o tom de voz e exagerando na gravidade da fala, que tinha um segredo para me contar. Disse-lhe que não tinha muito tempo para conversas, que seria melhor ele voltar outra hora. Eu estava ansioso para me livrar daquela situação levemente constrangedora. Mas ele insistiu e fez sinal para que eu o deixasse entrar. Hesitei. Por fim, a curiosidade venceu a precaução e a pergunta: ‘o que quer esse homem?’ instigou-me mais do que o receio ou a ocupação. Ele entrou, desculpou-se pela insistência e, gaguejando, perguntou aflito: *senhor, é... é... possível que alguém que hoje tem oitenta anos tenha vivido na época do rei?* O quê, perguntei, e ele repetiu a questão ainda mais aflito e pálido. Fiz pedagogicamente as contas com ele e mostrei que não era possível. Se nós vivemos no ano de 2000, disse, e o rei foi destronado em 1889, faz exatamente cento e onze anos que ele foi embora do país, portanto, se essa pessoa tem por volta de oitenta anos, sr. José Maria, ela não pode ter vivido no tempo do rei. *Pois, senhor, foi o que eu pensei. Mas é que o Ferragus... Quem? O Ferragus, seu vizinho, o velho, pois não, senhor, se eu entendi bem, posso ter entendido mal, eu não sei o francês, ele parece que me disse que chegou ao Brasil em 1825. Mas, se isso for verdade, e olha que eu já fiz as contas, ele deveria ter pelo menos cento e cinquenta e cinco anos, não é? Mas não pode ser!* Respirei fundo e, até que tivesse alguma coisa para falar, fiquei a olhar seu semblante. Ele estava sério, não parecia estar fazendo troça de mim. Disse-lhe então que provavelmente ele tinha entendido errado, o homem devia estar falando de algum ancestral, algum parente mais velho que teria vindo para o Brasil em meados do século XIX. Definitivamente, não poderia ser esse Ferragus. Expliquei para ele que na França é comum as pessoas se tratarem pelo sobrenome, Ferragus, dessa feita, deveria ser um nome de família. Fique tranquilo, falei, você está apenas confuso. Esse Ferragus não fala em francês? Pois então, com certeza o senhor não entendeu o que ele lhe falou. Fique tranquilo.

Minhas palavras, no entanto, pareciam não surtir efeito. O homem continuava pálido, olhando para o vazio, perdido. De repente, levantou-se. Desculpou-se mais uma vez, disse que devia mesmo ter entendido errado e foi-se.

Em outra ocasião, ele chegou ainda mais afobado, assustado, com os olhos arregalados. Olhos que revelavam a imagem de um fantasma, como se o fantasma estivesse lá dentro dos olhos dele. *Ele morre e ressuscita. É isso, só pode ser! Senhor, Ferragus nasceu em 1735. Mas isso não pode ser, sr. José Maria, esse senhor não pode ter duzentos e quarenta e cinco anos! É, é, eu sei, mas é que ele vendeu a alma ao diabo, senhor! É por isso que ele*

vive tanto tempo. Escuta aqui, perguntei a ele, de onde você tira essas informações? É ele mesmo quem me conta, doutor, o Ferragus. Desde umas três semanas atrás, mais ou menos na época em que o senhor me perguntou sobre ele ser mudo, que toda segunda feira quando eu deixo o jornal na soleira de seu apartamento, ele abre a porta e me convida para conversar. Da primeira vez fiquei tão surpreso que aceitei sem pensar. Ele me levou para um café na cozinha. Ele sentou, eu continuei de pé, fiquei cabreiro, senhor, que homem estranho!

- Cheguei ao Brasil em 1825. Tentava fugir da dor, do vazio que Clémence, minha filha querida, havia deixado em mim após sua morte. Não, não era um bom momento para um embaixador de Portugal chegar ao Brasil. As relações políticas entre Portugal e sua grande colônia estavam rachadas. D. João VI, que mais de uma vez fora meu cúmplice nas trocas de identidade que tive de fazer⁷⁴, já há alguns anos havia retornado à sua terra natal, deixando em seu lugar seu filho Pedro, o príncipe herdeiro. Tempos depois o rapaz, esperto, ao invés de defender sua propriedade real, a colônia, resolveu dizer aos quatro cantos que estava proclamada a independência do Brasil, e assim consegui se unir mais a Portugal. Meu caro, serei sincero com você, nunca entendi esse absolutismo luso-carioca e preferi viver alheio aos problemas políticos e territoriais brasileiros. Nem quis saber de ter fazenda e escravos, preferia ficar na cidade e desenvolver meus negócios por ali mesmo. Hospedei-me na corte de D. Pedro I, no Paço Real, mas não fiquei muito tempo. A vida não andava nada boa para qualquer conde português que se aventurasse a andar pelas ruas do Rio de Janeiro com os trajes da nobreza parisiense do *Faubourg Saint-Germain*. Estava fora de contexto, eu estava fora de contexto querendo ser no Brasil o mesmo cavalheiro que eu figurava na França. Então, quis mudar minha identidade. E meus amigos me ajudaram.

José Maria calou-se, depois de recitar como um nobre as frases acima. Fantástico, pensei, é como Victor Race! Naquela época eu começava meus estudos sobre os fenômenos do hipnotismo e logo associei a figura do porteiro à de Victor Race, o camponês, paciente do marquês de Puységur, que quando magnetizado gesticulava como se fosse um nobre cavalheiro. Achei fascinante e empírico, em meu devir científico, aquele simples e inculto porteiro em transe hipnótico narrando as mais inacreditáveis aventuras e histórias impossíveis. José Maria calado, ficou paralisado por alguns minutos. Um tempo depois, meio

⁷⁴ Referência à troca de identidade de Ferragus de Gratien Bourignard (marinheiro condenado a vinte anos de trabalhos forçados que, por isso, vivia no submundo parisiense) para conde de Funcal (aristocrata português). Essa mudança teve apoio de D. João VI: “[...] — *Tudo foi previsto e tudo já está preparado. Dentro de alguns dias, Sua Majestade El-Rei Dom João VI de Portugal será meu cúmplice.*” BALZAC, Honoré de. **Ferragus**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: LP&M, 2006, p. 162.

sem jeito, olhou para mim e disse que estava se sentindo mal, pediu desculpas pelos seus modos e retirou-se.

Silêncio. Fiquei alguns minutos com meus pensamentos em silêncio, até que perguntei, ainda em silêncio: o que será que está acontecendo aqui? Sentia uma densidade diferente na atmosfera do lugar, mas não conseguia explicá-la. De qualquer forma, estava claro para mim que aquele homem acabara de me apresentar um sintoma de uma doença nervosa. Tinha passado por uma catarse terapêutica⁷⁵, ou para ir em direção à Mesmer, por uma crise⁷⁶. Fiquei relembando suas palavras, as entonações, seus gestos refinados, aristocráticos, a maneira de mexer as mãos. Lembrava-me de pouca coisa a respeito do conteúdo da história, as imagens de sua presença chamaram mais minha atenção do que suas palavras. Só tinha certeza de tê-lo ouvido falar que Ferragus fora contemporâneo a D. Pedro I.. Ele não parecia estar brincando, falava sério, como que por encantamento. Será que estava hipnotizado⁷⁷? Não, não pode ser. Quem o hipnotizaria? Ferragus? Não, acho que não, aquele homem deve estar tão velho que por certo nem abre mais os olhos.

Naquela noite, dediquei-me à história de Victor Race. Como eu disse, a história da hipnose já se encontrava em cima de minha mesa. A pesquisa estava adiantada, trechos de livros pré-selecionados, lista de filmes sobre o assunto. Especificamente sobre Race, havia dois ou três livros. O primeiro que li, do historiador canadense Henri Ellenberger, é intitulado **The Discovery of the Unconscious**. Uma ampla pesquisa sobre a “descoberta” do inconsciente que resultou em um texto de quase mil páginas, o livro é dividido em onze longos capítulos que contam a história da Psiquiatria Dinâmica, organizada da seguinte maneira: “[...] da cura primitiva ao magnetismo, do magnetismo ao hipnotismo, do hipnotismo à psicanálise e às novas escolas dinâmicas”⁷⁸. No capítulo dois – *The emergence of the Dynamic Psychiatry*, Ellenberger situou tal emergência do magnetismo no momento de encontro entre o padre exorcista Johann Joseph Gassner e o médico vienense Franz Anton Mesmer. Foi então que ele localizou a transição entre a “cura primitiva” e o “magnetismo” e afirmou que, apesar de Mesmer ter estado mais próximo dos mágicos antigos do que da moderna psiquiatria, “[...] sua doutrina continha as sementes de diversos princípios básicos da

⁷⁵ Charcot e o método catártico.

⁷⁶ Mesmer e a crise magnética.

⁷⁷ Puységur e o sonambulismo artificial (mais tarde, hipnose).

⁷⁸ Livre tradução de: “[...] *from primitive healing to magnetism, magnetism to hypnotism, hypnotism to psychoanalysis and the newer dynamic schools.*” ELLENBERGER, Henri F., *Introduction*. In: **The discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: BasicBooks, 1970, p. V.

psiquiatria moderna”⁷⁹. Para esse historiador, “[...] não há dúvidas de que o desenvolvimento da moderna psiquiatria dinâmica pode ser traçada a partir do magnetismo animal de Mesmer”⁸⁰.

Nesse mesmo capítulo, Ellenberger falou sobre os irmãos De Puységur, nobres que teriam aprendido diretamente com Mesmer as técnicas do magnetismo animal. Membros de uma ilustre família francesa, de tradição filantrópica, herdeiros de vastas propriedades de terras, os irmãos De Puységur destacaram-se tanto no campo militar quanto médico. O mais jovem, visconde, chamava-se Jacques Maxime de Chastenet de Puységur e protagonizou um acontecimento assaz particular. No campo de batalha, em Bayonne, um dos soldados teve uma crise de apoplexia. Imediatamente, na presença da tropa, o visconde o magnetizou e o curou. Dizem, diz Ellenberger, que depois desse episódio Jacques de Puységur foi transferido para a frente hospitalar de guerra e recebeu condecorações⁸¹. O segundo irmão, Antoine-Hyacinthe de Chastenet de Puységur, era conde. Aventureiro e conquistador, Antoine de Puységur foi um oficial da marinha. Esteve nas Ilhas Canárias, onde realizou pesquisas antropológicas com nativos Guanches, esteve também em Santo Domingo, onde introduziu o magnetismo animal⁸². Entretanto, foi o irmão mais velho, Armand-Marie-Jacques de Chastenet de Puységur que mais se destacou na prática do magnetismo. Marquês, oficial de artilharia, herdeiro de uma imensa propriedade, vivia boa parte do ano em seu castelo em Buzancy, próximo de Soissons, a nordeste de Paris. Era ali que empreendia suas fantásticas curas, foi lá que Victor Race entrou pela primeira vez em sonambulismo artificial.

Assim como outros aristocratas franceses da época, o marquês se interessava pelos fenômenos da física, especialmente no campo da eletricidade. Em um dos aposentos do seu castelo havia um rudimentar laboratório onde ele realizava experiências com imãs, garrafas de Leyden e outros aparatos recém inventados que começavam a se tornar fundamentais para qualquer cientista que se prezasse. Nesse espírito, Puységur se tornou um discípulo de Mesmer e aprendeu com ele as técnicas do magnetismo, passando a utilizá-las, sobretudo, no tratamento das doenças que acometiam os camponeses que trabalhavam em suas terras. Victor Race era um desses. Assim como os outros habitantes da vila de Buzancy e redondezas, ele se perfilava ao pé do velho olmo para ser coletivamente magnetizado.

⁷⁹ Livre tradução de: “[...] *his doctrine contained the seeds of several basic tenets of modern psychiatry.*” **Idem**, p. 69.

⁸⁰ Livre tradução de: “[...] *there is no doubt [...] that the development of modern psychiatric can be traced to Mesmer's animal magnetism [...].*” **Idem**, *ibidem*.

⁸¹ **Idem**, p. 70.

⁸² **Idem**, *ibidem*.



Gravura publicada por A. M. S. de Puységur em suas **Mémoires pour servir à l'histoire et à l'établissement du Magnétisme Animal**, 3 ed., de 1820⁸³.

Depois de investigar com cada paciente o motivo que o levava até ali, Puységur, o nobre no canto direito da imagem, ordenava-os a permanecerem sob o olmo, a enrolarem as cordas dependuradas nos galhos da árvore naquelas partes do corpo que mais doíam e, por fim, a darem-se as mãos, formando um círculo.

— “Chegou a hora” – gritou Puységur um tanto solene. — Meus senhores, fechem agora o círculo magnético! Estendam seus braços para a lateral, até que consigam tocar à sua direita e à sua esquerda, a mão de seu vizinho. Toquem ambas as mãos! Formem o círculo de modo tal que sua mão direita possa tocar a mão de seu vizinho por cima e que a mão esquerda toque por baixo da mão direita [...]. Mantenham as mãos firmemente unidas – mas não pressionem, apenas sintam o contato! Respirem profundamente e concentrem-se no toque das mãos e no contato da corda contra seu corpo! Agora irei friccionar a árvore com o imã. O *fluidum* se concentrará no tronco e penetrará nos senhores através das cordas. Respirem profundamente! Absorvam os dons do fluido. Deixem que a tensão aumente e permaneçam em sua energia!⁸⁴

A doença de Race era pulmonar, um leve problema respiratório. Ele era facilmente magnetizável e vinha apresentando melhoras quando, em um tal dia, as coisas aconteceram de modo diferente. Ao invés da típica crise magnética que fazia com que as pessoas tivessem uma convulsão, o jovem campônio entrou em um estado de sonambulismo,

⁸³ Cf. **Idem**, p. 2 (caderno de imagens).

⁸⁴ SLOTERDIJK, Peter. **A árvore mágica: o surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia**. Trad. Andrea J. H.; Fairman. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos; Casa-Maria Editorial, 1988, p. 232-3.

[...] caiu em um estranho tipo de sono no qual parecia estar mais acordado e consciente do que no seu estado normal de vigília. Ele falou em voz alta, respondeu questões e apresentou uma mente bem mais brilhante do que em sua condição normal. O marquês cantou de maneira inaudível e percebeu que o jovem podia cantar a mesma música em voz alta. Victor não tinha a mínima lembrança da crise uma vez que ela tinha passado⁸⁵.

Pensei no ‘caso José Maria’. De fato o porteiro pareceu-me mais “acordado” e “consciente” enquanto contava aquelas aventuras impossíveis de Ferragus, além de apresentar maior agilidade mental.

Mas, o que será que o velho francês teria contado a ele? Será mesmo que ele confundiu Ferragus com seus ancestrais? Eram perguntas que invadiam meu pensamento. Resolvi pesquisar outras referências e fui dar uma olhada no livro de Stefan Zweig, **A cura pelo espírito**. Aqui, o autor apresentou um tríptico de perfis, segundo expressão do jornalista Alberto Dines⁸⁶. Nesse tríptico foram dados os perfis de Mesmer, Mary Baker-Eddy e Freud. Entusiasta da psicanálise, Zweig via em Mesmer um grande homem, um gênio romântico e, como tal, alguém que tinha de protagonizar uma grande tragédia. Mesmer, porém, ficará para outra ocasião, agora darei continuidade à minha leitura a respeito de Race.

No capítulo intitulado *O mesmerismo sem Mesmer*, Zweig localizou os acontecimentos envolvendo Victor Race e o marquês. Ele, assim como Ellenberger, disse que naquele dia o rapaz tivera uma crise completamente atípica. Ao invés dos espasmos, o sono, o torpor. Repentinamente ele abriu os olhos e passou a obedecer as ordens do magnetizador, era como um sonâmbulo. Um sonâmbulo em pleno dia! “[...] Puységur estupefato, tentou interrogá-lo. E, pronto! o camponês respondeu, em meio de seu torpor, com absoluta coerência e clareza a todas as perguntas, servindo-se também de uma linguagem mais polida que de costume”⁸⁷. Pareceu-me quente a hipótese de que o porteiro fora hipnotizado pelo francês sem que tivesse consciência disso e tivera sua crise sonambúlica aqui na cozinha de minha casa. Mas, será que Ferragus sabia o que estava fazendo? Ou será que somente sua presença física fora suficiente para produzir a crise?

⁸⁵ Livre tradução de: “[...] *he fell into a strange kind of sleep in which he seemed to be more awake and aware than in his normal waking state. He spoke aloud, answered questions, and displayed a far brighter mind than in his normal condition. The Marquis, singing inaudibly to himself, noticed that the young man would sing the same song aloud. Victor had no memory of the crisis once it had passed.*” ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 71.

⁸⁶ DINES, Alberto. **Stefan Zweig: um pacifista como Freud**. Disponível em: http://tvbrasil.org.br/observatorioidaimprensa/sobre_dines/zweig.htm. Acessado em: 25/05/2011.

⁸⁷ ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud**. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930], p. 84.

Enfim, voltando a Zweig... ele manteve seu entusiasmo ao apresentar o grande passo dado por Puységur na história da psicanálise, da terapêutica da alma, da cura do espírito. Disse que foi como se...

[...] houvesse encontrado uma terceira dimensão, pois ao ficar provado, naquele ingênuo camponês de Buzancy, que no mundo espiritual do homem há entre o negro e o branco, entre o sono e a vigília, entre o raciocínio e o instinto, entre a vontade e a submissão, entre a consciência e a inconsciência, toda uma série de estados intermediários fugitivos, imprecisos, vacilantes – produziu-se uma primeira diferenciação naquela esfera a que chamamos alma⁸⁸.

A alma humana, esse labirinto. Mas eis que Puységur lançou a luz da razão humana no lado notívago da lua, ou como disse Zweig: “[...] o campo de observação se dilatou além da noite”⁸⁹. A alma humana, esse labirinto. Lembrei-me de Novalis e de seu **Enrique de Ofterdingen**. Eis Puységur em busca de uma flor azul nas profundezas da caverna que é a alma humana, da região subterrânea que nos habita, eis-me procurando aquilo que os românticos alemães chamaram de “inconsciente”⁹⁰.

Também vi que o historiador da França, o norte-americano Robert Darnton, aquele que trabalha com história da leitura, literatura sediciosa, listas de livros etc, falou de Armand-Marie de Puységur em seu livro **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. No primeiro capítulo, *Mesmerismo e ciência popular*, o historiador apresentou sua leitura sobre o que ele chamou de “movimento mesmerista”⁹¹. O foco da pesquisa de Darnton, portanto, não foi propriamente a prática de cura de Mesmer, conhecida como magnetismo animal, mas sim o “movimento mesmerista”, a maneira como se costumou fazer referência à prática de seus discípulos na França, especialmente em Paris, onde muitos deles se tornaram conhecidos personagens da revolução: Marat, o amigo do povo, Bergasse, o

⁸⁸ **Idem**, p. 85.

⁸⁹ **Idem**, *ibidem*.

⁹⁰ Cf. BORNHEIM, Gerd A. *Aspectos filosóficos do Romantismo*. In: **Cadernos do Rio Grande**. Porto Alegre: Secretaria da Educação e Cultura, 1956, p. 28.

⁹¹ Há divergências entre os teóricos na maneira de nomear a teoria de Mesmer. O leitor logo perceberá que Darnton usa o termo *mesmerismo* para fazer referência tanto às práticas terapêuticas inspiradas em Mesmer, feitas por seus discípulos, quanto às do próprio mestre. Ellenberger, Sloterdijk e Zweig, porém, diferenciam tais práticas. Seguindo as orientações de Mesmer, eles chamam de *magnetismo animal* a prática original, e de *mesmerismo*, a prática dos discípulos, especialmente os parisienses. Zweig, entusiasta da causa magnética, diz: “[...] Desde 1785 o “magnetismo animal” foi sobrepujado e sufocado pelo mesmerismo, seu bastardo brutal.” Cf. ZWEIG. **Op. cit.**, p. 91.

parlamentar burguês, Kornmann, um enriquecido banqueiro de Estrasburgo que patrocinou a revolução, Carra, o “futuro líder girondino”⁹².

Apenas no segundo capítulo, intitulado *O movimento mesmerista*, Darnton falou do marquês. O historiador, por sua vez, parece não ter certeza de qual dos irmãos foi o responsável pela hipnose de Race. Ele optou, então, por narrar a prática como uma realização coletiva dos irmãos De Puységur:

Ainda mais espetacular foi a descoberta ou redescoberta da hipnose induzida pelos irmãos Chastenet de Puységur. Eles descobriram que um pastorzinho que estavam mesmerizando em sua propriedade em Buzancy caía num sono estranho, levantava-se, andava e conversava segundo suas ordens [...]. No outono de 1784, o *marquis* de Puységur estava mesmerizando numa enorme escala com o entusiástico apoio dos funcionários locais de Buzancy e a narrativa das suas proezas circulava por todo o país, junto com notícias de curas realizadas por mesmerização direta⁹³.

Quando me dei conta, o dia estava amanhecendo. Não sei se dormi muito tempo sobre os livros, o caso é que sonhei. Sonhei que participava de uma festa no palácio de Ferrara, não lembro bem ao certo se eu era convidado ou o anfitrião, mas comigo havia sete belas mulheres além do príncipe da Casa de Este⁹⁴. Nós bebíamos dos melhores vinhos e saboreávamos os melhores pratos da cozinha italiana quando, de repente,

[...] um velho criado de cabelos brancos, que tremia ao andar, com as sobrancelhas contraídas; entrou com um ar triste, emurchecendo com o olhar as coroas, as taças de prata dourada, as pirâmides de frutos, o brilho da festa, a púrpura dos rostos espantados e as cores das almofadas amassadas pelo braço branco das mulheres; enfim, cobriu de crepes aquela folia pronunciando estas palavras sombrias com uma voz cava: — Senhor, o seu pai está a morrer⁹⁵.

Esse mesmo homem conduziu-me por um longo corredor iluminado apenas pela luz da vela que ele carregava. Conforme andávamos, as sombras na parede ganhavam vida e pareciam nos acompanhar tal como espíritos da noite. O quarto onde estava o leito de morte de meu pai ficava no final desse corredor, de onde vinha um cheiro forte de morte misturado a incenso. A luz do ambiente era produzida por duas tochas colocadas na parede de

⁹² DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 32.

⁹³ **Idem**, p. 57.

⁹⁴ O sonho do narrador é uma mimesis narrativa do conto *O elixir da longa vida*, de Honoré de Balzac. Cf. BALZAC, Honoré de. **O elixir da longa vida e outros contos fantásticos**. 2 ed. Trad. Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1973.

⁹⁵ **Idem**, p. 18.

frente da cama, de forma que ao chegar à sala mortuária, pareceu-me que as sombras se multiplicaram ao meu redor. Senti-me como aquele homem que vivia na caverna de Platão sem conhecer o mundo lá fora. E eis que um raio de luz correu sobre a cama e eu consegui enxergar a face de meu pai. O rosto que vi era o de Ferragus. Ele falou comigo. Percebi que estava a me pedir alguma coisa, mas eu não conseguia entender. Sua voz era fraca, distante, ele falava palavras francesas. Por fim, ele apontou para uma gaveta em sua mesa de forma gótica e falou, não sei em que língua. O fato é que ele falou e eu consegui entender, pois abri a gaveta e de lá tirei um frasquinho de cristal de rocha contendo um líquido branco⁹⁶. Ao olhar para o vidro, uma luz forte e branca cegou meus olhos. Quando os abri, raios de sol batiam em meu rosto. O sol já estava alto.

Passada exatamente uma semana, José Maria voltou à minha casa. *Senhor, ele me chamou novamente para um café e eu não consegui negar. Foi estranho. Eu não queria ir, mas parecia que alguma coisa me empurrava para dentro da casa.* Percebi que o homem estava com medo de ser visto no corredor, pois olhava insistentemente para os lados. Convidei-o para entrar. Chegando à cozinha, ele trocou uma ou duas palavras comigo até que olhou fixamente para o canto direito da porta, um olhar perdido, vazio. Seus braços ficaram frouxos e suas pernas bambearam. Subitamente, porém, ele adotou uma posição firme e, tal como um nobre, cumprimentou-me.

- Cavaleiro, tornei-me um médico. Meus amigos conseguiram um diploma da Universidade de Montpellier e passei a assinar como Alexandre Bousquet, ligando-me aristocraticamente aos ministérios da Guerra e da Marinha brasileira. Depois de ter sido médico a serviço do Brasil na Guerra do Paraguai, consegui minha naturalização e continuei meus serviços no município de Paranaguá, no estado do Paraná. Meu espírito filantrópico foi insuflado nesse período e fiquei até conhecido como “médico dos pobres”, isso por conta de uma epidemia de varíola em que atendi gratuitamente muitas pessoas que não podiam pagar pelas consultas nem mesmo pelos preparados, elixires, panaceias e tônicos que eu experimentava e, é lógico, neles testava⁹⁷. Obviamente, nem sempre eu acertava, mas na minha maneira de ver as coisas, isso era parte do negócio.

Pude adquirir e manter esse status de médico no Brasil graças ao apoio do governo Imperial, que naquela época ainda exercia seu poder moderador. Os médicos membros da Junta Central de Higiene Pública, tal como aquele barão francês *monsieur* de

⁹⁶ **Idem**, p. 22.

⁹⁷ Sobre o médico francês Alexandre Bousquet, ver o texto de Gabriela SAMPAIO. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas: Unicamp, 2001, p. 115-121.

Maulincour⁹⁸, não conseguiram perceber que a busca pela minha identidade seria inútil e que, além disso, lhes causaria sérios problemas. Além do mais, minha sorte foi que isso tudo aconteceu antes da década de 1880, pois dali para frente D. Pedrinho praticamente não moderava mais, os higienistas se transformaram nas maiores autoridades do país para decidir sobre questões desse tipo.

No novo regulamento, bem mais “curto e grosso” ao tratar dos *médicos estrangeiros*, ficava bem claro que só quem tivesse sido aprovado pela Junta poderia exercer a medicina no Império. Dessa maneira, as exceções que tanto apareciam, ora constituídas por médicos que tinham prestado serviços ao exército, ora por doutores que tinham autorizações de agentes diplomáticos ou de outras pessoas influentes, não atrapalhariam mais o órgão da Higiene em suas prescrições. Sem a autorização dos higienistas, não seria permitido a quem quer que fosse o exercício da medicina no país, ainda que algum presidente de província, ou mesmo algum importante ministro, pensasse de outro modo⁹⁹.

No fundo os higienistas, que foi como esses médicos ficaram conhecidos, tinham uma grande dor de cotovelo daqueles que eles chamavam de “charlatães”, que eram todos os outros que exerciam a arte da cura sem o registro na Junta de Higiene. Esses podiam ser tanto médicos estrangeiros, curandeiros, homeopatas, boticários, líderes religiosos ou macumbeiros. Eu tinha o diploma de Montpellier, mas na prática era boticário. Meus opositores passaram a me chamar de curandeiro. Eu era um médico popular. Eu era tantos e nenhum.

Pois bem, o que definiu a escolha dessa pele que eu vesti foram os interesses e a influência de alguns importantes homens ligados aos Devoradores¹⁰⁰. Eles queriam aproveitar minha presença no Brasil e saber, por meio de minhas pesquisas, as propriedades medicinais de plantas da flora brasileira. Assim como os demais práticos da medicina censurados pelos agentes da Higiene, fui incluído no rol dos charlatães.

Mas, cavalheiro, eu lhe direi por que os médicos da Junta tinham tamanha dor de cotovelo. É que a população em geral confiava mais em qualquer um desses tais

⁹⁸ Referência a personagem do romance já citado de Balzac.

⁹⁹ *Idem*, p. 120. (grifo meu)

¹⁰⁰ O Treze Devoradores é o nome da sociedade secreta protagonista da trilogia *História dos Treze*, de Balzac, composta pelos romances *Ferragus*, *A duquesa de Langeais* e *A menina dos olhos de ouro*. “[...] *Os Treze Devoradores*, espécie de seita composta por treze amigos, cujo objetivo é todos ajudarem-se mutuamente – e secretamente –, colocando a amizade acima de qualquer preceito moral e até mesmo da lei. Esse tipo de “sociedade”, quase um ideal romântico, ocupava o imaginário do público parisiense de meados do século XIX, e as histórias envolvendo seitas secretas tinham enorme sucesso na época.” MACHADO, Ivan Pinheiro. *Introdução: crimes e intrigas numa Paris assolada por tragédias e paixões*. In: BALZAC. *Op. cit.*, 2006, p. 11.

charlatões do que nos médicos regulamentados¹⁰¹. Especialmente porque os tais charlatões eram a fim de conhecer as práticas populares de cura, apreender a sabedoria tradicional sobre o manejo das ervas. Diferentemente dos higienistas, eles não queriam extirpar o conhecimento popular de cura com a pecha de que era atrasado e impróprio para o desenvolvimento social do Brasil. As práticas desses charlatões não promoviam o expurgo da cultura tradicional!

As acusações que os ‘falsos médicos’ costumavam receber era a de serem “ignóbeis charlatões”, “desconhecidos do mundo científico”¹⁰². Mas eu vou lhe explicar uma coisa, um nobre, meu senhor, não tinha na medicina sua profissão, ele não necessitava gastar as horas do seu dia no trabalho alienado, tal como depois explicou o senhor Karl Marx. Seu dinheiro, suas posses já estavam garantidos antes mesmo de nascer. Para ele, a medicina era arte. E geralmente filantropia. Um nobre, meu senhor, digo novamente para que fique bem claro, não precisava de trabalho, ele tinha quem trabalhasse para e por ele. A medicina não era, para ele, uma prática de subsistência. O filantropo não pagava as contas com o dinheiro dos pacientes, dessa gente nauseabunda, moribunda, maltrapilha. Ora, mas assim como o médico formado em universidade, o filantropo precisava do trato com os pacientes para poder experimentar suas hipóteses, seus preparados. Os higienistas, no entanto, não pensavam assim. Muito engraçados esses burgueses! Menos de um século e eles eram empregados da libère, agora, queriam impor aos nobres sua licença e seu modo de praticar a medicina!

Claro, o senhor pode imaginar o sucesso que nós, os curandeiros, fazíamos com essa gente pobre¹⁰³. Nossas clínicas ficavam repletas de cegos, anêmicos, escrofulosos, surdos, hidrópicos, e alguns outros enfermos. Mas, eram raras as vezes que podiam pagar. Vinham mulheres, a maioria de nossos pacientes eram mulheres. Elas vinham aos bandos, traziam os filhos, os animais domésticos, pediam remédios. Nós buscávamos a cura ou pelo menos a melhora de nossos pacientes. Não agíamos impulsivamente, tal como sugerem os relatos de alguns enfermos maravilhados, mas não baseávamos nossas práticas em rituais assépticos, tal como gostariam os higienistas.

¹⁰¹ Cf. SAMPAIO. **Op. cit.**, p. 128-9; CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 136.

¹⁰² SAMPAIO. **Op. cit.**, p. 131.

¹⁰³ Diz Stefan Zweig: “*O povo prefere, em vez do técnico possuidor da ciência das moléstias, o “homem que cura”, o que tem “poder” sobre a doença. Não importa que há anos a bruxaria e o demonismo se tenham volatilizado e transformado em luz elétrica; a fé nestes homens maravilhosos e feiticeiros tem permanecido mais viva do que parece e do que não nos atrevemos a confessar publicamente. [...] O herbanário, o pastor, o exorcista e o hipnotizador, precisamente por não exercerem suas práticas de cura como ciência e sim como arte, e mais ainda, como uma arte de nigromancia, despertam nas aldeias maior confiança do que o médico com diploma de facultativo.*” ZWEIG, **Op. cit.**, p. XI.

Vou lhe contar uma história que servirá de exemplo da transformação que ocorreu nessa época nas redes de poder que envolviam o campo da medicina. O fato se deu na província de Pernambuco em fins do século XIX. Naquela época, havia dois médicos espanhóis que atuavam em Recife sem a autorização da Junta de Higiene. Eram eles Dominguez e Mascoró¹⁰⁴. Doutores em medicina de um tempo em que não existiam diplomas, de um tempo em que se exercia a arte quem tinha condições para tanto, quem tinha uma propriedade, uma pensão vitalícia do rei, um cargo hereditário. Esses estrangeiros, contudo, demoraram a perceber que no Brasil o nobre espanhol, francês ou português não poderia mais viver naquele tempo; no Brasil, na América em geral, o status político do nobre jamais possibilitou que ele exercesse ali tanto poder como lhe conferia as sociedades monárquicas. Mas, os espanhóis, diferente de mim, não tinham diplomas para apresentar. Eles adiaram o problema até o último momento, quando receberam uma intimação policial que determinava o fim das atividades até que se cumprisse o estabelecido, ou seja, que eles apresentassem o diploma. Naquele dia, como de costume, apareceram centenas de pessoas para ser tratadas por eles. Os médicos contaram sobre o impedimento higienista/policial e disseram que, portanto, não iriam atender. As pessoas ficaram desamparadas. Uns olhavam para os lados, aflitos, outros, gesticulavam de indignação, houve uma série de manifestações de apoio aos médicos, especialmente porque o alívio das dores urgia. *Não, não podemos atender*, disseram-lhes, *mas os senhores podem fazer um pedido formal ao presidente da província ressaltando a necessidade do nosso atendimento. Vocês podem, inclusive, explicar o porquê da preferência em ser atendidos por nós que pelos médicos da Junta*. Os enfermos, formando uma “procissão originalíssima”, seguiram para a sede pública, onde encontrariam o presidente da província. E aconteceu algo inacreditável: o presidente apoiou os enfermos e permitiu que os espanhóis trabalhassem mais três meses sem a apresentação dos comprovantes. Os higienistas recifenses ficaram indignados, sentiram-se literalmente deslegitimados e fizeram uma denúncia ao Ministério do Império, que pediu explicações ao presidente. Este, por sua vez, respondeu o seguinte:

¹⁰⁴ Sobre a história dos médicos espanhóis Dominguez e Mascoró, ver: SAMPAIO. **Op. cit.**, p. 128-135.

[...] vieram em número superior a 500 pessoas, em maior número desvalidas, trazer-me a inclusa petição, a qual sujeito à apreciação de V. E., cumprindo-me cientificar-lhe que permiti aos mencionados médicos continuar a tratar os doentes que tinham sido nestes dias operados, cedendo aos rogos verbais deles que descreviam o estado em que estiveram e a melhora que têm obtido, e no intuito de evitar, nas circunstâncias atuais, os inconvenientes de uma proibição absoluta, mantendo porém a intimação quantos a novos doentes. Rogo a V. E. que se digne resolver esta questão com presteza, porquanto há desgosto em grande parte da população por se verem privados dos serviços destes médicos, que a ajuizar-se pelo que geralmente corre, têm feito curas surpreendentes, principalmente em *moléstias dos olhos*¹⁰⁵.

De súbito, o porteiro calou-se e caiu no chão, desmaiado. Corri para socorrê-lo, mais ele demorou a acordar. Como da outra vez, ao abrir os olhos, sentiu-se confuso, não se lembrava do que havia acontecido, nem de ter entrado em minha casa. Pediu desculpas e foi-se. Fiquei a pensar no caso. Novamente ele agira como Victor Race: olhar perdido, agilidade mental, vocabulário elaborado, amnésia pós-hipnótica. Ferragus o hipnotizava e o mandava para minha casa. Seria isso? Mas, por quê? E aquele sonho da semana passada continuava martelando em minha cabeça: Ferragus em lugar de meu pai a apontar-me um frasco de cristal de rocha. Quantas coisas estranhas acontecendo, rondando meus pensamentos a noite toda. Percebi que a história de José Maria sobre Ferragus havia tomado de assalto meus pensamentos. Desde há uma semana, ou melhor, desde que soubera que ele era um velho francês, Ferragus tinha invadido minha vida. O porteiro tinha invadido minha vida. Cheguei até a avistar Ferragus um dia no corredor de entrada, e olha que isso raramente acontecia.

Mas o que mais me inquietou na sessão hipnótica daquele dia fora a história de Joseph-Marie. Fiquei a pensar nos casos de Alexandre Bousquet e dos médicos espanhóis, Dominguez e Mascoró. Na minha mania pesquisadora, fui ver se a narrativa de José Maria tinha algum fundamento histórico. Para minha grande surpresa, encontrei não só documentos concordantes sobre a história da medicina no Brasil, quanto sobre a trajetória dos dois médicos espanhóis. Até aí, tudo bem. Apenas comecei a ficar em dúvida se as histórias do porteiro eram mesmo fruto de sua imaginação, pois as informações que ele relatara eram muito precisas. Mas, se não eram fruto de sua imaginação, como é que ele tinha conhecimento delas? A dúvida ficou maior e mais incômoda quando encontrei referências históricas ao próprio Alexandre de Bousquet¹⁰⁶, o médico francês que se tornou Ferragus. Pensei em descer

¹⁰⁵ **Idem**, p. 132. (grifo meu)

¹⁰⁶ No sítio virtual *Museu maçônico paranaense* há uma página dedicada ao médico Alexandre Bousquet onde se encontra a informação de que ele foi o delegado do Grande Oriente dos Beneditinos de julho de 1867 até dezembro de 1872. Diz ainda: “[...] *biografia da personalidade de um dos fundadores da Loja*

à portaria naquele exato momento e fazer algumas perguntas ao José Maria, mas percebi a tempo que isso seria um grave erro. Resolvi esperar até o dia seguinte, quando eu poderia convidá-lo para tomar um café comigo no momento em que ele colocasse o jornal em minha soleira.

Todas essas coincidências me deixaram perplexo. Lendo o texto de Gabriela Sampaio, lembrei-me da discussão feita pelo filósofo francês Michel Foucault no curso **O poder psiquiátrico**, ministrado no Collège de France nos anos de 1973 e 1974¹⁰⁷. Se na **História da loucura** Foucault teve como tema a loucura, nesse curso, que é posterior, ele procurou historicizar as práticas psiquiátricas e seus jogos de força. O foco de sua análise recaiu sobre as relações de poder que percorriam os espaços psiquiátricos, o poder em exercício que circulava nos corredores do asilo envolvendo médicos, vigilantes, serventes e doentes, colocando em conflito as diversas formas de apreensão do mundo e agindo sobre os corpos. Em linhas gerais, Foucault começou as aulas apresentando relatórios, comentários e anotações de médicos franceses do início do século XIX, como François Emmanuel Fodéré, Philippe Pinel e Jean Étienne Dominique Esquirol. Esses textos possibilitam ao leitor visualizar a maneira como essas práticas discursivas médicas configuraram uma imagem do louco e da loucura. Exemplo: eis, segundo Foucault, a definição de Pinel sobre a terapêutica psiquiátrica, uma definição altamente moral e quase nada científica:

[...] A terapêutica da loucura é “a arte de subjugar e de domar, por assim dizer, o alienado, pondo-o na estreita dependência de um homem que, por suas qualidades físicas e morais, seja capaz de exercer sobre ele um império irresistível e de mudar a corrente viciosa das suas ideias”¹⁰⁸

A esse começo da história da psiquiatria Foucault chamou de “protopsiquiatria”, pois apesar de ela estar se estabelecendo paralelamente à medicina clínica, não se valeu dos mesmos procedimentos científicos que a fundamentavam: a experiência, a

Perseverança, o ilustre filho da França, notável cientista e médico humanitário que tantos serviços prestou com sua dedicação à humanidade, passando maior período de suas consultas a servir gratuitamente aos desvalidos da sorte. Consta das crônicas em jornais da época de sua ação em Paranaguá, assegurando cura de diversas moléstias e só recebendo pagamento de seus trabalhos profissionais, se na verdade ficassem curados seus doentes. Atestados de gratidão por curas extraordinárias, surgem em grande número nos órgãos de publicidade daquela época. O Grande médico visitava todos os doentes que o procuravam, até os mais afastados dos meios de fácil transporte e não havia movimento filantrópico em seu tempo do qual não lhe coubesse a chefia.” Disponível em:

http://www.museumaconicoparanaense.com/mmpraiz/autoridades_pr/deleg_867_alexandre_bousquet.htm.

Acessado em: 02/07/2011.

¹⁰⁷ FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)**. Edição estabelecida por Jacques Lagrange. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

¹⁰⁸ **Idem**, p. 11-2.

observação, o diagnóstico e o processo terapêutico. Nesse momento era o poder do médico, seu poder moral, que imperava sobre o “louco”.

Mas o que mais chamou minha atenção no texto do filósofo foi o relato do caso do monarca inglês Jorge III que, acometido por uma série de crises de insanidade, se tornou refém das práticas discursivas psiquiátricas e se viu dominado por um tipo de poder anônimo e disciplinar que o destituiu de sua soberania¹⁰⁹. Foucault utilizou esse caso para deixar visualizar uma ruptura nas relações de força nas sociedades europeias entre os séculos XVII, XVIII e XIX. Para mostrar essa transição do predomínio do poder soberano para o poder disciplinar no âmbito da psiquiatria, o filósofo relacionou as principais características de cada um desses modelos de poder, estabeleceu os períodos históricos marcados pela predominância de um ou do outro, explicitou seus mecanismos de funcionamento.

Dando um passo de volta a fim de mapear o surgimento do que ele chamou de poder disciplinar, Foucault contou a história do tratamento empreendido por Willis, o médico responsável pelo caso de Jorge III, e relatado por Pinel. Um tratamento que destituiu simbólica e materialmente o poder soberano do rei, o caso se deu em 1788 quando Jorge III, rei da Inglaterra, enlouqueceu. O médico então o separou da família, colocou-o em um castelo vazio, em um quarto cujas paredes eram recobertas com colchão, apenas colchões, colchões em todas as paredes e no chão. Somente. Não havia mais coroa nem cetro, “[...] e o médico, que é de certo modo o operador dessa descoroação, dessa dessagração, lhe declarou explicitamente que “ele não era mais soberano”¹¹⁰. O poder real é aqui impotente, foi despotencializado, foi aprisionado pelo poder disciplinar do médico. Jorge III tornou-se refém da ordem médica. Diz Foucault:

[...] Na verdade, a loucura do rei Jorge III, ao contrário da do rei Lear, que o fazia errar pelo mundo, fixa-o num ponto preciso e, sobretudo, o faz cair sob um poder que não é um outro poder soberano; ela o faz cair sob um poder que é de um tipo totalmente diferente do da soberania e que, creio, se opõe a ela termo a termo. É um poder anônimo, sem nome, sem rosto, é um poder que é repartido entre diferentes pessoas; é um poder, sobretudo, que se manifesta pela implacabilidade de um regulamento [...]¹¹¹.

Eis, para Foucault, as características do poder disciplinar: anonimato, impessoalidade, funcionamento em rede. Características que pareceram-me muito próximas àquelas defendidas e desenvolvidas pelos higienistas brasileiros de fins do século XIX e início

¹⁰⁹ **Idem**, p. 26.

¹¹⁰ **Idem**, p. 27.

¹¹¹ **Idem**, *ibidem*.

do XX. Deixei então o texto foucaultiano em cima de minha mesa e retirei-me para meu quarto de dormir. O relógio marcava cinco horas da manhã. Estava fisicamente cansado, mas minha mente não parava de pensar em José Maria e Ferragus.

No dia seguinte, antes de retornar ao texto de Foucault, sai de casa e fui à biblioteca da universidade ver se encontrava mais alguma coisa sobre a história da medicina no Brasil. A pesquisa me rendeu vários títulos, no entanto, resolvi escolher apenas um, **Cidade Febril**, do historiador brasileiro Sidney Chalhoub.

Nesse livro são narradas epidemias que foram recorrentes nas grandes cidades brasileiras da época do Império, como as de febre amarela, varíola e cólera. O historiador procurou nas fontes do Estado brasileiro, na literatura da época, no trabalho de outros historiadores os elementos que lhe possibilitassem explicar por que a revolta da população negra carioca (e de simpatizantes) contra a vacina ocorrera apenas em 1904 e não antes, já que a obrigatoriedade do procedimento existia, no Brasil, desde cerca de um século. Para tanto, Chalhoub buscou nos documentos do século XIX tais indícios. Em determinado momento do texto, inclusive, ele disse que um dos objetivos do trabalho foi o de estudar o serviço de vacinação antivariólica no Brasil a fim de “[...] compreender as tensões sociais e políticas que resultaram na eclosão dos conflitos de 1904”¹¹². Relatórios da Junta Central de Higiene, atas de reuniões da Câmara Municipal da Corte, relatórios do Instituto Vacínico, documentos do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, textos de escritores da época, como João do Rio, Machado de Assis e Lima Barreto e textos de historiadores contemporâneos foram algumas de suas fontes de pesquisa. Mas Chalhoub foi ainda mais longe em seu argumento e defendeu a perspectiva de que a Revolta da Vacina foi uma reação de parte considerável da população carioca, especialmente dos filhos de Omolu, o orixá da varíola, contra as práticas médicas realizadas para a contenção e prevenção da doença¹¹³. Para dar sustentação a essa história, ele procurou mostrar que as medidas higienistas adotadas pelos médicos da Junta de Higiene – a vacina é um exemplo – contrariavam os procedimentos populares de cura relacionados ao poder de Omolu. Para os fiéis do orixá, se Omolu mandou a doença, só ele poderia tirá-la. A vacina, portanto, era uma afronta ao poder sobrenatural dessa entidade espiritual que, além do mais, poderia ficar irada com essa situação e devolver castigos em dobro para os membros da comunidade.

Chalhoub, assim como Ferragus e Gabriela Sampaio, falou sobre a desconfiança da população em relação aos médicos autorizados e seus tratamentos. Essa falta

¹¹² CHALHOUB. *Op. cit.*, p. 101.

¹¹³ *Idem*, p. 134-151.

de confiança chegou a tal ponto que correu entre as pessoas um boato de que os médicos, com suas vacinas, estavam disseminando a doença nos bairros pobres a fim de exterminar a população que ali morava. O historiador ressaltou, no tópico intitulado *Febre amarela e teorias médicas na década de 1850*, que também os higienistas desconheciam o funcionamento e a transmissão de muitas dessas doenças epidêmicas, como a febre amarela, que confundia os doutores, fazendo-os acreditar que a transmissão era feita por via aérea. Assim, o mais fugaz contato com uma pessoa contaminada, eles pensavam, poderia provocar o adoecimento. Era costume dos higienistas, em vista disso, deixar os doentes isolados e receitar dietas especiais. Eles não supunham, porém, que o vetor da doença era o mosquito. E sobre isso escreveu Chalhoub:

[...] hoje é lúdico acompanhar homens sisudos do período exigindo das autoridades que as ruas fossem regadas para evitar que partículas venenosas subissem à atmosfera, ou observando ansiosamente o céu à espera de trovoadas que pudessem restaurar o equilíbrio da natureza, ou mesmo golpear fatalmente os minúsculos e misteriosos inimigos¹¹⁴.

Naquela noite, como de costume, passei a madrugada trabalhando em minha pesquisa. A certa altura, lembrei-me já ter lido uma crônica de autoria de Machado de Assis, se não me falha a memória, escrita pelos idos de 1890. Esse texto fala da época em que os curandeiros eram tolerados na cidade do Rio de Janeiro e também em muitas outras regiões do país. Nostálgico, o autor comenta sobre a possibilidade que esses práticos tinham, em um passado que lhe era recente, de divulgar livremente seu trabalho em anúncios de jornais¹¹⁵. Resolvi procurar essa crônica em minhas papeladas. Quando me levantei para pegar a caixa de texto de história do Brasil, ouvi gritos vindos da rua. Fui até a sacada e vi um grupo de cerca de cinco pessoas ocupadas em recolher o cadáver de um transeunte que acabara de ser atropelado bem em frente ao edifício. Vi que uma mulher chorava desesperadamente. A primeira coisa que pensei foi que provavelmente ela teria sido a causa da morte. Não sei por que pensei isso, eu mesmo estranhei, talvez fosse porque os gritos eram tão doídos que senti neles um tom de culpa. Reconheci, entre as pessoas que socorriam o casal, uma moradora do meu prédio. Pensei em descer para oferecer minha ajuda, mas resolvi não me envolver no assunto. Continuará minhas pesquisas. Pensei que o porteiro saberia encaminhar a questão

¹¹⁴ **Idem**, p. 69.

¹¹⁵ Essa crônica foi publicada por Sidney Chalhoub no livro acima citado. Segundo o historiador, a autoria do texto é duvidosa, porém, costuma-se atribuí-la a Machado de Assis. A crônica apareceu ao público no dia 14 de junho de 1889. **Idem**, p. 164-166.

bem melhor que eu e que, se precisasse de minha ajuda, ao ver a luz de minha casa acesa, viria me pedir.

O texto que eu procurava, encontrei facilmente. Era um xerox tosco, sem citação nem nada, de uma crônica jornalista antiga que dizia o seguinte:

Curandeiros [...]. Há agora uma verdadeira perseguição deles. Imprensa, política, particulares, todos parecem haver jurado a exterminação dessa classe interessante. O que lhes vale ainda um pouco é não terem perdido o governo da multidão. Escondem-se; vão por noite negra e vias escuras levar a droga ao enfermo, e, com ela, a consolação. São pegados, é certo: mas por um curandeiro aniquilado, escapam quatro ou cinco¹¹⁶.

Pois olha aí, novamente as informações coincidiam com a história que me contara José Maria. Ele dissera que a popularidade dos médicos espanhóis Dominguez e Mascoró era tanta que conseguiram o apoio de uma multidão de cerca de quinhentas pessoas para ir pedir ao presidente da província de Pernambuco a liberação dos atendimentos feitos pela dupla. Obviamente lembrei-me novamente do caso de F. A. Mesmer que, mesmo sendo considerado pelas comissões acadêmicas de medicina da Europa o charlatão-mor do século XVIII, foi, segundo uma porção de fontes históricas, popularíssimo na capital francesa em meados da década de 1780. O filósofo alemão Peter Sloterdijk, em seu romance filosófico-magnético – **A árvore mágica** – criou, a partir de intertextos literários e historiográficos, um cenário rico em imagens desse episódio. Na ocasião, o sobrinho de Rameau¹¹⁷ e Van Leyden, o protagonista da trama, perambulavam pelas ruas centrais de Paris, região onde anos antes Mesmer praticava suas curas:

[...] Aqui era o consultório de Mesmer, entende? É capaz de imaginá-lo? Em certos dias, toda a Paris ocupava esta casa. Os veículos bloqueavam a trânsito da praça e das ruas ao redor, até que ninguém mais pudesse entrar ou sair. Como os nobres senhores quisessem sentir o fluído percorrer seus membros, o trânsito inteiro parava. Nos grandes dias de tratamento, a praça mais parecia um acampamento militar. Fervilhava de energias, em parte do tipo espiritual, em parte de natureza um tanto profana. Centenas de cavalos apeavam diante dos palácios, transformando a praça numa estrebaria literalmente fedorenta¹¹⁸.

¹¹⁶ **Idem**, p. 165.

¹¹⁷ Intertextualidade com **O sobrinho de Rameau**, romance dialógico escrito por Denis Diderot entre os anos de 1761 e 1782. O diálogo dideroniano, de caráter filosófico, se estabelece entre o personagem Eu, um filósofo, e Ele, o sobrinho de Rameau, um “[...] parasita da alta roda, boêmio excêntrico e contraditório”. A conversa tem lugar em um café no Palais Royal. DIDEROT, Denis. **O sobrinho de Rameau**. Trad. Bruno Costa. São Paulo: Hedra, 2007.

¹¹⁸ SLOTERDIJK. **Op. cit.**, p. 142-3.

Robert Darnton, em seu livro anteriormente citado sobre o magnetismo animal, afirmou também que Mesmer chegou a reunir milhares de pessoas na Place Vendôme, onde montara sua primeira clínica em Paris. Segundo o historiador, o mesmerismo estava na cabeça de muitas pessoas e, citando Mercier e jornais da época, escreveu:

[...] “O magnetismo ocupa todas as mentes. As pessoas estão aturcidas com seus prodígios, e se se permite ainda duvidar dos seus efeitos [...] não se ousa mais negar pelo menos sua existência”. “O grande objeto das conversas na capital é sempre o magnetismo animal”, dizia o *Courier de l’Europe*, e o *Journal de Bruxelles* informou: “As pessoas só se ocupam com o magnetismo animal [...]”. O mesmerismo era discutido nas academias, salões e cafés¹¹⁹.

Também Zweig enfatizou o sucesso que fez Mesmer em Paris, tanto entre os habitantes do luxuoso *Faubourg Saint-Germain* quanto entre o populacho parisiense:

[...] Mesmer e seu magnetismo são, dentro de poucos meses, a grande moda, *le dernier cri* de Paris. Diante de sua luxuosa residência da Place Vendôme estacionam, de manhã à noite, os carros da nobreza; esperam lacaios em *libré* das mais altas famílias de França junto às liteiras adornadas de ricos brasões¹²⁰.

Devido ao grande sucesso de público, Mesmer logo montou uma clínica popular no hotel Bossilon, localizado à rua Montmartre, onde “[...] acorreram pressurosos, durante cinco anos, doentes de todas as classes e em todos os estados [...]”¹²¹. O próprio Mesmer, em sua **Mémoire** escrita nos anos de 1798 e 1799, ressaltou a alta popularidade que teve entre a população parisiense. Nesse caso, ele tentava dar legitimidade à sua teoria a partir de sua prática médica¹²².

Mas eu já estava cansado e fui dormir, aguardando ansiosamente o encontro com o porteiro no dia seguinte. Contudo, José Maria nunca mais voltou. Acordei subitamente por volta das sete horas da manhã e não consegui mais adormecer. Resolvi levantar e comprar uns pães para meu café da manhã. Na realidade, queria encontrar José Maria antes que o movimento de moradores na portaria ficasse intenso. Quando cheguei ao andar térreo, avistei um pequeno tumulto em frente à guarita. Duas mulheres choravam enquanto um rapaz usava o telefone. Havia mais umas três ou quatro pessoas presentes, mas, José Maria não estava lá.

¹¹⁹ DARNTON. *Op. cit.*, p. 43.

¹²⁰ ZWEIG. *Op. cit.*, p. 65.

¹²¹ *Idem*, *ibidem*.

¹²² MESMER, Franz Anton. **Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en Médecine, sur ses découvertes**. 1798-99, p. 11. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75473x>. Acessado em: 05/06/2011.

Decidi não perguntar nada, pensei que seria melhor eu ir primeiro à padaria, pois quem sabe na volta o porteiro não estaria de novo em seu posto? Além do que, com esse tumulto, não seria nada adequado conversar com José Maria sobre Ferragus.

Ao chegar à padaria, senti um clima esquisito pairando no ar. As pessoas sussurravam, algumas tinham os olhos arregalados e a boca levemente aberta. Enquanto esperava na fila, ouvi a conversa de dois homens sobre o acidente da noite anterior. Não consegui perceber exatamente de quem eles falavam, mas pareciam contrariados. Ouvi quando o da direita falou: *Estranho, até parece coisa de vingança*. Nesse instante, sintonizei-me na conversa de duas mulheres que acabavam de entrar na padaria. Como elas falavam alto, pude entender do que se tratava. Uma delas era aquela minha vizinha que eu vira da sacada na noite anterior. Ela dizia: *Não tinha ninguém na rua. Era por volta das quatro horas, estava tudo vazio, silencioso... Para variar, eu estava com insônia, não conseguia pregar o olho. Então resolvi fumar um cigarro na sacada. Quando eu dava a segunda ou terceira tragada, vi seu José atravessar a rua. Acho que ele estava indo à farmácia, que fica do outro lado da praça. De repente, veio de lá um carro em alta velocidade que simplesmente passou por cima dele. O motorista nem tentou frear, estava tão rápido que desapareceu sem que ninguém pudesse anotar a placa ou identificar a cor e o modelo do carro. Fiquei paralisada. Começaram a surgir uma, duas, três pessoas lá embaixo. O homem morreu na hora! Quando cheguei lá, já estava morto*. Nesse momento, a amiga que ouvia a história fez algum comentário do tipo: ainda bem, assim não sofreu tanto. *Sim, mas a mulher ficou em estado de choque, ela viu tudo. Ficou paralisada dentro da guarita até que trouxessem o corpo do defunto para a calçada, então, caiu num choro desesperado que acordou quase a vizinhança toda* (nesse momento percebi que ela olhava de soslaio para mim). *Quando cheguei na portaria ela tentava reanimar o marido e dizia que as crianças não iriam achar a menor graça na brincadeira. Bizarro, o homem todo quebrado, cheio de sangue, e aquela mulher se esfregando nele. Consegui acalmá-la um pouco, aquelas coisas, água com açúcar, cadeira e tempo... Liguei para os filhos, que agora estão lá recolhendo as coisas dele enquanto o IML não libera o corpo*.

Bem, acho que é possível imaginar meu estado. Fiquei vidrado. Voltei para casa. Ao passar pela portaria, vi que a mulher era socorrida por algumas pessoas e gritava o nome do marido. Não consegui comer nada, passei o dia olhando para o horizonte, evitando pensar na história que ouvi a moça contar para a amiga na padaria. Tinha receio de pensar em José Maria, em Ferragus, nesse acontecimento estranho. Fiquei assim, em suspensão, por

horas. Até que caí num sono profundo ali mesmo onde eu estava, na cadeira de área da sacada, e sonhei. Sonhei novamente com Ferragus.

Sonho ou pesadelo? Pareceu-me mais uma mensagem cifrada... ou será que isso é o que eu penso agora? Ferragus, na pele de meu pai, pedia-me para pegar o frasco de cristal de rocha.

- Aqui está.

- Gastei vinte anos para... – Neste momento, o velho sentiu aproximar-se o fim e reuniu toda a sua energia para dizer: - Logo que eu der o último suspiro, esfrega-me todo com essa água que eu ressuscitarei¹²³.

Ele falou tudo isso com muita dificuldade, as palavras custavam a sair de sua boca e, quando saíam, eram sussurros abafados. Não sei se isso acontecia em decorrência de sua debilidade física ou por conta de alguma interdição secreta. Ditas essas palavras, Ferragus morreu. Fiquei um bom tempo olhando aquele pequeno frasco, sem saber o que fazer. Comecei a ouvir uns ruídos esquisitos, uma mistura de motores em funcionamento e vozes de mulheres. Permaneci no quarto mortuário, fui até a janela, andei ao redor da cama onde jazia o corpo de Ferragus, aproximei-me do cachorro preto que dormia do lado esquerdo de sua cabeceira. Fui até a porta e tranquei-a, ficando sozinho com o defunto. Mas eis que a curiosidade novamente me conduziu à ação: precisava saber se o tal elixir era mesmo eficaz. Então, como que por influência de vozes oníricas soando em minha mente, passei um algodão embebido com aquele líquido sobre seu olho direito, esquerdo, seu nariz e sua boca. De repente, como num passe de mágica, a cabeça de Ferragus voltou à vida. Levei um susto imenso que quase me fez acordar. No entanto, algo segurava-me no sonho, percebi que era Ferragus que não me permitia acordar, como se quisesse me dizer algo importantíssimo.

- Meu filho, escute, eis o elixir de longa vida. Ele não serve para dar-me a eterna vida física, mas pode eternizar minha existência. Poderá eternizar a sua existência também, mas haverá um preço a ser pago. Essa é a tão desejada Fonte da Juventude: a aparência do ser. Ferragus só poderá ser eterno se for muitos. Uma pessoa só não pode ser eterna se for Ferragus. Por isso eu morro, mas não morre Ferragus. Ou melhor, tudo vai depender de você. As pessoas, meu filho, não podem jamais desconfiar desse truque. Para que sejamos eternos, para que você seja eterno, terá de livrar-se de si mesmo, será preciso adotar

¹²³ BALZAC. *Op. cit.*, 1973, p. 22.

uma nova pele, uma outra máscara. Você, na pele Ferragus, terá de se despojar sinceramente de seu próprio nome de batismo, tal como o fez o conde de Cagliostro:

[...] Não sou de nenhuma época nem de lugar algum; meu ser espiritual vive sua eterna existência, e, se mergulho em meu pensamento remontando o curso das idades, se alongo meu espírito para um modo de existência que está longe daquele que conheceis, tornou-me aquele que eu desejo ser. Participando conscientemente do ser absoluto, regulo minha atividade de acordo com o meio que me rodeia. Meu nome é o de minha função e eu o escolhi, assim como minha função, porque sou livre... Eu sou aquele que é... Quanto ao lugar; à hora em que meu corpo material, há cerca de quarenta anos, formou-se sobre esta terra [...], quero ignorá-lo... Eu não nasci da carne, nem da vontade do homem: eu nasci do espírito. Meu nome, o que é meu e de mim, o que escolhi para aparecer no meio de vós, esse é o que reclamo para mim. Aquele pelo qual me chamaram quando nasci, aquele que me deram em minha juventude, aqueles sob os quais, em outros tempos e lugares, fui conhecido, eu os abandonei, como teria abandonado roupas fora de moda e, por isso, inúteis...¹²⁴

Pois nossa máscara chama-se Ferragus. Eu a adotei quando meu pai espiritual, Ferragus XXIV¹²⁵, morreu fisicamente. Passei a ser Ferragus XXV, o chefe dos Devoradores, e a partir de então incorporei suas vivências, seus conhecimentos, sua história. Mudei meu nome e meu endereço, abandonei as pessoas que conhecia. Se você assumir o lugar de Ferragus XXVI, saiba que terá esse preço a pagar. Em breve você receberá um chamado. Mas, atenção, só o aceite se estiver certo de que poderá cumpri-lo, de que poderá passar por todas as transmutações necessárias até atingir a Fonte da Juventude.

Então minha visão ficou turva, escurecida, comecei a ter dificuldade de enxergar o rosto daquele cadavérico Ferragus. Comecei a ouvir vozes estridentes, gritos dolorosos de pessoas em prantos. Em meio a esses gritos, antes de eu finalmente acordar, ouvi uma voz que dizia: *José Maria não podia mais viver. Ele foi seu guia, trouxe-o até mim, agora precisava morrer.* Mas os gritos sobrepuseram-se à voz e eu acordei. Acordei com uma maldita sensação de ter sido responsável pela morte daquele homem inocente. Percebi então que os gritos vinham lá da rua. Levantei-me da cadeira em que estava sentado e olhei para embaixo. O corpo de José Maria estava sendo levado ao cemitério. O caixão viera lacrado e, por isso, os familiares haviam resolvido adiantar o enterro. A mulher gritava e chorava, abraçando o féretro. A filha e o filho olhavam, atônitos, aquela cena.

¹²⁴ HUTIN, Serge. **História geral da alquimia: tradição secreta do Ocidente, a pedra filosofal e o elixir de longa vida.** Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, 2010, p. 95-6.

¹²⁵ Ferragus XXIII é o personagem principal do romance homônimo de Balzac.

Mesmo atordoado, decidi acompanhar o cortejo fúnebre. Ao abrir a porta de meu apartamento tive a impressão de ver Ferragus parado em frente a mim. Porém, no próximo segundo, o homem desapareceu. Sinceramente, não pude compreender se a aparição era real ou não, de qualquer forma, deixou-me levemente paranoico. Ao voltar para minha casa, cerca de três horas mais tarde, encontrei um bilhete embaixo de minha porta. Enigmático, dizia o seguinte: “A imortalidade é a persistência de um agregado de elementos psíquicos em várias formas corpóreas”¹²⁶.

Comecei, então, a duvidar de tudo o que estava acontecendo, já não sabia mais o que era sonho e o que era realidade. Fui tomar um banho na tentativa de voltar às questões triviais da vida. José Maria morreu e Ferragus agora é apenas um sonho, pensei, devo esquecer essa história.

Eu nunca havia entendido o que aquele velho de feição medieval fazia no Brasil, mas, naquele dia, tudo começou a ser revelado. Por volta das onze horas da noite ouvi batidas, secas batidas em minha porta. Estranho, pensei. Alguém batendo aqui a essa hora da noite!? Lembrei-me do **Corvo**, aquele conto sombrio e uivante de Allan Poe, e um arrepio profundo percorreu toda minha coluna. Perguntei quem era, e alguém com sotaque afrancesado respondeu: *venho a pedido de Ferragus*. Ferragus! Ferragus! Mas, que será que esse velho quer agora comigo? De qualquer forma, não podia perder a oportunidade de encontrar esse homem e tentar desvendar os mistérios que envolviam sua vida.

Pedi ao informante para aguardar um instante. Fui ao quarto pegar meu casaco. Ao passar pela porta, contudo, lembrei-me do punhal de meu avô guardado na primeira gaveta da cômoda. Sem nem saber por que, voltei e peguei a arma. Guardei-a. Antes de abrir a porta, observei o exterior pelo buraco da fechadura. Avistei o sujeito que vinha a pedido de Ferragus. Careca, de estatura mediana e olhar ligeiro, vestia um terno elegante, desses que usam os atores de filmes de suspense, e olhava fixamente para um ponto qualquer no fim do corredor. Abri a porta. O homem, muito gentil, apresentou-se e desculpou-se pelo adiantado da hora, mas, disse-me, *é de parte de Ferragus, espero que o senhor entenda. Ele precisa lhe falar*. Fiz apenas um aceno afirmativo com a cabeça e segui-o. Cerimonioso, o homem tirou um molho de chaves do bolso e abriu a porta. Foi uma cena que ainda hoje me é

¹²⁶ Segundo Hutin, Paul Chacornac em seu livro sobre o conde de Saint-Germain destaca três tipos de imortalidade física: “[...] a persistência de uma individualidade no mesmo invólucro corpóreo, além dos limites da existência humana normal; a persistência de um agregado de elementos psíquicos em várias formas corpóreas sucessivas e até... simultâneas; a persistência de uma individualidade no mundo sutil sem passar pela morte corpórea de algum modo reabsorvida em seu princípio sutil”. Cf. HUTIN. **Op. cit.**, 2010, p. 146. (grifo meu)

difícil contar, tive uma sensação única, parecia de repente ter entrado em um túnel do tempo e percorrido, em segundos, séculos e séculos de história.

Não tive tempo de examinar todos os objetos que surgiram em minha frente: mapas antigos, textos escritos em outras línguas, quadros de artistas famosos, armadura de guerra. Meu guia, percebendo meu encantamento, deixou-me olhar ao redor, porém, antes de lhe perguntar qualquer coisa, pediu-me para acompanhá-lo até os aposentos de Ferragus. Quando percebi, atravessava novamente aquele corredor escuro e sombrio. O homem que me guiava parecia-se com o do sonho e levava em sua mão uma vela para iluminar o caminho. Chegando ao quarto de Ferragus, porém, vi uma cena bastante diferente. Ele não se encontrava em seu leito de morte, estava sentado em uma confortável poltrona à cabeceira de sua cama, ao lado de uma janela. Ao seu lado, um cachorro preto. Com candelabros acessos nos quatro cantos do quarto e uma agradável melodia tocada em bandolim, Ferragus recebeu-me cordialmente, servindo saboroso vinho português e deliciosas castanhas da Índia. Convidou-me para sentar na cadeira estofada que estava ao seu lado. O cômodo condensava aspectos de quarto e escritório. As paredes eram aveludadas, ou assim me pareceram, o chão, recoberto com um *carpet* macio. Sua cama ficava no meio do quarto e possuía um belo e luminoso baldaquim. Havia quadros dependurados na parede e, na mesinha ao lado da cama, o busto de um homem extremamente parecido com Ferragus. À esquerda, um armário com espelho e uma escrivaninha; ao meu lado, uma mesa em estilo gótico e um gramofone belíssimo. Ferragus, um sujeito alto e magro, vestia a indumentária típica de um membro da Ordem do Tosão de Ouro¹²⁷.

- Boa noite, *monsieur*. Fico feliz que tenha aceitado o convite. Na realidade, assim eu previa, mas, as atitudes humanas podem sempre nos surpreender. Pois bem, aí está o senhor. Sinto que veio prevenido, trazendo seu punhal. Não, não se assuste, é que o magnetismo do metal é facilmente sentido por um alquimista. Muito bem, é bom mesmo que saiba se defender. Muitas coisas estranhas acontecerão em sua vida de agora em diante e

¹²⁷ Referência aos trajes usados pelo Ferragus de Balzac em festa dada pelo prefeito do Departamento de Sena. “[...] Estava vestido com a maior elegância, usava as insígnias da Ordem do Tosão de Ouro e uma condecoração na lapela.” BALZAC. **Op. cit.**, 2006, p. 90. Segundo Hutin, a Ordem do Tosão de Ouro era “[...] uma sociedade de hermetistas extremamente secreta.” Cf. **Op. cit.**, 2010, p. 171. A dissertação de mestrado de Ana Cristina Rodrigues, que versa sobre o ducado de Bolonha, traz muitas informações interessantes a respeito da Ordem do Tosão de Ouro. Segundo a autora, a Ordem foi criada em 1430 por Felipe de Bolonha na ocasião de suas bodas com Isabel de Portugal. Rodrigues diz ainda que os motivos eram nobres: “Para confrontar os ingleses e sua ordem, ele [o duque Felipe, o Bom] instituiu a sua própria, o Tosão de Ouro. Fundou-a com base na honra e na pureza da cavalaria, e para a destruição das coisas vis [...]; ele a colocou e a montou nas casas reais e nos grandes ducados e condados da França, e mesmo na Alemanha.” Cf. CHASTELLAIN, Georges apud RODRIGUES, Ana Cristina Campos. **Jasão e a quimera de ouro: a ritualização do poder na Borgonha de Valois (1363-1558)**. Niterói, 2006, p. 86.

você terá que decifrá-las utilizando seu poder mágico. A história que vou lhe contar é conhecida por poucos. Conto-lhe porque sei que o senhor saberá guardar o segredo.

Cheguei ao Brasil na pele do conde de Funcal¹²⁸. Acredito que José Maria tenha se encarregado de informá-lo a respeito de meus dias no Brasil, assim, ocupar-me-ei em contar-lhe apenas sobre eventos ocorridos em França e orientar-lhe a respeito dos Treze Devoradores. Não terei tempo para iniciá-lo em todos os segredos. Você terá à sua disposição, todavia, todo meu acervo, toda minha herança, todo o apoio dos meus doze amigos para empreender sua iniciação. É essencial que saiba: a história é que nos salva da morte eterna. Stuart Otto dizia: “Quando se escreve a história de nosso século, a façanha que ultrapassará pela cabeça e os ombros a todas as demais será a vitória sobre a morte”¹²⁹. Mas há que se saber contar essa história, meu caro. Não é necessário que ela seja escrita, veja que nesse ponto discordo de Otto, mas é, sim, necessário que seja narrada. A chave que ora lhe dou é a seguinte: para que sejamos eternos temos de ser apenas um. O que nos diferenciará? O número que seguirá nosso nome: Ferragus V, Tutanus XIII ou Masche-Fer IV¹³⁰. No entanto, tal número só deve ser conhecido por aquele que o herdará. Nesse momento, o de sua iniciação, apenas nós dois sabemos que sua pele será a de Ferragus XXVI. De mesma forma, somente seu escolhido, Ferragus XXVII, poderá novamente conhecer o número. Compreendeu? De agora em diante, todas as vezes que falar a respeito das ações de Ferragus conjugarei o verbo na primeira pessoa do singular. Você também deverá fazer isso. Digo novamente: as pessoas comuns não poderão desconfiar desse truque.

O tempo é curto, mas é suficiente. As questões burocráticas relacionadas à sua primeira transmutação já estão sendo resolvidas pelos meus amigos, que a partir de agora serão seus amigos. *Monsieur* Ronquerolles chegou faz dois dias de França com a missão de introduzi-lo nessas questões. Dirija-se apenas a ele quando precisar de algum serviço dos

¹²⁸ É mais comum encontrar a grafia *Funchal* ao invés de *Funcal*. Mantereí, entretanto, o termo utilizado por Balzac em *Ferragus*: “conde de Funcal”. Cf. BALZAC. **Op. cit.**, 2006, p. 91. De acordo com a pesquisadora Débora BASTOS, Domingos Antônio de Souza Coutinho, o “primeiro e único” conde de Funchal, nasceu em 1760 e morreu na Inglaterra em 1833 (ano de publicação de *Ferragus*). Era um diplomata português, um *homme des lettres* que, além da língua nativa, se comunicava em inglês, italiano e francês. Era um dos preferidos do príncipe regente D. João VI e, segundo a autora, teve papel preponderante nos acordos diplomáticos travados entre Portugal e Inglaterra quando da vinda da corte portuguesa para o Brasil. “D. Domingos negociou a convenção de 22 de outubro de 1807, que visava regulamentar as relações entre Portugal e Inglaterra em tempos de crise. A assinatura dessa convenção tornava quase que obrigatória a retirada da Corte para o Brasil e a ruptura com a França.” Cf. BASTOS, Débora. *A trajetória de Domingos Antônio de Sousa Coutinho: o conde de Funchal (1760-1833)*. In: **Ibérica**. Juiz de Fora, março/junho de 2010, p. 13.

¹²⁹ OTTO, Stuart apud HUNTIN. **Op. cit.**, 2010, p. 110.

¹³⁰ “[...] Ferragus é, segundo um velho costume, um nome adotado por um dos chefes dos Devoradores. No dia de sua eleição, esses chefes decidem continuar aquela, dentre as dinastias devoradorescas, cujo nome mais lhe agrada, do mesmo modo que fazem os papas no início de seus reinados, com relação às dinastias pontificias.” BALZAC. **Op. cit.**, 2006, p. 18.

Devoradores. Agora que morrerai, Ferragus deixará de ser o chefe da tribo e nova eleição será feita. Você será informado de tudo doravante. Em breve chegarão seus novos documentos pessoais. Você se tornará um historiador e assim poderá trabalhar tranquilamente em meu acervo. Muitas histórias, você vai ver, estão apenas rascunhadas, anotadas, ensaiadas. Você dará continuidade a elas e terá de saber separar as que devem ser comunicadas das que devem ser mantidas em silêncio.

Há, contudo, noções básicas que você precisa saber com certa urgência.

Ouçá bem:

[...] *Dévorants* ou Devoradores é o nome de uma das tribos de Companheiros ou *Compagnons* que surgiram da grande associação mística formada entre os operários da Cristandade com o objetivo de reconstruir o templo de Jerusalém. A “Companhia”, ou a *Compagnonnage*, ainda floresce entre o povo da França. [...] esta gente muda, mas permanece submetida a ordens imutáveis e pode ter olhos em todos os lugares e executar por toda parte uma ordem sem discutir, porque o mais velho dos Companheiros ainda se encontra em uma idade em que se pode acreditar em alguma coisa. Aliás, o corpo inteiro professa doutrinas muito verdadeiras, bastante misteriosas, que permitem eletrizar patrioticamente todos os adeptos, desde que elas sejam minimamente desenvolvidas¹³¹.

O poder entre os devoradores não é necessariamente exercido por alguém que ocupa um lugar de destaque na sociedade de sua época. Pode acontecer de nosso chefe ser condenado à prisão ou tornar-se escravo de algum rei, ainda assim, ele continuará tendo domínio sobre a tribo e será fielmente obedecido pelos demais. A máscara de Ferragus já foi, por exemplo, a de um marinheiro condenado a vinte anos de trabalhos forçados. Por essa razão, tive de me tornar um clandestino social, porém, continuei exercendo a função de chefe dos Treze.

Nessa época, vivíamos a terceira década do século XIX, período que politicamente ficou conhecido como a Restauração. Minha casa, nesse tempo em que eu era um marinheiro, ficava situada à rua Vieux-Augustins, uma região maldita de Paris, onde estavam localizados os prostíbulos da cidade, onde eram acertados os mais perfeitos crimes, onde ocorriam os mais bizarros assassinatos e onde negócios obscuros eram firmados. O edifício de quatro andares era velho e vulgar. No térreo, um armazém; no porão, um sapateiro; minha casa, o segundo andar. Muitas pessoas viam-me como um mendigo, e era mesmo essa a aparência que eu tentava criar. Um escritor da época, a propósito, fez uma precisa descrição de minha figura. Ei-la:

¹³¹ *Idem*, p. 19.

[...] Era um homem comprido e seco, cuja fisionomia sombria denunciava um raciocínio profundo e glacial e afastava qualquer traço de piedade que pudesse surgir no coração daqueles que o contemplassem com curiosidade, mediante uma atitude cheia de ironia e um olhar de poucos amigos que anunciava sua intenção de tratar qualquer estranho como seu igual. A pele de seu rosto tinha uma tonalidade de branco sujo, e o alto da cabeça calva era enrugado, apresentando uma leve semelhança com um pedaço de granito. Algumas mechas grisalhas e sebatas, dispostas de ambos os lados de sua cabeça, desciam até a gola de sua roupa imunda, cuja casaca estava abotoada até o pescoço. Lembrava ao mesmo tempo Voltaire e Dom Quixote: tinha um aspecto escarnecedor e melancólico, cheio de filosofia, mas meio alienado¹³².

No entanto, meu caro, ainda que minha aparência em alguns momentos da vida tenha causado repulsa nas pessoas mais delicadas, um verdadeiro local de conforto e descanso sempre foi minha casa, onde eu podia usar “[...] chambre florido, calças de flanela branca, pantufas de tecido grosso e o rosto barbeado e limpo”¹³³. E onde recebia também as visitas de minha querida filha Clémence, até o dia em que o maldito barão de Maulincour nos descobriu. Mas deixemos o caso de *monsieur* Maulincour de lado. Sobre esse assunto você poderá obter maiores informações no livro do escritor de quem falei anteriormente.

Na “sociedade”, comecei como um simples operário, mas, “[...] acabei sendo eleito chefe dos Companheiros da Ordem dos Devoradores, recebendo a alcunha de Ferragus [...]”¹³⁴. Tive, no entanto, vários nomes e prenomes ao longo da vida: Gratien, Henri, Victor e Jean-Joseph; fui chamado de Bourignard e conde de Funcal. Assim como aconteceu comigo, isso acontecerá com você. Saiba que as diferentes situações pedem diferentes máscaras, diferentes peles. De Gratien Bourignard, com a ajuda de *monsieur* De Marsay¹³⁵ e D. João VI de Portugal, assumi a pele do conde de Funcal, passando a pertencer ao mesmo tempo a Portugal e ao Brasil¹³⁶.

Pois bem, foi na pele de *monsieur* de Funcal que cheguei ao Brasil. Esta história, contudo, creio que o senhor já conheça, bem como a troca da máscara de conde de Funcal para Alexandre Bousquet. Despeço-me agora do senhor. Receio que não nos veremos mais. Minha morte é questão de horas, não poderei acompanhar sua iniciação. Porque é assim mesmo, a iniciação é uma prática solitária. Quando o dia amanhecer, sua pele será a de

¹³² **Idem**, p. 65.

¹³³ **Idem**, p. 73.

¹³⁴ **Idem**, p. 81.

¹³⁵ Personagem da *Comédia humana* que aparece em vários livros, como **Ferragus**, **A menina dos olhos de ouro** e **Ilusões perdidas**.

¹³⁶ **Idem**, p. 135; 162.

Ferragus XXVI. Novamente lhe digo: aprenda a manejar seu punhal e siga as instruções de Ronquerolles. Boa noite.

Nunca imaginei pertencer a uma sociedade secreta de princípios alquimistas. E de repente, ali estava eu vivendo essa história.

Não sei por quanto tempo dormi. Talvez dias, semanas. Era alguma coisa que havia no vinho, talvez uma dose oposta àquela do elixir de longa vida. Não sei. Por isso, não posso dizer que vi o que aconteceu com Ferragus XXV depois daquela noite. Soube, quando acordei, que ele havia morrido horas depois. Ronquerolles aprontou o cadáver, que foi embalsamado e mumificado ali mesmo no quarto mortuário de Ferragus. As cerimônias fúnebres foram assistidas apenas por *monsieur* Ronquerolles e um dos amigos que viera de França para fazer o transporte do corpo do chefe dos Devoradores. Terminados os ritos, Henri de Marsay, o enviado, preparou sua partida e levou o cadáver para Paris, onde foi sepultado na Colossal Pirâmide dos Devoradores. Nesse local são mantidos os corpos mumificados de todos os confrades da Ordem.

Enquanto eu dormia, Ronquerolles teve tempo para preparar meus novos documentos e negociar uma estadia em alguma cidade longínqua e desconhecida. No Brasil não é difícil encontrar uma cidade assim, no entanto, a cidade teria congregar, além desses pré-requisitos, mais um, importantíssimo: ser um local de produção da História. Todo o processo foi realizado enquanto eu permaneci em sonoterapia, inclusive o traslado de meu próprio corpo. Quando acordei, pensei continuar sonhando. Ronquerolles estava sentado em uma confortável poltrona bem em frente a mim. Perguntei onde estávamos, ao que ele respondeu: *Assis, cidade do interior paulista, longínqua e desconhecida. Aqui também existe uma faculdade de História. É o local apropriado, Ferragus, para que o senhor continue suas pesquisas. Aqui haverá tempo, espaço e ambiente propícios para tanto. Sua matrícula no curso já foi feita. Seu nome: José Maria da Silva, um sujeito comum, interessado na história da França e suas colônias que, por essa razão, tornou-se um conhecedor da língua e de elementos culturais históricos desses 'tios' latinos. Para promover sua renda, o senhor deverá trabalhar como tradutor. Há um contato estabelecido com livreiros que comprarão suas produções, não se preocupe com isso, são confrades. Resta ao senhor dar conta do recado. É parte do jogo. Ferragus é um homme de lettre, não se esqueça. Maiores informações sobre a Ordem dos Devoradores o senhor encontrará nesse acervo bibliográfico, imagético e sonoro que lhe ficará de herança. Aqui estarão também indicações a respeito dos assuntos que deverão ser mantidos em segredo, compartilhados apenas entre os Treze. Se precisar dos amigos, recorra somente a mim. Se mudanças ocorrerem, o senhor*

ficará ciente. A eleição do novo chefe será realizada através de uma conferência virtual. As relações políticas e diplomáticas entre Ocidente e Oriente não estão propícias para que nos encontremos pessoalmente. Não sabemos ao certo quem são nossos amigos e quais os nossos verdadeiros inimigos, por isso, decidiu-se por um encontro virtual. Acerte seu relógio. Agora são duas horas e cinquenta minutos da noite de 22 de maio. Daqui a exatamente doze meses nos encontraremos para escolher nosso próximo chefe. Esse será o tempo de sua iniciação. Pois assim como os demais confrades, o senhor poderá ser eleito. Até lá, deverá nos apresentar seus textos. Desta feita, enquanto o senhor estiver lendo sobre a história da nossa “sociedade”, nós, os demais devoradores, poderemos acompanhar sua trajetória intelectual.

Naquela tarde, Ronquerolles pegou o avião com destino a Londres. Adaptei-me à nova vida, assunto para outra ocasião, e comecei o percurso de minha primeira máscara como Ferragus. Primeiro fiz o reconhecimento do acervo. Conheci e meditei sobre os princípios dos confrades devoradores, aprendi criptografia, cataloguei as peças arqueológicas do Egito pertencentes à Ferragus, estudei alquimia, li muitas obras de literatura. Enfim, encontrei grande quantidade de documentos históricos. Documentos de vários tipos, épocas e lugares.

Atendo-me às palavras de meu predecessor acerca de seu legado, comecei minha viagem ao passado. Não, não foi uma viagem como quando se pega o trem e vai para algum lugar, esse tipo de viagem tem fim. A viagem ao passado não. Nela, os vagões da imaginação se perdem nos fluxos associativos da memória. Quando se pensa ter chegado lá, descobre-se, no segundo seguinte, que tudo não passava de uma miragem da linguagem...

3 A INICIAÇÃO DE FERRAGUS

Questões filosóficas de um alquimista

Essa história é ambientada no final do século XVIII na França, mas, sem coincidências, não terá como fio condutor os acontecimentos revolucionários que esquentaram os ânimos dos parisienses daquela época. A história que será contada aborda outro aspecto da vida. Se alguém quiser saber como é que eu posso conhecer todas essas histórias, é muito simples: eu estava lá¹³⁷. Nasci na província de Tours no ano de 1735. Desde menino, sem que tivesse consciência disso, fui iniciado nos segredos alquímicos por um discípulo do conde de Saint Germain¹³⁸. Aos quinze anos, destaquei-me dos demais aprendizes e conquistei a confiança de meu mestre, sendo enviado a Paris para trabalhar como assistente de um boticário. Fui recebido por *monsieur* Ronquerolles¹³⁹ em sua botica estabelecida na famosa galeria D’Orleans, conhecida como Palais Royal, localizada na região central da capital francesa. Lá, especializei-me no ofício de soprador de vidro, mas também aprendi os princípios básicos do manuseio de ervas medicinais observando as práticas experimentais de meu mestre. Depois que fechávamos as portas da botica para os clientes, descíamos ao porão onde eu auxiliava Ronquerolles em suas pesquisas para obtenção do elixir da longa vida. Trabalhávamos com mercúrio, enxofre, sal, ouro, álcool, sangue e sêmen. Procurávamos o “[...] espírito das coisas do mundo que poderia ser captado e transformado numa água virtuosa e ígnea (*aqua vitae*) que superaria com muita vantagem qualquer outro remédio [...]”¹⁴⁰. Nessas ocasiões, ele sempre me alertava: *Para que você aprenda todos os*

¹³⁷ Pesquisei sobre o assunto tanto em escritores do período quanto em textos de historiadores e romancistas posteriores, como Choderlos de Laclos, Honoré de Balzac, Stefan Zweig, Robert Darnton, Henri Ellenberger e Peter Sloterdijk. No entanto, no texto desse capítulo, as fontes primárias e secundárias não serão diferenciadas, pois estou partindo do princípio de que ambas são produtoras de sentido sobre o passado sendo, por isso, desnecessário hierarquizá-las na narrativa. Todas, contudo, serão devidamente creditadas como de costume.

¹³⁸ O conde de Saint Germain era um *homme du monde*. Tinha relações com príncipes eslavos, condes alemães, rainhas francesas e ministros ingleses. De origens familiares misteriosas, apresentava-se nessas cortes europeias como um homem bem apessoado aparentando cerca de quarenta anos. Foi considerado um “adepto verdadeiro”, ou seja, um alquimista que de fato conseguiu realizar a Obra (transmutação dos metais, conhecimento de segredos divinos, produção do elixir da longa vida). Assumiu uma diversidade de identidades. Sob a máscara de *monsieur* Surmont, por exemplo, um industrial bem sucedido, experimentou as qualidades do mercúrio e do enxofre e as utilizou na indústria. Cf. HUTIN, Serge. *O conde de Saint Germain*. In: **O esoterismo da história: da Atlântida aos Estados Unidos; de Cagliostro à Mary Poppins**. Trad. Rosana Pontes. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2004, p. 104-110.

¹³⁹ Um dos amigos de Ferragus, personagem do livro homônimo de Honoré de Balzac.

¹⁴⁰ ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo**. São Paulo: Landy Editora, 2005, p. 140.

mistérios alquímicos, meu caro aprendiz, deverá saber cultivar o silêncio. E, citando o mestre franciscano inglês Roger Bacon, dizia-me:

“[...] Deus sempre oculta das multidões os máximos achados da ciência”, pois nas mãos do vulgo obras digníssimas são pervertidas, uma vez que o objetivo real só pode ser atingido pelos sapientíssimos e instruíssimos¹⁴¹.

Ele dizia também que era necessário obscurecer propositalmente os textos produzidos sobre o assunto, usar palavras enigmáticas, códigos, misturar letras com números, omitir vogais. Era importante que os segredos alquímicos não se revelassem para qualquer pessoa, pois esta faria “[...] pouco caso da ciência e não saberia como se servir das coisas divinas”¹⁴². Assim observando, pouco a pouco fui descobrindo que, como ele, muitos outros homens da época, seja na França, Espanha, Inglaterra, Portugal ou em reinos germânicos, trabalhavam com esse mesmo intuito. Vi que esses homens trocavam experiências entre si por meio de uma incrível rede secreta de informações e que, para manter uma fachada aceitável na sociedade aristocrática, cavalheiresca, afirmavam trabalhar em prol da reconstrução do Templo de Salomão em Jerusalém e buscavam o aperfeiçoamento nas artes de Hiram de Tiro, amigo do filho de Davi. Nomeavam-se aprendizes, companheiros e mestre-de-obras da Cristandade. Além dessa missão mística, eles buscavam a imortalidade e acabaram encontrando poderosos remédios que possibilitaram ao organismo humano resistir às doenças e ao envelhecimento¹⁴³.

Essas experiências acabaram me instigando por demais e resolvi empreender secretamente o estudo das teorias alquímicas. Li as obras de Roger Bacon e de Geber, de Nicolau de Cusa, Pico della Mirândola, Paracelso e Giordano Bruno. Conforme realizava os estudos teóricos e auxiliava Ronquerolles em seus experimentos, aperfeiçoava-me no ofício de vidreiro, conhecia terapêuticas de cura e envolvia-me com outros alquimistas. Nessa trajetória, filiei-me à Ordem dos Devoradores¹⁴⁴ na função de operário-boticário. As

¹⁴¹ **Idem**, p. 124.

¹⁴² **Idem**, *ibidem*.

¹⁴³ Cf. HUTIN, Serge. **História geral da alquimia: tradição secreta do Ocidente, a pedra filosofal e o elixir de longa vida**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, 2010, p. 12.

¹⁴⁴ Sociedade secreta protagonista da trilogia intitulada *História dos Treze*, de Balzac, composta pelos romances *Ferragus*, *A duquesa de Langeais* e *A menina dos olhos de ouro*. Apesar da autonomia narrativa de cada um dos romances, não há relação de continuidade entre eles, a trilogia deixa ver meandros de ações secretas de quatro membros da seita: Ferragus, De Marsay, Ronquerolles e Montriveau. Algumas vezes o narrador nomeia-os como “Os Treze Devoradores”. Eis o trecho inicial do *Prefácio* de **Ferragus**: “*Havia em Paris, durante a época do Império, treze homens igualmente movidos pelos mesmos sentimentos, dotados de uma grande energia que lhes possibilitava permanecerem fiéis ao mesmo pensamento, igualmente honrados entre si, de tal modo que seriam incapazes de se traírem uns aos outros, mesmo quando seus interesses se achavam em campos opostos; eram, ao mesmo tempo, habilidosos politicamente para dissimular os*

questões relacionadas às terapêuticas de cura se tornaram, então, matéria-prima de minhas elaborações filosóficas. Algumas décadas depois, graças à minha aplicação ao saber alquímico, fui eleito chefe dos Treze Devoradores, recebendo o título de Ferragus.

Na época de meus primeiros estudos, dediquei-me aos manuscritos de dois importantes adeptos que nos séculos XIV e XVI, respectivamente, se voltaram à pesquisa da natureza e à experimentação do efeito de matérias animais, minerais e vegetais em organismos humanos. Esses textos, *Semita semitae* de Arnaldo Villanova, e *L'archidoxe magique* de Paracelso¹⁴⁵, foram interessantes em minha trajetória iniciática porque permitiram-me conhecer uma aproximação entre a alquimia e a medicina, uma relação que séculos depois já não existiria. Pelo contrário, no século XVIII o movimento que acabou por prevalecer entre essas práticas foi o de afastamento.

Arnaldo Villanova, um professor da arte da cura na universidade de Montpellier, foi um dos primeiros pesquisadores europeus a escrever sobre as práticas populares de cura e a utilizar o paradigma humano como modelo metafórico para seu sistema da Natureza¹⁴⁶. Obviamente havia muitos outros doutos ferreiros, vidreiros, boticários e astrólogos em variados pontos do planeta fazendo perguntas e experimentando respostas semelhantes. Mas o caso é que, dos textos que tive acesso, os de Villanova eram os mais antigos. Valenciano de nascimento, percorreu todo o continente, e “[...] realizou um trabalho sobre a destilação do sangue humano, identificando três partes: uma transparente, uma amarela e uma vermelha que, entretanto, atribuiu à separação dos elementos água, ar e fogo”¹⁴⁷.

sagrados laços que os uniam, fortes o suficiente para enfrentar todas as leis, suficientemente ousados para empreender tudo e felizes o bastante para quase sempre alcançar sucesso em seus desígnios; haviam corrido os maiores perigos, mas calavam suas derrotas; eram inacessíveis ao medo e não haviam tremido nem diante dos príncipes, nem frente ao carrasco, nem perante a inocência; aceitavam-se inteiramente uns aos outros, tais como eram, sem dar atenção aos preconceitos sociais; sem dúvida, eram criminosos, mas certamente homens notáveis por algumas dessas qualidades que se encontram nos grandes homens, e haviam sido escolhidos entre os melhores.” BALZAC, Honoré de. **Ferragus**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: LP&M, 2006, p. 15.

¹⁴⁵ Trechos desses dois textos foram publicados na seleção de Victor Zaldidea intitulada **Alquimia e ocultismo**. Cf. ZALBIDEA, Victor (org.). **Alquimia e ocultismo**. Trad. Maria Teresa Carrilho. Edições 70: Lisboa, 1972, p. 157-161; 227-262. *Semita semitae* (*O caminho dos caminhos*) e *L'archidoxe magique* (*Arquidoxia mágica*) também estão disponíveis, em francês, no sítio virtual *Gallica Bibliothèque numérique*: <http://gallica.bnf.fr/>.

¹⁴⁶ ALFONSO-GOLDFARB, **Op. cit.**, p. 138.

¹⁴⁷ **Idem**, *ibidem*.

Em relação ao conteúdo de seus trabalhos, como é comum a toda tradição alquímica medieval, também Arnaldo usou da teoria do “mercúrio” e do “enxofre” para falar dos metais. Ressaltou, entretanto, que a base incorruptível destes seria o “mercúrio” que, como a terra mãe, receberia o “sêmen sulfuroso” e produziria os metais. A matéria “mercurial” seria, portanto, o produto básico enquanto o “enxofre” – ao qual algumas vezes se referiu como “corruptor” – seria uma espécie de catalisador que desencadearia o processo¹⁴⁸.

Villanova exerceu grande influência na obra de Paracelso¹⁴⁹, embora o suíço nunca tenha admitido isso. Sabe-se que foi a partir da “escola arnaldiana” que ele estabeleceu a divisão entre matéria, alma e espírito e os conceitos de “enxofre”, “mercúrio” e “sal”, que são a base da teoria dos três elementos formativos das coisas do mundo¹⁵⁰. De acordo com o pensamento paracélsico, a noção de correspondência entre o macro e o microcosmo era fundamental para o entendimento da existência universal. Deveria existir, portanto, um vetor (*Archeus*) que ligasse esses dois planos. Pensando no funcionamento do corpo humano, por exemplo, Paracelso afirmou que “[...] o *Archeus* principal trabalharia no estômago, separando a parte que alimenta e dá vida daquela que deve ser jogada fora, pois, do contrário, envenenaria o organismo”¹⁵¹.

Basicamente, de acordo com as ideias de Paracelso, a doença é constituída por um mau funcionamento específico do *Archeus*, e não por um desbalanço geral do organismo. [...] O médico deveria ser, de acordo com essas máximas, uma espécie de *Archeus* externo [...]. E, por isso, caberia ao médico entender a ação específica de agentes patogênicos no organismo, para saber o que deveria ser nele introduzido a fim de restabelecer o funcionamento normal do *Archeus* interior que apresentou problemas. Na verdade, o médico, pensado por Paracelso, assemelha-se a uma espécie de alquimista que entende e localiza os problemas do “químico” interior e lhe comanda o restabelecimento da ordem. [...] o uso dos compostos metálicos dos alquimistas encontra em Paracelso um defensor. Para tal, o pensador baseia-se na máxima da medicina folclórica, segundo a qual iguais curam iguais, concluindo que, se algo está envenenando o organismo, a solução é oferecer ao *Archeus* o próprio veneno, pois ele se encarregará de fabricar o antídoto¹⁵².

Parei para refletir sobre essa leitura do método de Paracelso. O texto de Alfonso-Goldfarb me indicava um Paracelso que considerava a doença um mau funcionamento específico de um dos vetores responsáveis pela ligação entre o corpo humano

¹⁴⁸ **Idem**, p. 139.

¹⁴⁹ Aureolus Philippus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, mais conhecido como Paracelso, nasceu em Zurique no final do século XV.

¹⁵⁰ Cf. ALFONSO-GOLDFARB. **Op. cit.**, p. 145.

¹⁵¹ **Idem**, p. 146.

¹⁵² **Idem**, p. 146-7.

(micro) e a mente universal (macro). Mas, quem seria o “médico” para Paracelso? Por conta de sua meditação e de seus trabalhos empíricos, o médico seria conhecedor e produtor de panaceias e licores e poderia, por meio da administração desses “*Archei* externos”, restabelecer o funcionamento dos vetores internos do corpo. O médico seria, portanto, o curandeiro, o boticário, o alquimista¹⁵³. Paracelso, acrescentou a autora, foi buscar na “medicina folclórica” a ideia de que iguais curam iguais. Além disso, estabeleceu uma singela medida para a dosagem de seus remédios: “o muito mata, o pouco cura”. Dessa feita, se o enfermo sofresse de dor de cabeça, ele deveria tomar pequenas doses de um composto que provocasse exatamente a mesma sensação. Essa prática de Paracelso me fez pensar nos princípios homeopáticos e, por isso, quis aprofundar minha pesquisa sobre o assunto.

Lembrei-me de uns livros antigos, uns dicionários e outras enciclopédias que estavam esquecidos lá na biblioteca. Não sem alguma resistência, encarei a poeira e fui bisbilhotar nas prateleiras de livros. Depois de algumas horas de busca, finalmente encontrei um desses dicionários antigos. Ali, o verbete *homeopatia* recebeu a seguinte definição:

Homeopathia: s. f. (gr. *homoios*, semelhante, e *pathos*, afecção). Systema terapêutico, que consiste no tratamento das doenças por meio de agentes, que provocam uma afecção análoga à que se quer debellar. [...] A homeopathia, inventada e divulgada na Alemanha pelo Dr. Hahnemann, cuja divisa era *similia similibus curantur* (os semelhantes curam-se com os semelhantes), é inteiramente oposta à medicina antiga, que combate os contrários pelos contrários (*contraria contrariis curantur*). A medicina usual, para se distinguir da homeopathia, tomou o nome de *allopathia* (afecção contrária)¹⁵⁴.

Curioso, pensei, esse dicionário faz referência ao médico alemão Samuel Hahnemann mas não diz nada a respeito de Paracelso, absolutamente nada. Fiquei com uma pulga atrás da orelha, afinal, se o texto de Alfonso-Goldfarb era tão claro a respeito da influência de Paracelso na homeopatia, porque o dicionário não fazia referência a ele? Continuei minhas pesquisas e descobri, em um canto escondido da estante, um livro intitulado **Segredos e virtudes das plantas medicinais**. Folhee-o e logo encontrei a referência que procurava:

¹⁵³ A acepção de médico nos séculos XV-XVI, a época de Paracelso, não era a mesma que passou a predominar a partir do século XIX e que vigora até os dias de hoje. Na citação, mantive os termos utilizados pela autora; no texto narrativo, contudo, utilizarei os termos “alquimista” ou “boticário” para fazer referência a esses “médicos” da época de Paracelso. Utilizarei o termo “médico” a partir do século XIX para referir-me aos médicos higienistas/cientistas. Na transição, século XVIII, os termos poderão ser utilizados como sinônimos.

¹⁵⁴ SEGUIER, Jayme de. **Dicionário Prático Ilustrado: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1947, p. 568-9.

Paracelso também é tido como fundador da homeopatia, sistema de medicina baseado na proposta de que o semelhante cura o semelhante. Cerca de 300 anos depois, um médico alemão chamado Samuel Hahnemann introduziu a prática da homeopatia em larga escala. A filosofia básica da homeopatia é que os sintomas de uma doença são a forma de o corpo combater essa doença. Assim, doses minúsculas de drogas que produzem os mesmos sintomas de uma doença também estimulam os mecanismos de defesa da pessoa [...] para combater esse mal¹⁵⁵.

Pois então foi isso! A homeopatia, ainda que inspirada em Paracelso, teve seus princípios instituídos apenas no início do século XIX. De acordo com esse livro, a homeopatia teria surgido como um sistema alternativo à medicina higienista e científica que, já no início dos oitocentos, fortalecia cada vez mais sua esfera de força. Tal medicina higienista, por incrível que pareça, fundava também suas bases em princípios paracélsicos. A propósito das inúmeras controvérsias teóricas e práticas entre os herdeiros de Paracelso, Victor Zalbidea disse o seguinte: “[...] a presença de Paracelso coincide com o ponto de inflexão do saber alquímico: alcança nele o seu apogeu, mas, ao mesmo tempo, inicia no seu próprio seio a decadência”¹⁵⁶. Essa frase, ao mostrar a ruptura provocada pela obra de Paracelso no campo da cura, trouxe à tona a ampla dimensão da influência do pensamento do filósofo suíço tanto na alquimia quanto na medicina científica de épocas posteriores.

Seguindo o caminho *similia similibus* das pequenas doses paracélsicas, resolvi experimentar a ação terapêutica dos “metais, pedras, raízes, ervas e frutos”¹⁵⁷ no corpo humano. Comecei pelo meu. Obviamente fui cauteloso, o meu objetivo era a manutenção da vida, não a produção da morte, muito menos a morte de meu próprio corpo. Minhas experimentações com Ronquerolles ensinaram-me muito sobre o poder das plantas, e eu não o subestimava. Além do que, minha fé nas coisas que eu não via era o que realmente me guiava pelo caminho obscuro das composições químicas.

Percebi, enquanto trabalhava na obtenção de elixires e compostos, que a positividade da visão, a confiança nas imagens captadas pelos olhos, era uma grande cilada e, como tal, deveria ser evitada pelo alquimista em suas experimentações. A visão não deveria predominar sobre os demais sentidos do corpo. Primeiro porque ela não é mais que um sentido do corpo, sendo tão verdadeira quanto o olfato e/ou tão enganadora quanto a audição. A visão, assim como a sensação tátil, é uma sensação. Evitei muitos acidentes laboratoriais

¹⁵⁵ SCHIPPER, Liana Pérola. **Segredos e virtudes das plantas medicinais**. Trad. Alda Porto *et alli*. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999, p. 37.

¹⁵⁶ ZALBIDEA. **Op. cit.**, p. 227.

¹⁵⁷ Sobre o uso desses elementos naturais para o tratamento de sífilis, hidropisia, epilepsia, mania, gota e outras. Cf. PARACELSO apud ZALBIDEA. **Idem**, p. 230.

porque tinha em mente esse princípio. Em várias ocasiões, não pude perceber a diferença entre um remédio e um veneno por meio da observação visual, no entanto, o cheiro que cada um deles exalava fazia-me compreender claramente se se tratava de um remédio ou de um veneno.

O debate a respeito da aquisição de conhecimento pelos sentidos foi uma questão fundamental entre os alquimistas, especialmente porque muitos deles acabaram enfatizando apenas suas comprovações visuais e/ou empíricas generalizantes, matematizantes, e abandonaram a leitura sutil das sensações do corpo. Pois sim, meu caro, naquela época a visão já havia sido capturada pelo “mundo racional” e distanciada dos mundos “arquetípico” e “físico”, embora ainda não tivesse a posição tão preponderante que viria a ter no futuro a serviço da razão¹⁵⁸.

Naquela época eu testava os efeitos dos “*Archei* externos” em meu corpo e, conforme necessitava, ingeria os compostos e panaceias que preparava em meu laboratório, além de receitá-los aos enfermos que acorriam à botica no Palais Royal. Porém, comecei a perceber que se levado às últimas consequências, o pensamento de Paracelso sobre o *Archeus* poderia produzir uma visão fragmentada do organismo. Relacionando cada órgão do corpo a um vetor específico, o médico dirigiria a cada um deles um remédio também específico. Notei que esse pensamento estava muito presente, por exemplo, nos trabalhos realizados por um dos discípulos do mestre suíço: Van Helmont¹⁵⁹, embora ele estivesse muito distante de ser considerado um “mecanicista”.

O fato é que a defesa de Paracelso pela utilização de elementos da natureza para tratamento das doenças foi usada fora de seu contexto e acabou tornando-se uma bandeira para a maneira funcional e fragmentária de se conceber o organismo que, combinada à ingestão em alta dosagem de “químicos externos”, acabaria por prevalecer sobre as demais

¹⁵⁸ Referência à obra **Tratado de magia** de Giordano Bruno: “Aos três sobreditos graus da magia correspondem três mundos: o arquetípico, o físico e o racional. No arquetípico, encontram-se a amizade e a luta; no físico, o fogo e a água; no matemático, a luz e as trevas. A luz e as trevas têm origem no fogo e na água, o fogo e a água na concórdia e na discórdia; em consequência, o primeiro mundo produz o terceiro por intermédio do segundo, e o terceiro reflete-se através do segundo no primeiro.” No original: “[...] Iuxta tres praedictos magiae gradus tres mundi intelliguntur: archetypus, physicus et rationalis. In archetypo est amicitia et lis, in physico ignis et aqua, in mathematico lux et tenebrae descendunt ab igne et aqua, ignis et aqua a concordia et discordia; itaque primus mundus producit tertium per secundum, et tertius per secundum reflectitur ad primum.” BRUNO, Giordano. **Tratado de magia**. Trad. Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008, p. 39.

¹⁵⁹ “[...] Também pertence à obra deste grande seguidor de Paracelso a transformação do *Archeus* em *Archei*, vetores mais específicos relacionados a cada órgão do corpo, dirigindo, assim, a cada um deles um remédio, combinando para isto novas substâncias em que o peso e a medida eram meticulosamente observados. ALFONSO-GOLDFARB, **Op. cit.**, p. 147.

interferências que o “médico”, na acepção de Paracelso ele mesmo um *Archeus* externo, poderia provocar no enfermo em prol de sua cura.

[...] Infelizmente, muitos dos que depois receitaram metais (e outras substâncias perigosas) para uso interno não se lembraram da grande atenção, cautela e precisão com que Paracelso media e ministrava as doses das substâncias que dava a seus pacientes¹⁶⁰.

Em *Arquidoxia mágica*¹⁶¹, inclusive, Paracelso apresentou um contraponto à exclusividade da prática de ingestão de *Archeus* externo. Nesse texto, receitou a utilização de um amuleto, feito de material apropriado e conforme as instruções alquímicas, ao redor do pescoço do doente a fim de transmitir-lhe a cura: “[...] não deve parecer-te de todo impossível ou incrível que o medicamento possa remediar um homem, não por absorvê-lo, mas por usá-lo pendurado ao pescoço como um selo”¹⁶².

Mas, como fazia Paracelso para encontrar o elixir ou selo específico para compor com a doença a fim de exterminá-la? Pois bem, para receitar seus remédios e unguentos ele utilizava, aos nossos olhos, uma série de estranhas analogias e simbologias mágicas. Um exemplo: “O ferro é uma substância dedicada a Marte, este por ser deus da guerra é também deus do sangue e como problemas de sangue curam-se com sangue, nada melhor do que dar ferro ao doente”¹⁶³. Alguém poderia dizer, não sem alguma razão, que essa explicação não pode ser verdadeira, pois Marte é o deus da guerra apenas em determinados contextos culturais, e, em outros, como o nosso, por exemplo, ele não tem nenhuma relação com a guerra. Marte é, até última ordem, apenas nosso vizinho mais próximo no Universo, o que não estabelece alguma relação de analogia com o ferro. No entanto, consideremos que as analogias sejam códigos secretos conhecidos apenas pelos iniciados, nesse caso, pouco importaria, em nosso contexto cultural, que as pessoas soubessem ou não que Marte é o deus romano da guerra, bastaria ao alquimista ter conhecimento do assunto. Esse método codificado das semelhanças de Paracelso foi chamado de “sistema das assinalações”, pois seria por meio das assinalações, das marcas, que o iniciado encontraria a analogia escondida.

¹⁶⁰ SCHIPPER. *Op. cit.*, p. 37.

¹⁶¹ Lembrando que refiro-me aos trechos selecionados por Zalbidea.

¹⁶² PARACELSO apud ZALBIDEA. *Op. cit.*, p. 231.

¹⁶³ PARACELSO apud ALFONSO-GOLDFARB. *Op. cit.*, p. 148.

[...] O mundo do similar só pode ser um mundo marcado. “Não é a vontade de Deus”, diz Paracelso, “que o que ele cria para o benefício do homem e o que lhe deu permaneça escondido... E ainda que ele tenha escondido certas coisas, nada deixou sem sinais exteriores e visíveis com marcas especiais – assim como um homem que enterrou um tesouro marca sua localização a fim de que possa reencontrá-lo”. O saber das similitudes funda-se na sùmula de suas assinalações e na sua decifração¹⁶⁴.

Mas, – e essa pergunta é essencial na perspectiva de Paracelso, – como reconhecer corretamente as assinalações divinas? A resposta é simples: por meio da semelhança. A noz, por exemplo, se apresenta tal como o cérebro humano, cheia de reentrâncias e sinuosidades. Essa semelhança, portanto, é o sinal que faz da noz um excelente remédio para o órgão humano do intelecto¹⁶⁵.

Vemos que Paracelso contava com a existência de sinais divinos que, decifrados pelo alquimista, seriam revertidos em benefício do homem. Ele defendia a ideia de que as palavras e os sinais teriam poder, assim como os remédios feitos à base de metais e ervas, para transformar a natureza e curar a doença. Era necessário, no entanto, saber interpretá-los. Era necessário, primeiramente, percebê-los como coisas da natureza¹⁶⁶:

[...] os sinais, os caracteres e as letras têm a sua força e eficácia. Se a natureza e a essência própria dos metais, a influência e o poder do céu e dos planetas, a disposição e significado dos caracteres, sinais e letras se harmonizaram e coordenaram simultaneamente com a observação dos dias, tempos e horas, em nome do céu, o que é que poderia impedir que um sinal ou selo fabricado de tal maneira não possua a sua força e a sua faculdade de operar? Porque não haveria isso de servir, em tempo oportuno, para a cabeça ou a vista? Porque é que tal outra coisa não teria bom uso para os cálculos dos rins?¹⁶⁷

Os sinais, as letras e os caracteres, portanto, seriam pontos chaves, assim como a essência dos metais, o poder do céu e a influência dos planetas, na conjunção das forças que agiriam sobre o enfermo, operando, então, a cura. As palavras, nesse sistema, são as coisas. Elas não são “em nada contrárias à natureza” e “não têm nenhum vínculo com a

¹⁶⁴ FOUCAULT, Michel. *A prosa do mundo*. In: **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 36.

¹⁶⁵ Cf. *Idem*, p. 37-8. Em **Segredos e virtudes das plantas medicinais**, o autor diz o seguinte a respeito de Paracelso e seu sistema de assinalações (ou assinaturas): “[Paracelso] é em geral visto como o divulgador da famosa doutrina das assinaturas – ou, pelo menos, como seu principal expoente na Europa durante o Renascimento. Nessa visão da natureza, bastante centrada no ser humano, as plantas não só foram criadas para o uso dos homens, como também exibiam um sinal claro – uma assinatura – do fim específico a que se destinavam.” SCHIPPER. *Op. cit.*, p. 35.

¹⁶⁶ FOUCAULT. *Op. cit.*, 2007, p. 48.

¹⁶⁷ PARACELSO apud ZALBIDEA. *Op. cit.*, p. 230.

superstição”¹⁶⁸. A linguagem é, em Paracelso, o espelho do mundo. O homem, “livre e poderoso”, “autônomo”, “feito à imagem do criador das coisas universais”, possuidor de um “cérebro que raciocina”, por meio de sua linguagem, de seu saber, torna-se semelhante à ordem do mundo. É ele que irradia-se sobre as coisas, que “[...] transmite as semelhanças que recebe do mundo”¹⁶⁹.

[...] o homem está em proporção com o céu, assim como com os animais e as plantas, assim como a terra, os metais, as estalactites ou as tempestades. Erguido entre as faces do mundo, tem relação com o firmamento [...]; todas essas relações, porém, ele as desloca e as reencontramos, similares, na analogia do animal humano com a terra que habita: sua carne é uma gleba; seus ossos, rochedos; suas veias, grandes rios; sua bexiga é o mar e seus sete membros principais, os sete metais que se escondem no fundo das minas. O corpo do homem é sempre a metade possível de um atlas universal¹⁷⁰.

E cada vez mais me envolvia com minhas pesquisas. Isso era comum, confesso, entre os alquimistas da época. Tanto que, lá no século XX, o historiador do “espírito científico”, Gaston Bachelard, afirmou que “[...] jamais as qualidades de abnegação, probidade, paciência, método escrupuloso, trabalho persistente foram tão intimamente integradas ao ofício quanto na era da alquimia”¹⁷¹. Contudo, quanto mais eu experienciava em laboratório a produção dos elixires, mais percebia a ação do acaso nos acontecimentos da vida, e, assim como o alquimista citado por Silberer, somente quando compreendi que a “Natureza agia de forma mágica é que pude fazer progressos fundamentais em minha arte”¹⁷².

Essa percepção, contudo fez-me distanciar das práticas dos paracelsistas. Apesar de Paracelso praticar a homeopatia, seu argumento acabou servindo para fortalecer um discurso científicista que, por sua vez, submeteu todas as outras terapias de cura fazendo-as passar necessariamente por seu aval higienista para serem legitimadas. Nesse processo de “depuração” da arte médica minha perspectiva alquímica, que até então não era, tornou-se charlatanesca.

Era o início dos anos oitenta do século XVIII e *l'esprit du temps* estava se transformando¹⁷³. No âmbito da medicina, enquanto a prática do médico cientista tornava-se

¹⁶⁸ **Idem**, p. 231.

¹⁶⁹ FOUCAULT. **Op. cit.**, 2007, p. 30.

¹⁷⁰ **Idem**, *ibidem*.

¹⁷¹ BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 63.

¹⁷² **Idem**, p. 66.

¹⁷³ Sobre a mudança do *zeitgeist* relativo ao pensamento filosófico setecentista: “[...] Uma distinção semântica entre as letras, as ciências e as artes é certamente registrada por volta de 1730. Mas, se permite identificar especialistas, ela não os confina à sua disciplina: a compartimentalização efetiva das ciências e das artes só

cada vez mais proeminente, o alquimista tradicional começava a ser vinculado à pecha de charlatão. Nesse jogo de forças, o que se disputava não eram apenas o diagnóstico da doença e o tratamento dos pacientes, era também a adesão dos enfermos aos princípios de um ou outro sistema, incorporando-os ao seu modelo de vida. As práticas e dietas a que um enfermo era submetido pelo seu médico influía inevitavelmente em seu modo de vida e afetava diretamente a maneira como esse indivíduo lidava com seu próprio corpo e com os valores simbólicos que o perpassavam. Muitas vezes as práticas higienistas impostas pelos ‘novos médicos’ contrariavam ou feriam as crenças e outras práticas culturais dos doentes. Esses, portanto, preferiam ser tratados pelos tais charlatães, pois além deles promoverem a cura, não impunham tamanhas restrições e proibições ao modo de vida costumeiro. Além disso, a maneira mágica como eles realizavam o tratamento e, quem sabe, a cura, estava bem mais aparentada com a religiosidade popular dos enfermos do que o ascetismo característico do tratamento higienista.

Ao pesquisar sobre o assunto, encontrei em Stefan Zweig um interessantíssimo artigo publicado como *Prefácio* do livro **A cura pelo espírito**, em que o autor dissertou a respeito da relação do ser humano com a saúde ao longo do tempo e o fato de a doença estar “[...] indissociavelmente ligada ao sentimento religioso”¹⁷⁴.

A luta pela saúde, portanto, significa no alvorecer da humanidade, não a luta contra a enfermidade concreta, isolada, e sim, a pugna perante deus. Toda medicina da terra começa como teologia, como culto, como rito e magia; como uma reação do homem contra a prova enviada por deus. À dor do corpo se opõe não um tratamento técnico e sim um ato religioso¹⁷⁵.

Portanto, se a princípio a doença era um assunto de sacerdotes, a alquimia, aqui tratada por Zweig como “medicina”, acabou promovendo um corte na preponderância da religião sobre os males humanos¹⁷⁶. Como disse o autor, eis que em determinado momento o médico se colocou ao lado do sacerdote e, logo mais, à sua frente. A transferência da doença da esfera transcendental para a natural, continuou o austríaco, trouxe para a esfera da cura os elementos da natureza: ervas, matéria animal e substâncias minerais¹⁷⁷. É nesse rompimento, de um lado o sacerdote recusando a ingestão de elementos externos, pois se deus mandou a

será completamente realizada no século seguinte.” COQUARD, Olivier. **Marat: o amigo do povo**. Trad. C. H. Silva. São Paulo: Scritta, 1996, p. 97.

¹⁷⁴ ZWEIG, Stefan. *Prefácio*. In: **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud**. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930], p. III-XVIII.

¹⁷⁵ **Idem**, p. VII.

¹⁷⁶ Os males da alma, nessa perspectiva, não são diferenciados dos males do corpo. O alquimista procura ter uma visão holística do organismo.

¹⁷⁷ ZWEIG. **Op. cit.**, 1930, p. VIII.

doença somente ele poderia tirá-la, e, de outro, o alquimista pesquisando e administrando panaceias e elixires aos doentes, que começa a surgir uma diferenciação substancial na compreensão dos elementos que influenciam na produção das enfermidades. A doença, além disso, deixou de acometer o indivíduo como um todo e passou a atormentar, cada vez mais, apenas seus órgãos. A ingestão de “químicos externos” para regular os *Archei* internos, a noção de que as doenças poderiam ser curadas por intermédio de ações humanas, portanto, acabou distanciando a doença do campo religioso e a cura do campo mágico.

No entanto, foi apenas cerca de trezentos anos depois de Paracelso, no século XVIII, que medicina e a alquimia deixaram de comer no mesmo prato, embora ainda mantivessem semelhanças. O embate agora se dava entre os médicos devidamente regulamentados e os que eles chamavam de charlatães, categoria que agrupava cirurgiões, boticários, homeopatas, religiosos e alquimistas. O livro **A história da loucura**, do filósofo francês Michel Foucault, traz a citação de um texto do médico T. E. Gilibert intitulado *L’Anarchie médicale*, escrito em 1772, onde ele comenta a respeito da prática curativa da época. O texto possibilita ao leitor imaginar a disputa de forças que se estabeleceu entre médicos cientistas e demais terapeutas de cura nesse momento da história da ciência europeia, além de perceber a popularidade que tais charlatães tinham entre os que precisavam de seus serviços:

A maior parte da medicina prática está nas mãos das pessoas nascidas fora do seio da arte; as curandeiras, as damas de misericórdia, os charlatães, os magos, os vendedores de roupa usada, os hospitaleiros, os monges, os religiosos, os droguistas, os ervatários, os cirurgiões, os farmacêuticos, tratam maior número de doentes e dão mais remédios do que os médicos¹⁷⁸.

Tudo farinha do mesmo saco, diria Gilibert a respeito de alquimistas e charlatães. Mas a medicina, e isso ele preferiu esquecer, é uma prática proveniente de perguntas e respostas alquímicas. Pois sim, meu caro, a generalização, desde aquela época, já era costume entre os cientistas, ou como preferiria Foucault, entre os “médicos disciplinares”¹⁷⁹. O século XVIII, portanto, marcou o período de ascensão do poder

¹⁷⁸ GILIBERT apud FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho, São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 306.

¹⁷⁹ Para Foucault, apesar do poder disciplinar ter se tornado preponderante sobre o poder soberano no século XVIII, ele começou a despontar séculos antes, no seio das comunidades religiosas, que passaram a adotar regras ascéticas para pautar o cotidiano de seus membros. Questionando-se sobre como teria se dado a extensão desses dispositivos, por meio de quais etapas, suportada por quais mecanismos, o filósofo apresentou uma série de instituições que se circunscreveram, a partir do século XV, dentro de um discurso disciplinar, e passaram a propagá-lo: a escola, a oficina, o convento, as missões jesuíticas e o exército. Cf. FOUCAULT, Michel. *Aula de 21 de novembro de 1973*. In: **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège**

disciplinar, época de transição, momento de transformação na esfera dos poderes médicos em que os diagnósticos se tornavam cada vez mais precisos, detalhados e específicos, a “[...] higiene e a razão começavam a impor suas receitas entre a plebe”¹⁸⁰. A escrita se tornava, então, um dos instrumentos de controle disciplinar do médico sobre o corpo doente, a ponto de chegar, no século XIX, a substituir a presença do enfermo na consulta. No caso de pacientes internados em manicômios, o médico passava apenas a analisar o prontuário e a receitar o tratamento ao doente via enfermeiros e vigilantes.

Foi no XVIII que teve início a popularização de tratados médicos cujo objetivo era levar ao leigo, pelo menos ao leigo letrado, o conhecimento dos princípios de uma “vida saudável” e das atitudes que deveriam ser tomadas em relação às funções corporais. Esses princípios de uma vida saudável, diziam os manuais, estavam fundamentados nas leis da natureza¹⁸¹.

Nunca antes havia sido mais justificada a esperança de que a humanidade seria libertada proximamente dos males de toda espécie que a afligiam. Estava-se a ponto de descobrir os *princípios da natureza*, explicando e tornando acessíveis seus elementos e forças mais ocultos¹⁸².

No entanto, fazendo uma breve leitura desses manuais, percebi que não havia nada de “natural” naquilo eles chamavam “natureza”, nem qualquer semelhança com a natureza obscura e mágica dos alquimistas... Por certo a tendência disciplinar já circulava

de France (1973-1974). Edição estabelecida por Jacques Lagrange. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 49-77.

¹⁸⁰ SLOTERDIJK, Peter. **A árvore mágica: o surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia**. Trad. Andrea J. H.; Fairman. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos; Casa-Maria Editorial, 1988, p. 23.

¹⁸¹ **Idem**, ibidem.

¹⁸² **Idem**, ibidem. (grifo meu)

entre os filósofos desde o século XVI¹⁸³, no entanto, somente no século XVIII é que a natureza foi de fato esquadrihada pelos “filósofos realistas” de Bachelard¹⁸⁴.

O trecho que se segue, de autoria de Erasmo, um adepto de Roterdã, é bem ilustrativo a respeito da emergência do pensamento disciplinar no século da Reforma, especialmente no que diz respeito à maneira como a natureza é apresentada no texto.

A pessoa bem educada sempre deve evitar expor, sem necessidade, as partes às quais a *natureza* atribuiu pudor. Se a necessidade a compele, isto deve ser feito com decência e reserva, mesmo que ninguém mais esteja presente. Isto porque os anjos estão sempre presentes e nada mais *lhes agrada* em um menino do que pudor, o companheiro e guardião da decência. Se produz vergonha mostrá-las aos olhos dos demais, *ainda menos* devem ser elas expostas pelo toque¹⁸⁵.

Escrito em 1530, *De civilitate morum puerilium* foi publicado em livros escolares na área de influência religiosa e acadêmica de Desidério Erasmo. Ele deveria ser lido e seguido especialmente pelos meninos educados nos conventos e/ou escolas de Colônia. Após ler esse trecho, todavia, fiquei a pensar sobre essa ideia da natureza “atribuir” pudor para as partes do corpo. Que natureza mais cultural! Temos, na realidade, uma moral que se quer natural. Temos uma educação que procura introjetar, naturalizar uma moral ascética. A natureza, contudo, se é natural, não atribui “pudor” a nenhuma parte do corpo. Se assim fosse, teríamos nascido de roupa! Além do mais, a necessidade primeira da roupa, na história humana, não foi cobrir “partes pudicas”, mas proteger do frio ou do calor o corpo frágil e sem pêlo do homem.

Li, com efeito, tratados e manuais relativos ao trato com o corpo escritos no século XVIII. O pudor continuava vigorando. Para ser sincero, o pudor estava ainda mais

¹⁸³ Diz ainda Foucault a respeito da ascensão do poder disciplinar: “[...] *Formou-se no interior das comunidades religiosas; dessas comunidades religiosas, ele se transportou, transformando-se, para comunidades laicas que se desenvolveram e se multiplicaram nesse período da pré-Reforma, digamos, nos séculos XIV-XV. E podemos apreender perfeitamente essa translação em certos tipos de comunidades laicas não exatamente conventuais, como os célebres “Irmãos da Vida Comum” que, a partir de certo número de técnicas quer tomavam emprestadas da vida conventual, a partir igualmente de certo número de exercícios ascéticos que tomavam emprestados de toda uma tradição do exercício religioso, definiram métodos disciplinares relativos à vida cotidiana, à pedagógica. Mas esse é apenas um exemplo de toda essa ramificação, anterior à Reforma, de disciplinas conventuais ou ascéticas. E, pouco a pouco, são essas técnicas que vemos então difundir-se em larga escala, penetrar a sociedade do século XVI e, sobretudo, dos séculos XVII e XVIII, e tornar-se no século XIX a grande forma geral desse contato sináptico: poder político/corpo individual.*” FOUCAULT. **Op. cit.**, 2006, p. 51.

¹⁸⁴ “[...] *Siga a argumentação de um realista; imediatamente ele está em vantagem sobre o adversário porque tem, acha ele, o real do seu lado, porque possui a riqueza do real, ao passo que seu adversário, filho pródigo do espírito, persegue sonhos vãos.*” BACHELARD. **Op. cit.**, p. 163.

¹⁸⁵ ROTERDÃ, Erasmo de. *De civilitate morum puerilium* apud ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 136. (grifos meus)

forte. *Les Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne*¹⁸⁶, publicadas em 1729, são um exemplo do ideal de negação do corpo e das sensações por ele captadas.

Faz parte do decoro e do pudor cobrir todas as partes do corpo, com exceção da cabeça e das mãos. Deve-se tomar cuidado para não tocar com as mãos nuas qualquer parte do corpo que não é *habitualmente* deixada descoberta. E se for obrigado a assim proceder, isto deve ser feito com grande cautela. Você precisa acostumar-se ao sofrimento e ao desconforto sem se contorcer, esfregar-se ou coçar-se...

É muito mais contrário à decência e à propriedade tocar ou ver em outra pessoa, principalmente do sexo oposto, aquilo que os Céus proíbem que você olhe em si mesmo¹⁸⁷.

Embora a palavra aqui não apareça, há indícios que apontam para a manutenção da ideia de “natural” como sinônimo de “moral”. As “partes que a natureza atribuiu pudor” foram transformadas em “parte do corpo que não é habitualmente deixada descoberta”; já não há mais a onipresença dos anjos justificando o pudor, mas uma proibição expressa dos “Céus”. A natureza, agora, ou se tornou um costume, uma prática cultural, ou é uma lei divina. Contudo, há permanências cruciais: mantém-se a interdição às mesmas partes do corpo, o próprio e o alheio, principalmente se do sexo oposto.

Pois então, esses manuais eram geralmente escritos por religiosos, e, tal como indicou Foucault, as práticas médicas do século XVIII foram inspiradas nesses exercícios espirituais e ascéticos das comunidades religiosas do século XIV. Entre os higienistas, no entanto, a natureza deixou de ser explicada pela vontade divina e passou a ser ‘desvendada’ pela racionalidade humana. Ao “conhecimento sobre a natureza” deram o nome de “leis da natureza” e, partindo delas, criaram os chamados *syntèmes de la nature*. Os diversos acontecimentos naturais passaram, então, a ser vistos como elementos de uma única e indivisível Natureza, regida por “princípios universais” que, segundo esses filósofos, eram naturais e não divinos. Esses sistemas propunham-se, portanto, a construir significações para as doenças e a estabelecer, com base em pesquisas metafísicas e experimentais, o tratamento e os medicamentos que deveriam ser utilizados pelos pacientes.

Ao longo do século XVIII, a ideia da eficácia do medicamento se concentrou ao redor do tema da natureza [...]. O modo de ação do medicamento segue um desenvolvimento natural e discursivo, mas o princípio de sua atuação é uma proximidade da essência, uma comunicação original com a natureza,

¹⁸⁶ *Les Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne (As regras do decoro e da civilidade cristã)*, de La Salle, era um manual de comportamento baseado nos costumes da corte francesa destinados à disseminação de “[...] maneiras e modelos cortesãos por estratos mais amplos da burguesia [...]”. **Idem**, p. 103.

¹⁸⁷ **Idem**, p. 138. (grifos meus)

uma abertura para um Princípio. É nessa ambiguidade que se devem entender os privilégios sucessivos atribuídos durante o século XVIII aos medicamentos “naturais”, isto é, àqueles cujo princípio está *oculto* na natureza, mas cujo resultados são *visíveis* para uma filosofia da natureza: ar, água, éter e eletricidade¹⁸⁸.

A ideia de sistema da natureza passou a servir de modelo para se pensar a existência universal. “[...] “Nunca apareceram tantos sistemas, tantas teorias novas sobre o universo como nesses últimos anos”, observou o *Journal de Physique* em dezembro de 1781 [...]”¹⁸⁹. O paradigma nuclear desses sistemas enfatizava ainda mais a posição central do homem no universo, transformando-o na pedra de toque de todos esses modelos. O paradigma da circulação sanguínea humana, por exemplo, foi “[...] transposto, de maneira sugestiva, a todas as especulações sobre a comunicação das forças nos cosmos, no Estado, na arte e nas relações das almas”¹⁹⁰. Contudo, o homem, agora, não era somente o grande espelho da natureza, tornou-se seu comandante.

[...] A ciência havia convertido o homem num deus. A capacidade do cientista de dominar as forças da natureza inspirou aos franceses uma reverência, um entusiasmo quase religioso que ultrapassava as entidades científicas de Paris, as fronteiras da alfabetização e, no que se referia a questões literárias, os limites da prosa. Eis um exemplo [publicado no *Almanach des Muses* e traduzido literalmente] entre as dezenas de poemas inspirados pelos voos de balões, versando sobre a nobreza da razão humana:

Teus tubos determinam o peso do ar;
Teu prisma separou os raios de luz;
O fogo, a terra e a água submetidos às tuas leis;
Tu dominas a Natureza inteira¹⁹¹.

Portanto, se a criação e manipulação das “leis naturais” começou a ficar evidente quando o médico quinhentista, ainda um alquimista, conseguiu, a partir da manipulação das plantas e dos minérios, eliminar ou enfraquecer as doenças, foi apenas no século XVIII que o médico, agora diferenciado do alquimista, alcançou o *status* de dominador da natureza¹⁹².

¹⁸⁸ FOUCAULT. *Op. cit.*, 2008, p. 300.

¹⁸⁹ Cf. DARNTON, Robert. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 24.

¹⁹⁰ SLOTERDIJK. *Op. cit.*, p. 24.

¹⁹¹ DARNTON. *Op. cit.*, p. 27-8.

¹⁹² Essa concepção filosófica que adota o homem como **medida da natureza** (não mais como semelhante a ela) está profundamente relacionada com a emergência das “Academias”, como diz o professor português Manoel Vaz Guedes: “[...] *Em Inglaterra com o patrocínio real de Carlos II é fundada a Royal Society em 1660 com o fim de “investigar a natureza e de inquirir sobre a sua atividade e os seus poderes pela observação e pela experiência”*. A partir do ano de 1665 são publicadas as *Philosophical Transactions* (Phil. Trans.) onde as mais recentes descobertas são apresentadas ao grande público. Em França, sob o patrocínio de Luís XIV, é

Em **A formação do espírito científico**, Bachelard comentou que esse poder unívoco atribuído à natureza no século XVIII, período que ele definiu como “pré-científico”, criou um “coeficiente de realidade” a tudo o que se dizia natural. Com o passar do tempo, os filósofos realistas e os médicos acreditaram que era possível matematizar e domar a Natureza com suas leis, desligando-a completamente de qualquer sentimento religioso, transcendente, transformando-a em um mero resultado de raciocínios. E assim eles conseguiram conquistar muitos adeptos nos quatro cantos do planeta. Esse novo caminho, contudo, provocou uma ruptura no percurso que a medicina vinha, ao longo da história, trilhando ao lado da alquimia¹⁹³.

Fui então me distanciando das terapêuticas fundadas na ingestão de *Archei* externos, elas pareciam dar muita ênfase, com seus tratamentos específicos, à fragmentação do organismo enfermo, além de trabalhar com a prescrição de altas dosagens de remédios. Com o objetivo de agilizar a cura, muitos desses ditos paracelsistas acabaram provocando sequelas ou mesmo a morte de seus pacientes ao receitar, por exemplo, quantidades absurdas de mercúrio, esmeralda, ferro ou outros metais.

Enveredei-me para os novos campos da eletricidade. Contudo, lá também tive meus dissabores, lá também a medicina racionalista lançou suas garras. Contar-lhe-ei, por hora, sobre as eletrizantes pesquisas realizadas no final do século XVIII...

Nesse afã pelas invenções humanas que mediam e tentavam reproduzir os eventos naturais, não podem ficar de fora as pesquisas sobre eletricidade. Muitos *hommes des lettres* da época escreveram tratados e ensaios sobre o assunto: Benjamin Franklin, Jean-Paul Marat, Antoine de Lavoisier, Isaac Newton, Pieter van Musschenbroek, Luigi Galvani, J. L. Carra. As ‘pessoas comuns’, segundo Darnton e Bachelard, também ficaram extremamente empolgadas com as novidades científicas da época. De fato, desde a década de 1770 o interesse pela eletricidade aumentava rapidamente. Os jornais e panfletos que circulavam na

*criada a Académie Royale des Sciences com o dever de fazer progredir a filosofia da natureza e as matemáticas e de aplicar as leis da natureza em reformas práticas.” GUEDES, Manoel Vaz. **O fenômeno elétrico: algumas ideias e experiências durante o século XVIII**, p. 10. Disponível em: <http://paginas.fe.up.pt/histel/FenomEl.pdf>. Acessado em: 21/06/2011.*

¹⁹³ Segundo Marilena Chauí, no *Prefácio* do livro de Ana Maria Alfonso-Goldfarb, a noção de experiência é uma das marcas que baliza essa mudança. A autora utiliza as obras de Roger Bacon e de Robert Boyle, que são os pontos-chaves da autora do livro, para mostrar essa ruptura: “[...] *Para o alquimista Bacon experimentar é experienciar, vivenciar o todo da obra divina, captando pelas relações entre o micro e o macrocosmo as relações de simpatia e analogia entre as criaturas e entre estas e o criador. Para o químico Boyle, experimentar é pôr-se “fora” da natureza, contemplar, observar, calcular, medir, quantificar, encontrar leis constantes dos movimentos, analisar e sintetizar num mundo concebido sob o modelo da máquina e como manipulável de fato e de direito. Em suma, a Alquimia não participa daquilo que é essencial à Química: a separação entre o sujeito e o objeto.*” CHAUI, Marilena apud ALFONSO-GOLDFARB. **Op. cit.**, p. 14.

cidade falavam sobre o assunto, as experiências laboratoriais eram assistidas por vasto público e os médicos estudavam as possíveis vantagens que esse fenômeno da natureza poderia trazer para o tratamento das doenças. A eletricidade, diziam, passou a explicar uma enorme diversidade de fenômenos e provocou grande frenesi¹⁹⁴. Darnton citou a ideia de Von Humboldt sobre a força magnética exercida pela Lua sobre os seres terrestres, as experiências de Galvani com “eletricidade animal”, as teorias do abade Nollet e de Bertholon¹⁹⁵. É recorrente, além disso, encontrar nos textos desses autores referências ao grande interesse que, no século XVIII, a ciência elétrica provocou sobre os “homens cultos”¹⁹⁶.

Esse folclore sobre a ciência incipiente toma conta das melhores cabeças. Volta gasta centenas de páginas para descrever a seus correspondentes as maravilhas da *pistola elétrica*. O nome complicado que ele lhe atribui já serve para mostrar a necessidade de enfeitar o fenômeno essencial: “pistola elétrico-fogo-pneumática”. [...]

Para provocar o interesse, procura-se sempre causar assombro. Reúnem-se as contradições empíricas. Uma experiência típica do século XVIII é a de Gordon, que “pôs fogo em bebidas alcoolizadas por meio de um jato de água” [...].

Através de tais contradições empíricas — do fogo acesso pela água fria ou pelo gelo —, pensam descobrir o caráter misterioso da Natureza¹⁹⁷.

Outra novidade elétrica que provocou “verdadeiro fascínio”, como diria Bachelard, foi a garrafa de Leyden. Pieter van Musschenbroek era um cientista intrigado com a eletricidade terrestre, aquela que nos deu o fogo quando Prometeu ainda não nos havia ensinado a chave de sua reprodução. O raio e a descarga elétrica provocavam calorosas discussões: como aceitar cientificamente um fenômeno que não pode ser reproduzido por obra humana? Que não pode ser armazenado? Como comprovar sua existência? Sentimos, mais é invisível. Como comprovar, portanto, uma sensação que não pode ser partilhada? Perguntas e

¹⁹⁴ Joseph Priestley, pesquisador que por volta de 1785 isolou e nomeou os compostos da água dando ao hidrogênio o título de “ar inflamável” ou “flogistizado” e ao oxigênio o de “ar vital” ou “deflogistizado, tinha a seguinte opinião a respeito do encantamento produzido pela eletricidade no coração das pessoas: “Se alguém chegasse (a prever o choque elétrico) por meio de algum raciocínio, teria sido considerado um grande gênio. Mas as descobertas sobre a eletricidade decorrem tanto do acaso, que não se trata de resultado da genialidade e sim das forças da Natureza, o que provoca a admiração que por elas sentimos.” PRIESTLEY apud BACHELARD. *Op. cit.*, p. 38.

¹⁹⁵ DARNTON. *Op. cit.*, p. 22.

¹⁹⁶ “[A eletricidade] constitui desde os anos 1730 um domínio no qual numerosos sábios se aventuram: Du Fay colocou em evidência a condução da eletricidade em 1729, ao mesmo tempo em que distinguiu os primeiros condutores e os primeiros isolantes. Seguindo o inglês Gray, entendeu com maior precisão os fenômenos de eletrização por fricção em 1733 e tentou elaborar as primeiras teorias elétricas mais globais, inscrevendo os fenômenos de atração e repulsão elétricas na perspectiva cartesiana dos turbilhões. Em 1746, a experiência da “garrafa de Leyden” realizada por Musschenbroeck permitiu a acumulação de eletricidade, conhecida na Enciclopédia como “uma matéria” sobre a qual “nada se conheceu ainda de essencial”. COQUARD. *Op. cit.*, p. 116. Ver também BACHELARD. *Op. cit.*, p. 40; DARNTON. *Op. cit.*, p. 44.

¹⁹⁷ BACHELARD. *Op. cit.*, p. 43-4.

outras tantas perguntas sobrevoavam o pensamento de Musschenbroek, até que, realizando suas pesquisas na Universidade de Leyden, conseguiu projetar um armazenador de energia, um aparato que lhe permitiu acumular eletricidade. Devido ao formato do aparato construído pelo pesquisador e o seu local de produção, a invenção ficou conhecida como “garrafa de Leyden”.

Desde o ano em que foi descoberta, houve muitas pessoas, em quase todos os países europeus, que ganharam a vida indo mostrá-la por toda parte. O vulgo de qualquer idade, sexo e condição social considerava esse prodígio da natureza com surpresa e admiração¹⁹⁸.

O funcionamento desse aparato era simples: uma garrafa revestida interna e externamente por armaduras de metal contendo uma determinada quantidade de água energizada. No meio da garrafa, preso à tampa, um canudo de cobre que ficava em contato tanto com a água como com o ar. Quando o pesquisador, depois de carregar a garrafa de eletricidade, tocou ao mesmo tempo a ponta da haste de cobre e o corpo da garrafa, pôde perceber, pelo choque que levou, que havia finalmente alcançado a proeza de “capturar” a eletricidade¹⁹⁹. Segundo o historiador do inconsciente, Henri Ellenberger, o aparato foi estudado e incorporado por Mesmer em sua terapêutica, tendo proliferado em Paris com *les baquets de monsieur Mesmer*.

[...] Mesmer imaginou seu fluído como tendo pólos, correntes, descargas, condutores, isolantes e acumuladores. Sua cuba, um instrumento que supostamente concentrava o fluído, era uma imitação da recentemente inventada garrafa de Leyden²⁰⁰.

O assunto elétrico, na época, não era apenas de interesse de físicos²⁰¹. Os médicos também se interessavam pelos fluidos elétricos, pois achavam que poderiam utilizá-los em uma gama de tratamentos. Partindo do pressuposto de que o fluido elétrico perpassava toda matéria, *hommes des lettres* como Jean-Paul Marat e o abade Bertholon, embora discordantes em vários aspectos, concluíram que o corpo humano deveria também ser completamente percorrido por esse elemento elétrico sendo, portanto, eletrificável. A

¹⁹⁸ PRIESTLEY apud BACHELARD. *Idem*, p. 40.

¹⁹⁹ Mais tarde percebeu-se que a água não era essencial à experiência e acabou-se por abandoná-la.

²⁰⁰ Livre tradução de: “[...] Mesmer imagined his fluid as having poles, streams, discharges, conductors, isolators, and accumulators. His baquets, an instrument that was supposed to concentrate the fluid, was an imitation of the recently invented Leyden jar.” ELLENBERGER, Henri F., **The discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: BasicBooks, 1970, p. 63.

²⁰¹ Lembrando que essas diferenças entre os campos do conhecimento, na realidade, nem estavam demarcadas na época. Um homem do século XVIII não era, ainda, o especialista do XIX.

eletricidade, inclusive, parecia promover verdadeiros milagres, é o que se pode notar nesse texto de Bertholon:

Um casal, que não conseguia ter filhos há mais de dez anos, recomeçou a ter esperança com a eletricidade. Assim que os dois souberam da eficácia do meio que proponho, mandaram isolar a cama. Um arame de comunicação, mas isolado, atravessava o tabique que separava seu aposento de um quarto vizinho, onde estava colocada a máquina elétrica... Ao fim de doze ou quinze dias de eletrização, a mulher concebeu e, depois, deu à luz uma criança que goza atualmente de boa saúde, é um fato de grande notoriedade...²⁰²

Usada para curar doenças venéreas, vapores, problemas pulmonares, a eletricidade vigorou também no tratamento da loucura. Somada a uma série de tratamentos clássicos, como a sangria, a purgação, os banhos quentes ou frios, e a uma série de “remédios”, como o ferro, a mirra e o aloés, o café, a quinina e a valeriana, o sabão, o mel e a fuligem de chaminé, o vinagre, o açafrão oriental e o elixir de Paracelso, a eletricidade, a partir do século XVIII, tornou-se uma alternativa terapêutica para o tratamento das “doenças nervosas”²⁰³.

Pois bem, meu caro, lhe darei um exemplo pedagógico do que estou tentando lhe falar: a prática médica do historicamente conhecido “Amigo do povo”, dr. Jean-Paul Marat, é um exemplo do uso da eletricidade no tratamento de doenças²⁰⁴. Diplomado no ano de 1774 em medicina pela universidade de Saint Andrews, na Inglaterra, Jean-Paul Marat recebeu sua patente de médico do corpo de guardas de *monsieur* conde d’Artois²⁰⁵ em 1777, quando de sua chegada em Paris. Já no ano seguinte, deu início às suas experiências com luz e fogo, recebendo, inclusive, uma homenagem da Academia de Berlin pelo texto **Mémoire des sciences sur les expériences**. Publicou, também em 1778, as **Découvertes de M. Marat sur le feu, l’électricité et la lumière etc** alcançando grande popularidade entre estudiosos e leigos no assunto²⁰⁶. Conta-se que Benjamin Franklin e Alessandro Volta tomaram

²⁰² BACHELARD. *Op. cit.*, p. 248.

²⁰³ FOUCAULT. *Op. cit.*, 2008, p. 307-11.

²⁰⁴ O livro de Olivier Coquard intitulado **Marat: o amigo do povo** é o fundamento historiográfico desse trecho do texto.

²⁰⁵ O conde d’Artois é Charles de Bourbon, futuro Charles X da França, coroado em 1825.

²⁰⁶ Entre 1778 e 1784, Marat publicou vários textos a respeito da eletricidade. Além dos dois textos acima citados, publicou também as **Recherches physiques sur le feu; Recherches physiques sur l’électricité e Mémoire sur l’électricité médicale**. Entre 1784 e 1787, contudo, houve uma ruptura nos temas de suas pesquisas. O centro de suas experimentações e elucubrações filosóficas passou, então, a girar em torno de questões relacionadas à óptica. **Notions élémentaires d’optique; Mémoire sur les expériences consacrées par Newton à la chaleur latente**, além da tradução de **L’optique** de Newton, são alguns dos trabalhos realizados por ele. Justamente no ano da ruptura temática, em 1784, Marat iniciou a produção de doze cartas, publicadas apenas em 1791 e intituladas **Charlatans modernes**, onde apresentou críticas tanto ao

conhecimento de seus trabalhos e produziram textos comentando-os. No início da década de 1780, seu gabinete médico/elétrico era intensamente frequentado por pesquisadores e enfermos da aristocracia parisiense, seu trabalho era amplamente comentado entre os convivas dos salões da corte francesa.

Em seu consultório, ele recebia um grande número de curiosos e sábios: o visconde de Maillebois, acadêmico de ciências e convicto mesmeriano; o abade Filassier, que fez a primeira constatação da cura da senhora de L'Aubespine; Laurent-Antoine Miollan, também médico; Pilâtre de Rozier, provavelmente²⁰⁷.

Obviamente, a eletricidade era somente uma das técnicas que ele utilizava em seus pacientes, encontramos, em sua terapêutica, não apenas os fluidos elétricos, mas também as águas minerais artificiais, sais, chás e unguentos. Seu repertório técnico era vastíssimo: “emulsão de amêndoas doce com sal de nitro”; “água mineral artificial”; “infusão teiforme de funcho de Florença”; “extrato de quinina”; “fumigações balsâmicas” e “essência de âmbar cinzento”. Marat, meu caro, tinha formação alquímica, era um paracelsista. Eu o conheci pessoalmente, acompanhei suas pesquisas, sua prática cotidiana. Como os demais médicos da época, ele criou seu sistema da natureza e realizou inúmeras experiências em seu laboratório. Contudo, assim como aconteceu comigo, Marat recebeu o rótulo de charlatão pelos higienistas. O que fez sua fama permanecer através do tempo foram as questões políticas da época, não o reconhecimento por seus tratados médicos²⁰⁸.

Porém, entre membros da aristocracia francesa, Marat era muito conhecido e respeitado, apesar dos incômodos sociais que por vezes provocava. Era membro da *libré*, protegido de Charles d'Artois e médico da corte. Um de seus casos exemplares, aquele que o lançou na sociedade parisiense, foi a cura da marquesa de L'Aubespine, sobrinha do ministro

magnetismo animal, enunciado pelo dr. Mesmer, quanto ao modelo de financiamento e produção do conhecimento acadêmico da época. Foi também nesse ano, mais precisamente em agosto, que Mesmer iniciou sua trajetória descendente em Paris. Para uma análise mais detalhada dessas cartas, ver o tópico *Os charlatans modernes*, do capítulo *Marat e os acadêmicos* do livro de Coquard. **Op. cit.**, p. 162-67.

²⁰⁷ COQUARD. **Idem**, p. 88.

²⁰⁸ Segundo Michelet, historiador do século XIX, Marat produziu “[...] uma enorme quantidade de experiências apressadas, apaixonadas, superficiais; era um estranho no assunto. Seu vestuário, ao mesmo tempo rebuscado e sujo, era menos de um homem de letras que de um charlatão, de um vendedor de orvitão, como ele havia sido, com efeito.” É interessante notar que o principal argumento do historiador para diminuir o conhecimento científico produzido por Marat recaí exatamente em seu vestuário, em sua aparência. MICHELET apud COQUARD. **Op. cit.**, p. 114.

de Choiseul²⁰⁹, que sofria de doenças pulmonares e que já havia sido tratada por diversos médicos de Paris sem que a cura fosse alcançada.

Em relação à eletroterapia, Marat escreveu em 1783 uma obra especialmente dedicada à técnica. Intitulada **Mémoire sur l'électricité médicale**²¹⁰, trata dos usos médicos da eletricidade. A eletricidade, todavia, foi assunto de variados textos de Marat. Em uma carta enviada à **Gazette de Santé** em 1778, por exemplo, ele defendia a hipótese de que “[...] todos os fenômenos se explicariam pela circulação de fluidos” e que, portanto, os fluidos habitariam todas as matérias²¹¹. Esses fluidos de que fala Marat são os debatidos “fluidos elétricos”. Ele não era o único que pensava assim, na realidade, esse era, segundo os historiadores do assunto, um pensamento comum entre os filósofos do fim do Iluminismo²¹². Apesar de demonstrar-se cauteloso quanto à eletricidade, estabelecendo fronteiras entre as doenças que podiam ser curadas e as que não podiam ser curadas pela técnica elétrica²¹³, Marat se entusiasmava quando, ao escrever uma carta, relatava as curas obtidas com o tratamento:

Terei a felicidade, meu caro amigo, de antes de partir ter restabelecido, por meio da eletricidade, a visão do senhor Romé de L'Isle, que a havia perdido há trinta e três anos, e de ter assim devolvido à sociedade um homem apto. O senhor vosso cunhado estava ameaçado por um ataque de paralisia, já sua língua estava embaraçada, quando o vi em casa da senhora de Saint-Laurent. Convidei-o a me visitar, e apenas eletrizei-o cinco ou seis vezes: e ele vai muito bem²¹⁴.

Pois bem, conheci Marat mais ou menos nessa época, no final do século XVIII, quando os estudos sobre a eletricidade tornavam-se assunto de *soirées* e festas da aristocracia, quando inúmeros boticários, vidreiros e físicos, incluindo ele e eu, ocupavam-se com a construção de instrumentos de laboratório que permitiriam observar e experimentar os

²⁰⁹ “Étienne-François, duque de Choiseul (1719-1785), ministro do Exterior de Luis XV de 1758 a 1770, expulsou os jesuítas da França em 1762.” Nota de rodapé nº 52 de BALZAC. **Op. cit.**, 2006, p. 141.

²¹⁰ O texto original está inteiramente disponível na biblioteca virtual *Gallica*. MARAT, Jean Paul. **Mémoire sur l'électricité**. Rouen: Académie Royale des Sciences, Belles Lettres & Arts, 1783. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5741204f.langPT>. Acessado em: 27/06/2011.

²¹¹ COQUARD. **Op. cit.**, p. 100.

²¹² “[...] Os objetos de suas pesquisas estão, de resto, em total conformidade com sua época, inclusive a teoria dos fluidos, desenvolvida, com nuances, por numerosos sábios do fim das Luzes.” COQUARD. **Idem**, p. 100. Ver também DARNTON. **Op. cit.**, p. 20.

²¹³ “[...] Os casos em que a eletrização é suficiente para operar uma cura são muito raros; são possíveis àqueles em que o princípio da doença é simples estupor ou atonia, tais como a paralisia, a hemiplegia, a asfixia, as afecções supurosas, o empaldecimento do tecido celular etc.” MARAT apud COQUARD. **Idem**, p. 106.

²¹⁴ **Idem**, p. 108.

fenômenos da natureza²¹⁵. Eu andava, confesso, muito descontente com essa nova seita alquímica chamada Ciência²¹⁶. Ela começou nas associações e academias europeias há pouco mais de um século e vinha ávida para prevalecer sobre as demais seitas alquímicas.

Para rapidamente adquirir força em seus argumentos, os membros dessa seita descumpriram um princípio fundamental do conhecimento alquímico: o segredo. Esse foi um tremendo engano dos médicos cientistas, como eles estavam ávidos para dominar as demais seitas, lançaram-se à publicação e popularização de suas experiências por que eles precisavam ser reconhecidos e valorizados socialmente por seus méritos. Isso provocou uma exagerada simplificação dos princípios alquímicos e um escândalo exagerado tomou conta de pessoas, que não estavam preparadas para receber tais informações, pessoas não iniciadas que, de uma hora para outra, tinham em mãos pedras preciosas da sabedoria hermética antiga e medieval sem saber o que fazer com elas. Esses médicos se esqueceram que os segredos alquímicos tornar-se-iam instrumentos perigosos nas mãos daqueles que não os sabiam usar. Silêncio. Eles não sabiam mais sentir com o cheiro e o tato. Eles agora só sabiam falar, criar mundos com a palavra e acreditar na realidade desses mundos. Não podiam mais decifrar as sensações.

Além desse deslizamento em relação ao princípio do silêncio, as técnicas médicas eram cada vez mais determinantes sobre o modo de vida das pessoas. Diversas leis e mandatos de prisão, boicotes editoriais foram usados para impedir o trabalho dos “charlatães”, as terapias alquímicas de cura tornaram-se crime. Além disso, muitos dos nossos ainda perderiam suas cabeças na guilhotina. Ainda assim, em meio a tantas certezas oferecidas pela ciência para a cura dos males do corpo humano, decidi seguir meu próprio caminho. Eu não estava convencido de que os males da alma, cujas características principais são a volatilidade e transfiguração, poderiam ser curados com tratamentos tão agressivos para o corpo. Guardei grande silêncio a respeito de minhas pesquisas, mas, mesmo assim, precisei de uma nova identidade. Recorri aos meus amigos Devoradores, que prontamente responderam ao meu chamado e garantiram-me total proteção para que eu pudesse continuar com os trabalhos. Tornei-me um magnetizador. A mudança iniciou-se no ano de 1778, quando conheci Franz Anton Mesmer, um confrade vienense que havia recentemente chegado a Paris.

²¹⁵ Sobre a aparelhagem utilizada e produzida por Marat para a realização de suas pesquisas: “A aparelhagem não é, na realidade, muito complicada, se a comparamos com a dos laboratórios contemporâneos de Charles ou de Lavoisier. É provável que Marat tenha, ele mesmo, feito uma parte dos instrumentos ópticos, adquirido neste domínio uma celebridade bastante grande.” **Idem**, p. 125. Lembrando que, para os alquimistas, a construção dos instrumentos do laboratório era parte dos ritos de iniciação.

²¹⁶ No jogo de RPG (*Role Playing Game*) intitulado *Mago: a ascensão*, a “Ciência” é chamada de Tecocracia ou Ordem da Razão: “[...] A Ordem da Razão adotou a tecnologia como salvadora da humanidade e tomou o nome de Tecocracia.” BRUCATO, Phil. **Mago: a ascensão**. Trad. Douglas Ricardo Guimarães et alli. São Paulo: Devir. 2001, p. 11.

4 FERRAGUS SE ENCONTRA COM MESMER

A cura pela imaginação ou *magnetismo animal*

O que chamamos de Antiguidade, meu caro, não passa do escasso e frágil conhecimento que pudemos compor com base nas fontes históricas que viajaram através do tempo: impressões linguísticas deixadas por homens que viveram milhares de anos antes de nós. Isso é tudo que temos e é com isso que escrevemos histórias. Portanto, não deve haver ilusão de que as histórias narram a totalidade das sociedades passadas, isso não passa de um sonho do presente. As histórias são escritas a partir das ideias expressas e registradas por pessoas que esforçaram-se para, de alguma forma, legá-las à posteridade. Autores de pinturas rupestres, cantadores de mitos e lendas, administradores da produção agrícola, escribas, construtores de pirâmides, escritores, qualquer um. Refiro-me à expressão ‘consciente’ do homem sobre a vida: a linguagem. Não incluo nessa lista as fontes produzidas ‘inconscientemente’, ou seja, aquelas que foram resultado da pegada humana sobre o planeta, seu rastro material. Pretendo, ao separar as fontes históricas nessas duas categorias – consciente e inconsciente – e focalizar a narrativa na primeira delas, viajar pelo mundo das ações humanas, conhecer as leituras produzidas, em variados tempos, sobre a experiência de existir.

A criação das categorias, entretanto, não tem a intenção de valorizar um tipo de fonte em detrimento do outro. Muito provavelmente surgirá a pergunta: mas, não são todas as fontes históricas fruto da ação humana e, dessa feita, produções conscientes? Pois bem, em se tratando de categorias, todas são arbitrárias, assim como as minhas, por isso, penso ser oportuno deixar explícito o que estou nomeando como ‘fontes inconscientes’: são os resquícios arqueológicos de uma aldeia, as alterações geográficas provocadas pela presença humana em determinado local, por exemplo. Essas fontes não são fruto de uma ‘vontade de comunicação’ com o futuro, tal como são as fontes conscientes. As fontes históricas da Antiguidade, assim como as dos demais períodos da existência humana, podem ser enquadradas nessas duas categorias²¹⁷.

A história que se segue foi composta a partir da leitura das fontes produzidas sobre filósofos chineses e indianos, egípcios e gregos, depois transmitidas a

²¹⁷ No limite, por certo, todas as fontes são conscientes, pois mesmo as alterações geográficas provocadas pela presença humana há centenas de anos nos foram informadas por meio de fontes linguísticas. Considero ‘conscientes’, portanto, as ‘fontes intencionais’.

árabes, cristãos do medievo e iluministas. São fragmentos de textos, tratados e legados alquímicos e/ou filosóficos. Fontes de caráter secreto cujo entendimento requer um conhecimento iniciático para a decifração de analogias e códigos ali contidos. Portanto, textos endereçados a poucos, mas que, e talvez por isso mesmo, têm amplo poder para transpor o tempo. Embora atualmente tais textos sejam conhecidos por um público bastante amplo e vulgar, e seja possível que pessoas não iniciadas escrevam sobre eles, seu significado alquímico continua sendo revelado somente aos iniciados.

Os alquimistas costumam datar o nascimento de sua ciência por volta do século I. Ela teria surgido a partir de um encontro mítico, um encontro ocorrido entre Toth, o egípcio, Hermes, o grego, e Mercúrio, o romano²¹⁸. Nesse encontro, teria sido elaborado o texto da lendária “tábua de esmeralda”, cuja autoria atribuiu-se a *Hermes Trismegisto*, o “três vezes máximo”. Ei-lo:

[...] O que está em baixo é como o que está em cima, e o que está em cima é como o que está em baixo; por estas coisas se fazem os milagres de uma só coisa.

E como todas as coisas são e provém de UM, e pela mediação de UM, assim todas as coisas nasceram desta coisa única, por adaptação.

O Sol é seu pai, a Lua é sua mãe. O Vento trouxe-a no ventre. A Terra é sua alimentadora ama e o seu receptáculo. O Pai de tudo, o Telesma do mundo universal, está aqui. A sua força ou potência fica inteira, se for convertida em terra.

Separarás a terra do fogo, o subtil do espesso, brandamente, com grande indústria. Ele sobe da terra ao céu e de novo baixará à terra, e recebe a força das coisas superiores e das coisas inferiores.

Terás por esse meio a glória do mundo; e, por isto também, toda a obscuridade se afastará de ti.

É a força, forte de toda a força, pois vencerá toda a coisa subtil e penetrará em toda coisa sólida.

Assim o mundo foi criado.

Daqui sairão admiráveis adaptações, cujo meio está aqui.

Por isso fui chamado Hermes Trismegisto, porque possuo as três partes da filosofia universal.

O que disse da Obra solar está cumprido e acabado²¹⁹.

Esse texto permaneceu oculto por muitos séculos tendo sido traduzido para o árabe por Geber no século IX, e, somente no XII, para o latim. Em uma rápida leitura é

²¹⁸ Cf. FRANZ, Marie-Louise von. *Origens da alquimia: tradições extrovertidas e introvertidas*. In: **A alquimia e a imaginação ativa**. Trad. Pedro da Silva Dantas. Cultrix: São Paulo, 1979, p. 7. Contudo, é necessário considerar que há outras correntes alquímicas, a oriental e a africana, que segundo os historiadores são ainda mais antigas. De acordo com o espanhol Victor Zalbidea, “A primeira indicação da prática da alquimia na China é-nos dada por Dzou Yen no século IV a.C.” ZALBIDEA, Victor (org.). **Alquimia e ocultismo**. Trad. Maria Teresa Carrilho. Edições 70: Lisboa, 1972, p. 9.

²¹⁹ **Idem**, p. 23.

possível perceber as influências que a tábua de Hermes Trismegisto exerceu sobre a alquimia: a correspondência entre macro e microcosmo, a importância do conhecimento astrológico, a existência dos quatro elementos formadores do universo, a referência à “pedra”, *quintessência* que representa a unificação dos elementos: a matéria. Esses preceitos herméticos, neoplatônicos, helenistas foram, então, assimilados pelos árabes, quando de sua expansão territorial pelo norte da África. Povo do deserto, os árabes eram basicamente pastores de rebanhos e comerciantes. Viajantes, suas caravanas percorriam as rotas comerciais asiáticas e africanas. Por essa razão, eles tinham amplo conhecimento das práticas orientais do taoísmo, cujo “[...] maior objetivo era obter a cura de todos os males e a busca da eternidade, através de um “elixir” que proporcionasse um equilíbrio perfeito entre o ser humano e o universo”.²²⁰ Ao juntar elementos helenísticos e orientais à sua composição semítica, os árabes fundaram sua *el-kimya*, palavra que tanto pode ser de origem grega (*khymeia* – “mistura de diversos líquidos”) como copta (chame – “negro”, referência à terra fértil do Egito). Em todo caso, deram-lhe o significado de “pedra filosofal”. Foram, portanto, os tradutores e alquimistas árabes que produziram importantes fontes de estudo que mais tarde seriam retomadas por monges cristãos do medievo europeu²²¹.

Longe de desaparecer da Europa com o Renascimento, a alquimia terá seu apogeu durante esse período, desenvolvimento que se prolongará até meados do século XVII. É somente por volta de 1650 que o mundo dos sábios – com algumas exceções (aliás, muito longe de serem desprezíveis) – deixará, em sua maioria, de acreditar nas esperanças dos alquimistas²²².

E o que teria acontecido com os alquimistas depois que o “mundo dos sábios deixou de acreditar em suas esperanças”? Será que deixaram de existir? Sumiram? De fato, muitos de nossos filósofos foram consumidos pelo fogo imperioso da Inquisição ou posteriormente convertidos à medicina higienista, mas, ainda assim, restou uma porção deles e, a cada geração, outros tantos foram iniciados. Essa ruptura que se passou no seio da alquimia tem, todavia, relação de consonância com os enunciados de Arnaldo Villanova e Paracelso, que cem anos antes haviam transmutado o sentido do elixir da imortalidade e

²²⁰ ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo**. São Paulo: Landy Editora, 2005, p. 41.

²²¹ Cf. *Idem*, p. 43; HUTIN, Serge. **História geral da alquimia: tradição secreta do Ocidente, a pedra filosofal e o elixir de longa vida**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, 2010, p. 14; BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 4 ed. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 199; ZALBIDEA. **Op. cit.**, p. 9.

²²² HUTIN. **Op. cit.**, 2010, p. 16.

transmutação dos metais para a cura das doenças²²³. Voltamos ao debate a respeito dos *Archei* de Van Helmont e o predomínio da administração de metais como agentes externos nas terapêuticas dos discípulos arnaldianos e paracélsicos. Mas, e no âmbito das relações diplomáticas, o que teria acontecido com os adeptos que resolveram continuar pelo caminho hermético?

Muitos deles procuraram manter o segredo alquímico e organizaram e/ou se infiltraram nas chamadas “sociedades secretas”. Inspirados nas associações de artesãos quinhentistas que por meio de rituais iniciáticos inauguraram o acesso e a aprendizagem de uma profissão por vias que não necessariamente a hereditária²²⁴, no século XVII, porém, a configuração dessas sociedades, então genericamente chamadas de “lojas”, “clubes” ou “associações” estava bastante modificada. Elas “[...] visavam estruturar a sociedade civil na base da livre adesão dos indivíduos e fora do controle do Estado: o “sigilo” que elas exigiam era precisamente o de “assembleias” não oficiais, portanto privadas”²²⁵.

Espaços neutros que não justificam a intervenção do Estado, conquanto não se transformem em “academias políticas”, as lojas congregam tanto celibatários – militares e até eclesiásticos – como homens casados: o papel essencial que funcionários e negociantes desempenham em sua constituição sugere que elas atendem ao desejo de escapar ao âmbito estritamente local, às necessidades de categorias sociais mais móveis e chamadas a deslocar-se²²⁶.

Na verdade, esse deslocamento não era apenas uma sugestão, era um aspecto fundamental para a troca de saberes entre os membros dessas sociedades. Num tempo em que meios de comunicação de massa não existiam e os meios de transportes não eram tão potentes quanto os atuais, ter pessoas da mais alta confiança circulando por todo o planeta e coletando notícias valiosas dos povos, das plantas e dos metais era, sem dúvida, fundamental para esses conquistadores europeus setecentistas. Nesses grupos, e isso é uma característica que os singularizam, a heterogeneidade social era aceita, eram compostos tanto por membros

²²³ “[...] A alquimia, a partir de escolas como a “arnaldiana” passa a ser cada vez mais assimilada pela medicina nos estudos de novos preparados químicos usados como remédios, e o “elixir” passa a ser cada vez mais associado à “panaceia universal”. ALFONSO-GOLDFARB. **Op. cit.**, p. 141.

²²⁴ Cf. AYMARD, Maurice. *Amizade e convivialidade*. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Hildegard Feist. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 461.

²²⁵ **Idem**, p. 462.

²²⁶ **Idem**, p. 463.

da aristocracia quanto da burguesia togada europeia²²⁷. Tais sociedades, organizadas tanto em França quanto Alemanha, Portugal, Espanha, Inglaterra, Itália, foram capazes de estruturar incríveis redes de informação e, com isso, seus adeptos adquiriram conhecimento herbárico, geográfico, antropológico, político e econômico de alto nível sobre longínquas regiões do globo²²⁸. No século XVIII, já alcançavam todas as regiões da Europa e estendiam-se até pontos-chaves da América. Aquelas sociedades que congregavam membros da aristocracia rural, a Sociedade da Torre é um exemplo²²⁹, costumavam reunir-se em seus castelos no campo. Os confrades citadinos, contudo, para além das reuniões secretas, também frequentavam salões literários, encontravam-se em tabernas e/ou cafés²³⁰, lugares algumas vezes mantidos por uma “Mãe” que, tal como afirma o narrador de **Ferragus**, é “[...] uma velha meio boêmia que não tem nada a perder e que sabe de tudo o que se passa na região, devotada, seja por medo, seja em consequência de um longo hábito, à tribo que ela aloja e alimenta”²³¹.

A *Maçonnerie* era uma dessas sociedades. Apesar das transformações que ocorreram ao longo de sua história essa loja possui, até hoje, adeptos em quase todas as partes do mundo²³². Sua fundação, assim como a da alquimia, é bastante controversa e até lendária,

²²⁷ Diz o narrador no *Prefácio* de **Ferragus** sobre os membros das sociedades secretas: “[...] *aceitavam-se inteiramente uns aos outros, tais como eram, sem dar atenção aos preconceitos sociais [...]*.” BALZAC, Honoré de. **Ferragus**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: LP&M, 2006, p. 15.

²²⁸ No *Discours* de Ramsay, um membro da franco-maçonaria, proferido por volta de 1740, tem-se que os “amigos” se reuniam “[...] *em torno de um interesse comum, científico ou intelectual, religioso ou laico, às vezes político, ou mais simplesmente pelo prazer de um “honesto comércio” ou da mera conversação.*” AYMARD. **Op. cit.**, p. 464.

²²⁹ Referência à Sociedade da Torre, clube secreto de aristocratas germânicos figurada no romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* de Johann Wolfgang Goethe. A ação da sociedade da trama, no entanto, é revelada apenas no oitavo e último livro do romance.

²³⁰ No romance **A árvore mágica**, Peter Sloterdijk ambienta o encontro de membros dos clubes e lojas da fraternidade nesses dois ambientes: primeiro em um salão literário (cap. 11 – *Ilhas flutuantes*) e, mais tarde, num café localizado no Palais Royal (cap. 13 – *Vasos comunicantes*). SLOTERDIJK, Peter. **A árvore mágica: o surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia**. Trad. Andrea J. H.; Fairman. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos Editora; Casa-Maria Editorial, 1988.

²³¹ BALZAC. **Op. cit.**, 2006, p. 19.

²³² Os princípios da Loja Maçônica, segundo Tania Andrade Lima e Marília Nogueira da Silva, “[...] *estão contidos nos chamados antigos deveres ou landmarks, ou seja, a demarcação dos limites, as leis fundamentais da Ordem Maçônica. São ao todo vinte e cinco, destacando-se dentre eles a crença no Grande Geômetra, o Grande Arquiteto do Universo, qualquer que seja a concepção teológica ou filosófica que se tenha dele. A crença na ressurreição e na vida futura. A presença fundamental de um Livro Sagrado, não importando qual seja, no altar do juramento nos templos maçônicos: Bíblia, Alcorão, Vedas, Torá, ou qualquer outro. O respeito à moral cívica, profissional e privada. O nivelamento, a igualdade absoluta e a fraternidade entre seus membros, exclusivamente do sexo masculino, que devem se apoiar mutuamente em caso de necessidade. A preservação da estrutura orgânica e simbólica da Ordem, o Grande Oriente, uma federação de lojas que trabalham com diferentes ritos, sob a direção de um Grão-Mestre, chefe da organização maçônica. A interdição à presença de profanos nas lojas. A divisão da Ordem em três graus sucessivos e hierárquicos, aprendizes, companheiros e mestres. A obrigação do segredo sobre os conhecimentos iniciáticos, selada sob juramento, e as formas de reconhecimento mútuo na circunstância do*

no entanto, isso agora não interessa. A questão aqui diz respeito aos pontos de contato que existem entre essas duas instituições culturais e recai sobre o porquê de eles terem sido constituídos.

Para começar responder a essa pergunta, citarei o texto das antropólogas Tania Lima e Marília da Silva: **Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX)**.

[...] [No século XVIII] a Maçonaria fragmentou-se claramente em duas tendências: em uma delas, diminuiu o interesse pelos símbolos, em virtude de um crescente racionalismo; seus rituais foram laicizados e esvaziados de tudo o que pudesse sugerir espiritualidade. *Já a outra, pelo contrário, passou a se apoiar fortemente no hermetismo, no simbolismo e no esoterismo. Provavelmente essa vertente esotérica acentuou-se com a admissão de alquimistas, hermetistas e cabalistas entre os aceites, de tal forma que no século XVIII o ocultismo penetrou profundamente na Maçonaria.* Essa fusão sem dúvida contribuiu para que os ritualistas do século XVIII se inspirassem em tratados alquímicos para a construção das suas alegorias, introduzindo elementos da alquimia na iniciação maçônica. Necessitando de um abrigo contra a intolerância católica e protestante, alvos permanentes da Inquisição, eles foram acolhidos pela Ordem, que passou a iniciar e proteger os que se dedicavam ao estudo das ciências ocultas, sendo ela mesma perseguida pela Igreja e fortemente cerceada por sucessivas bulas e encíclicas papais²³³.

Há, no entanto, leituras diferentes a respeito dessa confluência ocorrida entre a alquimia e a maçonaria:

No século XVIII e, sobretudo, no XIX, por causa dos abusos [de farsantes] e dos progressos da química, a alquimia vê-se desprestigiada e reduzida a práticas secretas mescladas de ocultismo e franco-maçonaria²³⁴.

Para esse autor, historiador da alquimia e, sobretudo, um iniciado, a união da alquimia com a maçonaria e o ocultismo estava relacionada à proliferação de falsários na arte e também ao progresso da química. O que chama a atenção aqui é que Zalbidea fez um esforço para não identificar a alquimia ao ocultismo. Na realidade, o movimento que ele fez é inverso: não foi a maçonaria que agregou a alquimia, foi a própria alquimia que, desprestigiada, se transformou em maçonaria. De qualquer forma, uma coisa é certa: a

sigilo, como emblemas, sinais, toques, senhas e palavras sussurradas, pelos quais os maçons se reconhecem entre si e se distinguem dos demais, entre outros princípios.” Cf. LIMA, Tania Andrade; SILVA, Marília Nogueira da. *Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX)*. In: **Anais do Museu Paulista**. Vol. 8/9. São Paulo, 2003, p. 28.

²³³ **Idem**, p. 42. (grifo meu)

²³⁴ ZALBIDEA. **Op. cit.**, p. 10.

confluência desses grupos se deu no século XVIII e, conforme seus laços se estreitavam, os que uniam a alquimia à medicina se afrouxavam.

No romance filosófico de Peter Sloterdijk, **A árvore mágica**, há diversas referências a essas sociedades secretas setecentistas e ao seu modo de funcionamento. O percurso do protagonista, Jan Van Leyden, é que permite ao leitor imaginar o desempenho cultural dos membros dessas sociedades. Saindo de Viena e levando recomendações de seus professores aos confrades balizados ao longo do caminho, Van Leyden passou primeiro por Estrasburgo, onde foi recebido pelo dr. LeBrasseur, da Sociedade dos Amigos Reunidos. Um antigo professor de medicina, “[...] excêntrico exemplar de médico paracélsico, para o qual a medicina não podia ser separada de considerações sobre as analogias entre o macrocosmos e o microcosmos”²³⁵. Durante sua estadia na cidade, Van Leyden, um sujeito recém formado em medicina e movido pela ânsia de conhecer as novas terapêuticas de cura, conversou longamente com o veterano alsaciano a respeito da loja e do cotidiano da medicina na cidade:

Durante o almoço, LeBrasseur se mostrou mais loquaz do que nunca. A seu hóspede, descreveu a vida da comunidade médica de Estrasburgo da qual afirmava ser ela mais parecida a uma ordem monástica ou uma seita secreta do que propriamente a uma organização profissional. Relatou-lhe sobre os eventos realizados pelos mesmerianos da Alsácia, os quais, já há alguns anos, se haviam congregado formando a *Sociète des Amis Reunis*. Disse que esta havia sido uma das primeiras sociedades a levar para a província a chama da Loja parisiense. Naquele momento, entretanto, praticamente não existia uma cidade em toda a França na qual não houvesse uma filial da grande confraria, trabalhando pela questão da combinação universal²³⁶.

Lembrei-me, então, que Michel Foucault fez um amplo estudo sobre as rupturas, as discontinuidades da história dos ‘saberes modernos’ com ênfase nos discursos médicos desde o século XVI ao XIX, e produziu o livro-referência **As palavras e as coisas**. Pensei que ali eu poderia encontrar alguma explicação para as transformações que ocorreram em meados do século XVII e que se relacionavam com o distanciamento entre alquimia e medicina.

Com ampla erudição, o filósofo fez densos comentários a respeito de uma diversidade de fontes linguísticas²³⁷ produzidas a partir do século XVI que deixavam entrever

²³⁵ SLOTERDIJK. *Op. cit.*, p. 33.

²³⁶ *Idem*, p. 52.

²³⁷ O quadro *Las meninas* de Diogo Velásquez, artista da corte espanhola de Felipe IV; textos médico-alquímicos dos séculos XVI e XVII, como os de Paracelso, Ulisses Aldrovandi, Giambattista della Porta e Giovanni Domenico Campanella; *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; referências a Descartes, F. Bacon, Berkeley, Hume, Condillac, Hobbes, Diderot, D’Alembert, Rousseau, Destutt de Tracy, Turgot, Lineu, Tournefort, Adanson, Buffon, Maupertuis, Copérnico, Bodin, Locke, Montesquieu, Cantillon, Mirabeau,

uma ruptura profunda que, no século seguinte, ocorreria nas mentalidades europeias: uma ruptura linguística que daria condições para, no século XIX, emergir as Ciências Humanas. Uma ruptura que permitiria ao homem, em longo prazo, “[...] tematizar-se a si próprio, fazendo-se, a um só tempo, sujeito e objeto do conhecimento”²³⁸.

O filósofo foi buscar nos textos dos *hommes des lettres* europeus do período, e depois nos dos especialistas, essas mudanças ocorridas na maneira de nomeação da experiência vivida. Para além de qualquer mudança político-social que teria dado sentido à delimitação de uma nova era histórica, a “Idade Contemporânea” – produto da necessidade de filósofos e historiadores da ciência positiva oitocentista em marcar nominalmente a diferença estabelecida entre “nós” e “eles”, entre a sociedade monárquica/aristocrática e a sociedade republicana/industrial – Foucault apontou para a *ruptura linguística* que então se processou na mentalidade europeia, leia-se, sobretudo, francesa, no limiar dos séculos XVIII e XIX.

Para configurar historicamente os saberes, Foucault retornou ao século XVI e analisou uma porção de textos do período renascentista cujo fundamento, a princípio, recaia na ideia de microcosmo: “[...] essa noção foi reanimada, através da Idade Média e desde o começo do Renascimento, por certa tradição neoplatônica. Mas ela acabou por desempenhar, no século XVI, um papel fundamental no saber.” Todavia, uma transformação começou a se efetuar na esfera do conhecimento: do universo da *analogia* – as palavras eram semelhantes às coisas²³⁹ –, os textos filosóficos e médicos do século XVII deram às palavras o dom de *representar* o mundo:

[...] O semelhante, que fora durante muito tempo categoria fundamental do saber – ao mesmo tempo forma e conteúdo do conhecimento – se acha dissociado numa análise feita em termos de identidade e de diferença [...]; enfim, a comparação não tem mais como papel revelar a ordenação do mundo; ela se faz segundo a ordem do pensamento e indo naturalmente do simples ao complexo. Daí, toda a *episteme* da cultura ocidental se achar modificada em suas disposições fundamentais. E em particular o domínio empírico em que o homem do século XVI via ainda estabelecerem-se os parentescos, as semelhanças e as afinidades em que se entrecruzavam sem fim a linguagem e as coisas – todo esse campo imenso vai assumir uma configuração nova. Podemos, se quisermos, designá-lo pelo nome de “racionalismo”; podemos, se não tivermos na cabeça senão conceitos prontos, dizer que *o século XVII marca o desaparecimento das velhas*

Graslin, Sade, Adam Smith, Lamarck, Jussieu, Ricardo, Cuvier, Kant, Schlegel, Grimm, Nietzsche. Cf. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

²³⁸ GALLO, Silvio. *O pensador transversal*. In: **Revista Discutindo filosofia**. Ano 1, nº 6. São Paulo: Escala Educacional, s/d, p. 39.

²³⁹ Ver citação sobre consonância entre palavra e mundo na obra **Tratado de magia** de Giordano Bruno: 30-1.

*crenças supersticiosas ou mágicas e a entrada, enfim, da natureza na ordem científica*²⁴⁰.

O século XVII foi, portanto, crucial no que diz respeito à transmutação que se operou na episteme ocidental, do pensamento “mágico-vitalista” para o pensamento “racionalista”²⁴¹, um século de rupturas que viu emergir uma nova maneira de dar forma ao mundo, e que Foucault chamou de *episteme clássica*. Porém, cerca de cento e tantos anos depois, no final do século XVIII, nova mutação ocorreu na esfera dos saberes: a representação deixou de representar o mundo, colocou-se à sua frente e tornou-se independente dele. Eis, portanto, o surgimento da *episteme moderna*:

[...] O fim do pensamento clássico – e dessa episteme que tornou possíveis gramática geral, história natural e ciências das riquezas – coincidirá com o recuo da representação, ou, antes, com a liberação, relativamente à representação, da linguagem, do ser vivo e da necessidade²⁴².

A representação ganhou autonomia em relação ao mundo, fez dele seu duplo: presumiu-se idêntica a ele, e assim foi. Descolou-se da experiência e tornou-se mais ‘verdadeira’ que ela. Enunciou Foucault sobre a episteme moderna: um momento em que “[...] a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade”²⁴³. Germina o tempo da crítica, da análise; aos poucos delimitam-se as fronteiras do conhecimento científico: filologia, biologia, economia política. É o tempo da dinastia da representação, momento em que a palavra significa-se a si mesma e enuncia a ordem adormecida das coisas²⁴⁴. O mundo é visto em termos funcionais, é também um mundo, de certa forma, assinalado, marcado. No entanto, não sob o mesmo sistema de Paracelso, a marca moderna é feita pelo homem, que então se tornou divino, o criador da natureza cuja trajetória é narrada pela História. Na episteme moderna, “[...] a linguagem se dobra sobre si mesma, adquire sua espessura própria, desenvolve uma história, leis e uma objetividade que só a ela pertencem”²⁴⁵.

Todavia, essas mudanças epistemológicas não ocorreram de maneira homogênea, nem de uma hora para outra. Tampouco foram incorporadas por todos os *hommes*

²⁴⁰ FOUCAULT. **Op. cit.**, 2007, p. 74-5. (grifo meu)

²⁴¹ Ver também ALFONSO-GOLDFARB. Nesse texto a autora focaliza sua análise em Roger Bacon (século XIII) e Robert Boyle (século XVII) para tangenciar essa ruptura. **Op. cit.**, p. 205.

²⁴² FOUCAULT. **Op. cit.**, 2007, p. 289.

²⁴³ **Idem**, 2007, p. 288.

²⁴⁴ **Idem**, 2007, p. 289.

²⁴⁵ **Idem**, 2007, p. 409.

des lettres do século XVIII. Para ilustrar essa contracorrente e, ao mesmo tempo, reforçar certos argumentos de Foucault, contarei a história de um médico vienense que conheci nos últimos anos do século XVIII, em Paris, e que, apesar de sua formação alquímica, de sua levada paracélsica, de sua inspiração giordaniana, seu ‘espírito’ romântico, tentou enquadrar sua terapêutica de cura nos pressupostos filosóficos ‘típicos’ da episteme moderna, ou como dirão outros filósofos e historiadores, pressupostos iluministas. Seu nome, Franz Anton Mesmer. Um sujeito estranho, às vezes chamado de mago; outras, de racionalista, esse médico germânico legou à posteridade científica a ‘constatação’ do importante papel da imaginação na cura das ‘doenças da alma’. Porém, Mesmer teve de pagar um preço...

A tragédia de Mesmer consistiu em ter vindo demasiado cedo e demasiado tarde. A época em que aparece é aquela “super-inteligente” época do progresso (segundo a expressão de Schopenhauer), na qual, precisamente porque a cega, a orgulhosa vaidade, pretende repelir tudo o que tinha uma base intuitiva. À tenebrosa mentalidade da Idade Média, àquela respeitável e complicada idade dos pressentimentos, sucedia o positivismo dos Enciclopedistas e dos oniscientes, dando à palavra o sentido mais estrito, aquela rude ditadura materialista dos Holbach, La Mettrie, Condillac, para os quais o universo era um mecanismo interessante e perfectível e o homem nada mais do que um autômato a raciocinar²⁴⁶.

Mesmer chegou a Paris em fevereiro de 1778. A capital francesa era então uma cidade cosmopolita, povoada de pessoas que vinham de lugares distantes, do campo, da província, da Germânia. Repleta de gentes, em suas ruas eram veiculadas notícias de todo canto do globo. As novidades sobre China, Rússia e América não eram ali assunto apenas de sociedades secretas, eram temas de conversas nos salões da realeza, em salões literários da aristocracia parisiense do *faubourg Saint Germain* e redondezas ou nas tabernas úmidas e escuras do Bairro Latino. Invenções científicas, vôos de balão, eletricidade, magnetismo animal. Esses assuntos pululavam nas bocas e nos ouvidos dos transeuntes franceses do final dos setecentos.

Conheci Mesmer logo nos primeiros dias de sua estada na capital francesa. Adrien Duport²⁴⁷ foi incumbido de acertar alguns de seus encontros com os confrades

²⁴⁶ ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud**. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930], p. 21-2.

²⁴⁷ Líder revolucionário e personagem do romance **A árvore mágica**, descrito como “[...] *mesmeriano, moralista, amigo dos filósofos e dos banqueiros, esperto, empreendedor e intrigante.*” (p. 12) Na trama de Sloterdijk, Duport aparece no capítulo treze. Intitulado *Vasos comunicantes*, esse capítulo inicia-se com um passeio de Van Leyden e o sobrinho de Rameau pelas Tulherias, Place Vendôme, Rue de Rivoli. Em seguida, os dois seguem para o Café Procrustes, onde encontram o visconde de Saint-Malbau, libertino e autor de romances pornográficos como *Virgens Autodidatas* e *Filósofa Thérèse, monsieur* Alfort, um puxa-saco, e

envolvidos nas pesquisas a respeito da eletricidade. Charles d'Eslon, Jean-Paul Marat, ambos médicos do conde d'Artois, e eu, Ferragus, fomos três deles. Nossa recepção ao *magnetismo animal*, no entanto, foi assaz diferente. Procurei manter o ensinamento alquímico: o segredo. D'Eslon se entusiasmou demais, pagou caro por isso, chegando a perder sua cadeira de professor na faculdade de medicina de Paris e, anos mais tarde, morrendo eletrocutado em uma cuba magnética²⁴⁸. Marat, num primeiro momento, aprovou e ainda divulgou os ensinamentos do mestre, contudo, a partir do ano de 1784, depois que o encarregado geral de polícia, o famoso Jean-Pierre Lenoir, apresentou ao rei Luís XVI um relatório condenando a prática de Mesmer, e as Comissões de Ciências reprovaram publicamente seu sistema magnético, Marat renegou seu elo com o magnetismo de Mesmer.

Quando ultrapassou os limites da cidade, Franz Anton trazia na bagagem uma experiência de doze anos na arte da cura em Viena, capital do próspero reino de Áustria, além de uma longa formação jesuítica. Durante esses anos, observou e tratou casos de doenças como cegueira e paralisia súbitas, hemiplegia, apoplexia, cólicas e convulsões, atendendo os enfermos em sua mansão afastada da cidade²⁴⁹. A arte da cura havia-lhe sido insuflada por Maximilian Hell, antigo padre jesuíta com quem Mesmer havia aprendido importantes lições acerca das propriedades terapêuticas do ímã e do fluido magnético, que, defendia, perpassava toda a matéria existente. As relações de Mesmer com Hell remontavam seus estudos na faculdade de medicina de Viena, onde o segundo era professor de astronomia²⁵⁰. Hell, assim como tantos outros mestres da arte, retomava os ensinamentos de Tales de Mileto, Aristóteles, Paracelso e Giordano Bruno para estabelecer a relação magnética entre os corpos celestes e terrestres. Sob influência de Hell, que também era responsável pelo Observatório Real da Áustria e astrônomo da rainha, Mesmer enveredou para o estudos dos astros celestes e, em 1766, recebeu o título de *Doctor Medicinae* com a apresentação da *Dissertatio physicomédica de planetarum influxu in corpus humanum [Da influência dos planetas sobre o corpo humano]*²⁵¹. Nessa ocasião, Mesmer

Adrien Duport, apresentado a Van Leyden como “[...] um dos cérebros da Sociedade-Harmonia dos mesmerômanos parisienses.” (p. 154). SLOTERDIJK. *Op. cit.*, p. 12; 149; 154.

²⁴⁸ Cf. DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 52.

²⁴⁹ Cf. MESMER, Franz Anton. **Mémoire sur la découverte du magnétisme animal**. 1779, p. 32. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75421p/f2.image.langFR>. Acessado em: 04/07/2011.

²⁵⁰ Hell publicou, entre outros textos: **Observatio transitus Veneris antediscum Solis die 3 Junii anno 1769** (1770) e **Beobachtung des Durchganges der Venus durch die Sonnenscheibe** (1793). Textos disponíveis em: <http://www.univie.ac.at/hwastro/>. Acessado em: 25/07/2001.

²⁵¹ ZWEIG. *Op. cit.*, 1930, p. 29.

[...] emitiu a ideia de uma ação dos astros sobre o homem e estabeleceu a tese de uma indefinida força misteriosa que, derramada pelos vastos espaços siderais, operava na essência de toda matéria; um éter primordial, um fluido misterioso que penetrava em todo o cosmos e, com ele, também no homem²⁵².

Mesmer concluiu que se os planetas eram responsáveis pelos fenômenos das marés, logo, também influenciavam o equilíbrio dos líquidos e éteres que perpassavam toda a matéria organizada contida na Terra, incluindo aí o corpo humano. Os astros celestes, uns mais outros menos, ele dizia, agiam sobre os humores dos corpos minerais, vegetais e animais.

Observando tal fenômeno, alquimistas como Paracelso, que também apostava na influência dos planetas sobre a matéria, já haviam relacionado, séculos antes, o ímã com a movimentação dos humores corporais e a possibilidade de curar a partir da movimentação, provocada pelo metal, desses líquidos do corpo. Desde tempos antigos sabiam os homens da existência de um metal estranho que chamava a atenção porque, diferente de todos os outros elementos minerais, possuía uma misteriosa força capaz de colocar a matéria em movimento²⁵³. Para o suíço, a gama de enfermidades que poderiam ser curadas com o auxílio do ímã era vastíssima: doenças de olhos, ouvidos, nariz, articulações externas, úlceras, fístulas, cânceres e fluxos menstruais, fraturas, icterícia e hidropisia²⁵⁴. Apesar de não querer destaque para esse fato, Mesmer foi muito influenciado pela teoria de Paracelso. Ele afirmava o efeito curativo dos minerais sobre o corpo humano, a ação do ferro sobre o mal do estômago e a dor de dente, por exemplo, conhecida na França, Alemanha e Inglaterra há séculos. Ele também reforçava a ideia da aptidão dos humores corporais em compor com o ímã²⁵⁵.

Adentremos, então, o mar dos humores corporais. Teoria antiga que remonta a gregos e chineses, os humores foram tradicionalmente divididos em quatro: sangue, fleugma (ou pituíta), bÍlis amarela e bÍlis negra. Cada um desses humores, por sua vez, correspondia a temperamentos humanos: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico²⁵⁶. Segundo essa

²⁵² **Idem**, p. 35.

²⁵³ “*Um dos primeiros registros de ocorrência de um fenômeno elétrico deve-se a Tales de Mileto (324-548) citado por Aristóteles (384-322) (De anima, I, 2) que refere a atração que o âmbar friccionado exerce sobre um corpo leve. [...] Este poder de atração sobre os corpos encontra-se também na pedra ímã, e nessa época a explicação para esses dois fenômenos – elétrico e magnético – era comum: tratava-se da alma que dotava certos corpos e que era a causa do movimento espontâneo que estes imprimiam a outros corpos.*” GUEDES, Manoel Vaz. **O fenômeno elétrico: algumas ideias e experiências durante o século XVIII**, p. 3. Disponível em: <http://paginas.fe.up.pt/histel/FenomEl.pdf>. Acessado em: 21/06/2011. (grifo meu)

²⁵⁴ ZWEIG. **Op. cit.**, 1930, p. 33.

²⁵⁵ Cf. MESMER. **Op. cit.**, 1779, p. 13-4.

²⁵⁶ “[...] *Os diferentes humores desempenham diferentes funções que permitem manter o corpo em vida. O sangue é o licor da vitalidade: quando o sangue sai borbulhando de um corpo, a vida se escoia com ele. A*

teoria, um indivíduo saudável seria aquele que mantivesse os humores corporais equilibrados e, se algum fator provocasse a alteração desses fluidos e por algum motivo o equilíbrio não se restabelecesse naturalmente, ter-se-ia como resultado a implantação de um mal, de uma doença. O médico, dessa forma, a fim de promover a cura ou o alívio do sofrimento, deveria provocar o restabelecimento da harmonia humoral. Como? Por meio de métodos de cura que aumentassem ou diminuíssem a quantidade do humor desregulado. Eram comuns, portanto, as sangrias, as lavagens, a ingestão de ervas diuréticas e/ou laxativas, a aplicação de sudoríferos ou vomitórios²⁵⁷. Dr. Mesmer preservou muito desse entendimento sobre o corpo humano, porém, era bastante crítico ao uso desmedido dos métodos citados, pois observou, ao longo de sua prática, que muitas vezes eles acabavam piorando a doença ao invés de promover a cura. Em suas **Mémoires**, escritas nos últimos anos do século XVIII, não deixou de fazer suas críticas à brutalidade dos “meios empregados pela medicina” para tratar as pessoas que, por algum motivo, caíram vítimas do “sonambulismo”:

Espero que minha teoria previna-se doravante dessas interpretações que produziram e alimentaram a superstição e o fanatismo, e impediram sobretudo que aqueles que, seja por um acidente súbito ou pelo agravamento das doenças, têm a infelicidade de cair vítima do *sonambulismo*, não sejam abandonadas pela arte e retirados da sociedade como incuráveis; pois tenho certeza que os *estados mais assustadores como a loucura, a epilepsia e a maior parte das convulsões são muito frequentemente os funestos efeitos da ignorância do fenômeno de que falo, e da impotência dos meios empregados pela medicina*; que quase em todos os casos essas doenças não são decorrentes de crises desconhecidas e degenerativas [...]²⁵⁸.

bilis é o líquido gástrico, indispensável à digestão. A fleuma, vasta categoria que compreende todas as secreções incolores, é uma espécie de lubrificante e de resfriador. Visível em substância como o suor e as lágrimas, ela aparece da maneira mais evidente quando existe em excesso – em época de constipação (catarro pulmonar) e de febre, quando é expelida pela boca e pelo nariz. A bilis escura ou melancolia, o quarto grande fluido, é mais problemática. Quase nunca é encontrada em estado puro; é considerada responsável pelo obscurecimento dos outros fluidos, como quando o sangue, a pele ou os excrementos se tornam enegrecidos.” PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. *Corpo, saúde e doença*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo: da Renascença às Luzes**. Trad. Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 441-486.

²⁵⁷ Cf. MANDRESSI, Rafael. *Dissecações e anatomia*. In: **Idem**, p. 411-440.

²⁵⁸ Livre tradução de: “*J’espère que ma théorie préviendra désormais ces interprétations qui produisirent et alimentèrent la superstition et le fanatisme, et empêchera surtout que ceux que, soit par un accident subit ou par des maladies aggravées, ont le malheur de tomber dans le somnambulisme, ne soient abandonnés par l’art, et retranchés de la société comme incurables; car j’ai la certitude que les états les plus effrayants, tels que la folie, l’épilepsie et la plupart des convulsions sont le plus souvent les funestes effets de l’ignorance du phénomène dont je parle, et de l’impuissance des moyens employés par la médecine; que presque dans tous les cas ces maladies ne sont que des crises inconcues et dégénérées [...]*.”(Foi mantida a grafia original da edição). MESMER, Franz Anton. *Avant Propos*. In: **Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en Médecine, sur ses découvertes**, 1798-99, p. VII-IX. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75473x>. Acessado em: 23/03/2011. (grifo meu)

Contar essa história para você faz-me sentir como se isso tudo tivesse acontecido ontem... Ainda ouço a voz rouca e decidida de Mesmer que, com seu sotaque germânico, impunha-se aos filósofos franceses e demais convivas presentes nos salões literários da Paris daquela época²⁵⁹. Em uma ocasião, nos encontramos no salão de *madame Necker* e, como não poderia deixar de ser, a certa altura a discussão se voltou para os princípios magnéticos de Mesmer que recentemente haviam sido publicados pela editora dos irmãos Didot.

— *Monsieur Mesmer*, perguntei, o senhor costuma dizer, em nossas reuniões, que sua teoria é fruto de sua prática médica, de sua experiência, primeiramente na região do lago de Constança, depois em Viena. Pois bem, *monsieur*, sabendo dos calorosos debates que o tema suscita, poderia nos dizer de que modo a tão prodigiosa e evocada razão participa de suas conclusões?

A impostora e ilusória razão tenta, já há algum tempo, e em vão, conciliar as nações. Até agora, contudo, lançando mão de sistemas tão evidentemente absurdos e ridículos, ela não triunfou em seu propósito. Veja, as opiniões vulgares de todos os tempos, pedra de toque da razão, não baseiam seus princípios no coração humano [...]. Meu sistema, meu caro, não é fruto de especulações e raciocínios, é resultado da observação de um princípio comum de atração universal, a atração mútua dos corpos celestes, a influência dos planetas na órbita de outros planetas, da constatação da ação do Sol e da Lua no fluxo e refluxo das marés. Portanto, se essas esferas celestes influenciam nos líquidos dos planetas, da Terra, obviamente elas também atuam sobre o *système nerveux*, sobre um fluido universal que a tudo penetra. Chamei essa atração universal de *magnetismo animal*²⁶⁰.

Esse comentário de Mesmer causou grande reboição no salão, Denis Diderot e outros filósofos presentes ficaram agitados, gesticulavam, confabulavam consigo mesmos,

²⁵⁹ “[...] Mesmer tinha quarenta e três anos, era um homem alto, forte e belo cuja personalidade impositora e maneiras cosmopolitas deram a ele fácil acesso à sociedade francesa, apesar de seu forte sotaque germânico.” Livre tradução de: “[...] Mesmer was forty-three years of age, a tall, sturdy, handsome man whose imposing personality and wordly manners gained him easy access into French society, despite his strong German accent.” ELLENBERGER, Henri F., **The discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: BasicBooks, 1970, p. 61.

²⁶⁰ Livre tradução de: “*L'imposture et l'égarement de la raison, auroient en vain tenté de concilier les nations, pour leur faire généralement adopter des systèmes aussi évidemment absurdes et ridicules que nous les voyons aujourd'hui, la vérité seule et l'intérêt général, ont pu donner à ces opinions leur universalité. On pourroit donc avancer, que parmi les opinions vulgaires de tous les temps, qui n'ont pas leurs principes dans le coeur humain [...]. D'après mes idées sur cette matière, je donnai à Vienne, em 1766, une Dissertation de l'influence des planètes sur les corps humain. J'avançois, d'après les principes connus de l'attraction universelle, constatée par les observations qui nous apprennent que les planètes s'affectent mutuellement dans leurs orbites, et que la lune et le soleil causent et dirigent sur notre globe le flux et reflux dans la mer, ainsi que dans l'atmosphère ; j'avançois, dis-je, que ces sphères exercent aussi une action directe sur toutes le parties constitutives des corps animés, particulièrement sur le système nerveux, moyennant un fluide que pénètre tout [...].*” MESMER. **Op. cit.**, 1779, p. 4-7.

as senhoras presentes arregalavam os olhos, espantadas, mas, no fundo, adoravam a impertinência daquele estrangeiro desavisado.

— E em que consiste, *monsieur*, esse magnetismo animal que o senhor tanto fala e que provoca tamanho alvoroço na cidade, atingindo até os mais pobres e incautos súditos do rei? – inquiriu *madame* Necker.

*Pois eu lhe explicarei melhor, madame, com muito prazer. O fluido a que chamo de magnetismo animal possui propriedades análogas às do ímã e da eletricidade, e pode penetrar em todos os corpos*²⁶¹.

Esse fluido, universalmente espalhado e contínuo de modo a não sofrer nenhum vazio, tem uma sutileza que não permite qualquer comparação, e uma natureza que é susceptível de *receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento*. O estado de fluidez da matéria é um estado relativo entre o movimento e o repouso, é evidente que depois de ter esgotado pela imaginação todas as nuances de fluidez possível, seremos obrigados a nos retermos no último estágio de subdivisão; e esse último estágio é aquele em que o fluido preenche todos os interstícios resultantes da combinação das moléculas. A areia, por exemplo, tem um grau de fluidez; a figura de seus grãos forma necessariamente os interstícios que podem ser ocupados pela água; senão pela água, serão ocupados pelo ar; esse ar que se chama éter; esse éter, enfim, será preenchido por uma substância ainda mais fluida [...]²⁶².

— O que o senhor quer é iludir a todos com essa conversa. “Todos os seres – afirmou Diderot [...] – carregam dentro de si elementos de oposição, o ser e o não-ser são partes de todos os conjuntos”²⁶³. Ora, perceba, *monsieur*, que minha teoria também é animada por um fluxo, no entanto, não se baseia na existência de qualquer substância ainda mais fluida que o éter. Em meu sistema da natureza, o fluxo se dá na interação de partículas materiais elementares, eis a sensibilidade da matéria, compreendeu? Mas vamos adiante. O senhor disse que é da natureza do magnetismo animal “receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento”. Poderia, já que trouxe à tona a questão, nos explicar melhor a respeito da ação desse fluido? Confesso que não consigo perceber sua materialidade.

²⁶¹ Cf. *Idem*, p. 20.

²⁶² Livre tradução de: “[...] *Il existe un fluide universellement répandu, et continué de manière à ne souffrir aucun vuide, dont la subtilité ne permet aucune comparaison, et qui de sa nature est susceptible de recevoir, propager et communiquer toutes les impressions du mouvement. L'état de fluidité de la matière étant un état relatif entre le mouvement et le repos, il est évident qu'après avoir épulsé par l'imagination toutes les nuances de fluidité possibles, on sera forcé de s'arrêter au dernier degré de subdivision; et ce dernier degré est ce fluide que remplit tous les interstices que peuvent être occupés par l'eau; ceux de l'eau le seront par l'air; ceux de l'air par ce qu'on appelle l'éther; ceux de l'éther enfin seront comblés par une substance encore plus fluide [...]*.” *Idem*, p. 11.

²⁶³ Cf. DIDEROT, Denis. *Os pensadores: obras incompletas*. Trad. Marilena Chauí; J. Ginsburg. São Paulo: Abril, 1979, p. XI-XIII.

Pois bem, veja se não há sentido no que falei a respeito das influências alquímicas na teoria magnética. Para responder a pergunta de Diderot sobre a natureza do magnetismo animal, Mesmer usou justamente a alegoria do ímã. O argumento era mais ou menos esse:

Em primeiro lugar, a Natureza pode fornecer perfeitamente tudo o que for preciso para a existência do indivíduo; essa geração de coisas, contudo, foi feita sem sistema e sem artifício. [...]

Preste atenção nesse exemplo: uma agulha não-imantada posta em movimento não responderá senão ao acaso a uma direção determinada; enquanto que, ao contrário, aquela que foi imantada, tendo recebido o mesmo impulso, depois de diferentes oscilações proporcionais àquela impulsão e ao magnetismo que recebeu, retornará à sua primeira direção e ali se fixará: é assim que a harmonia dos corpos organizados, uma vez perturbada, deve sentir as incertezas de minha primeira suposição, o magnetismo animal, que responde e é determinado pelo *agente geral*, o único que pode restabelecer a harmonia em seu estado natural [...] ²⁶⁴.

Quieto em meu canto pensava sobre a conversa. Apetecia-me a maneira como Mesmer entendia o processo de cura das doenças. Inspirado na teoria dos humores, o vienense sugeria, apaixonado, que a saúde de um indivíduo dependeria apenas do equilíbrio de seu magnetismo animal, operado por um agente geral. Se o corpo humano era como uma agulha imantada, o agente geral de Mesmer era justamente a força universal, a força dos astros celestes que, regulando o magnetismo terrestre, daria direção ao ímã e, sozinha, poderia tornar saudável um organismo doente.

Já no final da reunião, Diderot mais uma vez dirigiu a palavra a Mesmer e disse-lhe:

— Caro estrangeiro, nosso debate anterior fez-me lembrar de um diálogo ocorrido há alguns anos entre meu amigo Théophile Bordeu, médico e colaborador da *Encyclopédia*, e a senhorita de l’Espinasse, em cujo salão costumávamos nos reunir. Na ocasião, o médico fora chamado a sua casa para socorrer nosso amigo, o filósofo D’Alembert. Ao final da visita, ficando a sós com o médico, perguntou-lhe a senhorita qual sua opinião a

²⁶⁴ Livre tradução de: “*La Nature a parfaitement pourvu à tout pour l’existence de l’individu; la génération se fait sans système, comme sans artifice. [...] Une aiguille non-aimantée, mise en mouvement, ne répondra que par hasard à une direction déterminée; tandis qu’au contraire celle qui est aimantée, ayant reçu la même impulsão, après différentes oscillations proportionnées à cette impulsão et au magnétisme qu’elle a reçu, retrouvera sa première direction et s’y fixera: c’est ainsi que l’harmonie des corps organisés, une fois troublée, doit éprouver les incertitudes de ma première supposition, si elle n’est rappelée et déterminée par l’agent général, dont je vais développer l’existence, et qui seul peut rétablir cette harmonie dans l’état naturel.*” MESMER. *Op. cit.*, 1779, p. 10.

respeito da mistura das espécies²⁶⁵. O trecho da conversa que gostaria de compartilhar com o senhor, todavia, toca num ponto crucial de sua teoria: os humores corporais. Contarei essa história, *monsieur*, para atentá-lo para os dissabores que o senhor poderá encontrar na França em função dessas suas ideias. Faço isso apenas porque, apesar dos pesares, simpatizei-me com a sua pessoa. Preste atenção. Dizia Bordeu:

Bordeu: [...] e que importa a natureza do *humor superabundante*, e sua cor, e a maneira de se livrar dele? Ele é tão supérfluo em uma dessas indisposições quanto na outra; e se, rebombeado de seus reservatórios, distribuídos por toda a máquina, ele se escoar por uma outra via mais longa, mais penosa e perigosa, ficará menos perdido? A natureza não suporta nada de inútil; e como hei de ser culpado por ajudá-la, quando pede meu auxílio pelos sintomas menos equívocos possíveis? Não a provoquemos nunca, mas prestemo-lhes a mão na oportunidade, não vejo na recusa e na ociosidade senão tolice e prazer falhado. [...]

l'Espinasse: Eis uma doutrina que não é boa para se pregar às crianças.

Bordeu: Nem aos outros. Entretanto, vós me permitireis uma suposição? Tendes uma filha recatada, muito recatada, inocente, muito inocente; está na idade em que o temperamento se desenvolve. Sua cabeça se perturba, a natureza não a socorre de modo algum: vós me chamais. Percebo de pronto que todos os sintomas que vos atemorizam nascem da superabundância e da retenção do fluido seminal; eu vos advirto que ela está ameaçada de uma loucura que é fácil prevenir, e que às vezes é impossível curar; eu vos indico o remédio. Que fazeis?

l'Espinasse: Para dizer a verdade, creio..., mas esse caso nunca acontece...

Bordeu: Não vos enganeis; não é raro e seria frequente, se a licença dos costumes não o obviasse... Seja como for, seria calcar aos pés toda decência, atrair para si as suspeitas mais odiosas, e cometer um crime de lesa-sociedade divulgar tais princípios. [...] ²⁶⁶.

A iniciação alquímica produziu, portanto, profundas reverberações na composição filosófica de Mesmer. Em suas conversações sociais, mas também em sua prática com os enfermos e em seus escritos sobre o magnetismo animal, era fácil para um observador atento perceber sua valorização à presença da experiência e da transcendência para a obtenção da cura. Mesmer, assim como os alquimistas, considerava a necessidade de fusão da matéria com o espírito para a obtenção do elixir. Ora, não foi à toa que Stefan Zweig, um entusiasta de Mesmer e também da ciência, lamentou a disposição alquímica do médico quando de seu pronunciamento a respeito de sua descoberta.

²⁶⁵ Referência aos textos **Diálogo entre D'Alembert e Diderot**, **O sonho de D'Alembert** e **Continuação do diálogo**. Escritos no ano de 1769, só foram publicados em 1830, após a morte do autor. O trecho aqui apresentado foi retirado da **Continuação**.

²⁶⁶ DIDEROT, Denis. *Continuação do diálogo*. In: **Os pensadores: obras incompletas**. Trad. Marilena Chauí; J. Ginsburg. São Paulo: Abril, 1979, p. 127. (grifo meu)

[...] O contato casual de uma experiência e uma teoria provocam nele a explosão de um pensamento. Mas a primeira consequência toma uma direção falsa porque, em seu precipitado entusiasmo, supõe ter encontrado, com a pedra magnética, nada menos que a panaceia universal, a *pedra filosofal*; um erro, um franco sofisma constitui o ponto de partida do sistema²⁶⁷.

Mesmer, por sua vez, não queria ancorar seu fluido universal em Deus, no pecado etc. De fato, ele não vivia mais na época de Giordano Bruno, ele cuidava de pessoas doentes, não as tratava como possessas ou endemoninhadas. Na sua perspectiva, elas eram vítimas do sonambulismo, um mal do sistema nervoso, uma doença provocada pelo desequilíbrio dos humores do corpo, humores influenciados pela força magnética dos planetas. Morto nas fogueiras da Inquisição, Bruno fundamentou sua leitura do conhecimento alquímico antigo na esteira cultural de sua época. É comum encontrar referências ao seu neoplatonismo e às suas analogias de fundo judaico-cristão. Na realidade, tanto os sistemas de Paracelso quanto de Van Helmont, Robert Fludd e William Maxwell influenciaram o pensamento de Mesmer, pois eles também “[...] apresentavam a saúde como um estado de harmonia entre o microcosmo individual e o macrocosmo celestial, envolvendo fluidos, magnetos humanos e influências ocultas de toda espécie”²⁶⁸. Zweig, no século XX, afirmou que Mesmer “[...] sustentava que entre o macrocosmo e o microcosmo, entre a alma universal e a alma individual, entre o astro e a humanidade, poderia haver uma relação transcendental, isto é, uma interação real, material [...]”²⁶⁹. Obviamente que Franz Anton, ambicionando o reconhecimento dos cientistas para sua teoria, nunca admitiu ser um alquimista ou mesmo ter algum tipo de inspiração mágica. Mas, logo você verá, meu caro, que essa disposição não passava de um disfarce. Eu sei, é comum alguém dizer que Mesmer era um homem do seu tempo, um racionalista que até chegou a criar um *systeme de la nature*. Ellenberger disse que ele era um “filho do iluminismo”²⁷⁰, Darnton afirmou que o magnetismo era moda entre os iluministas²⁷¹. Sinceramente, eu não sei se ele ‘acreditava’ mesmo na razão ou se em algum momento fez assim parecer para poder ser aceito no meio acadêmico, o que também não conseguiu. Além do mais, o nome de Mesmer não é nenhuma referência histórica quando se fala dos “filósofos do Iluminismo”, seu sistema parece mesmo ter sido ‘usurpado’ por políticos burgueses da estirpe de Nicolas Bergasse e usado como bandeira por meia dúzia de confrades

²⁶⁷ ZWEIG. *Op. cit.*, 1930, p. 35. (grifo meu)

²⁶⁸ DARNTON. *Op. cit.*, p. 22.

²⁶⁹ ZWEIG. *Op. cit.*, p. 23.

²⁷⁰ ELLENBERGER. *Op. cit.*, 53.

²⁷¹ DARNTON. *Op. cit.*, p. 39.

“revolucionários”²⁷². *Monsieur Duport*, por exemplo, era claro quanto à sua opinião em relação ao magnetismo e revolução:

[...] Ora, é assim: quando aqui, neste país, algumas pessoas são capazes de pensar por elas mesmas, o Estado e a Igreja ficam intranquilos. Se estas pessoas forem empreendedoras e estiverem dispostas a experimentar algo novo, serão vistas como conspiradores contra a ordem estabelecida. Se os encontros destas pessoas tiverem lugar sob a proteção dos rituais maçônicos, haverá em torno desta conspiração uma aura de perigo. Se, ainda por cima, estas pessoas despertas quiseram arejar os segredos da alma a partir dos métodos de Mesmer, estimular sua liberdade e procurar romper o poder de opressão contra o povo, esta conspiração transforma-se em material explosivo, que contém em si a energia de milhões de esperanças. Afinal, se são os eminentes juristas do *Parlament* de Paris que se encontram na Loja magnética juntamente com a alta nobreza frustrada e se por um daqueles acasos fantásticos se encontrarem também alguns banqueiros de peso, bem como os cérebros do Partido Filosófico a quem toda a cidade dá ouvidos, esta simples conspiração transforma-se na célula do novo regime. E a Assembleia Constituinte de um Novo Estado que espera por sua hora. Sob o signo de Mesmer formou-se uma coalizão contra a miséria geral que de há muito nos deixa nervosos²⁷³.

O próprio Mesmer, em 1798, apresentou críticas a seus ‘ex-discípulos’ parisienses, chamando-os de “imitadores” em uma nota de rodapé:

Os imitadores de meu método de cura, por havê-lo exposto muito ligeiramente à curiosidade e à contradição, deram lugar a muita prevenção contra ele. Depois disso, confundiram o *sonambulismo* com o *magnetismo*, e por um zelo irrefletido, por um entusiasmo exagerado, quiseram constatar a realidade de um pelos efeitos surpreendentes de outro²⁷⁴.

Foi muito doloroso para Franz Anton presenciar a disseminação “irrefletida” de seu método de cura, o uso político inconsequente que fizeram dele e que culminou, em 1784, com o relatório de Lenoir. Contudo, Mesmer tinha pontos em comum com esses

²⁷² O próprio Darnton é quem indica isso: “[...] *Entre os adeptos de Mesmer estavam vários futuros líderes importantes da Revolução – Lafayette, Adrien Duport, Jacques-Pierre Brissot, Jean-Louis Carra, Nicolas Bergasse, os Roland e Duval d’Eprémesnil.*” (46-7). E mais adiante: “[...] *O mesmerismo propiciou a Brissot, Carra e Bergasse uma oportunidade de se pronunciar contra os abusos que pareciam bloquear sua ascensão e a de sua classe. Alguns dos seus colegas mesmeristas, porém – principalmente Lafayette, Duport e d’Eprémesnil –, ocupavam posições muito elevadas no Ancien Régime. Lafayette e Duport usaram essas posições para liderar a causa revolucionária de 1787 a 1789, mas d’Eprémesnil foi lançado pelos historiadores a um papel de reacionário.*” (92). *Idem*, p. 46-7; 92.

²⁷³ SLOTERDIJK. *Op. cit.*, p. 155.

²⁷⁴ Livre tradução de: “*Les imitateurs de ma méthode de guérir, pour l’avoir trop légèrement exposée à la curiosité et à la contradiction, ont donné lieu à beaucoup de préventions contre elle. Depuis cette époque on a confondu le somnambulisme avec le magnétisme, et par un zèle irréfléchi, par un enthousiasme exagéré, on a voulu constater la réalité de l’un par les effets surprenans de l’autre.*” MESMER. *Op. cit.*, 1798-99, p. X-XI.

filósofos, banqueiros, advogados ou médicos franceses e, por outro lado, pontos discordantes em relação às antigas tradições alquímicas. Um exemplo dessa aproximação de Mesmer de seus contemporâneos e distanciamento de seus predecessores pode ser percebido na semelhança/diferença linguística de seus textos. Tal como já afirmou Bloch, citando um ditado árabe, o texto de Mesmer assemelhava-se mais à sua época que à época de seus pais²⁷⁵. Ele queria sair do ambiente das “assinalações”, do universo mágico-religioso, das simpatias e superstições de Paracelso, dos “espíritos” e “demônios” de Giordano Bruno.

Alguns *hommes des lettres* depreciavam a obra de Mesmer dizendo que ele não havia inovado em nada, que sua teoria era, na realidade, um atraso de cem anos, uma perspectiva ‘mágica’ da cura que já havia sido expurgada do meio científico. Muitos parisienses, no entanto, admiravam-se de sua habilidade no trato com as pessoas e seu conhecimento a respeito das doenças nervosas. Um exemplo disso é a maneira como o sobrinho de Rameau, em seu passeio por Paris com Jan van Leyden, descreve-o para o estrangeiro:

[...] A fama de Mesmer tinha algo de substancial. O homem era um fenômeno da natureza, meio touro, meio letrado, um centauro moderno. Em todo o caso, ele não era como aqueles professores que neutralizam tudo aquilo que tocam. Mesmer era das espécies dos magos xamanistas. Era um daqueles que conseguem fazer retroceder todas as neutralidades apenas com sua presença e são capazes de trazer a vida para a arena. [...] O homem entendia de nervos, era um especialista em extremos psíquicos o que, porém, não significa que fosse invulnerável. Qualquer idiota podia reconhecer imediatamente seu ponto fraco. O homem não conseguia deixar de buscar reconhecimento dos cientistas²⁷⁶.

De minha parte, não pensava assim. Julgava ser Mesmer um homem sábio e corajoso, que decidira defender sua ‘terapêutica alquímica’ no reino da Razão: as Academias de Ciências, os centros de emanção do Iluminismo, os templos do racionalismo. Para muitos, esse foi seu erro. Para mim, foi um encontro magnífico. Enfim eu encontrara uma voz que harmonizava comigo no campo da cura das doenças.

O caso é que Mesmer tinha admitidamente dificuldade de escrever sobre seu sistema filosófico, especialmente em língua francesa. Ora, ele não era propriamente um filósofo, conhecedor das elaboradas explicações de mundo, de Kant, Rousseau, Condillac. Não lia a *Encyclopédia*, também nunca citava Goethe, Schiller ou La Mettrie. De formação

²⁷⁵ BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 60.

²⁷⁶ SLOTERDIJK. **Op. cit.**, p. 144.

jesuítica, aos dezoito anos foi estudar no seminário de Dillingen e, em 1754, matriculou-se na universidade jesuítica de Ingolstadt para estudar teologia. Chegou somente cinco anos mais tarde a Viena, como estudante de direito, e depois transferiu sua matrícula para o curso de medicina²⁷⁷. Apesar dessa diversificada carreira acadêmica, Mesmer dizia que a prática mostraria melhor os fenômenos a que se referia. Sobre sua teoria, afirmava estar completamente consciente de que ela lhe traria muitos desafios, desgostos e aborrecimentos. Já vivenciara esse gosto outras vezes, e pior, em sua própria terra natal.

*Eu sei que minhas hipóteses não podem ser aplainadas por qualquer raciocínio sem o concurso da experiência. Somente ela poderá dissipar as nuvens e trazer à tona, nesse dia, essa importante verdade: que a Natureza oferece um meio universal de cura e de preservação dos homens*²⁷⁸. *É comum que a “ambição do saber” opte por abandonar a observação e busque o aperfeiçoamento nos conhecimentos previamente adquiridos, especulações vagas e frívolas*²⁷⁹. *Os conhecimentos humanos, assim, desnaturados, não oferecem mais nada de realidade que os caracterize como um princípio*²⁸⁰ – ressoava a voz austríaca do médico.

Em uma de nossas reuniões secretas, Mesmer nos contou sobre o tratamento da senhorita Maria Theresia Paradis, exímia organista da corte de Maria Teresa. Quando assumiu o caso, a jovem estava com dezoito anos, porém, era cega desde os quatro, tinha ataques de melancolia, obstrução do baço e do fígado e acessos de delírio e furor²⁸¹. Eis a história de Mesmer²⁸².

Mademoiselle Paradis ficou cega no ano de 1762. Foi algo repentino, do dia para a noite. Sem mais nem menos, a garotinha amanheceu cega. Os pais ficaram surpresos. Desde que a menina nascera, há quatro anos e tanto, eles nada haviam percebido

²⁷⁷ ELLENBERGER, *Op. cit.*, p. 58.

²⁷⁸ Livre tradução de: “[...] *Je ne me dissimule pas qu’il offrira bien des difficultés; mais il est nécessaire de savoir, qu’elles sont de nature à n’être aplanies par aucun raisonnement, sans le concours de l’expérience: elle seule dissipera les nuages, et placera dans son jour cette importante vérité: que la Nature offre un moyen universel de guérir et de préserver les hommes [...].*” MESMER. *Op. cit.*, 1779, p. V-VI.

²⁷⁹ Livre tradução de: “*L’activité de l’esprit humaine, jointe à l’ambition de savoir qui n’est jamais satisfaite, cherchant à perfectionner des connoissance précédemment acquises, abandonne l’observation, et y supplée par des spéculations vagues et souvent frivoles [...].*” *Idem*, p. 3.

²⁸⁰ Livre tradução de: “*Les connoissances humaines, ainsi dénaturées, n’offrent plus rien de la réalité qui les caractérisoit dans le principe.*” *Idem*, p. 4.

²⁸¹ *Idem*, p. 39-41.

²⁸² Descrição baseada em texto escrito por Maximilian Hell (“le Père lui-même”) a pedido de Mesmer. Na ocasião (1779), Mesmer traduziu o texto para o francês e o publicou paralelamente às suas **Mémoires sur la découverte du magnétisme animal**, exatamente nas páginas em que relata o tratamento realizado com *mademoiselle Paradis* e os problemas que teve de enfrentar em decorrência de sua prática. O objetivo do texto, segundo Mesmer, é “precisar historicamente aquela cura singular.” No texto que se segue, contudo, o relato será apresentado na voz de Mesmer, em primeira pessoa. Cf. HELL, Maximilian apud MESMER. *Idem*, p. 43-65.

em relação a seus olhos, não notaram nenhuma alteração orgânica, nenhuma irritação, nenhum branqueamento da retina, nenhuma infecção. Esse era, portanto, um caso perfeito para minha teoria, pois tratava-se de um desequilíbrio dos humores repercutindo em sua visão ou de algum pavor que poderia ter-se abatido sobre a criança naquela noite, como um ruído à porta de seu quarto.

Durante todos esses anos, os pais experimentaram vários métodos de cura, desde os vesicatórios às sangrias e cauterizações. Em dois meses, sua cabeça estava coberta de emplastos e com uma supuração contínua, gravíssima. Por alguns anos, eis a vida da senhorita Paradis. Eis os maus tratos pelos quais passou. Davam-lhe purgativos e receitavam-lhe dietas, faziam-na ingerir pulsatilla e valeriana. Esses tratamentos, no entanto, além de não provocarem a cura de sua doença, deram-lhe uma feição desagradável que sugeria completa alienação de espírito: os olhos ficaram salientes e levemente deslocados, dispensando-lhe um aspecto desagradável e altamente penoso, que piorava quando ocorriam as convulsões. Como última tentativa, seus pais recorreram à eletricidade, aplicada sobre seus olhos. Os efeitos desse tratamento, contudo, foram tão funestos que, somados à sua irritabilidade e às convulsões, provocaram-lhe um reiterado sangramento²⁸³.

Foram nessas condições que os pais de demoiselle Paradis pediram ao barão de Wenzel que avaliasse o caso. Ele o fez, e concluiu que a doença era incurável. Nessa época, 1776, eu já era conhecido na corte vienense pela descoberta do Magnetismo animal. No ano anterior, minha tese havia sido reconhecida pela academia do Eleitorado da Baviera, em Munique, e fui incluído em seu rol de membros. Além do mais, conhecia o caso

²⁸³ Livre tradução de: “Voici, pour la satisfaction du lecteur, le Précis historique de cette cure singulière; il a été fidèlement extrait de la relation écrite en langue allemande, par le Père lui-même. C’est lui qui me l’a remise au mois de mars de l’année 1777, pour la rendre publique; elle est actuellement sous mes yeux. Maria-Thérèse Paradis, fille unique de M. Paradis, Secrétaire de LL. MM. II. & RR. est née à Vienne le 15 mai 1759: elle avoit les yeux bien organisés. Le 9 décembre 1762, on s’aperçut à son réveil qu’elle n’y voyoit plus; ses parens furent d’autant plus surpris et affligés de cet accident subit, que depuis sa naissance, rien n’avoit annoncé de l’altération dans cet organe. On reconnut que c’étoit une goutte-sereine parfaite, dont la cause pouvoit être une humeur repercutée, ou une frayeur dont cet enfant pouvoit avoir été frappé la même nuit, par un bruit qui se fit à la porte de sa chambre. Les parens désolés, employèrent d’abord les moyens qui furent jugés les plus propes à remédier à cet accident, tels que les vésicatoires, les sangües et les cautères. Le premier de ces moyens fut même porté fort loin, puisque pendant plus de deux mois sa tête fut couverte d’un emplâtre, qui entretenoit une suppuration continuelle. On y joignit pendant plusieurs années les purgatifs et apéritifs, l’usage de la plante pulsatille et de la racine valériane. Ces différens moyens n’eurent aucuns succès; sont état même étoit aggravé de convulsions dans les yeux et les paupières, qui, en se portant vers le cerveau, donnoient lieu à des transports qui saisoient craindre l’aliénation d’esprit. Ses yeux devinrent saillans, et ils étoient tellement déplacés, qu’on n’appercevoit le plus souvent que le blanc, ce qui, joint à la convulsion, rendoit son aspect désagréable et pénible à supporter. On eut recours, l’année dernière, à l’électricité, qui lui a été administrée sur les yeux, par plus de trois mille secousses; elle en éprouvoit jusqu’à cent par séance. Ce dernier moyen lui a été funeste, et il a tellement ajouté à son irritabilité et à ses convulsions, qu’on n’a pu la préserver d’accident que par des saignées réitérées. **Idem**, p. 43-47.

Paradis desde o início, há quinze anos, e acompanhei os primeiros tratamentos realizados. Anos mais tarde, porém, passei a dispensar uma atenção particular ao caso. Nossas famílias frequentavam a corte de Maria Teresa, além do que, a senhorita Paradis compartilhava comigo o gosto pela música. Quando nos encontrávamos nos bailes e jantares da aristocracia vienense, sempre tínhamos assuntos importantes para tratar. Das partituras à doença; da harmônica de vidro à lembrança do acontecimento traumático. Nessas ocasiões, procurava investigar as circunstâncias que acompanharam o estabelecimento daquela cegueira, bem como os demais episódios de crise e os tratamentos de que seus pais tentaram se servir para alcançar a cura. O que mais me deixou contrariado, todavia, e não consegui disfarçar, foi a maneira como os médicos anteriores utilizaram da eletricidade no tratamento²⁸⁴.

Propus então à família Paradis para experimentar minhas técnicas de cura em Maria Theresa. Pedi-lhes para que me deixassem tentar reconduzir os olhos da jovem à sua posição natural, apaziguar as convulsões e acalmar suas dores. A partir desse momento, sabia poder fazê-la voltar a ver. Expliquei aos pais que tinha como princípio tratar apenas das doenças que poderiam ser curadas por meio dos meus métodos, já tivera outros dissabores... Se estava propondo o tratamento era porque sabia que poderia curá-la, embora tenha enfatizado que demandaria um longo tempo²⁸⁵.

O tratamento com a pianista cega começou em vinte de janeiro de 1777. No primeiro dia, os efeitos de minha ação fizeram aquecer e avermelhar sua cabeça; em seguida, os braços e pernas de demoiselle começaram a tremer, sua nuca foi levemente jogada para trás e sua cabeça para frente. Essa condição aumentou sucessivamente até que a jovem teve realmente uma convulsão. No segundo dia, utilizei um tratamento que surpreendeu a todos os médicos que o testemunharam²⁸⁶. Sentado ao lado da enferma, dirigi minha bengala em direção à sua figura refletida em um espelho, ao agitar a bengala em direção à emulação, a

²⁸⁴ *M. le Baron de Wenzel, dans son dernier séjour à Vienne, fut chargé de la part de S. M. de l'examiner et de lui donner des secours, s'il étoit possible; il dit après cet examen, qu'il la croyoit incurable. Malgré cet état et les douleurs qui l'accompagnoient, ses parens ne négligèrent rien pour son éducation et la distraire de ses souffrances: elle avoit fait de grands progrès, dans la musique; et son talent sur l'orgue et le clavecin, lui procura l'heureux avantage d'être connue de l'impératrice-Reine. Sa Majesté, touché de son malheureux état, a bien voulu lui accorder une pension. Le docteur Mesmer, médecin, connu depuis quelques années par la découverte du Magnétisme animal, et qui avoit été témoin des premiers traitemens qui lui avoient été faits dans son enfance, observoit depuis quelque temps cette malade avec une attention particulière, toutes les fois qu'il avoit occasion de la rencontre; il s'informoit des circonstances qui avoient accompagné cette maladie, et des moyens dont on s'étoit servir pour la traiter jusqu'alors. Ce qu'il jugeiot le plus contraire, et qui paroissoit l'inquiéter, fut la manière dont on avoit fait usage de l'électricité. **Idem**, p. 47-50.*

²⁸⁵ Diz Zweig a respeito das enfermidades tratadas por Mesmer: “[...] [Seu tratamento] exclui unicamente do tratamento os enfermos de chagas purulentas, os epiléticos declarados, os loucos ou mutilados, manifestando honradamente que com seu processo só pode conseguir a restauração do sistema nervoso, de modo algum modificar, por via milagrosa, a estrutura do organismo.”. ZWEIG, **Op. cit.**, 1930, p. 63.

²⁸⁶ Maximilian Hell era um deles.

cabeça da enferma repetiu os mesmos movimentos. A sensação se fez tão forte que sua cabeça passou a acompanhar inclusive as variações do movimento da bengala. A agitação de seus olhos aumentou e diminuiu alternadamente, de uma maneira muito sensível. Os movimentos se multiplicaram, se intensificaram, depois, demoiselle ficou completamente tranquila. Assim foi até o quarto dia de tratamento, quando seus olhos começaram a retornar fisicamente ao normal, ainda que o olho esquerdo permanecesse um pouco menor que o direito. Continuando o tratamento, a posição dos olhos regularizou-se completamente. A senhorita Paradis tornou-se novamente formosa, sua aparência não era mais a de uma pessoa alienada, mal-tratada, doente. Também os tremores dos membros foram diminuindo sucessivamente, até que, passados uns dias, cessaram.

A paciente, no entanto, começou a sentir uma forte dor no occipital, uma dor que foi aumentando e penetrando em sua cabeça, se insinuando para frente, parecendo dividir-se em duas correntes e dirigindo-se, cada uma delas, para cada um dos olhos através dos nervos ópticos, os “pontos de agulha”. A dor, avançando sucessivamente em direção aos globos oculares, parecia penetrar e se multiplicar, espalhando-se pela retina. Essas sensações eram geralmente acompanhadas de repentinos tremores. O olfato da enferma também foi prejudicado ao longo dos anos e a secreção de muco nunca cessou. Meu tratamento, porém, provocou um inchaço interno em seu nariz e nas regiões vizinhas, e, por volta do oitavo dia, terminou com a secreção copiosa de uma matéria esverdeada e viscosa. Ao mesmo tempo, demoiselle Paradis foi acometida por uma diarreia de abundância extraordinária. A dor nos olhos aumentou e a paciente começou a sentir vertigens²⁸⁷.

²⁸⁷ *Nonobstant le degré où cette maladie étoit parvenue, il fit espérer à la famille qu’il seroit reprendre aux yeux leur position naturelle, en appaisant les convulsions et calmant les douleurs; et quoiqu’on ait su par la suite qu’il avoit dès-lors conçu l’espérance de lui rendre la faculté de voir, il ne la témoigne point aux parens, auxquels une expérience malheureuse et des contrariétés fouteuses, avoient fait former la résolution de ne plus faire aucune tentative pour une guérison qu’ils regardoient comme impossible. M. Mesmer a commencé son traitement le 20 janvier dernier: ses premiers effets ont été de la chaleur et de la rougeur à la tête; elle avoit ensuite du tremblement aux jambes et aux bras; elle éprouvoit à la nuque un léger tiraillement, qui portoit sa tête en arrière, et qui, en augmentant successivement, ajoutoit à l’ébranlement convulsif des yeux. Le second jour du traitement, M. Mesmer produisit un effet qui surprit beaucoup les personnes qui en furent témoins: étant assis à côté de la malade, il dirigeoit sa canne vers sa figure représentée par une glace, et en même temps qu’il agitoit cette canne, la tête de la malade en suivoit les mouvemens; cette sensation étoit si forte, qu’elle annonçoit elle-même les différentes variations du mouvement de la canne. On s’aperçut bientôt, que l’agitation des yeux s’augmentoit et diminuoit alternativement d’une manière très-sensible; leurs mouvemens multipliés en dehors et en dedans, étoient quelquefois suivis d’une entière tranquillité; elle fut absolue dès le quatrième jour, et les yeux prirent leur situation naturelle: ce qui donna lieu de remarquer que le gauche étoit plus petit que le droit; mais en continuant le traitement, ils s’égalisèrent parfaitement. Le tremblement des membres cessa peu de jours après; mais elle éprouvoit à l’occiput une douleur qui pénéroit la tête; et augmentoit en s’insinuant en avant: lorsqu’elle parvint à la partie où s’unissent les nerfs optiques, il lui sembla pendant deux jours que sa tête se divisoit en deux parties. Cette douleur suivit les nerfs optiques, en se divisant comme eux; elle la définissoit comme des perûques de pointes d’aiguilles, qui, en s’avançant successivement vers les globes, parvinrent à les pénétrer et à s’y multiplier en se répandant dans la rétine.*

Suspeitei que esses eram os primeiros efeitos das primeiras impressões da luz em seu globo ocular. Levei, então, a enferma para minha casa. Julguei prudente levá-la. Assim eu poderia acompanhar seu estado de saúde a todo o momento, e, caso ela piorasse, tomar rapidamente as decisões necessárias. Eu realmente não sabia, naquele momento, o que poderia acontecer-lhe. Seus olhos ficaram bastante sensíveis e mesmo após amarrada uma faixa tripla em torno de sua cabeça, foi necessário deixá-la em um quarto escuro onde não houvesse a menor impressão da luz. A claridade agitava-a tanto a ponto de fazê-la cair. Aos poucos, porém, a dor que sentia nos olhos foi diminuindo, transformando-se, e findou-se como uma sensação semelhante àquela produzida por um pincel que ligeiramente passa pela retina.

A essa altura, julgava-me bastante próximo da cura de mademoiselle, especialmente porque havia lhe dado uma primeira ideia da luz e de suas modificações. Tirei a faixa de seus olhos, contudo, mantive-a no quarto escuro. Comecei, então, a promover uma série de experimentações. A primeira delas consistia no seguinte: a enferma deveria prestar atenção nas imagens que lhe seriam apresentadas. Mostrei-lhe, então, objetos de cores claras e escuras. Primeiramente, expus objetos brancos, depois, aumentei gradativamente os tons da escala de cinza e terminei mostrando os objetos de cor preta. Ela, por sua vez, deveria descrever o que via. O que era e qual era a sensação que lhe provocava. Depois de feitas algumas descrições, a enferma disse perceber uma sensação dolorosa na cabeça, como se pontos de dor se movessem em direção ao seu cérebro. Essa dor, bem como as diferentes sensações que a acompanhavam, aumentou e diminuiu em razão do nível de brancura dos objetos apresentados. Às vezes, eu interrompia abruptamente essa sequência e inseria uma imagem de tonalidade oposta. Quando eram apresentados os objetos de cor escura, a enferma não enxergava nada e ficava visivelmente aflita. Expliquei-lhe que a causa de suas sensações eram externas, ou seja, que quando ela dizia não enxergar era justamente porque à sua frente estava um objeto de tonalidade escura.

Percebi, também, que a luz já não a afetava tão profundamente, ela já conseguia suportar alguns raios de sol. Em outras ocasiões, conforme mostrava os objetos dizia-lhe sua cor, pretendia fazê-la associar as diferentes gradações de cinza aos nomes das cores. A tarefa, entretanto, foi muito difícil para a senhorita Paradis, mesmo tendo uma

*Ces sensations étoient souvent accompagnées de secousses. L'odorat de la malade étoit altéré depuis plusieurs années, et la sécrétion du mucus ne se saisoit pas. Son traitement lui fit éprouver un gonflement intérieur du nez et des parties voisines, qui se détermina dans huit jours, par une évacuation copieuse d'une matière verte et visqueuse; elle eut en même temps une diarrhée d'une abondance extraordinaire; les douleurs des yeux s'augmentèrent, et elle se plaignit de vertiges. Cf. HELL apud MESMER. **Op. cit.**, 1779, p. 50-5.*

memória fantástica as instruções fizeram-na recordar-se de sua cegueira, o que a deixou muito triste. Nos primeiros dias em que a jovem tolerou a luz, a sensação de impressão de um objeto em sua retina durou cerca de um minuto após a retirada do objeto de seu campo de visão. De sorte que, nesses dias, ela não conseguiu diferenciar a passagem de um objeto para o outro, sendo-lhe necessário cobrir os olhos entre as apresentações para apagar da retina a impressão provocada pelo objeto anterior. No decorrer dos dias, essa sensibilidade foi diminuindo. Passei a instruí-la no controle dos músculos motores da região dos olhos. Ela precisava aprender a manejar o órgão: ver, fixar, focar e desfocar a imagem... Essa etapa do tratamento fez as dificuldades multiplicarem-se, e as instruções tiveram de ser interrompidas devido aos acessos de melancolia da senhorita, característicos de sua doença²⁸⁸.

Em nove de fevereiro, experimentei pela primeira vez mostrar-lhe figuras em movimento. Mademoiselle Paradis assustou-se, contudo, ao ver a figura humana: o nariz lhe pareceu ridículo e durante alguns dias ela não pôde evitar cair na gargalhada ao ver outra pessoa. Ela pediu para ver um cachorro por quem tinha muito afeto, e o aspecto do animal lhe pareceu bem mais agradável que o humano. Um ponto muito difícil da instrução foi ensinar-lhe a tocar aquilo que via e combinar essas duas faculdades: ela não tinha qualquer ideia de distância, todas as coisas lhe pareciam ao alcance da mão. Qualquer que

²⁸⁸ *M. Mesmer juges qu'ils étoient l'effet des premières impressions de la lumière; il fit alors demeurer la malade chez lui, afin de s'assurer des précautions nécessaires. La sensibilité de cet organe devint telle, qu'après avoir couvert ses yeux d'un triple bandeau, il fut encore forcé de la tenir dans une chambre obscure, d'autant que la moindre impression de la lumière, sur toutes les parties du corps indifféremment, l'agitoit au point de la faire tomber. La douleur qu'elle éprouvoit dans les yeux changea successivement de nature; elle étoit d'abord générale et cuisante, ce fut ensuite une vive démangeaison, qui se termina par une sensation semblable à celle que produiroit un pinceau légèrement promené sur la rétine. Ces effets progressifs donnèrent lieu à M. Mesmer de penser que la cure étoit assez avancée, pour donner à la malade une première idée de la lumière et de ses modifications. Il lui ôta le bandeau, en la laissant dans la chambre obscure, et l'invita à faire attention à ce qu'éprouvoient ses yeux devant lesquels il plaçoit alternativement des objets blancs et noirs; elle expliquoit la sensation que lui occasionnoient les premiers, comme si ou lui insinuoit dans le globe des pointes subtiles, dont l'effet douloureux prenoit la direction du cerveau: cette douleur et les différentes sensations qui l'accompagnoient, augmentoient et diminuoient en raison du degré du blancheur des objets qui étoient présemés; et M. Mesmer les faisoit celles tout-à-fait, en leur substituant des noirs. Par ces effets successifs et opposés, il fit connoître à la malade que la cause de ces sensations étoit externe, et qu'elles, différoient en cela de celles qu'elle avoit eues jusqu'alors; il parvint ainsi à lui faire concevoir la différence de la lumière et de sa privation, ainsi que de leur gradation. Pour continuer son instruction, M. Mesmer lui présenta les différentes couleurs; elle observoit alors que la lumière s'insinuoit plus doucement, et lui laissoit quelque impression; elle les distingua bientôt en les comparant, mais sans pouvoir retenir leurs noms, quoiqu'elle eût une mémoire très-heureuse. A l'aspect du noir, elle disoit tristement qu'elle ne voyoit plus rien, et que cela lui rappeloit sa cécité. Dans les premiers jours, l'impression d'une objet sur la rétine, duroit une minute après l'avoir regardé; ensorte que pour en distinguer un autre, et ne le pas confondre avec le premier, elle étoit forcée de couvrir ses yeux pendant que duroit sa première impression. Elle distinguoit dans une obscurité où les autres personnes voyoient difficilement; mais elle perdit successivement cette faculté, lorsque ses yeux purent admettre plus de lumière. Les muscles moteurs de ses yeux ne lui ayant point servi jusqu'à là, il a fallu lui en apprendre l'usage pour diriger les objets, les voir, les fixer directement, et indiquer leur situation. Cette instruction, dont on ne peut rendre les difficultés multipliées, étoit d'autant plus pénible, qu'elle étoit souvent interrompue par des accès de mélancolie, qui étoient une suite de sa maladie. **Idem**, p. 55-61.*

fosse sua distância, os objetos lhe pareciam aumentar à medida que se aproximava deles..., exercício que lhe foi constante, essa luta contra a falta de jeito. O grande número de coisas que ela teve de aprender fez muitas vezes com que preferisse retornar à condição anterior, até porque, apesar de sua visão ser cega, todos ficavam admirados com sua destreza e inteligência. Sua alegria natural começou a cair em desuso, e ela vacilou.

A essas mudanças no temperamento da moça seguiram os obstáculos que a família Paradis começou a colocar em meu caminho para impedir a continuidade do tratamento. Contudo, continuei cuidando da rapariga e novos progressos ocorreram. Com perseverança, ela conseguiu suportar o tratamento até o grande dia, quando pôde distinguir perfeitamente os objetos a qualquer distância. Nada lhe escapava, mesmo as pinturas em miniaturas cujas características e atitudes da imagem ela imitava. Além disso, tinha o talento único de julgar, com uma exatidão surpreendente, a disposição emotiva das pessoas por meio apenas da observação de sua aparência. A primeira vez que viu no céu as estrelas testemunhou-as com tanto espanto e admiração, que, desde então, todos os objetos que lhe foram apresentados, tanto bonitos quanto agradáveis, pareciam-lhe muito inferior ao aspecto das estrelas, o que mostrava a preferência e vontade decididas da jovem. Preferência e vontade que determinaram os rumos do tratamento...

E era grande o número de pessoas de todos os Estados Germânicos que foram vê-la, o que levantou em mim enormes preocupações. Temia que essas visitas a deixassem muito cansada. Por prudência, portanto, tomei precauções nesse sentido. Meus adversários, obviamente, aproveitaram o embaraço e a incapacidade da jovem para atacar a realidade de sua cura. Mas eu sabia, e era só ter um pouco de boa vontade para perceber isso, que o órgão era perfeito e que a enferma facilitaria em muito seu uso se praticasse a visão com aplicação e perseverança²⁸⁹. Mas ela não se aplicou. De fato, meus caros, a cura

²⁸⁹ *Le 9 février, M. Mesmer essaya, pour la première fois, de lui faire voir des figures et des movemens; il se présenta lui-même devant elles dans la chambre obscure. Elles fut effrayée en voyant la figure humaine: le nez lui parut ridicule, et pendant plusieurs jours elle ne pouvoit le regarder sans éclater de rire. Elle demanda à voir un chien qu'elle caressoit souvent; l'aspect de cet animal lui parut plus agréable que celui de l'homme. Ne sachant pas le nom des figures, elle en désignoit exactement la forme avec le doigt. Un point d'instruction des plus difficiles, a été de lui apprendre à toucher ce qu'elle voyoit et à combiner ces deux facultés: n'ayant aucune idée de la distance, tout lui sembloit à sa portée, quel qu'en fût l'éloignement, et les objets lui paroisoient s'agrandir à mesure qu'elle s'en approchoit. L'exercice continuel qu'elle étoit obligée de faire pour combattre sa mal-adresse, et le grande nombre de choses qu'elle avoit à apprendre, la chagrinoit quelquefois au point de lui faire regutter son état précédent; d'autant que, lorsqu'elle étoit aveugle, on admiroit son adresse et son intelligence. Mais sa gaieté naturelle lui faisoit prendre le dessus, et les soins continués de M. Mesmer lui faisoient faire de nouveaux progrès. Elle est insensiblement parvenue à soutenir le grand jour, et à distinguer parfaitement les objets à toute distance; rien ne lui échappoit, même dans les figures peintes en miniature, dont elle contrefaisoit les traits et l'attitude. Elle avoit même le talent singulier de juger, avec une exactitude surprenante, le caractère des personnes qu'elle voyoit, par leur physionomie. La première fois qu'elle a vu le ciel étoilé, elle a témoigné de l'étonnement et de l'admiration;*

*não se efetivou apenas porque não era da vontade da família nem da paciente que assim fosse. Corria na boca pequena que se a pianista cega, o fenômeno da corte austríaca, voltasse a ver, sua pensão real poderia ser cortada*²⁹⁰.

O relato de Mesmer provocou grande admiração entre os convivas. Muitos dos presentes conheciam histórias extremamente parecidas com a de *mademoiselle* Paradis, talvez tenha sido até por conta disso que vários deles ficaram desconfiados de Mesmer, temiam que ele desvendasse seus segredos ou revelasse publicamente seus desejos. O clima ficou tenso e criou-se certo constrangimento. Por sorte contávamos, nesse dia, com a presença de outro ilustre estrangeiro, recebíamos a visita do compositor alemão Christoph Willibald Gluck, autor das óperas *Telêmaco ou a Ilha de Circe*, *A festa de Apolo* e *Eco e Narciso*, entre tantas outras. Sua participação em nossa conversação fez com que o assunto tomasse outro rumo: o da música²⁹¹. Foi ele quem perguntou a Mesmer sobre a função da música no processo de cura das doenças.

— Escute, meu caro conterrâneo, nossa companhia está muito interessada em ouvir sua explicação a respeito do papel terapêutico da música. Todos aqui sabem que o senhor, além de instrumentista, utiliza a harmônica de vidro em suas *séances*. Qual é exatamente a função da música no processo de cura das doenças?

*Com muito prazer falarei sobre esse assunto, herr Gluck. A música é mesmo essencial em meu sistema, ela é facilitadora da cura. Vejam a proposição de número dezesseis de minha Mémoire: “O magnetismo animal é comunicado, propagado e aumentado pelo som”*²⁹². *Em minhas sessões terapêuticas, portanto, a música tem o poder de promover a propagação do fluido magnético por todo o corpo e entre os corpos. Sou eu mesmo que toco, ao final de cada sessão, a harmônica de vidro, esse belíssimo instrumento criado no início da*

et depuis ce moment, tous les objets qui lui sont présentés, comme beaux et agréables, lui paroissent très-inférieurs à l’aspect des étoiles, pour lesquelles elle témoigne une préférence et un empressement décidés. Le grand nombre de personnes de tous les états, qui venoit la voir, a fait craindre à M. Mesmer qu’elle n’en fut excessivement fatiguée, et sa prudence l’a engagé à prendre des précautions à cet égard. Ses contradicteurs s’en sont prévalus, ainsi que de la mal-adresse et de l’incapacité de la jeune personne, pour attaques la réalité de sa guérison; mais M. Mesmer assure que l’organe est dans sa perfection, et qu’elle en facilitera l’usage en l’exerçant avec application et persévérance. **Idem**, p. 61-5.

²⁹⁰ ZWEIG. **Op. cit.**, p. 55-6.

²⁹¹ A título de ilustração, eis o comentário de Stefan Zweig sobre a ocasião: “[...] Quando [Mesmer] entra num salão, em Paris, acompanhado do seu amigo Christovam Willibald Gluck, todos os olhares curiosos se dirigem para estes dois germanos, filhos de Enak, que ultrapassam a altura comum dos homens.” ZWEIG. **Op. cit.**, 1930, p. 29.

²⁹² Livre tradução de : “Elle [l’action du Magnétisme animal] est communiquée, propagée et augmentée par le son”. MESMER. **Op. Cit.**, 1779, p. 78. Ver também POLZONETT, Pierpaolo. *Mesmerizing adultery: Così fan tutte and the Kornman scandal*. In: **Cambridge Opera Journal**, Vol. 14, nº 3, 2002, p. 281-2; DARNTON. **Op. cit.**, p. 17.

década de 1760 pelo nobre confrade Benjamin Franklin²⁹³, cuja sonoridade assemelha-se ao som que de uma porção de taças de vidro preenchidas com água e dispostas uma ao lado da outra. A propósito, gostaria de ressaltar que meu colega aqui presente “[...] apresentou, em 1746, um concerto em Londres onde tocou vinte e seis taças contendo água de nascente acompanhado por uma orquestra completa. Sendo um instrumento de sua invenção, afinal, foi apenas no início da década de 1760 que Franklin anunciou a invenção de sua “harmônica de vidro”, Gluck o tocou perfeitamente, como tocaria um violino ou um cravo”²⁹⁴.

Na realidade, não sou tão original assim. Há tempos os vidros musicais são reconhecidos por seus poderes curativos. Na biblioteca de Nuremberg, por exemplo, encontrei um texto do século XVII intitulado *Deliciae physicomathematicae*. Escrito por um tal de G. P. Hasdorfer, ele estabelece uma relação entre o som produzido por copos de vidro e a cura de certas doenças²⁹⁵. Ele diz o seguinte:

Existe um relato de um experimento feito com quatro copos preenchidos com conhaque, vinho, água e água salgada ou óleo. A diversidade de sons produzida pela diferença dos conteúdos não apenas corresponde às emoções estimuladas pelos quatro “humores” do corpo humano, como tem o poder de aliviar ou curar algumas doenças, como o engrossamento do sangue²⁹⁶.

Sim, dizia-se que a harmônica produzia uma “[...] música etérea, mística, sobrenatural e fantasmagórica, cujas notas pareciam vir do além e pairar no ar”²⁹⁷. Em 1768, alguns anos após o início da comercialização do instrumento em Londres, Mesmer adquiriu, para seu uso pessoal, uma dessas ‘cenouras de vidro’. Aprendeu a tocá-lo e tornou-se um exímio músico também nesse instrumento. Além da harmônica, ele tocava piano e violino. Nesse mesmo ano, Mesmer casou-se com uma viúva aristocrata chamada Maria Anna von Posch, o que lhe proporcionou facilidade social e maior tranquilidade econômica. Além da aquisição da harmônica de vidro, Mesmer construiu um teatro em sua propriedade em Viena e

²⁹³ GALLO, David A.; FINGER, Stanley *The power of a musical instrument: Franklin, the Mozarts, Mesmer, and the Glass Armonica*. In: **History of Psychology**. Vol. 3, nº. 4, Educational Publishing Foundation: Washington, 2000, p. 326; 330-1.

²⁹⁴ Livre tradução de “*In 1746 the young, and soon to be famous, composer Christoph Willibald Gluck gave a concert in London in which he played 26 glasses "tuned with spring water, accompanied with the whole band, being a new instrument of his own invention, upon which he performs whatever may be done on a violin or harpsichord"*. **Idem**, p. 329.

²⁹⁵ Cf. **Idem**, p. 328.

²⁹⁶ Livre tradução de: “[...] *(There is) an account of an experiment with four glasses, filled with brandy, wine, water and salt water or oil. The diverse sounds produced by the contrasting content of the glasses were thought not only to correspond to the emotions aroused by the four "humours" of the human body, but even to have the power of alleviating or curing such disorders as a thickness of the blood.*” HASDORFER apud GALLO e FINGER. **Idem**, *ibidem*.

²⁹⁷ **Idem**, p. 330.

patrocinou uma porção de espetáculos musicais, como a ópera *Bastien und Bastienne*²⁹⁸ do jovem Wolfgang Amadeus Mozart, apresentada no teatro de Mesmer também em 1768.

No século XVIII, as pesquisas em eletricidade inauguraram uma nova possibilidade de promoção da cura, como vimos anteriormente. No entanto, também essa prática tornou-se muito dura com o corpo, submetendo-o a altas dosagens de choques elétricos, debilitando-o ainda mais e distanciando-o da cura da doença. Males da alma, doenças do *systeme nerveux*, descompasso espiritual..., independente do nome que se dê trata-se de desequilíbrios voláteis que não se curam com mais padecimento do corpo. Mesmer, na realidade, queria mostrar que o corpo padece dos males da alma. Tal como Bruno, dizia:

[...] Não pode pois um corpo de forma alguma agir sobre outro corpo, nem a matéria sobre a matéria, nem as parcelas de uma mesma matéria ou de um mesmo corpo podem agir sobre as outras parcelas do corpo: toda a ação provém da qualidade específica e da forma – no fim das contas, da alma. *É ela que, para começar, muda as disposições, para que em seguida as disposições possam mudar o corpo.* Somente assim age o corpo sobre um corpo distante ou sobre um corpo próximo e sobre as suas próprias parcelas; através de uma espécie de simpatia, de aliança, de união que provém da forma²⁹⁹.

Pois bem, muitos dos doentes tratados por Mesmer sofriam das “doenças da alma”, caracterizadas pelo desequilíbrio humoral e suas consequências físicas: engrossamento do sangue, convulsões, melancolia e vapores³⁰⁰. Em um panfleto da época lemos o seguinte a respeito das doenças tratadas pelo médico:

[...] M. Mesmer, doutor em medicina da faculdade de Viena na Áustria, é o único inventor do magnetismo animal. Este método de curar uma grande quantidade de enfermidades (entre outras, *hidropisia, paralisia, gota, escorbuto, cegueira, surdez acidental*) consiste na aplicação de um fluido ou agente que *monsieur* Mesmer dirige, às vezes com um de seus dedos, às vezes com uma haste de ferro que um outro aplica à vontade nas pessoas que recorreram a ele. Ele também utiliza uma cuba, à qual estão ligadas cordas que os doentes enrolam em torno de si, e hastes de ferro que colocam perto da boca do estômago, do fígado ou do baço, e em geral perto do local dos seus corpos que está afetado. Os doentes, especialmente as mulheres, passam por convulsões ou crises que lhes trazem a cura³⁰¹.

²⁹⁸ ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. SCHRÖTER, Michael (org.). Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 69-70.

²⁹⁹ BRUNO. **Op. cit.**, p. 57. (grifo meu)

³⁰⁰ “Os médicos do século XVIII dedicaram-se a definir os sintomas daquilo que chamaram “a doença do século”, desconhecida pelo povo. Se a melancolia torna a alma profundamente dolorosa e concentrada sobre um objeto único, os vapores se definem, ao contrário, “por uma letargia absoluta das capacidades da alma”. Os vapores femininos estão próximos de nossa histeria e são reconhecidos pelos espasmos e convulsões”. BADINTER, Elisabeth. **Émile, Émile: a ambição feminina no século XVIII**. Trad. Celeste Marcondes. São Paulo: Discurso Editorial: Duna Dueto: Paz e Terra, 2003, p. 19-20. (grifo meu).

³⁰¹ DARNTON. **Op. cit.**, p. 16-7. (grifo meu)

Note que, curiosamente, o texto do panfletista mesmerômano não cita melancolia ou vapores, ele utiliza nomes de doenças mais populares, talvez isso seja por conta do público a quem destinava o panfleto, pois paralisia, cegueira e surdez são alguns dos possíveis sintomas dos vapores. Se olharmos com mais atenção, todavia, veremos que todas as doenças relacionadas ou atacam os órgãos dos sentidos ou os humores corporais, várias delas, como afirmou Elisabeth Badinter, estão “próximas de nossa histeria” freudiana. Veja, na voz do próprio de Sigmund Freud, a sintomatologia da “grande histeria”:

A sintomatologia da “grande histeria”, extremamente rica, mas nem por isso anárquica, compõe-se de uma série de sintomas que incluem os seguintes: (1) *Ataques convulsivos* [...]; (2) *Zonas histerógenas* [...]; (3) *Distúrbios da sensibilidade* [...]; (4) *Distúrbios da atividade sensorial* [...]; (5) *Paralisias* [...]; (6) *Contraturas* [...]. As manifestações histéricas têm, preferentemente, a característica de serem exageradas: uma dor histérica é descrita pelos pacientes como extremamente dolorosa; uma anestesia e uma paralisia podem com facilidade tornar-se absolutas; uma contratura histérica causa a maior retração de que um músculo é capaz. Ao mesmo tempo, qualquer sintoma particular pode ocorrer, por assim dizer, isoladamente: a anestesia e a paralisia não se acompanham dos fenômenos gerais que, no caso das lesões orgânicas, evidenciam a afecção cerebral³⁰².

Princesa de Lamballe, *madame* Polignac, *madame* du Deffand são exemplos de damas da aristocracia francesa que foram atendidas por Mesmer e sentiram, fascinadas, os efeitos do magnetismo animal sobre seu corpo. Também Maria Antonieta, influenciada por suas amigas, era uma de suas partidárias, além de ser sua conterrânea e lhe dispensar proteção. Todas sofriam da “[...] a neurose das nobres mulheres da época”³⁰³; os “humores etéreos” de Giordano Bruno³⁰⁴: “a doença do século”.

Para Stefan Zweig, porém, que viveu cerca de dois séculos depois, a doença do século XVIII foi outra: a “credulidade”.

³⁰² Cf. FREUD, Sigmund. *Histeria* [1888]. In: **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Vol. 1. Dir. SALOMÃO, Jayme. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. (grifo meu)

³⁰³ ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 187.

³⁰⁴ BRUNO. **Op. cit.**, p. 78-9.

[...] A humanidade não pode viver muito tempo sem fé, e já que o ídolo da época tinha posto fora da moda a fé religiosa, no seu lugar tinha-se insinuado nos salões a superstição. Para os alquimistas e charlatães, os cabalistas, nigromantes e médicos miraculosos, iniciou-se uma idade de ouro. Nenhum homem de sociedade, nenhuma dama da aristocracia deixará de fazer-se ver no parque de Cagliostro, na mesa com o conde Saint-Germain, com Mesmer na tina magnética. Justamente porque todos tinham a inteligência tão lúcida, tão arguta e frívola, porque os generais não tomavam a sério os seus comandados, nem a rainha a sua dignidade, nem os sacerdotes o seu Deus, a gente mundana esclarecida pelo iluminismo, tinha necessidade, como um antídoto ao terrível vazio, de um contato qualquer com a esfera metafísica, ultraterrena, incompreensível [...]³⁰⁵.

Mas, se Mesmer era tão popular em Paris, respeitado por tão nobres homens, médico de tão distintas senhoras, porque razão sua história, segundo Zweig, assemelhou-se a uma tragédia? A resposta pode ser vislumbrada na fala do sobrinho de Rameau de Sloterdijk: “Mesmer não conseguia deixar de buscar reconhecimento dos cientistas”; “[...] Médico formado, orgulhoso de sua teoria, fanático de sua ideia e até escravo dela, só deseja e quer uma coisa: vê-la reconhecida pela ciência oficial”³⁰⁶. No entanto, tais cientistas – médicos, químicos, botânicos, físicos, matemáticos – eram justamente aqueles que haviam colocado “fora da moda a fé religiosa”, eram eles que iriam ser chamados a julgar e produzir um parecer a respeito da cientificidade da pesquisa de Mesmer.

Isso aconteceu no ano de 1784. Em março, Luís XVI assinou um documento ordenando a organização de uma comissão de cientistas para julgar a veracidade da prática de Mesmer. A comissão deveria ser formada por membros da faculdade de Medicina de Paris e da Academia de Ciências. Foram escolhidos para a tarefa o médico Joseph-Ignace Guillotin, Benjamin Franklin, patenteador do pára-raios e da harmônica de vidro, o astrônomo Jean Sylvain Bailly, Antoine Laurent de Lavoisier, o “pai da química” e Antoine Laurent de Jussieu, botânico³⁰⁷. O rei pedia para que a comissão avaliasse o magnetismo e suas consequências: se úteis ou prejudiciais. Para tanto, foi criado um “programa de experimentos” que, segundo Ellenberger, foi elaborado por Lavoisier e era um modelo de aplicação do método experimental. O objetivo desses senhores, contudo, nunca foi saber se Mesmer promovia a cura das enfermidades, eles procuravam mesmo averiguar a existência de um novo elemento físico: o fluido magnético³⁰⁸.

³⁰⁵ ZWEIG, Stefan. Maria Antonieta: In: **Obras completas de Stefan Zweig**. Trad. Medeiros e Albuquerque. Tomo VII. Rio de Janeiro: Delta, 1953, p. 177-8. (grifo meu)

³⁰⁶ ZWEIG. **Op. cit.**, 1930, p. 60.

³⁰⁷ Cf. **Idem**, p. 72; DARTON. **Op. cit.**, p. 63; ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 65.

³⁰⁸ ELLENBERGER, **Op. cit.**, p. 65.

[...] os membros da comissão passaram semanas a ouvir as explanações de d’Eslon sobre a teoria e a observar seus pacientes em convulsões e transes. Submeteram-se pessoalmente a uma mesmerização contínua, sem nenhum efeito, e a seguir decidiram testar o funcionamento do fluido de d’Eslon fora da atmosfera excitável de sua clínica. Eles descobriram que uma paciente, ao ser falsamente informada de que estava sendo mesmerizada através de uma porta, teve uma “crise”. Um outro paciente “sensível” foi levado a cinco árvores, uma delas magnetizada por d’Eslon, no jardim de Franklin em Passy; ele desmaiou ao pé da árvore errada. Quatro xícaras normais de água foram apresentadas a uma paciente de d’Eslon na casa de Lavoisier; a quarta xícara provocou convulsões, mas ela engoliu calmamente o conteúdo magnetizado de uma xícara que julgava ser de água simples³⁰⁹.

Veja, eles tentaram isolar o elemento Mesmer e d’Eslon é que foi, de fato, o magnetizador avaliado. Eles experimentaram sentir os efeitos do magnetismo, mas, céticos, não perceberam nada, testaram os pacientes e concluíram que “[...] onde nada se vê, se sente ou se cheira, nada existe [...]”³¹⁰. Em agosto do mesmo ano o relatório dos cientistas foi levado a público. Eles até admitiram a “[...] existência de uma força que atua sobre o homem e domina-o e que está latente no magnetizador [...]”, mas concluíram que a influência do magnetismo animal na cura das doenças residia apenas na “imaginação”³¹¹.

[...] a comissão não se preocupa com o enigmático contato entre magnetizador e *medium* – quando é aí que reside o verdadeiro problema – e limita-se à questão da *presence sensible* do misterioso fluido. Pode-se ver? Não. Pode-se cheirar? Não. Pode-se pesar, palpar, medir, saborear, observar ao microscópio? Não. Logo a comissão começa por declarar a imponderabilidade deste fluido, a impossibilidade de reconhecê-lo pelos sentidos³¹².

Concomitantemente alguns membros da comissão prepararam um relatório secreto para o rei onde diziam ser o magnetismo animal nocivo para a manutenção dos bons costumes e das tradições sociais. *É caso de polícia*, dizia um; *em minha terra mister Mesmer já estaria preso por charlatanismo*, afirmava o outro; *preocupa-me os perigos resultantes da atração erótica entre pacientes do sexo feminino e magnetizador*, comentava um terceiro. Apenas Jussieu mostrou-se mais simpático à teoria de Mesmer e apresentou, a parte do relatório, um comentário em que reafirmava não ser possível negar as curas realizadas pelo médico estrangeiro.

³⁰⁹ DARNTON. *Op. cit.*, p. 63.

³¹⁰ ZWEIG. *Op. cit.*, 1930, p. 75.

³¹¹ *Idem*, *ibidem*.

³¹² *Idem*, p. 73-4.

[...] E apesar de não poder, como acontece com seus companheiros, afirmar a existência do fluido pelo testemunho dos sentidos, admite, como logicamente possível a presença de um agente “susceptível de transmitir-se de um indivíduo a outros, provocando frequentemente nestes uma visível reação”³¹³.

Depois da publicização do relatório da comissão, choveram críticas e sátiras ao método de Mesmer. Foram divulgados panfletos por toda Paris, encenadas peças no *Comédie Italienne*, criadas cantigas populares (“Que o charlatão Mesmer,/Com um outro confrade/Cure muitas mulheres;/Que vire suas cabeças,/Apalpando não sei onde,/É louco/Muito louco/E não acredito de jeito nenhum”³¹⁴), divulgados textos de detratores. Dizia um observador a respeito de uma dessas produções satíricas:



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

[...] Nas livrarias se vendem divertidas gravuras em cobre que representam de modo sumamente gráfico, ao alcance dos analfabetos, a “vitória da ciência”: envolta em radiante auréola, estende a comissão investigadora o decreto reprovador, e ante essa “luz sete vezes rutilante” fogem, montados em uma vassoura de bruxa, Mesmer e seus discípulos, cada um deles com uma cabeça de asno³¹⁵.

Confrades em toda a França reagiram ao relatório oficial dos médicos franceses. LeJeune, um advogado veterano, membro do *parlament* de Paris e confrade da loja

³¹³ **Idem**, p. 79. Ver também ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 65.

³¹⁴ DARNTON. **Op. cit.**, p. 55-6.

³¹⁵ ZWEIG. **Op. cit.**, 1930, p. 77.

maçônica falou a respeito do assunto³¹⁶. Na ocasião, ele conversava com Jan van Leyden a respeito da sentença que condenou a teoria de Mesmer:

[...] Desde quando é preciso que se nomeie uma comissão real para demonstrar que não se pode comprovar a existência do *fluidum* e que a *gravitation universelle* não ocorre em qualquer outro lugar que não seja a sala de crises do senhor Mesmer? [...] Primeiro toda a cidade treme com o fluxo magnético, todos sentem as batidas e as vibrações oriundas da eletricidade animal e agora, de repente, ordens superiores determinam que nada daquilo que sentiram foram sensações reais e, sim, mera imaginação que nada comprova. Sei, pura imaginação!³¹⁷

Ironicamente o magnetismo animal acabou por se disseminar pelas regiões interioranas do reino: Buzancy, Estrasburgo, Besançon, Castres, Lyon. Não foi à toa que em 1785 LeBrasseur aconselhou Jan van Leyden a deixar Paris e estender sua viagem até Buzancy, no distrito de Soissons, onde o marquês de Puységur praticava “[...] uma forma totalmente nova de terapia”³¹⁸. Um médico de Lyon chamado J. B. Bonnefoy escreveu sobre o assunto questionando os cientistas:

[...] Como se procede nas enfermidades nervosas, essas doenças hoje inteiramente desconhecidas? Prescrevem-se banhos quentes e frios, medicamentos excitantes, refrigerantes, tônicos e sedativos, e nem um só desses pobres paliativos produziu até hoje efeito algum que se possa comparar à ação surpreendente que observamos no método psicoterápico de Mesmer³¹⁹.

Ainda que muitos nobres senhores e importantes confrades burgueses tenham se manifestado em apoio a Mesmer, o homem ficou desenhado, desconsolado. Semanas após a publicação do relatório, foi até minha casa. Tivemos uma longa conversa e, a certa altura, ele me desabafou:

Meu caro confrade, tenho muito orgulho das descobertas que fiz e sei que elas trarão muitos benefícios àquelas pessoas que, por descuido ou acidente, caem vítimas do sonambulismo. Minha experiência mostra que a conservação do homem, assim como sua existência, é fundada na força magnética que rege os planetas; que ele possui as propriedades análogas às do ímã; que é dotado de uma sensibilidade que o faz estar em

³¹⁶ *Maître* LeJeune é um personagem da **Árvore mágica**. Advogado, parlamentar e maçom, é também adepto do magnetismo animal. A pedido de LeBrasseur, recebe Van Leyden em Paris e o apresenta à sociedade reunida no salão de *madame* Polignac. SLOTTERDIJK. **Op. cit.**, p. 117.

³¹⁷ **Idem**, p. 118-9.

³¹⁸ **Idem**, p. 54.

³¹⁹ BONNEFOY apud ZWEIG **Op. cit.**, 1930, p. 78.

*contato com os seres que o cercam, mesmo os mais distantes; que é susceptível de se carregar de um tom de movimento; que pode, à semelhança do fogo, comunicar-se com outros corpos animados e inanimados; que esse movimento pode ser propagado, concentrado, refletido, como a luz, e comunicado pelo som; que, enfim, essa ação dos astros celestes, considerada como um agente sobre o fluido magnético-corporal que preenche toda a matéria terrestre, pode tornar-se um meio de cura e mesmo de prevenção das doenças*³²⁰.

Foi essa a última vez que vi Franz Anton Mesmer. Disseram-me que ele foi embora de Paris no começo de 1785 e, usando outro nome, foi viver na Inglaterra. Durante os próximos vinte anos quase não se teve notícias dele. Apenas parte de suas andanças pela Suíça, Alemanha, França e Áustria puderam ser traçadas. Parece que em 1793 retornou à Viena, onde foi tomando como um indivíduo suspeito e arrolado em uma trama política obscura. Voltou para a Suíça e conseguiu sua cidadania, por fim, retornou para a região do Lago de Constança, sua terra natal, onde morreu em 1815 com quase oitenta e um anos completos. Sua ideia, no entanto, sofreria algumas transmutações com o passar do tempo até ser reconhecida pela Academia de Ciências da França, em 1882, sob o nome de *hipnose*.

³²⁰ Cf. MESMER. **Op. cit.**, 1798-99, p. V.

5 ENCERRAMENTO

De fato, o magnetismo de Mesmer fez-se sentir na França, contudo, e jamais se esqueça disso, Mesmer era um estrangeiro em Paris. Se chegou a ser reconhecido pela academia do Eleitorado da Baviera e incluído, no ano de 1775, entre seus membros; na França, isso nunca aconteceu. O irracionalismo delirante de sua teoria não encontrou solo fértil em terras iluministas. Anos depois de sua partida de Paris, no crepúsculo do século XVIII, recebi uma carta sua. Muito lacônico, dizia apenas que havia passado recentemente pela França e publicara sua segunda **Mémoire**³²¹. Mandava-me uma cópia da edição para que eu fizesse minha apreciação. Pois bem, você vê que eu não tive muito tempo para fazê-la. A doença que me acometeu foi fulminante e não pude nem finalizar minha tarefa nem iniciá-lo nos assuntos de nossa tribo. Siga adiante, você é agora Ferragus XXVII. Para auxiliá-lo no trabalho, contudo, apresento a seguir alguns breves comentários que fiz a respeito do tema:

Iniciei hoje a leitura de **Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en Médecine, sur ses découvertes**. Sorri quando li logo nas primeiras páginas do texto quase a mesma declaração que ele havia feito em minha casa dias antes de partir:

Orgulho-me das descobertas que fiz [...], elas ampliaram os marcos de nosso saber em física, tanto quanto a invenção dos microscópios e dos telescópios fez ao longo do tempo que nos precedeu. Essas descobertas, tenho certeza, farão conhecer que a conservação do homem, assim como sua existência, é fundada nas leis gerais da natureza; *o homem possui* as propriedades análogas às do ímã; é dotado de uma sensibilidade pela qual pode estar em relação com os seres que o cercam, mesmo com os mais distantes; é susceptível de se carregar de um *tom* de movimento; pode, *à semelhança do fogo*, comunicar-se com outros corpos animados e inanimados; esse movimento pode ser propagado, concentrado, refletido, como a luz, e comunicado pelo som; enfim, o princípio desta ação, considerado como um agente sobre a substância íntima dos nervos do corpo animal, pode tornar-se um *meio de cura e mesmo de prevenção das doenças*³²².

³²¹ MESMER, Franz Anton. **Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en Médecine, sur ses découvertes**. 1798-99. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75473x>. Acessado em: 23/03/2011.

³²² Livre tradução de: “*J’ose me flatter que les découvertes que j’ai faites, et qui sont le sujet de cet ouvrage, reculeront les bornes de notre savoir en physique, autant que l’invention des microscopes et des télescopes l’a fait par rapport aux temps qui nous ont précédés. Elles seront connoître que la conservation de l’homme, ainsi que son existence, sont fondées sur les loix générales de la nature; que l’homme possède des propriétés analogues à celles de l’aimant; qu’il est doué d’une sensibilité, par laquelle il peut être en rapport avec les êtres qui l’environnent, même les plus éloignés; et qu’il est susceptible de se charger d’un ton de mouvement; qu’il peut, à l’instar du feu, communiquer à d’autres corps animés et inanimés; que cet mouvement peut être propagé, concentré, réfléchi comme la lumière, et communiqué par le son; qu’enfin le principe de cette action, considéré comme un agent sur la substance intime des nerfs du corps animal, peut devenir un moyen de guérir et même de se préserver des maladies.*” Em nota de rodapé, Mesmer complementa dizendo que um *tom* seria “[...] um modo particular e determinado do movimento que há entre as partículas que constituem o fluido.” **Idem**, p. V.

O trecho chamou minha atenção porque, embora a teoria de Mesmer continuasse a mesma, as palavras eram outras. Aqui não há referência alguma ao magnetismo animal, ao sistema humoral, à Lua e ao Oceano, aos planetas, ao sonambulismo. Mesmer esforçou-se por usar palavras mais adequadas ao ambiente linguístico moderno, citou aparelhos laboratoriais fundamentais para a pesquisa científica, ressaltou a importância de sua descoberta na ampliação dos saberes em física. Até evitou chamar o magnetismo animal para compor com os planetas disse, no entanto, a respeito da ação da natureza sobre os nervos do corpo animal, manteve a convicção de que a manutenção do movimento sobre tais nervos era uma maneira de promover a cura e/ou a prevenção de doenças. Todavia, a ideia de Mesmer continuava a mesma: o homem era como o ímã e o fogo e possuía propriedades análogas a eles, o corpo vibrava, era sensível à luz e ao som.

Mais tarde, porém, percebi que havia outra característica importante da prática de Mesmer subjacente a esse texto: para a cura do sonambulismo não era necessária a ingestão de remédios, a aplicação de eletricidade, a utilização de banhos quentes ou frios, o recurso às sangrias, era preciso apenas que o corpo fluísse naturalmente. Mas como? Pela ação da natureza que, agindo sobre a substância íntima dos nervos do corpo, promoveria sua saúde. Mesmer, como se vê, não admitia a possibilidade curativa da palavra. Por isso mesmo não pôde aceitar que suas curas fossem provocadas pela imaginação.

A respeito do método de Mesmer, veja essa citação de Ellenberger, repare que aí não há nenhuma menção ao uso da palavra como meio de promoção da cura ou do alívio da doença:

[...] Mesmer não utilizava medicação além de água magnética. Ele sentava em frente ao seu paciente e ia tocando os seus joelhos nos dele, pressionando os polegares do paciente em suas mãos, olhando fixamente para seus olhos, depois, tocando sua hipocôndria e fazendo passes por todos os seus membros. Muitos pacientes sentiram sensações peculiares ou entraram em crise. Isso tudo, ele supunha, traria a cura³²³.

³²³ Livre tradução de: “[...] Mesmer used no medication other than magnetic water. He would sit in front of his patient with his knees touching the patient’s knees, pressing the patient’s thumbs in his hands, looking fixedly into his eyes, then touching his hypochondria and making passes over his limbs. Many patients felt peculiar sensations or fell into crises. This was supposed to bring forth the cure.” ELLENBERGER, Henri F. **The discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: BasicBooks, 1970, p. 63.

Sobre o termo *hypochondria*: “A medicina clássica, ainda corrente no século XVIII, conhecia a *hipocondria* como um termo geral para as doenças que afetavam o sistema digestivo, que por sua vez afetava o corpo todo.” Disponível em: <http://newhumanist.org.uk/2198/tormented-hope-nine-hypochondriac-lives-by-brian-dillon>. Acessado em: 16/05/2011. Também Darnton fala sobre o assunto: “[...] A maioria dos mesmeristas se concentrava no equador do corpo, os hipocôndrios nas laterais do abdômen superior, onde Mesmer situava o centro sensorial comum. Essa prática alimentou falatórios sobre o magnetismo sexual [...], que explicava que a pessoa que sofria de “vice des hypocondres” tendia a ser “bizarre et extravagant”, perturbando-se

Stefan Zweig foi ainda mais enfático nesse ponto chamando a atenção não apenas para a ausência da palavra na cura magnética, mas, apontando para o não reconhecimento do efeito terapêutico da linguagem em Mesmer:

[...] Como primeiro médico iniciado da nova era, Mesmer, experimentou e provocou repetidas vezes a virtude curativa que, procedendo de uma personalidade sugestiva, de sua proximidade, de suas palavras, de suas ordens, exerce sobre um doente em estado de excitação; mas não pode fazer mais do que anunciar esta virtude, sem ver na medicina da psique, para ele incompreensível, nada mais do que uma manifestação da magia medieval. *Falta-lhe* (como a todos os seus contemporâneos) *a ideia decisiva da sugestão, esta imaterial e benéfica transmissão de energia que* (e sobre este ponto divergem ainda hoje as opiniões) *se efetua, seja pela influência, à distância, da vontade, seja pela irradiação de um fluido interno*³²⁴.

Se Mesmer tivesse perambulado por esse mundo cerca de um século mais tarde talvez ele aceitasse a imaginação como motor da cura e encontrasse para ela uma materialidade: a linguagem. E, então, diria em coro com Stefan Zweig:

[...] para quem conhece as maravilhas de que é capaz o “Logos”, a palavra criadora, esta mágica vibração dos lábios no espaço, que tem erguido e derrubado mundos inumeráveis, não constituirá nenhuma surpresa o fato de que na medicina, assim como em todas as outras esferas, só a palavra possa realizar verdadeiros milagres; que uma simples sentença, um olhar, emissários mediadores entre uma e outra personalidade, levem sempre a saúde a órgãos completamente atrofiados, semelhantes curas não podem ser qualificadas de milagrosas nem de excepcionais; são antes o vago reflexo de uma lei misteriosa que rege a suprema interdependência de corpo e alma [...] ³²⁵.

Eis a noite enlurada do século XVIII. Adiante surgiam os primeiros raios do século XIX, a modernidade surgia ainda mais exuberante, porém, emergia daí um romantismo ainda mais recalcitrante. Se o “racionalismo” francês sugeriu o tema, a natureza, o “irracionalismo” alemão argumentou: a razão não conhece a natureza, são as sensações que o fazem; essas, por sua vez, só podem conhecer parcialmente; eis o romantismo alemão reverberando no pensamento francês, ou como queria Gerd Bornheim, em todo pensamento

quando ficava entregue a si mesma: “Les hypocondriaques sont mélancoliques e visionnaires”. Cf. DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 15.

³²⁴ ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud.** Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930], p. 102. (grifo meu)

³²⁵ **Idem**, p. XIV.

filosófico europeu³²⁶. Ainda que o *Aufklaerung* tenha sido o momento mais francês do pensamento alemão, o Romantismo foi a revanche nórdica sobre o Iluminismo francês.

[...] Podemos dizer que o romantismo é um produto nórdico, que encontrou na Alemanha a sua morada privilegiada. De fato, como veremos, a cultura alemã é basicamente romântica, e isto que se costuma chamar de período romântico, não é mais do que a manifestação máxima de constantes que atravessam, com intensidade maior ou menor, todas as etapas desta cultura. Isto explica a influência que, inevitavelmente, deveria exercer a Alemanha, direta ou indiretamente, sobre todos os romantismos ocidentais³²⁷.

Fundamentado na recusa da matematização da existência por meio das lentes da razão, o ideal romântico prezava pelas “[...] faculdades espirituais intuitivas e pelas formas orgânicas da vida social”³²⁸. Concordantes com as críticas de Rousseau e Kant relativas ao centralismo da razão nos sistemas iluministas, os românticos levaram a natureza para o centro do debate. E então afirmaram: *a razão tem limites, aceitemos o lado obscuro da lua*. Buscaram inspiração no sentimento interior de Rousseau³²⁹, no gênio inconsciente de Hamann³³⁰, “o mago do norte”, na experiência divina de Boehme³³¹, elementos fundamentais para a filosofia romântica. Mas, esses filósofos também foram influenciados pela teoria Mesmer:

Um dos princípios básicos da filosofia da natureza era a unidade essencial entre homem e natureza; a vida humana era considerada como uma participação em um tipo de movimento cósmico intrínseco à natureza. O universo era um todo organizado em que cada parte estava conectada às outras por uma relação de *simpatia*. Por isso o interesse mostrado pelos filósofos da natureza pela teoria do magnetismo animal de Mesmer, a qual eles interpretaram de acordo com suas próprias teorias³³².

³²⁶ BORNHEIM, Gerd A. *Aspectos filosóficos do Romantismo*. In: **Cadernos do Rio Grande**. Porto Alegre: Secretaria da Educação e Cultural, 1956, p. 7-110.

³²⁷ **Idem**, p. 16-7.

³²⁸ Cf. GIANNATTASIO, Gabriel. *Sade romântico*. In: **Sade: um anjo negro da modernidade**. São Paulo: Imaginário, 2000, p. 184.

³²⁹ “[...] “Deixei, pois, de lado a razão, e consultei a natureza, isto é, o sentimento interior, que dirige a minha crença, independentemente da minha razão”. ROUSSEAU apud BORNHEIM. **Op. cit.**, p. 24. (grifo meu)

³³⁰ Bornheim sobre Hamann: “[...] Não é a razão que define o gênio, mas o berço último de nossas ideias, aquela região subterrânea que nos habita, e que logo mais será batizada pelos românticos de inconsciente.” **Idem**, p. 29. (grifo meu)

³³¹ Bornheim sobre Boehme: “[...] Para Boehme, o mal não pode ser tão definitivo, tão radical, a ponto de afastar a natureza humana irremediavelmente de Deus. Se assim fosse, a regeneração do homem se tornaria impossível, pois impossível seria sua aproximação da graça divina. Boehme procura solucionar o problema dentro de uma linha panteísta: a natureza é divina, Deus lhe é imanente.” **Idem**, p. 99.

³³² Livre tradução de: “One of the philosophy of nature’s basic principles was the essential unity of man and nature; human life was regarded as a participation in a kind of cosmic movement within nature. The universe was an organized whole in which each part was connected to all others through a relation of sympathy. Hence the interest shown by the philosophers of nature for Mesmer’s theory of animal magnetism, which they interpreted according to their own theories.” ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 203. (grifo meu)

Veja o agente geral de Mesmer presente na *Naturphilosophie* de Friedrich Wilhelm von Schelling: a vida humana participando da natureza em um movimento cósmico; a natureza, o agente geral, fazendo fluir por uma relação de simpatia as sensações humanas no cosmos. Veja o sentimento nostálgico de Novalis em relação à prática alquímica medieval, leia o *conto simbólico* de Klingshor³³³, a vasta analogia que o narrador faz às propriedades dos metais, o requinte poético utilizado na personificação dos preciosos Ferro, Ouro, Zinco e Turmelina. Segundo o tradutor e comentador de **Enrique de Ofterdingen**, Eustaquio Barjau, o conto estabelece uma “[...] transposição ao idealismo novaliano de ciência física do século XVIII: o magnetismo não é mais uma força que move o universo [...], aqui homem e natureza formam uma relação de continuidade, de correspondência física, de unidade indissolúvel e cíclica”³³⁴.

Com relação à esse influência, Ellenberger ainda estabeleceu uma relação entre alquimistas e românticos por ocasião de um debate a respeito das fontes de Carl Gustav Jung. Perceba, meu caro, que os filósofos saudados por Jung como “pioneiros da psicologia do inconsciente” são aqueles que influenciaram o pensamento de Mesmer:

[...] Aqueles filósofos românticos que eram as fontes mais diretas de Jung tinham eles mesmos uma longa série de predecessores, desde a gnose e os alquimistas a Paracelso, Boehme, Swedenborg, Saint-Martin, Von Baader, e Fabre d’Olivet. Alguns desses homens foram saudados por Jung como os pioneiros da psicologia do inconsciente³³⁵.

Contudo, em 1798 Mesmer ainda lembrava, decepcionado, do desprezo de seus conterrâneos quando de sua descoberta do magnetismo animal. Para ele, os “[...] físicos e médicos da Alemanha, os eletricitistas e as pessoas que manuseavam o ímã [...]” revoltaram-se com a singularidade de novidade que ele anunciava. Não era aceitável que justo ele, um reles mortal, um desconhecido, ignorado pela academia, um ‘joão ninguém’, trouxesse tamanha contribuição à ciência médica! Jamais!³³⁶

³³³ Referência ao romance de formação **Enrique de Ofterdingen** de Novalis e à alegoria da Natureza contada por Klingshor aos seus convidados, entre eles Enrique, o herói, e Matilde. Cf. NOVALIS. **Enrique de Ofterdingen**. 3 ed. Trad. Eustaquio Barjau. Catedra Letras Universalis: Madrid, 2004, p. 210-244.

³³⁴ “[...] hay que pensar de nuevo en la transposición al idealismo novaliano de la ciencia Física del siglo XVIII: el magnetismo no es más que un estadio inferior de la única fuerza que mueve el universo; por esto el camino hacia la redención del mundo por el amor lo señalan los fragmentos de la espada de Hierro tocada por Freya.” BARJAU, Eustaquio. *Introducción*. In: **Idem**, p. 32.

³³⁵ Livre tradução de: “[...] Those Romantic philosophers who were Jung’s more direct sources had themselves a long series of predecessors, from de Gnostics and alchemists to Paracelsus, Boehme, Swedenborg, Saint-Martin, Von Baader, and Fabre d’Olivet. Some of these men were hailed by Jung as the pioneers of the psychology of the unconscious.” ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 730.

³³⁶ MESMER. **Op. Cit.**, 1798-99, p. 9-11.

As primeiras curas obtidas sobre algumas doenças consideradas incuráveis suscitaram a inveja e produziram mesmo a ingratidão, que se uniram para espalhar prevenções contra meu método de cura; de sorte que muitos dos estudiosos se juntaram para fazer cair, senão no esquecimento, ao menos no desprezo, as aberturas que fiz sobre esse objeto: gritava-se por todos os lados por impostura. Na França, onde a nação é mais esclarecida e menos indiferente aos novos conhecimentos, não pude deixar de experimentar as frustrações de toda espécie, e as perseguições que meus compatriotas prepararam de antemão; mas que, longe de me desencorajar, fizeram-se redobrar meus esforços para fazer triunfar as verdades que eu considero essenciais à felicidade dos homens³³⁷.

Iludido com o burburinho francês da época, Mesmer achava que seu fracasso em Paris era fruto da maledicência de seus conterrâneos, de membros invejosos da corte de Maria Teresa. Não percebia, ou não queria perceber, a incompatibilidade de sua teoria com o ‘espírito filosófico de sua época’. A ironia maior foi que algum tempo depois de seu fracasso em terras germânicas, foi justamente ali, na Alemanha, que o mesmerismo ganhou força e novamente esprou-se pela Europa:

[...] O mesmerismo progrediu constantemente na Alemanha. De 1790 a 1820 não foi apenas professado por homens como Gmelin, Kluge, and Kieser, mas ganhou um ponto de apoio nas universidades de Bonn e Berlin. Médicos renomados como Wolfart, Hufeland e Reil estavam convencidos de sua validade. Entre filósofos e escritores muitos continuaram céticos; Goethe, por exemplo, nunca mostrou muito interesse pelo mesmerismo. Por outro lado, os promotores da Filosofia da Natureza consideraram o magnetismo uma descoberta que fez época. Schelling viu no sonambulismo magnético um meio de estabelecer uma conexão entre o homem e o Mundo da Alma e de fundamentar as bases da metafísica experimental. Fichte era mais crítico, mas tendo assistido demonstrações de sonambulismo chegou à conclusão da relatividade do ego e viu que a individualidade do homem poderia ser alterada, dividida ou submetida à vontade de outro homem. Schopenhauer, que ficou profundamente impressionado com as performances públicas do magnetizador Regazzoni em 1854, repetidamente expressou seu interesse no magnetismo em seus escritos³³⁸.

³³⁷ Livre tradução de: “*La singularité de cette nouveauté, révolta d’abord en Allemagne les physiciens et les médecins, les électriseurs, et les gens qui manioient l’aimant. On accueillit avec dédain les premières annonces faites par un homme encore ignoré parmi eux. On contesta la possibilité des phénomènes, comme étant contraires aux principes reçus en physique. [...] Les premières guérisons obtenues sur quelques malades regardés comme incurables, suscitèrent l’envie et produisirent même l’ingratitude, que se réunirent pour répandre des préventions contre ma méthode de guérir; en sorte que beaucoup de savans se liguèrent pour faire tomber, sinon dans l’oubli, du moins dans le mépris, les ouvertures que je fis sur cet objet: on cria par-tout à l’imposture. En France, où la nation est plus éclairée et moins indifférente pour les nouvelles connoissances, je n’ai pas laissé que d’éprouver des contrariétés de toute espèce, et des persécutions que mes compatriotes m’avoient préparées de longue main; mais qui, loin de me décourager, ne firent que redoubler mes efforts pour le triomphe des vérités que je regardois comme essentielles au bonheur des hommes.*” **Idem**, *ibidem*.

³³⁸ Livre tradução de: “[...] *mesmerism constantly progressed in Germany. From 1790 to 1820, it was not only professed by men such as Gmelin, Kluge and Kieser, but it also gained a foothold at the universities of Bonn and Berlin. Well-known physicians such as Wolfart, Hufeland and Reil were convinced of its validity. Among*

Mesmer, contudo, não foi apenas uma inspiração romântica, ele era um indivíduo romântico³³⁹. Ele queira ser um cientista, e isso fazia dele um sujeito ainda mais romântico. Sonhava com a aceitação científica de uma teoria que não apresentava nenhuma materialidade para ser observada, averiguada e reproduzida, uma gama de “qualidades ocultas” que não podiam ser vistas, cheiradas ou tocadas. Apaixonadamente, contudo, dizia que pouco importava não se conhecer as causas do magnetismo animal, estavam ali escancarados seus efeitos, centenas de pessoas o havia sentido³⁴⁰. Percebendo, entretanto, que seu argumento não seria aceito, mudou de estratégia e, em 1798, iniciou suas **Mémoires** dizendo que seu método era racional, embora se baseasse na experiência, não era fruto de um empirismo cego. Na sequência, contudo, não pôde deixar de ressaltar a preeminência da experiência sobre a razão.

Ver-se-á, atrevo-me a acreditar, que essas descobertas não são obra do acaso, mas o resultado do estudo e da observação das leis da natureza, que a prática que ensino não é um empirismo cego, mas um *método racional*. Embora eu saiba muito bem que o primeiro princípio de todo o conhecimento humano é a experiência, e que é por ela que se pode constatar a realidade das suposições, me ocuparei em provar desde já, por um encadeamento de noções simples e claras, a possibilidade dos fatos que anuncio. [...] Os fenômenos que tomei da natureza fizeram-me remontar à fonte comum de todas as coisas, e creio ter aberto um caminho simples e correto para chegar à verdade, e ter desobstruído em grande parte o estudo da natureza das ilusões da metafísica³⁴¹.

*philosophers and writers, several remained sceptical; Goethe, for instance, never showed any interest in mesmerism. On the other hand, the promoters of the Philosophy of Nature hailed magnetism as an epoch-making discovery. Schelling saw in magnetic somnambulism a means for establishing a connection between man and the World Soul and for laying the basis of experimental metaphysics. Fichte was more critical, but, having watched demonstrations on somnambulists, he arrived at the conclusion of the relativity of the ego and saw that man's individuality could be altered, divided, or subjected to another man's will. Schopenhauer, who had been deeply impressed by the public performances given by the magnetizer Regazzoni in 1854, repeatedly expressed his interest in magnetism in his writing.” ELLENBERGER. **Op. cit.**, p. 159.*

³³⁹ “[...] Mesmer podia ser considerado o primeiro romântico alemão a atravessar o Reno; certamente abriu o caminho para dois dos mais importantes agentes alemães entre os românticos franceses, Madame de Stäel e dr. D.-F. Koreff. O baron de Stäel, amigo swedenborguiano de Lavater e Saint-Martin, praticou o mesmerismo com os fundadores do magnetismo animal. [...] Embora Mme. De Stäel, assim como Chateaubriand e Benjamin Constant, conseguisse conviver com mesmeristas sem ser convertida por eles, o respeito dela pelas suas ideias parece ter contribuído para o tratamento favorável que deu ao misticismo alemão em De l’Allemagne.” DARNTON. **Op. cit.**, p. 127-8.

³⁴⁰ Escreveu Mesmer em suas **Mémoires** “[...] se se enganam sobre os princípios, não se terá a menor dúvida sobre seus efeitos: hoje em dia recusam-se a examinar e a verificar os fatos, de sorte que se reduz à ignorância tanto os efeitos quanto as causas.” Livre tradução de: “[...] et si l’on se trompoit sur les principes, on n’avoit au moins aucun doute sur les effets: aujourd’hui on se refuse à l’examen et à la vérification des faits, de sorte qu’on est réduit à ignorer autant les effets que les causes.” MESMER. **Op. cit.**, 1798-9, p. 3.

³⁴¹ Livre tradução de: “On verra, j’ose le croire, que ces découvertes ne sont pas une rencontre du hasard, mais le résultat de l’étude et de l’observation des loix de la nature ; que la pratique que j’enseigne n’est pas un empirisme aveugle, mais une méthode raisonnée. Quoique je sache très-bien que le premier principe de toute connoissance humaine est l’expérience, et que c’est par elle qu’on peut constater la réalité des suppositions,

É curioso que na sequência dessa defesa de sua descoberta como fruto de uma pesquisa baseada num método racional, Mesmer evocou a sabedoria dos sentidos e expressou sua desconfiança em relação à intermediação da linguagem no processo da cura magnética fazendo, inclusive, uma crítica ao ambiente linguístico alquímico.

A língua de convenção, o único meio de que nos servimos para comunicar nossas ideias tem, em todos os tempos, contribuído para desfigurar nossos conhecimentos. Nós adquirimos todas as ideias pelos *sentidos*: os sentidos não nos transmitem mais que propriedades, caracteres, acidentes, atributos: as ideias de tudo são sensações que se exprimem com um adjetivo ou um epíteto; como quente, frio, fluído, sólido, pesado, leve, luminoso, sonoro, colorido etc. Substitui-se esses epítetos, pela comodidade da língua, por substantivos: logo, se substantiva as propriedades; se diz o calor, a gravidade, a luz, o som, a cor, e o que se tem é a origem das abstrações metafísicas.

Essas palavras representavam confusamente as ideias de substâncias, ou seja, tinha-se a ideia de uma substância, quando na verdade não passava de um efeito provocado pela ideia da *palavra substantiva*; essas qualidades ocultas de outrora, hoje em dia chamam-se propriedades dos corpos. À medida que se se afastava da experiência, ou mesmo antes de se ter os meios de chegar a ela, não somente se multiplicava as substâncias como também se as personificava. Essas substâncias preenchiam todos os espaços: elas presidiam e dirigiam as operações da natureza: eram *os espíritos, as divindades, os demônios, os gênios, os archei* etc. A filosofia experimental vem diminuindo em número; mas nos resta ainda muito a fazer para chegar à pureza da verdade. Chegaremos lá quando reconhecermos nenhuma outra substância física que não os corpos, ou a *matéria organizada e modificada de tal ou qual maneira*. Trata-se, por isso, de conhecer e de determinar o mecanismo de suas modificações e as ideias que resultaram desse mecanismo aperceptivo serão as ideias *físicas* mais próximas da verdade. Esse é, no geral, o objetivo que me proponho a atingir com o sistema de influências que aqui anuncio³⁴².

je me suis occupé à prouver d'avance, par un enchainement de notions simples et claires, la possibilité des faits que j'ai annoncés [...]. Les phénomènes que j'avois surpris à la nature, m'ont fait remonter à la source commune de toutes choses, et je crois ouvert une route simple et droit pour arriver à la vérité, et avoir dégagé en grande partie l'étude de la nature des illusions de la métaphysique.” **Idem**, p. 13-15. (grifo meu)

³⁴² Livre tradução de: “*La langue de convention, le seul moyen dont nous nous servons pour communiquer nos idées, a, dans tous les tems, contribué à défigurer nos connoissances. Nous acquérons toutes les idées par les sens: les sens ne nous transmettent que celles des propriétés, des caractères, des accidens, des attributs: les idées de toutes ces sensations s'expriment par un adjectif ou épithète, pour la commodité de la langue, des substantifs: bientôt on substantifia les propriétés; on dit, la chaleur, la gravité, la lumière, le son, la couleur, et voilà l'origine des abstractions métaphysiques. Ces mots représentèrent confusément des idées de substance, c'est-à-dire qu'on avoit l'idée d'une substance, lors qu'on n'eut en effet que l'idée du mot substantif; ces qualités occultes d'autrefois, aujourd'hui s'appellent les propriétés des corps. A mesure qu'on s'éloignoit de l'expérience, ou plutôt avant d'avoir des moyens d'y parvenir, non-seulement on multiplia ces substances, mais encore on les personnifia. Des substances remplissoient tous les espaces: elles présidoient et dirigoient les opérations de la nature: delà les esprits, les divinités, les démons, les génies, les archées, etc. La philosophie expérimentale en a diminué le nombre; mais il nous reste encore beaucoup à faire pour arriver à la pureté de la vérité. Nous y serons, lorsque nous serons parvenus à ne reconnoître d'autre substance physique que le corps, ou la matière organisée et modifiée de telle ou telle manière. Il s'agit donc de connoître et de déterminer le mécanisme de ces modifications, et les idées qui résulteront de ce mécanisme aperçu, seront des idées physiques les plus conformes à la vérité. C'est, en général, le but que je me propose d'atteindre par le système des influences dont je fais ici l'annonce.*” **Idem**, p. 15-17.

Seria Mesmer um empirista, você deve estar se perguntando? Meu caro, preste atenção, é dessa “palavra substantiva” que Franz Anton Mesmer desconfia. Se em seu texto ele usou exemplos relativos ao ambiente linguístico dos alquimistas – *os espíritos, as divindades, os demônios, os gênios, os archei* – foi porque sua iniciação foi alquímica, de lá fluíram suas ideias, desse universo simbólico místico-religioso de seus mestres. Mas ele queria ser reconhecido pelo seu tempo, ele queria ser um cientista. Desejoso por distanciar sua prática médica do âmbito religioso, da fé, Mesmer não percebeu que justamente a imaginação era responsável por produzir a saúde nos corpos de seus enfermos. Ávido por um lugar na academia, Mesmer negou suas raízes e esqueceu-se de atender para os sábios conselhos de Giordano Bruno acerca dos “distúrbios da imaginação”.

[...] O espírito não cumpre sozinho com estas operações vitais e animais, nem tampouco pode o corpo assegurá-las sem o espírito. Para as levar a bom termo, bem ou mal, em respeito ou desprezo da regra da espécie, requerem-se um princípio material e um princípio formal ou eficaz, segundo o gênero. É, pois, muito razoável que, para a cura dos distúrbios da imaginação, e para libertar o sentido interior vinculado por este pacto, sejam suficientes a purga dos humores e a regulação do regime alimentar. [...] Uma vez que os sentidos estão vinculados e obrigados de todas essas formas, devem o médico ou mago prestar atenção ao trabalho da imaginação: pois é ela a porta maior e o principal acesso para as ações, paixões e todos os afetos passíveis de afligir um ser vivo³⁴³.

Ansioso para elevar sua prática à categoria científica, para tirá-la do âmbito do exorcismo, da esfera religiosa, da ideia de possessão demoníaca, Mesmer foi derrotado pela falta de provas. A fé e a imaginação não eram provas científicas. Era preciso, e assim também ele desejava, provar a existência no homem das propriedades análogas do ímã, essa condição que possibilitaria o carregamento do homem com um tom de movimento e a propagação, concentração, reflexão desse tom a outros corpos animados e inanimados.

Os possíveis efeitos terapêuticos não eram negados, contudo, legados ao reino da imaginação. Ele poderia ter substituído Deus pela Imaginação, mas nem isso o deixou satisfeito, ele podia ter aceitado a ideia de Bruno: “A função da imaginação é receber as imagens trazidas pelos sentidos, retê-las, combiná-las e discriminá-las [...]”³⁴⁴ a fim de valorizar a classificação que a Academia de Ciências dera ao seu fluido magnético. A confirmação de que sua cura era provocada pela imaginação não lhe concedia, naquela época, um lugar no altar da ciência.

³⁴³ BRUNO, Giordano. **Tratado de magia**. Trad. Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008, p. 118-9.

³⁴⁴ **Idem**, 114.

Giordano ainda acrescentava o seguinte a respeito das “habilidades de um bom médico”:

[...] frase bem conhecida de Hipócrates: “O mais eficaz dos médicos é aquele em quem o maior número tem fé, porque vincula a maior parte das pessoas pela sua eloquência, a sua presença e a sua celebridade”. Isto vale não apenas para o médico, mas também para quem quer que pratique todo e qualquer gênero de mágica, ou detenha qualquer outro tipo de potência – sem embargo de o operador do vínculo poder dispor de outros meios que (para além da fé) saiba despertar imaginação³⁴⁵.

Mesmer não soube perceber, tal como notou anos mais tarde a astuta observadora dos alemães, *madame* de Stäel: “[...] É a imaginação, mais que o espírito, que caracteriza os alemães”³⁴⁶.

³⁴⁵ **Idem**, p. 121-2.

³⁴⁶ Tradução livre de: “[...] *C'est l'imagination, plus que l'esprit, qui caractérise les Allemands.*” STÄEL-HOLSTEIN, Germaine. **D'Allemagne**. T. 2. Paris: Didot Frères, p. 6. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2080946/f9.image.r=d'Allemagne.langFR>. Acessado em: 28/07/2011.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo**. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- ANKERSMITH, F.R. Historiografia e pós-modernismo. In: **Revista Topoi**. Trad. Aline Lorena Tolosa, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, mar/2001, p. 113-135. Disponível em: <http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi2a4.pdf>. Acessado em 02/08/2009.
- ANTUNES, António Lobo. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 7-19.
- ARMS, Kate. Polygamy in Münster. In: **Starr King School's Unitarian Universalist History class**. Disponível em: <http://www.sksm.edu/research/papers/polygamy.pdf>. Acessado em: 17/04/2011.
- AUGUSTO, Daniel. Um quiproquó metódico: os romances de Bernardo Carvalho. In: **Trópicos** (Revista Online). (Dossiê Nova Ficção). Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2374,1.shl>. Acessado em: 28/02/2011.
- AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Hildegard Feist. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 439-481.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BADINTER, Elisabeth. **Émile, Émile: a ambição feminina no século XVIII**. Trad. Celeste Marcondes. São Paulo: Discurso Editorial: Duna Dueto: Paz e Terra, 2003, p. 11-38.
- _____. **As paixões intelectuais: vontade de poder (1762-1778)**. Trad. Clóvis Marques. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BALZAC, Honoré de. **O elixir da longa vida e outros contos fantásticos**. 2 ed. Trad. Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1973.
- _____. **Ilusões perdidas**. Trad. Ernesto Pelanda e Mário Quintana. São Paulo: Abril, 1981.
- _____. **Ferragus**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: LP&M, 2006. (História dos Treze)
- _____. **A menina dos olhos de ouro**. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: LP&M, 2008. (História dos Treze)
- _____. **A duquesa de Langeais**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2008. (História dos Treze)

BASTOS, Débora. A trajetória de Domingos Antônio de Sousa Coutinho: o conde de Funchal (1760-1833). In: **Ibérica**. Juiz de Fora, março/junho de 2010, p. 5-19. Disponível em: <http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica13/conde-de-funchal.pdf>. Acessado em: 06/06/2011.

BAUBÉROT, Jean. Da mulher protestante. In: PERROT, Michele e FRAISSE, Geneviève (dir.). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Trad. Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Vol. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 238-255.

BAUMER, Frankiln L., O século XIII. In: **O pensamento europeu moderno: séculos XVII e XVIII**. Trad. Maria Manuela Alberty. Vol. 1. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 163-284.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 91-107.

_____. **Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe**. Trad. Mônica Krausz Bornebusch et al. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DAVIS, Natalie Zemon e FRAGE, Arlette (dir.). **História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. Trad. Alda Maria Durães et al. Vol 3. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 408-455.

BILANGE, Elizabeth Maria Azevedo. **O áspero humor de Lobo Antunes**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-13022008-104503/pt-br.php>. Acessado em: 10/02/2011.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOEHLICH, Walter (org.). **As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein (1871-1881)**. Trad. Flávio Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BORNHEIM, Gerd A. Aspectos filosóficos do Romantismo. In: **Cadernos do Rio Grande**. Porto Alegre: Secretaria da Educação e Cultural, 1956, p. 7-110.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 4 ed. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1991

BRUCATO, Phil. **Mago: a ascensão**. Trad. Douglas Ricardo Guimarães et alli. São Paulo: Devir. 2001.

BRUNO, Giordano. **Tratado de magia**. Trad. Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008. [1590-1] (edição bilíngue)

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, Cesar A.; GIANNATTASIO, Gabriel; BRANDÃO, Jeferson S.; BUENO, Fábio M.; SANTOS, Maria S.; Poéticas sonoras: Estação Raul. In: EWALD, Felipe Grune et al. **Cartografias da voz: poesia oral e sonora; tradição e vanguarda**. São Paulo: Letra e Voz; Curitiba: Fundação Araucária, 2011, p. 222-47.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. In: **A sociedade contra o Estado**. Trad. Theo Santiago, São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 207-234.

COQUARD, Olivier. **Marat: o amigo do povo**. Trad. C. H. Silva. São Paulo: Scritta, 1996.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. PERROT, Michelle. In: **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 419-501.

_____. A relação íntima ou os prazeres da troca. PERROT, Michelle. In: **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 503-562.

DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DIDEROT, Denis. **A religiosa**. Trad. Antônio Bulhões e Miécio Tati. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

_____. **Os pensadores: obras incompletas**. Trad. Marilena Chauí; J. Ginsburg. São Paulo: Abril, 1979.

_____. **O sobrinho de Rameau**. Trad. Bruno Costa. São Paulo: Hedra, 2007.

DINES, Alberto. **Stefan Zweig: um pacifista como Freud**. Disponível em: http://tvbrasil.org.br/observatoriodaimprensa/sobre_dines/zweig.htm. Acessado em: 25/05/2011.

DUGNANI, Patrício e CRUZ, Lílian Ap. Mitologia e pós-modernidade: Proteu, Argos e Narciso - Os mitos e seus reflexos na sociedade. In: **Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas**. Vol. 1, ano 1, 2007. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/view/759/586>. Acessado em: 02/02/2011.

ELLENBERGER, Henri F., **The discovery of the Unconscious: the history and evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: BasicBooks, 1970.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Ruy Jungmann. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Mozart: sociologia de um gênio**. SCHRÖTER, Michael (org.). Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FARIA, José Custódio de. **De la cause du sommeil lucide ou etude de la nature de l'Homme**. Paris: Henri Jouve Éditeur, 1906 [1819]. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k83286f/f2.image.r=abb%C3%A9+faria.langEN>. Acessado em: 10/05/2011.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. 19 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 15-37.

_____. **Os anormais**: curso dado no Collège de France (1974-1975). Edição estabelecida por Francois Ewald e Alessandro Fontana. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O poder psiquiátrico**: curso dado no Collège de France (1973-1974). Edição estabelecida por Jacques Lagrange. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9 ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **História da loucura**: na Idade Clássica. Trad. José Teixeira Coelho, São Paulo: Perspectiva, 2008.

FRANZ, Marie-Louise von. Origens da alquimia: tradições extrovertidas e introvertidas. In: **A alquimia e a imaginação ativa**. Trad. Pedro da Silva Dantas. Cultrix: São Paulo, 1979, p. 7-31.

FREUD, Sigmund. Histeria. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Vol. 1. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. [1888]

_____. Prefácio à tradução De la suggestion de Bernheim. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Vol. 1. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. [1888]

_____. Resenha de Hipnotismo, de Auguste Forel. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. Vol. 1. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. [1889]

_____. Psicologia de grupo e análise do ego. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Vol. 18. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. [1920]

_____. Uma breve descrição da Psicanálise. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Vol. 19. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. [1924]

_____. Um estudo autobiográfico. SALOMÃO, Jayme (dir.). In: **Um estudo autobiográfico; Inibições, sintomas e ansiedade; A questão da análise leiga e outros trabalhos**. Vol. 20. Edição Eletrônica Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Imago. [1924]

GALLO, David A.; FINGER, Stanley. The power of a musical instrument: Franklin, the Mozarts, Mesmer, and the Glass Armonica. In: **History of Psychology**. Vol. 3, nº. 4, Educational Publishing Foundation: Washington, 2000, 326-343

GALLO, Silvio. O pensador transversal. In: **Revista Discutindo filosofia**. Ano 1, nº 6. São Paulo: Escala Educacional, s/d, p. 34-45.

GIACOIA Jr., Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

GIANNATTASIO, Gabriel. Sade romântico. In: **Sade: um anjo negro da modernidade**. São Paulo: Imaginário, 2000

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. **O sofrimento do jovem Werther**. Trad. Anônima; apresentação de Oliver Tolle. São Paulo: Hedra, 2006.

GOLDBERG, Leo. The Astronomer Royal. In: **Hysteria and Enlightenment**. Disponível em: <http://www.fermentmagazine.org/HandE/MMT9.doc>. Acessado em: 08/07/2011.

GRIMM, Prefácio. In: DIDEROT, Denis. **A religiosa**. Trad. Antônio Bulhões e Miécio Tati. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil**. São Paulo: Hucitec/Anpoc, 1998.

GUEDES, Manoel Vaz. **O fenômeno elétrico: algumas ideias e experiências durante o século XVIII**. Disponível em: <http://paginas.fe.up.pt/histel/FenomEl.pdf>. Acessado em: 21/06/2011.

HERMAN, Luc. The relevance of History: Der Zauberbaum (1985) by Peter Sloterdijk and Hawksmoor (1985) by Peter Ackroyd. In: D'HAEN, Theo and BERTENS, Hans. **History and post-war writing**. Amsterdam: Rodopi; Antwerpen: Restant, 1990, p. 107-124.

HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: PERROT, Michele e FRAISSE, Geneviève (dir.). **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Trad. Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Vol. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 170-197.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUTIN, Serge. **O esoterismo da história: da Atlântida aos Estados Unidos; de Cagliostro à Mary Poppins**. Trad. Rosana Pontes. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2004.

_____. **História geral da alquimia: tradição secreta do Ocidente, a pedra filosofal e o elixir de longa vida**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Pensamento, 2010.

Internacional Weekly Miscellany of Literatura, Art and Science. Vol. I, n. 4, 22/07/1850. Disponível em: <http://www.fullbooks.com/International-Weekly-Miscellany-Of-Literature1.html>. Acessado em: 12/06/2011.

JUNG, Carl Gustav. Observações gerais sobre o ponto de vista energético na psicologia. In: **Energia psíquica**. Trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2002, p.1-14.

LACLOS, Choderlos de. **Relações perigosas**. Trad: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1995.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Tania Andrade; SILVA, Marília Nogueira da. Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX). In: **Anais do Museu Paulista**. Vol. 8/9. São Paulo, 2003, p. 9-54. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v8-9n1/02.pdf>. Acessado em: 03/07/2011.

MANDRESSI, Rafael. Dissecções e anatomia. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo: da Renascença às Luzes**. Trad. Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 411-440.

MARAT, Jean Paul. **Mémoire sur l'électricité médicale**. Rouen: Académie Royale des Sciences, Belles Lettres & Arts, 1783. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5741204f.r=jean-paul+marat.langPT>. Acessado em: 15/08/2011

MESMER, Franz Anton. **Mémoire sur la découverte du magnétisme animal**. 1779. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75421p/f2.image.langFR>. Acessado em: 04/07/2011.

_____. **Mémoire de F. A. Mesmer, docteur en Médecine, sur ses découvertes**. 1798-99. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k75473x>. Acessado em: 23/03/2011.

MONTEIRO, Silvana Drumond. Os mecanismos de busca: à guisa de uma tipologia das múltiplas sintaxes. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). **Fontes de informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2008, p. 97-122.

MURPHY, Robert F.; QUAIN, Buell. **The Trumai Indians of Central Brazil**. Seattle: University of Washington Press, 1966 [1955]. (Monographs of the American Ethnological Society, n. 24).

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: **Os pensadores: obras incompletas**. 2 ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1978, p. 43-52.

_____. **A filosofia na Idade Trágica dos gregos**. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. Terceira dissertação: O que significam os ideias ascéticos. In: **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [§14] 1998, p. 87-149.

_____. **Gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, [§125;352;354, livros III;V], p. 147-8;246;249-50.

NOVALIS. **Enrique de Offerdingen**. 3 ed. Trad. Eustaquio Barjau. Catedra Letras Universalis: Madrid, 2004.

PEREIRA, Cilene; TARANTINO, Mônica. A medicina aprova a hipnose. In: **Isto É**. São Paulo: Abril, julho/2008.

PERROT, Michelle. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POLZONETT, Pierpaolo. Mesmerizing adultery: Così fan tutte and the Kornman scandal. In: **Cambridge Opera Journal**. Vol. 14, n. 3, 2002, p. 263–296.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doença. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). **História do corpo: da Renascença às Luzes**. Trad. Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 441-486.

PUYSÉGUR, Armand-Marie-Jacques de Chastenet de. **Mémoire pour servir à l'histoire et à l'établissement du Magnétisme Animal**. Paris. 1784. Disponível em: <http://194.254.96.52/main.php?key=ZnVsbHw0Njc2MngwNHx8>. Acessado em: 09/07/2011.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 211-262.

REINERT, Erik. **Nietzsche and the German Historical School of Economics**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/48899894/Nietzsche-and-the-German-Historical-School-of-Economics-by-Erik-Reinert-2006>. Acessado em: 12/06/2011.

RODRIGUES, Ana Cristina Campos. **Jasão e a quimera de ouro: a ritualização do poder na Borgonha de Valois (1363-1558)**. Niterói, 2006. (dissertação de mestrado).

Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2006_RODRIGUES_Ana_Cristina_Campos-S.pdf. Acessado em: 06/06/2011.

RUBIÃO, Murilo. O coelhinho Teleco. In: COSTA, Flávio Moreira da (org.). **Os melhores contos fantásticos**. Trad. de Adriana Lisboa et al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 683-689.

SAMPAIO, Gabriela. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas: Unicamp, 2001.

SANTOS, Maria Siqueira. A percepção do outro: a noção de historiografia em teses do curso de Letras. In: **Anais do Seta**. Vol. 4. Campinas: Unicamp, 2010, p. 754-768. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/>. Acessado em: 08/02/2011.

_____. Romances históricos contemporâneos: Nove noites, de Bernardo Carvalho, e Exortação aos crocodilos, de António Lobo Antunes. In: **Anais do Cielli**. Maringá: UEM, 2010, p. 1-12. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/238.pdf>. Acessado em: 10/02/2011.

SCHIPPER, Liana Pérola. **Segredos e virtudes das plantas medicinais**. Trad. Alda Porto et alli. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999.

SCHLUN, Betsy van. Outlook: Mesmer's Universal Fluidum in the twentieth and twenty-first century. In: **Science and the imagination: mesmerism, media and the mind in the nineteenth century English and American literature**. Berlin: Galda; Wilch Verlag, 2007. p. 305-318.

SEGUIER, Jayme de. **Dicionário Prático Ilustrado**: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro. Porto: Lello & Irmão Editores, 1947.

SILVA, Haidê. **A metaficção historiográfica no romance "Os cus de Judas"**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-13022008-105213/pt-br.php>. Acessado em 09/02/2011.

SLOTERDIJK, Peter. **A árvore mágica**: o surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia. Trad. Andrea J. H.; Fairman. Rio de Janeiro: LTC – Livros técnicos e científicos; Casa-Maria Editorial, 1988.

STÄEL-HOLSTEIN, Germaine. **D'Allemagne**. T. 2. Paris: Didot Frères, p. 6. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2080946/f9.image.r=d'Allemagne.langFR>. Acessado em: 28/07/2011.

STRINDBERG, August. **Inferno**. Trad. Ismael Cardim. São Paulo: Max Limonad, 1982.

WERNET, Augustin. Goethe e Luden: um diálogo sobre a história. In: **Revista Ciência e Filosofia**, n. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980, p. 141-153.

WHITE, Hayden. O fardo da história. In: **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 39-63.

_____. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 97-116.

ZALBIDEA, Victor (org.). **Alquimia e ocultismo**. Trad. Maria Teresa Carrilho. Edições 70: Lisboa, 1972.

ZWEIG, Stefan. **A cura pelo espírito**: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud. Trad. Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d [1930].

_____. Maria Antonieta: In: **Obras completas de Stefan Zweig**. Trad. Medeiros e Albuquerque. Tomo VII. Rio de Janeiro: Delta, 1953, p. 177-8.

FILMOGRAFIA

COMAR, Jean-Christophe Pitof (dir.). **Vidocq**, 2001.

GILLIAM, Terry (dir.). **O mundo imaginário do dr. Parnassus**, 2009.

HUSTON, John (dir.). **Freud além da alma**, 1962.

NOLAN, Christopher (dir.). **A origem**, 2010.

SPOTTISWOODE, Roger (dir.). **Mesmer**, 1994.